FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

ELTON ALVES DA CUNHA

MIGRAÇÕES, SOCIABILIDADES E IDENTIDADES EM ROLIM DE MOURA-RO

PORTO VELHO
2017

ELTON ALVES DA CUNHA

MIGRAÇÕES, SOCIABILIDADES E IDENTIDADES EM ROLIM DE MOURA-RO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História e Estudos Culturais.

Área de Concentração: Historicidades Amazônicas

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Maria Moser. UNIR.

PORTO VELHO
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo (a) autor (a)

C972m Cunha, Elton Alves da.

Migrações, sociabilidades e identidades em Rolim de Moura-RO / Elton Alves da Cunha. -- Porto Velho, RO, 2017.

176 f. : il.

Orientador (a): Prof.ª Dra. Lilian Maria Moser

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Estudos Culturais) Fundação Universidade Federal de Rondônia

1. Migração. 2. Memória. 3. Sociabilidades. 4. Identidade. I. Moser, Lilian Maria. II. Título.

CDU 314.15(811.1)

ELTON ALVES DA CUNHA

MIGRAÇÕES, SOCIABILIDADES E IDENTIDADES EM ROLIM DE MOURA - RO

Dissertação apresentada em 5 de outubro de 2017 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História e Estudos Culturais (PPMHEC) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como requisito final para a obtenção do Título de **Mestre** em História e Estudos Culturais aprovada em sua forma final.

Professora Drª Lilian Maria Moser
Coordenadora do PPMHEC (UNIR)

Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora:
Professora Drª Lilian Maria Moser
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Membro Titular:
Professora Drª. Verônica Aparecida Silveira Aguiar
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Membro Titular:
Professor Dr. Marco Antônio Teixeira
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Suplente
Professor Dr. Sérgio Luiz de Souza
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

DEDICO

Aos meus pais

Gilberto Pedro da Cunha
Zelia Alves dos S. Cunha

AGRADECIMENTOS

Em especial a professora Lilian Moser que aceitou o desafio de me orientar nesta pesquisa, apesar das minhas limitações e de pouco tempo disponível. Serei eternamente grato por sua compreensão, respeito, comprometimento e humildade;

A toda minha família, professores e amigos que diretamente ou indiretamente contribuíram para este trabalho, minha gratidão;

A meu amor Mariana Garcia que sempre me apoiou, me ajudou na organização do texto e soube ser compreensiva diante das minhas ausências por conta da pesquisa;

Aos entrevistados, José Ribamar, Adi Baldo, Ana Cizmoski, Belmiro Gomes, Grandão, Nelson Marques, João Batista Lopes, José Carlos da Silva, Maria Aparecida da Silva, Rodnei Paes e Uberto João Selhorst que diretamente contribuíram com suas narrativas, possibilitando a mim maior conhecimento pessoal e intelectual;

Aos colegas de Mestrado de Rolim de Moura, Alan Cristian de Carvalho, Gabriel Henrique Soares e Nágila Nerval Chaves que com vossas companhias e caronas diminuíram as distâncias psicológicas e econômicas entre Rolim de Moura e Porto Velho;

Ao amigo de infância João Selhorst que por várias vezes me hospedou em sua casa em Porto Velho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos de Mestrado;

Aos demais colegas de turma do MHEC.

RESUMO

O presente trabalho busca interpretar a partir da memória de migrantes o processo de colonização do município de Rolim de Moura - Rondônia, bem como mapear as relações de sociabilidades construídas na espacialidade ao fim da década de 1970 e década de 1980; Por se tratar de uma terra de migrantes, que recebeu indivíduos das mais diversas regiões deste país tão pluricultural ,historiamos como estas relações de sociabilidades se tornaram responsáveis na socialização e interação destes migrantes, bem como na construção de lações de identidade e pertencimento entre os mesmos e a espacialidade. Diante de temáticas como migração, sociabilidades e identidades é essencial uma exposição conceitual, na qual utilizamos de autores como Martins (2009), Elias (1994), Halbawachs (2003), Freitas (2002), Williams (2003), Hall (2006) dentre outros. Para tanto, se empregou como métodos a revisão de literatura sobre o tema e a História Oral, usando de treze entrevistas como fontes. O desenvolvimento desta pesquisa objetivou ampliar as descrições, analises, interpretações e informações a respeito da migração não só da espacialidade Rolim de Moura, como também da terceira frente de ocupação de Rondônia; Além do processo migratório a presente pesquisa traz contribuições sobre as sociabilidades e as relações de pertencimento e identidade atribuídas por estes migrantes a estas terras, algo ainda incipiente na historiografia local, o que torna a pesquisa com relevância acadêmica. Por outro lado, sua importância também se relaciona aos sujeitos da pesquisa, que ao relatarem suas experiências, passaram a conceber a si mesmos como protagonistas dos eventos narrados.

Palavras-chaves: Migração. Memória. Sociabilidades. Identidade.

ABSTRACT

The present work seeks to interpret from the memory of migrants the process of colonization of the municipality of Rolim de Moura - Rondonia, as well as to map the relations of sociabilities built in the spatiality at the end of the decade of 1970 and 1980. It is a land of migrants, which received individuals from the most diverse regions of this country so pluricultural. Proposing to historicize how these relations of sociability have become responsible in the socialization and interaction of these migrants, as well as in the construction of bonds of identity and belonging between them and the spatiality. In front of thematic such as migrations, sociabilities and identities. It is essential a conceptual exposition, in which we use authors such as Martins (2009), Elias (1994), Halbawachs (2003), Freitas (2002), Williams (2003), Hall (2006) among others. Therefore, we used as methods the literature review on the topic and oral history through thirteen interviews as sources. The development of this research aimed to broaden the descriptions, analyzes, interpretations and information regarding the migration not only of the spatiality of Rolim de Moura, as well as the third occupation front of Rondonia. Beyond of the migratory process the present research brings contributions about the sociabilities and the relations of belonging and identity attributed by these migrants to these lands, something still incipient in the local historiography, what makes the research with academic relevance. On the other hand, your importance also relates to the subject of the research, who to report their experiences, began to conceive of themselves as protagonists of the events narrated

Keywords: Migration. Memory. Sociability. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 5

CAPÍTULO I

1 MEMÓRIAS DE MIGRANTES DE ROLIM DE MOURA 8

1.1 A Memória 8

1.2 Migração para Amazônia 10

1.3 Terceira onda migratória para Rondônia 18

1.4 A Presença/ausência do Estado 34

CAPÍTULO II

2 RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES ENTRE MIGRANTES EM ROLIM DE MOURA (1979-1989) 44

2.1 História oral: migrantes de Rolim de Moura 44

2.2 Conceito e elementos de sociabilidades 47

2.3 Ambientes de sociabilidades 50

2.4 O futebol 60

CAPÍTULO III

3 MEMÓRIAS E IDENTIDADE EM ROLIM DE MOURA 71

3.1 Memórias e pertencimento 71

3.2 Cultura e identidades rolimourenses em memórias coletivas 78

CONSIDERAÇÕES FINAIS 87

BIBLIOGRAFIAS 90

ANEXOS 94

ANEXO A - Roteiro/ Questionário de Entrevistas 95

ANEXO B – Entrevista 1 José Ribamar M. BAIMA 96

ANEXO C – Entrevista 2 Adi BALDO 103

ANEXO D – Entrevista 3 Ana L. CIZMOSKI 118

ANEXO E – Entrevista 4 Belmiro GOMES 120

ANEXO F – Entrevista 5 GRANDÃO 126

ANEXO G – Entrevista 6 João Batista LOPES 128

ANEXO H – Entrevista 7 Nelson F. MARQUES 134
ANEXO I – Entrevista 8 Rodnei A. PAES 145
ANEXO J – Entrevista 9 Uberto J. SELHORST (2014) 151
ANEXO K – Entrevista 10 Uberto J. SELHORST (2016) 154
ANEXO L – Entrevista 11 José Carlos da SILVA (2014) 160
ANEXO M – Entrevista 12 José Carlos da SILVA (2016) 163
ANEXO N – Entrevista 13 Maria Aparecida SILVA 166
ANEXO O - Fotografia - jovens e crianças em momento de sociabilidades 169
ANEXO P - Fotografia - jovens na frente da capela da Igreja Católica-linha 164 sul . 170

INTRODUÇÃO

Interessa a essa dissertação interpretar e descrever a partir da memória de migrantes o processo migratório de Rondônia nas décadas de 1970 e 1980, processo este que corresponde a terceira onda migratória para o estado e que foi responsável pela criação de muitos de seus municípios, dentre eles, Rolim de Moura, espacialidade pesquisada. Por se tratar de uma terra de migrantes, que recebeu indivíduos das mais diversas regiões deste país tão pluricultural historiamos elementos, ambientes e eventos de sociabilidades que se tornaram responsáveis na socialização e interação destes migrantes, bem como na construção de lações de identidade e pertencimento entre os mesmos e a espacialidade.

Definimos sociabilidade como o processo ou capacidade do indivíduo de se relacionar com um grupo, com o coletivo. Assim, podem ser citados como elementos relacionados à sociabilidade a condição socioeconômica, a idade, o sexo, o credo, as práticas desportivas, o grau de parentesco, datas convencionadas como especiais ou festivas, dentre outras mais. (ELIAS, 1994).

Desse modo, busca-se aqui interpretar a maneira como foram construídas as relações de sociabilidades nessa espacialidade, no sentido de compreender os encontros nas casas, a prática esportiva, sobretudo o futebol, a comunidade religiosa, a escola, as festas, e outros elementos que se tornaram responsáveis na socialização e interação destes migrantes até então desconhecidos entre si.

No que diz respeito à metodologia, trabalhamos com a coleta e análise de relatos orais, seguindo as premissas da História Oral, está enquanto campo de conhecimento específico que permite o historiador analisar e dialogar com outras fontes documentais ditas como oficiais, bem como ir além destas, tanto se opor a estas fontes oficiais. (MEIHY, 2013).

Nesta perspectiva, o uso da História Oral se justifica como metodologia de coleta, registro e análise destes na presente pesquisa. Quanto as discordâncias se um único método é suficiente para gerir adequadamente uma pesquisa, partimos que um dos meios de se ter acesso aos acontecimentos que compõem um contexto histórico é perguntando diretamente, aos seus protagonistas, usando da técnica de entrevista.

Ao todo, foram realizadas treze entrevistas com sujeitos que migraram para Rolim de Moura ao fim da década de 1970 e início da década de 1980. Estes colaboradores enquanto sujeitos da história rolimourense atuaram e atuam nas diversas funções, como agricultura, educação, justiça e comércio, pois enquanto, agricultores, professores, escritor, advogado e empresário julgamos que suas narrativas são muito válidas expressam de modo geral o que é

ser Rolim de Moura.

As entrevistas foram realizadas pela metodologia semiestruturada, seguindo um roteiro/questionário, tendo em vista que esta perspectiva não fecha totalmente a possibilidade de resposta e interação entre o entrevistador e o entrevistado e ao mesmo tempo, possibilita que o entrevistador tenha certa margem de manobra para direcionar os relatos ao foco da problemática que busca desenvolver.

Nesse sentido, também foram de fundamental importância as reflexões a respeito do conceito de memória, sobretudo o texto de Michel Pollak, "Memória e identidade social" (1992), visto que nele o autor tece considerações bastante relevantes tanto sobre o processo de elaboração e publicização[1] de memórias; quanto traz considerações pertinentes a respeito da mutabilidade delas, sem desconsiderar os elementos de continuidade, os "enquadramentos" que permitem ao historiador analisar e problematizar esses relatos como fontes.

Quanto o lugar da memória tratado nesta pesquisa, esta recai ao que hoje podemos julgar como a classe média rolimourense, pois os entrevistados no geral quando migraram para Rolim de Moura financeiramente pouco ou quase nada possuíam. Todavia, regados do desejo de vencer na nova terra depositaram a estas suas esperanças e atualmente já plasmados pelo tempo atribuem suas conquistas, seja, financeiras ou sociais à vivência em Rolim de Moura.

Por se apoderar da memória como fonte, e sobre esta academicamente recair o peso de ser seletiva usamos da memória coletiva, em especial de Maurice Halbwachs, "A memória coletiva (2003), visto que nesta obra o autor coloca a memória coletiva mais organizada em relação a memória individual, tal afirmação é possível pois os "enquadramentos" da memória coletiva são caracterizados pelos pontos fixos desta, assim sempre que formos entrevistar membros de uma determinada comunidade sobre um fato especifico pertencente a mesma, haverá nas narrativas a constante presença de um elemento comum. Deste modo, estes pontos fixos da memória foram essenciais para interpretarmos os elementos comuns de sociabilidade entre migrantes, bem como os sentimentos de pertencimento e identidade destes com Rolim de Moura.

Neste ínterim conceitual, memória é inerente à identidade assim como são impreterivelmente vinculados ao conceito de cultura. Diante de um conceito vasto de definições; neste presente estudo compreendemos cultura em seu viés antropológico, interpretando como um modo de vida total; entendendo cultura como os hábitos, os

[1] A publicização é aqui entendida como o processo de elaboração e socialização da memória, no sentido de torná-la pública, conhecida.

comportamentos, os valores e costumes de um povo como pensou Raymond Williams (2011) em sua obra “Cultura e sociedade”.

Pensar cultura enquanto modo de vida permite que estes migrantes que chegaram a Rondônia no período em tela, em geral pessoas “simples[2]” de baixa instrução escolar sejam detentores de cultura e passíveis de transformação, incorporação e extensão de elementos culturais trazidos por grupos diferentes dos seus ou gerados nesta nova terra. Cultura enquanto modo de vida retira o reducionismo do viés estético e tradicional de pensar cultura enquanto um atributo ligado à civilização ou as artes e a literatura, principalmente.

O trabalho está distribuído em três capítulos, o primeiro dos quais esboça um histórico dos processos de colonização no estado de Rondônia. Seu objetivo é abordar este tema, no intuito de procurar apresentar um cenário de como estavam situados os migrantes que em Rondônia chegaram a partir da segunda metade do século XX. A partir da memória identificar os motivos que fizeram migrar, as dificuldades enfrentadas neste cenário de fronteira (MARTINS, 2009), as esperanças depositadas na nova terra e a presença/ausência do Estado neste processo migratório.

O segundo capítulo inicia com uma apresentação sintética da metodologia da pesquisa, baseado na História Oral. Logo, a partir das entrevistas buscou descrever como se davam as relações de sociabilidades entre os migrantes de Rolim de Moura, entre meados da década de 1970 e 1980. Nele são expostos relatos desses migrantes, com vistas a mapearmos as maneiras como eles interagiam, considerando o fato de serem migrantes recém-chegados e geralmente, desconhecidos entre si. A proposta é perceber que ambientes e práticas favoreciam a construção dessas relações, por meio do entretenimento e envolvimento entre o indivíduo e a coletividade.

Por fim o terceiro capítulo permeia sobre as identidades rolimourenses, identidades por Rolim de Moura não ter um único significado que pode ser atribuído à cidade e ao seu povo, desta forma sua identidade pode estar em formação ou até mesmo já formada, no sentido de esta identidade ser fluída, mutável, portanto, difícil de definir é até mesmo de expressar como foi notado em entrevistas.

Neste terceiro capítulo também foi feito uma análise sobre as “conquistas”, “percas”, “realizações” ou “frustrações” destes migrantes com Rolim de Moura e Rondônia em geral, se os objetivos almejados antes de migrarem foram alcançados, se tiveram desejo de retornar aos seus estados de origem e diante disto relatar e interpretar seus sentimentos de pertencimento com Rolim de Moura e a identidades por eles atribuídas a cidade.

---

[2] No primeiro capítulo, trataremos esta questão de forma mais sistemática.

CAPÍTULO I

1 MEMÓRIAS DE MIGRANTES DE ROLIM DE MOURA –RO

1.1 A Memória

Nesta seção em que partimos da memória de migrantes de Rolim de Moura para interpretarmos o processo de migração para a Amazônia em especial à terceira onda migratória, na qual é responsável pela criação do atual município de Rolim de Moura, buscamos interpretar quem foram estes migrantes, de onde vieram, quais motivos levaram a deslocar para Rondônia, suas esperanças depositadas na nova terra, as dificuldades encontradas nas terras amazônicas é sobretudo a presença/ausência do Estado na acomodação destes migrantes.

A memória é a faculdade de trazermos lembranças do enquadramento ao qual buscamos reportar, assim, salvo em raros casos de doenças, todo indivíduo é dotado de memória. Não iremos tratar neste da discussão neurobiológica que também envolve a memória, pois para a pesquisa em questão, o que torna a memória mais é importante é a análise das formas como a mesma se manifesta, seja no campo individual, seja, no campo coletivo.

Para Jacques Le Goff (1990), a memória é, "como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". (p.423).

A Le Goff, historiador francês, especialista em idade média a memória permite a releitura dos vestígios do passado, portanto é, suscetível a novas interpretações que no tempo presente pode ser bem quista ou não, portanto, ao estudarmos a memória é fundamental a relação entre tempo e história. "No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita. (LE GOFF, 1990, p. 427).

A memória segundo Pollack (1992) perpassa por três critérios: *acontecimentos, personagens e lugares* que diretamente e indiretamente dizem respeito a fatos concretos. Quanto aos *acontecimentos,* o autor atesta que existem os acontecimentos vividos

pessoalmente e os acontecimentos do lugar ou da coletividade, o que Pollack denomina de acontecimentos "vividos por tabela", que são os acontecimentos que levam o indivíduo a criar uma relação de pertencimento e identidade tanto com o lugar quanto com o grupo que o cerca.

Pollack (1992) credita que:

> [...] Os acontecimentos que eu chamaria "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais nem sempre a pessoa participou, mas que, no imaginário, tomaram relevo que, no fim das contas é quase impossível ela saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201).

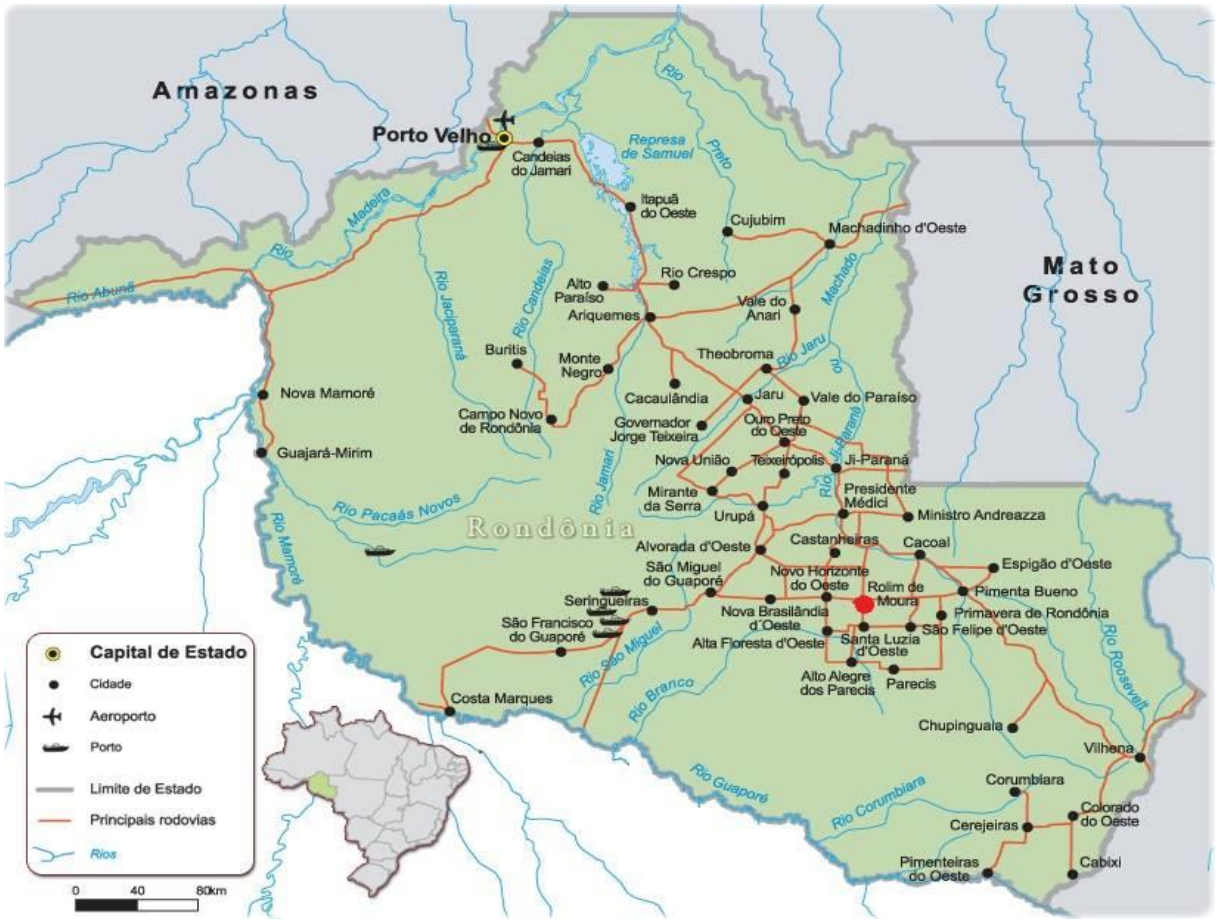
Usando da mesma definição que usou para os acontecimentos, Pollack (1992) também usa para as *personagens*, pois a memória é constituída de pessoas. O terceiro critério que perpassa pela memória remeter-se-ia aos *lugares*.

> Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar sobre os *lugares*. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode ter apoio no tempo cronológico, pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real que a vivência se deu. Na memória mais são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLACK, 1992, p. 202).

Estes três critérios da memória mencionados por Michael Pollack são fundamentais para esta pesquisa, pois possibilitam interpretar as circunstâncias, as nuances, os eventos e os ambientes vivenciados pelos migrantes do atual município de Rolim de Moura[3] - Rondônia, nas décadas de 1970 e 1980. A publicização de memórias destes migrantes permite expressar a individualidade dos sujeitos envolvidos na trama, a partir de experiências construídas frente às coletividades com as quais estabelecem relações de pertencimento e identidade com a espacialidade Rolim de Moura.

[3] Rolim de Moura teve sua emancipação política em 05 de agosto de 1983, pelo Decreto de Lei Nº 071, assinado pelo governador da época, o Cel. Jorge Teixeira de Oliveira. O novo município desmembrado de Cacoal teve como primeiro prefeito eleito Valdir Raupp de Matos, eleito em 09 de dezembro de 1984.

Mapa 1 - Ilustração do mapa de Rondônia com destaque para Rolim de Moura



Fonte: Guia Geográfico. **Mapas do Brasil.** Disponível em: <http://www.guiageo.com/rondonia.htm>. Acesso em: 20 set. 2017. (grifo nosso).

1.2. A Migração para a Amazônia

Rolim de Moura é um município do Estado de Rondônia que teve sua origem na década de 1970, período que corresponde à terceira onda migratória para a Amazônia, esta que recebeu nas décadas de 1970 e 1980 muitas pessoas que deixaram, sobretudo, o sul e sudeste do Brasil com destino aos estados amazônicos em busca (excepcionalmente) por terras; nesses rincões almejaram estabelecer, criar e constituir suas famílias depositando nas terras amazônicas uma gama de esperanças e oportunidades que julgaram não ter nas terras de onde vieram.

Esta assertiva é evidente no relato de Paes (2016):

> Os primeiros anos aqui foram de adaptação, um estado, uma cidade nova, falta de infraestrutura, bem diferente da realidade que a gente vivia, mas tinha o principal, o mercado de trabalho, a oportunidade de trabalho; porque lá em São Paulo a gente sentia que iria ter dificuldades, aqui não, tudo novidade, e passamos a fazer parte do contexto da cidade; lá seriamos coadjuvante aqui a gente veio para ser protagonista.

> Principalmente na área da educação e saúde que era uma necessidade muito grande, todos que aqui chegaram com diploma de nível superior, eram aproveitados pelo estado, então o próprio estado de Rondônia foi o órgão que atraiu muitos profissionais. (PAES, 2016).

A fala do professor Rodnei Paes é muito interessante no sentido de apresentar que as dificuldades e a falta de infraestrutura da recente cidade não foram ao menos uma "desvantagem" em relação a sua cidade natal, pois segundo ele, Rolim de Moura o apresentou o essencial, que foi a oportunidade de trabalho, oportunidade esta que mesmo julgou estar mais limitada se continuasse a residir no Estado de São Paulo. Para o mesmo, concomitante com a oportunidade de trabalho veio a possiblidade de participar mais efetivamente das relações de sociabilidades da nova cidade.

Esta busca por uma maior participação pública, saída do "anonimato" das grandes cidades, em geral, não é uma constante nos relatos dos migrantes em tela, grande parcela destes tinham como principal objetivo a terra, a ela depositaram a possibilidade, a projeção e a expectativa de um futuro promissor.

Ainda no tocante a falta de infraestrutura da nova cidade, Marques (2016) revela detalhes, além de expressar certa nostalgia e gratidão pelo último governador do Território Federal de Rondônia e primeiro governador de Rondônia, o coronel Jorge Teixeira de Oliveira (Teixeirão):

> O governador Teixeirão [Jorge Teixeira] aqui foi um governo que deu muito apoio, uma vez nós vínhamos no rio capixaba, [Cacoal] era água pura com cacaio nas costas, não só eu mais vários companheiros que a gente conheceu na picada, atolando na lama, não tinha estrada. Ele [Teixeirão] baixou com um helicóptero em uma derubadazinha, [pequena clareira na imensa floresta] ele usava um kep na cabeça hoje, lembro como se fosse hoje, ele era coronel; da minha parte eu valorizo ele muito, sabe por quê. Ele dizia assim: Oh, gente não desanima não, vocês levaram nove meses para nascer, não desanima, isto aqui ainda vai sair estrada, ainda vai sair asfalto, a gente nunca pensava, Rolim de Moura mesmo; isto aqui vai ser uma cidade, mais um banhadão [área alagadiça] daquele, era brejo puro, fizeram um pocinho que você pegava água de caneca no tempo das águas, era forrado de lascas tiradas no facão para você pisar em cima para não afundar no barro. Para você ver foi verdade a gente encarou com a graça de Deus, depois veio à estrada, hoje nós temos este asfalto, então ele incentivou, ele falava gente quem derruba o pau é o dono do toco, quem tem seu lote cuida dele, isso aqui vai sair estrada vai melhorar. (risos) A gente nem acreditava muito, mas tinha muita esperança, eu mesmo jamais desanimei. (MARQUES, 2016).

A fala de Marques (2016) evidencia situações e dificuldades vivenciadas entre migrantes, sobretudo, no período chuvoso, dentre as dificuldades destaca a falta de estradas, portanto, o uso do termo *picada*, (trilha) pequena abertura feita a facão ou foice no meio da floresta (geralmente buscavam fazer em linha reta) pela qual os primeiros migrantes de Rolim de Moura se locomoviam em busca dos seus lotes de terras ou dos outros objetivos que a nova

terra vislumbrava. Os diversos rios igarapés da região em transpostos sobre uma pinguela[4]. Tais dificuldades na travessia da *pinguela* e relatada por Marques (2016):

> [...] você passando por dentro da água, aqueles córregos maiores, eles derrubavam uma árvore (pinguela) para passar por cima, eu não tenho vergonha de dizer, eu não conseguia passar assim andando na pinguela, daí eu sentava em cima e saia arrastando com o cacaio nas costas, não só eu, os que sabia andar que já era mais acostumado morria de dar risada. (MARQUES, 2016).

Como colocado acima o relato de Marques (2016) demonstra uma gratidão pelo coronel Jorge Teixeira (Teixeirão) pelo mesmo ter apoiado a permanência dos migrantes em Rondônia perante as inúmeras dificuldades. E possível interpretar que a gratidão de muitos migrantes ao governador ocorreu pela proximidade que Teixeirão tratava e propunha a solucionar muitos problemas, neste contato mais direto com os migrantes incentivá-los a permanência e pedia paciência aos mesmos colocando-se à disposição e prometendo que dias melhores para Rondônia viriam.

Quanto ao governador Teixeirão, Baima (2016) é enfático:

> [...] aquele saudoso, que Deus o tenha, ponha em um bom lugar, você ter conhecido o nosso coronel Jorge Teixeira de Oliveira, conhecido como Teixeirão, homem valente, valente no trabalho, homem de garra, homem humilde, homem que trabalhou, trabalhava, homem sem medo, fez coisas aqui que um outro não faria. (BAIMA, 2016).

A admiração pelo ex-governador Teixeirão[5] e presente na memória até pelos que julgaram ser opositores da ditadura civil-militar que o Brasil vivenciava na temporalidade aqui estudada, como podemos constatar neste relato de Baldo (2016):

> Agora o que se tinha muito presente era a presença do governador do território, o coronel Jorge Teixeira tinha uma mobilidade muito grande ele andava por tudo, não era só Rolim, igual Rolim tinha outros tantos pontos por aí que precisavam do mesmo atendimento, ele se fazia presente mesmo, sempre que podia, aqui e acolá, pousava de helicóptero e dava ordens meio direto faça isso, faça aquilo, ele tinha o cofre meio aberto no Ministério do Interior em Brasília para se fazer as coisas. Então, foi um grande homem, ele mesmo dizia "eu não sou político, sou um militar, então, estou cumprindo uma missão", como tal, vou tentar fazer da melhor forma possível, tenho meus ajudantes, exijo deles; foi um grande homem é merecido as homenagens que se faz a ele aí? É! Agora a crítica que se faz a ele porque era um homem da ditadura, mas era o que tinha, e ele foi bom, foi eficiente. Não estou aqui para elogiá-lo, até porque politicamente eu sempre trabalhei do outro lado, mas a gente tem que reconhecer estes méritos, e ele fez muito melhor que governadores eleitos que deixaram a desejar. (BALDO, 2016).

Em contraposição ao relato acima, Paola Foroni (2012) destaca:

> A trajetória política de Jorge Teixeira, por um lado, é representada pelo discurso do administrador, apolítico, bem ao estilo das intenções militares modernizantes-conservadoras instauradas a partir de 1964, tanto na Amazônia como no Brasil; por

[4] Corte de uma árvore a margem do rio/igarapé que estende de uma margem a outra, formando uma espécie de ponte muito estreita pela qual muitos migrantes tinham certas dificuldades em transitar de um lado a outro.

[5] Enquanto governador era representante dos governos civis-militares em Rondônia.

> outro, por um modo de agir emocional muitas vezes transbordante que se entende como forma de intimidar seus adversários e, impor o poder necessário às transformações para a modernização do Território e do Estado. (p.80).

Apesar do ex-governador Jorge Teixeira de Oliveira ter garantido ao fim de 1985 (seu último ano de mandato) uma infraestrutura mínima para a formação do Estado de Rondônia é preciso uma análise crítica sobre este processo desenvolvimentista imposto por Teixeira. (FORONI, 2012).

Homem dos governos civis-militares que subiram ao poder em 1964, Teixeira, pela memória oficial, é incumbido de trazer o "desenvolvimento" para o ainda Território Federal e logo em seguida ao Estado de Rondônia. Neste contexto, não só o antigo território, mas como toda a Amazônia antes da intervenção dos militares no governo tinha sua economia resumida no extrativismo, a partir de 1964 as práticas capitalistas avançam implacavelmente sobre a região amazônica, incentivos fiscais e altos investimentos no PIN, Projeto de Integração Nacional, instituiu projetos de colonização e assentamentos agrários que alteraram a estrutura socioeconômica da Amazônia, acelerando vertiginosamente o fluxo migratório e por consequente as tensões sociais, sobretudo, contra os povos tradicionais.

A visão do colonizador, dos "pioneiros e desbravadores" empregada pela memória oficial obteve sucesso em sua recepção, tanto que já se passaram mais de três décadas que Teixeira deixou o governo do Estado de Rondônia e sua imagem é seus "feitos" são exaltados e comumente recordado como apresentados nos relatos anteriores, inclusive com a compra dos discursos apolíticos de Teixeira.

A Colonização de Rolim de Moura nasce do PIN (Projeto de Integração Nacional) exercido pelo governo federal da época, que via a Amazônia como um "espaço vazio". Assim negando a ocupação dos indígenas, caboclos e demais habitantes e migrantes da Amazônia que chegaram em ondas migratórias anteriores. As ondas migratórias anteriores ao PIN para a Amazônia correspondem, sobretudo, ao primeiro ciclo da borracha, no fim do século XIX e início do século XX e ao segundo ciclo da borracha já na década de 1940 quando o mundo vivenciava a segunda guerra mundial.

O Projeto de Integração Nacional era composto por vários projetos que consistia na distribuição de lotes de terras para estes migrantes, a área hoje pertencente ao município de Rolim de Moura pertencia ao PIC (Projeto Integrado de Colonização) Ji-Paraná, que tinha como objetivo assentar colonos na região central do estado de Rondônia, exclusivamente a 100 km à direita e a esquerda da BR 364. Com tamanha chegada de migrantes a Rondônia exigiu-se a criação de áreas secundárias de assentamentos às estabelecidas, neste contexto que

surge a colonização de Rolim de Moura como uma expansão do PIC Ji-Paraná.

Como percebido a busca pela terra é colocada como um dos principais objetivos dos migrantes que vieram a Rolim de Moura nas décadas de 1970 e 1980, este fenômeno se estende por grande parte do estado de Rondônia, haja vista que, foi neste período que o estado recebeu seu maior contingente migratório.

Quanto ao povoamento do que hoje é o estado de Rondônia, até o século XVIII os registros que se tem é de bandeirantes à procura de ouro no vale do Guaporé e das chamadas "drogas do sertão", não configurando assim um processo de migração por estes bandeirantes não tinham interesse de fixar residência.

A primeira corrente migratória à região do atual estado de Rondônia e a Amazônia em geral remete ao primeiro ciclo da borracha, para cá vieram migrantes nordestinos, pequenos agricultores que fugiam dos conflitos agrários do Nordeste e dos efeitos da seca.

> [...] a migração em direção ao Norte deu seus primeiros passos na grande seca de 1877-1879. O surgimento do ciclo da borracha transformou-se em grande pólo de atração para as populações rurais do Nordeste. Migrar para a Amazônia nos anos de seca já se tornara constante na história nordestina, principalmente, no Estado do Ceará. (NASCIMENTO, 1998, p. 2).

Nascimento (1998) alerta que o fenômeno da seca é muito usado para esconder a questão fundiária nordestina que assola muitos sertanejos e os expulsaram para as mais diferentes regiões do país.

Para Leandro Tocantins a borracha deu destaque internacional a Amazônia. Os olhos estrangeiros voltaram-se a Amazônia nas décadas finais do século XIX.

> A Amazônia só ganhou notoriedade universal com o advento da borracha. [...]. Foi a borracha que veio lançá-la ao renome, como produtora de uma das mais notáveis matérias-primas oferecidas à humanidade, através de uma gama de expectativas e aspirações crescentes. (TOCANTINS, 1982, p. 118-119).

A partir de então a borracha é vista como uma coisa nova e predestinada que revolucionaria a Amazônia. O ouro negro, como ficou conhecido a borracha, era uma nova droga do sertão de modo mais exclusivo, sufocando outras manifestações econômicas de vida da região. (TOCANTINS, 1982). Tocantins (1982) usa deste argumento para afirmar que os lucros avultadíssimos da indústria gomífera suprimiu a agricultura. A agricultura baixou a tal ponto que chegou a importar cereais do estrangeiro, aguardente, açúcar e farinha de províncias do sul. (p. 97).

Neste ínterim Lima (2013) acrescenta, que o desejo pela riqueza fácil mobilizou

grandes contingentes de trabalhadores que, “ávidos por fazerem um saldo, não tinham qualquer preocupação em fixarem-se na terra. Para essas pessoas – aí incluso os seringalistas – a única atividade válida era aquela destinada a extração do valioso látex”. (p. 30).

Lima (2013) destaca que a borracha gradativamente tornou-se essencial para a expansão da produção industrial, as múltiplas aplicações da borracha elevaram a uma grande apreciação na indústria do mercado internacional.

> De simples insumo para fabricação de recipientes para transporte de água, ou para confecção de utensílios lúdicos ou domésticos, a borracha torna-se parte preponderante da composição dos produtos ligados à modernidade, mostrando-se essencial a vida humana, um bem maior, capaz de expressar a capacidade criadora e modificadora do homem. O Diário Oficial do Estado do Amazonas, afirmava que a borracha era o produto natural de mais variada utilização, com mais de 40 mil aplicações na indústria35. Lembrando que "a borracha acompanha o homem desde o berço até o túmulo", Francisco Regis Ramos, esclarece: O recém-nascido já sabe do valor que ela tem ou a falta que ela pode fazer. Afinal, é de borracha o bico da mamadeira. São de borracha os brinquedos e muitos outros artefatos que circundam as pequenas criaturas. Depois, na infância, vem outra avalanche de borrachas, que vai do pneu da bicicleta até à borracha de apagar a escrita do lápis. Na vida adulta, a lista de objetos parece chegar ao infinito... (RAMOS, Francisco Regis Lopes, 2008, p. 41 apud LIMA, 2013, p. 26.

A Amazônia sendo a terra da borracha proporcionou que cidades como Manaus e Belém ao longo dos Rios Negro e Amazonas desenvolve-se esplendidamente.

> Em 1850, Manaus e Belém eram cidades pacatas, com o surto da borracha, já no alvorecer do século XX, eram cidades dignas de figurar ao lado das melhores do Brasil, sem temer confrontos. [...] Estrangeiros que chegavam as duas cidades, tinha a sensação de estarem em um grande centro europeu não em uma cidade tropical. (TOCANTINS, 1982, p. 122-123).

Belém com lindos edifícios e com hábitos europeus foi uma grata surpresa a Euclides da Cunha em 1904, Manaus também o surpreendeu com seu aspecto urbanístico, a opulenta capital dos seringueiros, aos olhos de Euclides da Cunha era de um cosmopolitismo exagerado “cidade meio caipira, meio europeia”. Cosmopolita, caipira ou europeia que foram, o que não se nega e que o esplendor da borracha, *belle époque*, levaram “as duas cidades amazônicas a um surto de progresso, pareciam haver saído das sombras medievais para as maravilhas do século da luz”, fazendo se representarem em exposições internacionais. (TOCANTINS, 1982, p. 123-128).

O início do século XX apresentava-se como promissor para a Amazônia, produzindo mais borracha por habitantes (valor das exportações por habitantes) que café em áreas como sul e sudeste do Brasil. Em 1912 a exportação da borracha amazônica atingiu o máximo da produção com 42.410 mil toneladas. (TOCANTINS, 1982, p. 113). Todavia, O mesmo autor pontua que após 1912 as produções de borracha na Amazônia foram sempre reduzindo e que 20 anos após, a produção do látex amazônico somava irrisoriamente 6,000 toneladas,

sinalizando a tristeza e o fim de uma era de brilhos na Amazônia. (p.113). A importância da borracha para a economia do Brasil foi muito significativa tanto que o processo de desvalorização da borracha afetou não só a economia amazônica, mas todo o país, pois a borracha junto do café dividia o número um das exportações nacionais no início do século XX. (TOCANTINS, 1982, 138).

O fracasso do primeiro ciclo de borracha na Amazônia credita ao que é considerado como um dos primeiros casos de biopirataria da história, este fato é atribuído ao inglês Henry Wickham (1846-1926) que vivera nos anos auge da borracha no Pará e em contato com os indígenas locais aprendeu a lidar com as sementes da seringueira *(Hevea brasilienses),* sobretudo, sobre seu processo de germinação. A Wickham e atribuído à responsabilidade pelo contrabando de 70 mil sementes de seringueiras, parte das quais foram plantadas com êxito no Jardim Botânico Real de Londres (Kew Gardens) e depois transferidas, em mudas, para as colônias inglesas no Sudeste asiático. (HAAG, 2009).

O plantio sistemático da seringueira na Ásia facilitou não só a extração do látex, bem como, pós-fim a décadas de hegemonia amazônica no mercado internacional de borracha. Em 1919 os seringais asiáticos já produziam 95% da demanda de borracha global. (HAAG, 2009). O declínio econômico amazônico do início do século XX deve eminentemente a sua economia estar baseada em um único produto, a borracha.

O marasmo econômico que passou a Amazônia na primeira metade do século XX viria sofrer uma guinada somente quando o mundo vivenciava a segunda grande guerra mundial (1939-1945). A segunda grande guerra mundial foi composta de duas grandes frentes de um lado, União Soviética, Estados Unidos da América e o Império britânico (países aliados); do outro lado, Alemanha, Itália e Japão (países do eixo), embora muitos outros países tenham aderido à guerra seja do lado dos países aliados ou do eixo, os países que configuraram como os principais autores da guerra foram os acima citados.

A invasão das tropas japonesa nos seringais asiáticos em que a Inglaterra possuía domínio inviabilizou a exploração do látex na Ásia. Diante deste fato e de tamanha demanda por borracha para suprir principalmente a indústria automobilística, os olhos do mercado internacional de borracha novamente voltaram a Amazônia. O Brasil que era membro dos países aliados, inclusive foi o único país da América do Sul a enviar tropas para os campos de batalha na Europa firmou contratos com os países aliados, sobretudo com os EUA para fornecer borracha ao então mercado expansivo da indústria automobilística.

Essa demanda exigia muita mão-de-obra, pois os naturais seringais amazônicos

exigiram do seringueiro se embrenhar mata adentro, cortar várias árvores durante o dia e depois voltar recolhendo o látex, se pensar que estas árvores não estão em linhas retas como as plantadas na Ásia já evidencia parte das dificuldades sofridas pelos seringueiros, somado a isto a pressão do mercado internacional por altas produções de borracha para abastecer as indústrias.

Este novo empreendimento exigiu do então governo brasileiro o recrutamento de milhares de trabalhadores para a Amazônia, sobretudo, trabalhadores nordestinos. Dentre os projetos do recrutamento de trabalhadores criados no governo de Getúlio Vargas destaca-se o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia) e o CAETA (Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia)

> Entre 1943 e 1945, o SEMTA e a CAETA levaram, aproximadamente, cinqüenta mil trabalhadores, a maioria deles motivada pelas propagandas que, por sinal, eram bem feitas e atraentes. Nelas o "leite"era farto, o preço era bom e, pelas garantias dos contratos, o "soldado da borracha" passaria apenas dois anos na Amazônia. Eram contratos assinados na agência de recrutamento, que por sua vez responsabilizava-se pelo deslocamento, assegurando passagens e todas as demais despesas do trajeto, com uma pequena remuneração. (NASCIMENTO, 1998, p. 9).

Este período da segunda grande guerra mundial, a “Batalha da Borracha” proporcionou a Amazônia o segundo “boom” econômico, como já evidenciado este novo auge econômico trouxeram milhares de pessoas a Amazônia. Como em geral as promessas firmadas entre o governo brasileiro/estadunidense e trabalhadores recrutados não se concretizou muitos destes “soldados da borracha[6]” em situações precárias, lutando pela sobrevivência em solos amazônicos não retornaram a seus lugares de origem, fixando residência aqui, e portando configurando um processo de migração interna:

> Migração interna é um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país que provocam o deslocamento de grupos sociais, pertencentes às diversas classes sociais, os quais, por motivos diversos, deixam o seu município de origem e vão fixar residência noutro. (SOUZA, 1978 apud NASCIMENTO, 1998).

Estes trabalhadores atuaram na extração do látex em vários estados da região norte do país: Pará, Amazonas, Acre, território do Guaporé que mais tarde viria ser estado de Rondônia, dentre outros. Inclusive a criação do território do Guaporé, desmembrado de terras antes pertencentes a Mato Grosso e Amazonas se deu em 1943, neste contexto de ebulição do segundo ciclo da borracha.

---

[6] Denominação que recebeu os trabalhadores na sua grande maioria nordestinos, que foram recrutados pelo estado nacional para atender a demanda de borracha que o mercado internacional necessitava na segunda grande guerra mundial. A equivalência que o governo brasileiro deu aos trabalhadores no processo de recrutamento, colocando-os em pé de igualdade com os pracinhas que foram para os campos de guerra na Itália os fez receber este nome.

Segundo Tocantins (1982) houve regiões na Amazônia que os seringais eram de melhor qualidade, o mesmo cita o Acre, eleito como "Eldorado da borracha" onde os seringais pareciam inesgotáveis, ao contrário do baixo Amazonas. O mesmo acrescenta que com o esgotamento de muitos seringais ocorreu uma migração para outros, dentre eles os seringais ao longo do Rio Madeira, no atual estado de Rondônia. (p. 106).

A fala acima de Leandro Tocantins revela a presença de migrantes na área que atualmente pertence ao estado de Rondônia, sobretudo, na região de sua capital Porto Velho, entretanto o mesmo ao citar a migração para os seringais ao longo do Rio Madeira trata do primeiro ciclo da borracha isto nos anos finais do século XIX e anos iniciais do século XX, período em que nasceu a então capital rondoniense e se construiu uma via de escoamento de borracha que foi a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, ligando Porto Velho a Guajará-mirim, também município rondoniense.

Portanto a primeira, quanto à segunda onda migratória para o atual estado de Rondônia reporta-se principalmente ao extrativismo, as "drogas do sertão" primeiramente, e por último, a borracha.

1.3. Terceira Onda Migratória para Rondônia

Se as duas primeiras ondas migratórias são ligadas ao extrativismo, essencialmente a floresta. A terceira onda migratória para Rondônia (décadas de 1970 e 1980), é voltada essencialmente ao uso e propriedade da terra. Nestas duas décadas, o ainda Território Federal de Rondônia recebeu seu maior contingente populacional cerca de 600 mil pessoas, neste cenário mais de 50% da população do estado habitava em terras rondonienses há menos de 10 anos. (TEIXEIRA, 1999, p.191).

Esta onda migratória tem um caráter diferente das demais, posto que ao contrário do que ocorreu nas duas primeiras, em que o migrante/seringueiro chegava e tinha como principal objetivo, obter um pecúlio[7] e voltar para terra natal; nesta, o migrante recém-chegado tem como objetivo adquirir um *pedaço de chão*, e na sua grande maioria das vezes, pretendia fixar residência, lavrar, plantar e cultivar a terra, e a partir de então, criar relações de pertencimento e identidade, o que Milton Santos denominou de *territorialização*.

[7] Esta ideia de adquirir pecúlio, para a grande maioria dos trabalhadores dos seringais foi ilusória, fascinados pela propaganda do governo nacional que pregava aqui como terra de riqueza fácil, os soldados da borracha ao desembarcar nos seringais deparam com o abandono e ao aprisionamento por dívida ao dono do seringal (seringalista).

Assim, é importante destacar que aqui se entende a ideia de território, a exemplo do que pondera Milton Santos, para além de sua mera configuração espacial ou dos elementos físicos e naturais que o distinguem:

> O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar de residência, das trocas materiais e do exercício da vida. (SANTOS *apud* AMARAL, 2012, p. 3).

Entender a ideia de territorialização a partir de Milton Santos significa perceber como as ações e práticas do homem nesta nova terra atuaram no sentido de criar relações de pertencimento, identidades. Isto é plausível pelo fato desses migrantes terem geralmente a terra como principal objetivo e a ela depositar a possibilidade, a projeção, a expectativa de um futuro promissor, como constatou Teixeira, (1999).

> Muitos colonos, de fato, ao saírem de seus lugares tinham expectativa de obter terra não apenas para si, mas também para seus filhos e até outras pessoas incluídas em seu grupo doméstico. Nada assim os impedia; e Rondônia era o lugar para onde aquele sonho convergia: (TEIXEIRA, 1999, p.198-199).

Propósito que parece ser confirmado a partir de relatos dos sujeitos que se deslocara para a espacialidade em tela, como pode ser observado neste depoimento de um migrante colhido por Teixeira (1999).

> Achei um futuro muito grande em Rondônia.... Meu plano era vir, formar uma boa lavoura e permanecer aqui... Assim, se os filhos quiserem ficar juntos tem onde ficar... e tem também alguém da família que às vez não tem a terra e mais tarde quer ter uma vida assim... (TEIXEIRA, 1999, p. 199).

Os relatos apresentados por grande parte dos migrantes de Rondônia das décadas de 1970 e 1980 revela que os mesmos trouxeram famílias imbuídas do desejo que outros familiares e amigos próximos também migrassem para Rondônia, mantendo assim redes de sociabilidades já estabelecidas em regiões distantes de Rondônia.

Neste sentido, Selhorst (2016) afirma que sua família veio para Rondônia em 1976 na busca de terra, e quando aqui chegou incentivou que outros familiares também viessem para Rondônia.

> [...] os parentes da família nossa, nós fomos os primeiros a vir, depois que começou a vir os outros parentes nosso, tanto que por parte da minha mãe só veio a minha tia que era casada com o irmão do meu pai também, a irmã da minha mãe, então quem incentivou os outros vir foi nós, minha família, meu pai. (SELHORST, 2016).

Com a vinda de muitas famílias quase que por completas e amigos para Rondônia no recorte temporal em tela, e comum entre migrantes as expressões como “vizinho nosso desde o Paraná”, “conhecido nosso desde o Paraná”, dentre outras expressões afins, diferenciando muitas vezes somente a localidade. Evidencia-se também o uso do pronome “nosso” de nossa

família, nossos amigos, assim sinalizando que este migrante por vezes não se encontrou só quando chegou a Rondônia.

Percebe-se certa identificação dos migrantes com a terra, com o lugar para onde trouxeram seus familiares. Contudo, o leitor deve estar a indagar-se sobre quem são esses migrantes? De onde vieram? Que fatores fizeram o deslocar para Rondônia?

Conforme destaca a historiografia rondoniense, o estado recebeu nas décadas de 1970 e 1980 contingentes migratórios de vários estados brasileiros, com destaque para os migrantes do sul do país, sobretudo, paranaenses. No entanto, o estado recebeu alto índice de migrantes dos estados de: São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo, este último com um contingente expressivo, tanto que os últimos sensos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revela que é proveniente da região sudeste do Brasil a maioria dos migrantes de Rondônia. Dados que se explica ao alto número de capixabas que deixaram o Estado do Espírito Santo e migraram para Rondônia.

Quanto ao alto número de capixabas em Rondônia, Teixeira (1999) citando Thieblot (1977) apresenta a preocupação de um bispo de São Mateus no Espírito Santo, "que temia perder a função de "pastor de almas" para torna-se "bispo de bois e eucaliptos", tal era a quantidade de capixabas que migravam para Rondônia nos anos iniciais da colonização, entre 1970 e 1975". (TEIXEIRA, 1999, p.192).

Ao estado do Espírito Santo propriamente, dados do IBGE identifica que sua população rural sofreu significativa queda da década de 1970 para a década de 1980. O censo geral do IBGE que costumeiramente ocorre a cada 10 anos constou que a população rural capixaba no ano de 1970 era de 883, 101 mil habitantes, enquanto que no ano de 1980, 738, 978 habitantes, passados onze anos (1991) a população rural do Espírito Santo continuava em queda atingindo o número de 675,677 mil habitantes. (IBGE, 2010). A esta linha decrescente na população rural capixaba credita-se tanto migração para Rondônia e outros estados, bem como para o processo de saída do homem do campo para a cidade (êxodo-rural).

A população rural como referência por conta que grande maioria dos migrantes eram pequenos agricultores, pessoas simples[8], reduzido era o número de intelectuais[9] profissionais liberais e outros.

> [...] Essa camada, por assim dizer intelectual, é relativamente restrita quando considerada no conjunto da população migrante, cuja maioria – 70% ou mais – é

[8] Entende-se por "simples" pessoas com baixo nível de instrução escolar. Bem como não se pretende relacionar a profissão de agricultor a pobreza, muito menos colocar os intelectuais e profissionais liberais em uma escala hierárquica perante aos agricultores.

[9] Entende-se por intelectuais pessoas com nível de ensino superior.

> constituída de pessoas simples [...] Essas pessoas, como notou Possamai[10], fazem parte daquela "massa de empobrecidos", sendo assim pessoas simples com pouca ou nenhuma instrução[11], sobre os quais recaem as tarefas mais duras – como a de derrubar matas – quando chegam em seus novos lugares. (TEIXEIRA, 1999, p.195).

Para Siqueira (2013) os sulistas em geral são pessoas ligadas ao cultivo da terra. (p. 11). Neste sentido Selhorst (2016) exalta o fato que ocorreu com seu pai, um catarinense que migrou para o Paraná, posteriormente a Naviraí-MS, entretanto na cidade sul mato-grossense exercia a atividade madeireira, não se adaptando a esta, soube da distribuição de terras em Rondônia e para cá migrou. "[...] pelo fato de meu pai não ter se adaptado ao novo estilo de trabalho que era marcenaria, porque ele gostava do trabalho da terra".

A fala acima retrata uma situação recorrente entre muitos migrantes, antes de migrarem para Rondônia muitos destes migrantes residiram em outros estados que não é os seus de nascimento. Há uma predominância de mineiros, paulistas até mesmo de nordestinos que migraram para região sul do país antes de chegar a Rondônia. João Batista Lopes inicia sua fala com os dizeres: [...] sou natural de São Paulo, antes de chegar a Rondônia residi nos estados do Paraná e Mato Grosso, migrei para Rondônia em 1973, chegando na cidade de Cacoal, e três anos depois na cidade de Rolim de moura em 09/07/1976. (LOPES, 2016).

O mineiro Belmiro Aparecido Gomes ainda criança, na época, relata sua trajetória enquanto migrante: [...] nasci no estado de Minas [Minas Gerais] fui para o Paraná com dois anos de idade e do Paraná para Rondônia eu já vim com doze anos, chegando em 26/07/1980. (GOMES, 2016).

Nelson Francisco Marques narra com maiores detalhes sua trajetória de vida antes de migrar para Rondônia:

> [...] nasci no estado de São Paulo, na região de São José do Rio Preto, na época a cidade [distrito de São José do Rio Preto] era Borboleta, hoje é Bady Bassit; de lá eu fui com idade de 4 anos para o Paraná na região entre Paranavaí e São João do Cauá, lá moramos dezoito anos em uma casa só, primeiramente mesmo nós mudamos para Nova Esperança ai meu pai ia a cavalo abrir este lote entre Paranavaí e São João do Cauá, depois saímos de lá viemos para a região de Umuarama, cidade que eu fiz minha habilitação (CNH) e identidade. Viemos para Rondônia para Cacoal, linha 14, em 1978. (MARQUES, 2016).

A fala de Marques (2016) ao retratar que seu pai deslocava de Nova Esperança para abrir um lote entre Paranavaí e São João de Cauá revela o desejo de sua família e de muitos dos migrantes, a posse da terra. A saga pelo tão sonhado pedaço de chão já fazia parte do

---

[10] Antônio Possamai, bispo da diocese de Ji-Paraná – RO (Possamai,1990, p.4).

[11] Esses migrantes são, em grande maioria, analfabetos (18%) ou semianalfabetos que apenas sabem escrever o próprio nome – cerca de 70% (Possamai, 1988, p. 7). Todavia estes mesmos migrantes são portadores de saberes, que talvez uma vida inteira de estudos, não nos permita construí-los ou sequer desejemos dominar tais conhecimentos. Portanto é preciso compreendê-los e respeitar a importância deles.

cotidiano de muitos migrantes antes mesmo de saberem da distribuição de terras em Rondônia, evidenciando o processo de concentração de terras já em curso no Brasil e por consequência deste, frentes de expansão (frentes pioneiras) ampliadas pelo capital, sobretudo, em territórios habitados por populações nativas. (MARTINS, 2009, p. 24).

O desejo pela terra foi o motivo que mais atraiu migrantes para Rondônia nas décadas de 1970 e 1980. A ausência da propriedade ou o desejo por uma propriedade maior de terra estimulava os migrantes a virem com suas famílias para Rondônia. Silva (2016) quando interrogado sobre o motivo que estimulou a vir para Rondônia relata: “A vontade de possuir terra, lá a gente não tinha”. Fazendo uma ressalva, o mesmo relata que sua família até possuía uma pequena propriedade, porém em uma área íngreme com muitas pedras que dificultava uma maior produção e renda para a família numerosa: “A gente tinha um pedacinho de terra, quatro alqueires de terra, em uma pedreira danada, serra, era muito sofrido, a família era grande, muitos irmãos, então a gente casou e veio em busca de um lugar novo, mais terra para a gente trabalhar”. (SILVA, 2016).

Marques (2016) quando interrogado sobre os fatores que motivaram a vinda a Rondônia, enfaticamente afirma ser a terra:

> O fator, na verdade sabe o que era? Nós tínhamos um pedacinho de terra, mas a terra já estava velha, não tinha como todos os irmãos morar lá. A renda lá para você plantar algodão era muito alta, o veneno era demais da conta; ai a opção que eu achei foi vir para o sertão. Na verdade, antes de vir para cá, eu fui no INCRA e havia distribuição de terras em Mundo Novo – MT. Mas cheguei lá não consegui, mas chegando lá muitos amigos nossos que vieram para Mato Grosso falaram que em Rondônia o INCRA estava cortando terra, como eu não podia comprar em vim para Rondônia, na verdade eu comprei aqui, mas foi por um preço que eu podia pagar, lá no Paraná com 18 mil cruzeiros você não fazia nada, então aqui era lugar novo, eu comprei aqui. (MARQUES, 2016).

O relato do agricultor Nelson Marques (2016) evidencia certas dificuldades enfrentadas por migrantes antes de virem a Rondônia, dentre elas, destaca a baixa fertilidade da terra degradada pelos anos ininterruptos de lavoura sem um processo de adubação; pouca terra (pequena propriedade), que o mesmo julga ser terra insuficiente para a manutenção de uma família numerosa, além do alto uso de defensivos agrícolas que inviabilizava a produção e a geração de renda, bem como o pagamento de uma alta porcentagem da produção (renda) caso plantasse algodão na propriedade de outro.

O relato de Marques (2016) demonstra que sua saga em obter um lote de terra a princípio não convergiu para o estado de Rondônia e sim para o Mato Grosso, com ausência de terras distribuídas pelo estado nacional neste estado e sem poder aquisitivo para comprar o tão sonhado lote de terra, Nelson Marques através de amigos soube da distribuição de lotes

em Rondônia e aqui desembarcou na cidade de Cacoal em 1978.

O que se constata no relato de Marques (2016) é que a busca por terras em sua família foi uma constante, pois seu pai já deixara o Estado de São Paulo quando o mesmo ainda era criança e migrando para o Estado do Paraná, já adulto Nelson deixa o Paraná vem para Rondônia, antes passando pelo estado do Mato grosso na busca por terras.

Neste propósito, Gomes (2016) destaca:

> O fator principal era a busca de um pedaço de terra, acredito que era o sonho de todo mundo de todo mundo que trabalhava lá no Paraná de arrendatário, outros trabalhavam cuidando de sitio, cuidando de alguma fazenda recebendo algum salário. O sonho era conseguir algum pedaço de terra, lá [Paraná] a gente não tinha terra em Minas [Minas Gerais].

Além de colocar a posse da terra como fator principal de atração para Rondônia para Rondônia, Gomes (2016) evidenciou uma prática recorrente entre os migrantes de Rolim de Moura, a migração por outros estados antes de chegar a Rondônia, demonstrando assim o eminente desejo dos mesmos e de suas respectivas famílias pela terra.

Tocante a busca pela terra Selhorst (2016) ressalta:

> [...] na época, que nos saímos do Paraná, a nossa terra lá já era pouca também, apenas de que se você tiver uma terra produtiva em cima de pouco você consegue produzir e subsistir em cima daquilo ali, as nossas terras já era fraca naquela região que a gente estava ali, então como era pouca meu pai teve a tendência de mudar de atividade, e pelo fato de já estar havendo naquele período na década de 70 que saímos pra Naviraí, já havia início da concentração de terra as pessoas que tinha um pouco mais de terras foram comprando dos que tinha menos terra, então é o que influencia talvez até pelo próprio sentimento do humano de possuir mais. Pelo fato de que aqui em Rondônia está dando 42 alqueires de terra, a gente sair de 5 no Paraná, para 42 que era aqui em Rondônia isso estimula, porque a família lá era grande 10 irmãos então vamos pra Rondônia lá vamos conseguir mais terras lugar novo e aí consegue a ter uma vida mais esperançosa. (SELHORST, 2016).

O relato de Selhorst (2016) é revelador, pois além de afirmar que sua família obtinha uma pequena propriedade de terra no estado do Paraná, o mesmo pontua que esta já se encontrava com baixa fertilidade e por consequência produzindo pouco. Contudo, o entrevistado, conscientemente, chama atenção que pequena propriedade não é sinônimo de baixa produtividade. Visto que a correção do solo acompanhado de boas técnicas agrícolas, dentre outras práticas, torna possível sim produzir mais em menor espaço.

Selhorst (2016) apresenta um sentimento inerente a muitos dos homens e mulheres que é o desejo de possuir mais, e com este mais possibilitar uma vida economicamente mais estável.

Não só Rondônia mais em geral todos os estados amazônicos receberam uma grande leva de migrantes nas décadas de 1970 e 1980. José de Souza Martins (2009) credencia tal

fato pôr a Amazônia brasileira, especificamente, ser a última grande região de fronteira. O mesmo afirma que após o ano de 1964 com a instalação de governos civis-militares a Amazônia passou por movimentos de ocupação que se desenvolveram massivamente, rápido e violento. (p. 132).

Fronteira, como expôs Martins (2009) de modo algum se reduz a fronteira geográfica. (p. 11). Para o mesmo, fronteira é essencialmente o lugar da alteridade, lugar de descoberta, de encontro e desencontros, um cenário de muitos conflitos em que o deslocamento da fronteira provoca uma história de destruição, de revolta, mas também produz histórias de sonhos e esperanças.

Se a ter somente sobre os sonhos e esperanças existentes no cenário de fronteira é o mais comum entre pesquisadores. Contudo Martins (2009) afirma que o conflito social é o aspecto mais negligenciado por pesquisadores ao conceituar a situação de fronteira, para o mesmo a fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece. (p.133-134).

"A propriedade da terra é o meio por qual se passa os conflitos na região de fronteira". (Martins, 2009, p. 26). Portanto, por muitas vezes a "justiça" presentes nos ambientes de fronteira e executada pelo uso das armas acarretando inúmeros prejuízos a muitas famílias, prejuízos não só econômicos.

Rolim de Moura e região, por localizar em uma área que de certa forma teve suas terras sistematicamente distribuídas pelo INCRA, a princípio não concentrou a terra nas mãos de pequenos grupos amenizando assim inúmeros conflitos sociais. Todavia, a amortização de muitos conflitos evitados pela distribuição sistemática de terras pelo INCRA, não elimina da memória destes migrantes o medo, pois os ânimos mais exaltados de alguns poderiam facilmente transformar meras desobediências/desentendimentos em casos de polícia, inclusive de morte.

A fama de valente "matador" que algumas famílias carregavam traziam prejuízos a outras evidenciando o cenário conflitivo de uma região de fronteira. Marques (2016) com uma riqueza de detalhes narra sua saga para conseguir seu tão almejado lote de terra e os prejuízos econômicos que sofreu por conta deste sonho. Convém ressaltar que Marques, assim como muitos dos migrantes de Rolim de Moura, antes se estabeleceram em Cacoal, por muitas vezes tentando obter terras por lá, como o relato a seguir de Nelson Marques.

> Viemos para Rondônia para Cacoal, linha 14, em 1978, morrei um ano na linha 14, aí eu doido para pegar um pedaço de terra, na época eu comprei uma marcação por 9 milhões, na época falava milhão, o cara me mostrou, tinha um lateralzão [abertura na mata que sinaliza a divisão lateral da propriedade] tirado eu já fiquei todo feliz,

> no caminho indo para lá você precisa de ver, mas tinha uns arroz! Você podia cortar uma touceira daquela amarrar uma corda e malhar, na época era malhador. Rapaz! fiquei louco por esta terra! Aí comprei esta marcação, aí rocei na beira de um córrego para fazer um barraco, levei tudo quanto e coisa, facão para tirar tabuinha, prego, levei dois companheiro, aí depois que eu fui olhar um lugar mais alto, porque no Paraná só plantava café no lugar mais alto por causa da geada, a gente não entendia do clima daqui. Quando já bem de noitinha [anoitecer] eu cheguei no barraco de lona tinha 11 jagunços, aí o companheiro (cozinheiro) que havia ficado lá, disse: - o Sr. Nelson estes homens vieram aqui disseram que isto aqui é da fazenda; aí cheguei cumprimentei. - Boa Tarde a vocês! Era meu costume, os caras tudo barbudão, armado de espingarda, facão, revolver, tudo pendurado, aí só um falou comigo: - Você comprou isso aqui? - Comprei. - Eu tenho dó, mas infelizmente o senhor perdeu porque aqui é a fazenda dos goianos a outra dos mineiros, aí nós vamos esperar o senhor até amanhã às 07:00 horas, se o senhor não sai. - Aí eu falei eu não sabia! - Pelo amor de Deus! Quando for amanhã cedinho eu vou embora, eu havia deixado um jipe 4 portas que eu trouxe do Paraná, até onde havia estrada, mas até chegar no jipe aquelas coisas que eu havia levado, comestível, prego essas coisas, eu fui tudo dando para aquelas pessoas que estavam por ali trabalhando, muito pesado para você carregar, sofrimento danado, você passando por dentro da água, aqueles córregos maior, eles derrubavam uma árvore (pinguela) para passar por cima, eu não tenho vergonha de dizer, eu não conseguia passar assim andando na pinguela, daí eu sentava em cima e saia arrastando com o cacaio nas costas, não só eu, os que sabia andar que já era mais acostumado morria da dar risada, eu sei que perdi aquele lote. (MARQUES,2016).

A fala de Marques (2016) é rica, pois além de expressar a alta fertilidade das terras da região, revela os desencontros e prejuízos econômicos que teve em Rondônia na busca pela terra, prejuízos econômicos que foram desde o pagamento da terra (9 milhões) a um pseudo proprietário, pagamento de diárias a companheiros para ajudar na construção de um barraco (moradia), pagamento de mantimentos e ferramentas e demais utensílios que no caminho de volta o mesmo doou a alguns colonos por conta do peso para carregá-los nos cacaios amarados às costas nas picadas quase intransponíveis e imundadas da região.

Os prejuízos econômicos de Marques acima citados decorrem de uma ordem imposta pela demonstração de força de muitos proprietários (fazendeiros) em relação a outros que nada ou muito pouco possuíam. A contratação de jagunços/pistoleiros por fazendeiros para proteger e atender os interesses dos fazendeiros sobre vastas extensões de terras foram é continua a ser prática corriqueira nas regiões de luta pela terra no Brasil.

Marques (2016) em seu relato intrinsecamente expõe uma inoperância por parte do INCRA em evitar estes conflitos é limitar a ação do latifúndio, bem como, apresenta um personagem típico da região de fronteira, o grileiro, personagem que para Becker (1997) tem papel importante nas áreas de dominância de empresas e fazendas na Amazônia. (p.31). Tal ocorrência surge, pois na frente de ocupação em tela a terra adquire valor de mercadoria e vários são os autores que disputam a apropriação destes territórios, os mecanismos para obter a territorialidades destas terras por inúmeras vezes são exacerbados desencadeando violentos conflitos entre todos os atores e contra o estado. (BECKER, 1997, p. 20).

As ações do grileiro, personagem clássico na expansão das fronteiras agrícolas brasileiras, consistem na demarcação de terras da união ou de propriedades de outros a bel prazer e aproveitando do anseio/desejo dos muitos migrantes que vieram para cá procura de terra, vendiam estas terras supostamente “suas” e quando o “real” proprietário da terra chegava para requerer sua propriedade, tais desencontros desencadearam e desencadeiam resultados não amistosos e por tantas vezes dispendiosos e violentos.

Nesta dinâmica o advogado Adi Baldo (2016) ressalta que em Rondônia há ainda muito a ser feito quanto à regularização fundiária, existem famílias que moram a mais de 20 anos na terra e ainda não possuem o título definitivo da terra. Para Baldo o título (documento) regular da terra para muitos migrantes não era prioridade na época. A posse da terra em que ocupava poderia ser manifestada de outras formas, com destaque para o uso da força.

> E a questão da titulação é a que menos o preocupa, porque lá no fundo o que ainda impera, o que manda aqui é a “bocuda” traduzindo eu tenho uma cartucheira e ninguém põe o pé aqui dentro, apesar que isto hoje já não existe mais; mas aqueles negócios que se faziam e não eram cumpridos por quem comprou, normalmente resultava em homicídios, em desavenças, ah você não pagou, o “pagamento” está aqui “Booouuu” então tinha muito disto, são coisas que faz parte da história, são elementos da história. (BALDO, 2016).

Ainda tocante aos prejuízos tidos por alguns migrantes por medo e receio que estes tinham perante alguns ou a algumas famílias que tinham fama de “matador”, “valente”, Marques (2016) elenca um fato que ocorreu consigo quando comprou seu lote de terra em Rolim Moura, terra esta que reside até os dias atuais.

> Depois um cara me ofereceu três marcação no Marcão (hoje região da Alta Floresta do Oeste), aí vim no picadão da 184 lá da BR, sai na picada da 25 depois na da 160 passando por dentro de água, chegando lá, está lá aquele marcão de cimento, grande quadrado, acho que jogaram de avião, está lá até hoje para quem queira ver, chegando lá cozinhamos arroz, só arroz em umas forquilhas de pau, pousamos na rede dentro do mato, chovendo; rapaz um terrenão [terra fértil] fiquei doido, mogno topava o galho um no outro assim, mas porque eu havia levado o prejuízo da outra lá em Cacoal fiquei com medo. Eu sozinho nesse mundão, o menino que eu tinha era Agnaldo [filho] era pequeninho, eu deixei, fiquei quieto. Depois um vizinho nosso de Cacoal, seu Agenor, que era vizinho nosso desde o Paraná, quando nós não podíamos ir para linha 14 por causa da chuvarada, nós parava na casa dele, se acredita que alagava tudo, até na BR, na época não era asfalto nem suspendido como é hoje, vinha do Rio Machado aquela água, aí um dia eu estava lá, em uma reza; ele estava para a 168 sul [região de Rolim de Moura] em uma marcação que o INCRA tinha dado, eu pousei lá porque não dava para voltar para a linha 14 no mesmo dia, aí a Dona Chiquinha, esposa dele foi para um grupo de reflexão lá perto do Rio Pirarara em Cacoal, um colonião [capim] em volta, aí ela subiu em uma escada, em casinha de toco que dava um 2 metros de altura por causa da água, ai tinha um homem lá dentro disse: - Entra moço, ela havia falado que eu estava lá fora, ai subi aquelas escada, que entrei na salinha tinha um cara que eu tinha conhecido ele, quando eu vim conhecer a linha 14 mas meu pai, aí perguntei a ele você tem terra? Ele disse eu tenho lá na 164 sul, [região de Rolim de Moura] do lado esquerdo, como eu já tinha entrado na picada da 160 [4 Km de distância] eu já bolei, vai ser bom este lote. Aí perguntei você vai para lá? Ele disse vou para lá nada, vou colocar

> minha família no meio daquele mato, eu tenho profissão, sou carpinteiro [construtor de casas] eu vou é vender aquilo lá! Perguntei quanto você quer? Eu quero 18 mil, aí eu peguei fui para casa, na 14, aí estudei, falei com meus dois irmãos porque nós veio para Cacoal só eu e dois irmãos, lá na linha 14 as terras já eram mais caras eu não tinha como comprar, eu tinha que vender um Jipe que havia trazido, vender um café; peguei vim olhar este lote, que é este que estamos aqui até hoje, aí comprei o lote, vendi o Jipe para uns cara da linha 13 [Cacoal] por quinze mil, peguei 5 mil e uma promissória de 10 mil com o prazo de noventa dias, você acredita que até hoje os caras nunca me procuraram para me pagar, ai tinha um senhor com nome de Toti, onde tinha a igreja católica na linha 14 onde nós frequentava me disse: - O sr. Nelson que dó, o sr. vendeu o Jipe para os Campana [família com fama de "valente"] fiado? - Eles te paga não! Se você cobrar eles põem de cano de revolver na sua cara, eles são valente! Rapaz eu nunca fui cobrar aquele povo, também nunca me pagaram. Aí o que aconteceu, para vir do Paraná para Rondônia eu tinha deixado um dinheiro com um tio meu, tio Laurindo, o caçula de meu pai, aí tive que escrever carta, não tinha telefone, escrever carta para o meu pai ver com meu tio para ver se ele conseguia aquele dinheiro para eu poder pagar este lote, meu pai coitado pegou este dinheiro com meu tio lá colocou dentro de uma pasta entrou em um avião veio parar em Vilhena, de Vilhena entrou em um ônibus e veio trazer este dinheiro para eu pagar este lote aqui, ai juntei este dinheiro mais um cafezinho que colhi para poder pagar este lote aqui. (MARQUES, 2016).

A partir do relato de Marques (2016) e possível interpretar diversas situações, primeiro, que ao chegar a Rondônia o mesmo residia com dois de seus irmãos em uma comunidade rural de Cacoal (linha[12] 14), na ainda pequena cidade de Cacoal residia um amigo que era seu conhecido desde o estado do Paraná (Sr. Agenor e sua esposa Chiquinha), era na casa deste casal de amigos que Nelson pernoitava quando precisava ir à cidade, pois a vinda e volta da cidade era difícil realizar em um único dia por conta das péssimas estradas que se tinham deterioradas pelas chuvas torrenciais do inverno amazônico.

Segundo, as longas distâncias percorridas por meio de trilhas (picadas) alagadiças na busca pela terra; na fala acima Marques relembra o trajeto que fez a pé de Cacoal ao Marcão (distrito de Alta Floresta do Oeste) para olhar uns lotes de terra, chegando lá, o mesmo gostou da terra, pois era fértil e tinha muitas madeiras, inclusive madeiras de lei, como mogno, muito estimado na época. Contudo, por conta de já ter perdido uma quantia de dinheiro e trabalho em uma propriedade em Cacoal, em que comprou de um grileiro, e depois teve que sair sobre as ordens de jagunços, Nelson temendo ocorrer o mesmo não comprou as terras em Alta Floresta do Oeste.

Terceiro, em uma destas vindas a cidade em que não pode retornar a comunidade rural no mesmo dia, Nelson vai com a esposa de seu amigo em um encontro de oração (reza) da igreja católica, e neste encontro que ocorre a oportunidade de o mesmo comprar o sonhado lote terra, na qual que reside até os dias atuais. Neste momento de oração Nelson reencontra

---

[12] Denominação para muitas das estradas rurais de Rondônia, linha está para essas localidades rurais, como rua/avenidas está para as cidades.

um carpinteiro[13] que conheceu logo que chegou a Cacoal, este tinha um lote de terra recebido pelo INCRA na linha 164 sul, (Rolim de Moura), e o mesmo optando por seguir em Cacoal construindo casas e assim julgando não expor sua família às dificuldades (mato) que a abertura do lote em Rolim de Moura impunha, vendeu o lote de terra a Nelson Marques.

Quarto, Nelson, compra o almejado lote de terra, a fala não revela, portanto, nesta situação o medo de estar comprando terra de um possível grileiro, parece não existir, talvez plasmados por não se tratar de um desconhecido, embora este fosse o segundo encontro, e quiçá por este reencontro se dar em torno de um ambiente de oração ("mesma igreja"), o que de certa forma inspira maior confiança na pessoa do outro.

Apalavrada a compra do lote, Nelson precisava efetuar o pagamento do lote (18 milhões), sem dinheiro suficiente para a compra, Nelson recorre dispor de uma aquisição que possuía um Jipe (veículo) que trouxe do Paraná, contudo, 2/3 do valor da venda foi feito a prazo, ao chegar na comunidade em que residia ficou sabendo por um conhecido da igreja que a família para qual vendeu o Jipe era "valente" na região e se prevalecendo desta "fama" deixava de honrar certos compromissos, Nelson receoso nunca foi cobrar o pagamento de seu veículo, assim como o comprador nunca o procurou para quitar a compra. Assim, Nelson tem mais um dessabor e prejuízo na luta por seu tão sonhado pedaço de terra, tendo assim que utilizar de outros meios para quitar o pagamento do lote de terra que havia comprado.

O relato de Marques (2016) ilustra situações que decorrem por conta da ação do grileiro, ou por receio destas ações. Nesta dinâmica a invasão de terras, seja terras da união (devolutas), seja terras de "particulares" foi e continuará sendo motivo para deflagrar conflitos na situação de fronteira, conflitos que tem entre os autores envolvidos, pobres, ricos e o estado, este último, por diversas vezes ausente intensificando conflitos e acarretando aos migrantes mais pobres, sobretudo, desencontros na luta pela terra.

Neste contexto de invasão de terras das terras amazônicas, principalmente no que consistem as terras devolutas o estado superficialmente surge como maior prejudicado, contudo, as propagandas governamentais incentivaram a migração em massa para a Amazônia, sem condições de regular todas as terras, controlar os ânimos mais exaltados e oferecendo mínimas condições de acomodação a estes migrantes, o estado surge tanto vítima (invasões de terras devolutas) quanto gerador de violência neste cenário de fronteira.

Neste sentido ressalta Selhorst (2014) "[...] tinha muito, isso era uma violência contra

[13] Denominação usada em geral para construtores de casas de madeira, construção típica da colonização de Rondônia, haja vista a abundância de madeiras do período.

o próprio estado, e que o próprio estado gerou, fez a propaganda o povo veio em massa e não tinha estrutura, o que gera a violência e tem muitos fatos de morte pessoas que morreram por essas situações". Ao estado recai o peso de muitos dos conflitos na situação de fronteira, seja ele próprio gerando o conflito através da concessão de privilégios a determinados grupos em detrimentos de outros, seja negligente com os conflitos gerados. Se o estado tem em parte os objetivos alcançados a partir da ocupação, este certamente não tem o controle, acentuando-se os conflitos. (BECKER, 1997, p. 32).

Como percebido os governos civis militares da época têm uma preocupação em ocupar a Amazônia. Becker (1997) elege esta prioridade dos governos civis militares de ocupação da Amazônia sobre duas implicações, uma interna e outra externa. A de ordem externa perpassa pela vulnerabilidade da extensa e isolada região amazônica frente à organização de focos revolucionários e ao dinamismo interno dos países vizinhos. (p.13).

Enquanto que a de ordem interna perpassa pela amenização de problemas demográficos existentes nas regiões mais desenvolvidas do país, que já apresentavam razoáveis incômodos sociais e a *ameaçavam* "ordem" social tal qual concebia e desejava os militares para se perpetuarem enquanto poder político naquele contexto. (BECKER, 1997).

Quanto a estas duas implicações descritas por Becker, à de ordem interna apresenta-se mais consistente e com um peso de importância maior para governos civis militares que propriamente a primeira, haja vista que uma invasão da Amazônia brasileira por grupos dos países vizinhos nunca se mostraram iminentes. Os "incômodos" sociais que ameaçavam a "ordem" estabelecida pelos governos civis militares pós o ano de 1964 constituía pelo processo de concentração de terras vivenciado principalmente na região sul, sudeste e nordeste do país que ocasionou elevado êxodo rural, desemprego e inchaço das principais metrópoles brasileiras.

A todo este temor de sublevação a "ordem" estabelecida acrescenta a prioridade do governo federal de ocupar a Amazônia, terras na qual julgavam ser um "espaço vazio". Imbuído desta pretensão o presidente Médici em tentativa de resolver conflitos ligados à concentração da posse de terra, principalmente na região nordeste, operou-se baseado no *slogan*: "Vamos levar os homens sem terras do Nordeste para as terras sem homens" (SOUZA, 1997, p.29).

No entanto, a Amazônia não era um espaço vazio, viviam na região diversas etnias indígenas, caboclos e seringueiros vindos em levas migratórias anteriores. Estes últimos em Rondônia ocupavam as regiões de Porto Velho e suas adjacências, bem se distribuíram ao longo do rio Guaporé. Quanto ao preconizado "espaço vazio" propagado pelo governo federal

(SOUZA, 1997, p. 27) afirma:

> A Amazônia não era um "espaço vazio" como se colocava, pois essa região sempre fora ocupada pelos povos da floresta – Índios, seringueiros, caboclos e nordestinos que se dedicavam a agricultura de subsistência, ao extrativismo vegetal e ao extrativismo mineral, praticando a caça e a pesca, [...] Na verdade o vazio a que se referiam os ideólogos e governantes era sobretudo, a nova forma de apropriação e exploração do espaço. A terra como mercadoria, deveria possuir um valor.

Quanto o "espaço vazio" que os governos civis militares rotulavam a Amazônia, pesquisas situadas, sobretudo, no campo da arqueologia, embora, ainda incipientes, tem mostrado que "A Amazônia é ocupada há mais de 10.000 anos, em alguns casos por milhares de pessoas. E de se esperar, portanto, que a floresta que hoje cobre muitos sítios arqueológicos tenha, além de uma história natural, também uma história cultural". (NEVES, 2006, p.10).

José da Souza Martins (2009) coloca que as frentes de ocupação da Amazônia pós 1960 imposta pelos governos civis-militares foram mais trágicas e genocidas aos indígenas do que as caça aos índios (guerra justa) de séculos anteriores. Tais frentes pioneiras expandiram sobre os territórios de populações nativas intensificando os conflitos entre índios e brancos e entre os próprios indígenas. (p. 24-36).

A invasão pelos brancos de territórios indígenas além dizimar empurra os indígenas para territórios mais distantes, para territórios já ocupados por outros grupos indígenas, decorrendo guerras intertribais. (MARTINS, 2009, p. 146).

Muitos desses conflitos intertribais se davam concomitante com a invasão de territórios indígenas por brancos levando muitos indígenas a se aliar aos brancos contra o velho inimigo. Mas tarde sabendo que o inimigo era o branco, se aliaram aos antigos inimigos indígenas contra o inimigo em comum, o branco. (MARTINS, 2009, p.148).

Martins (2009) narra um cenário altamente conflitivo típico da situação de fronteira, sobretudo sobre as populações nativas, a quem o interpreta de vítima, figura central da fronteira. Não o chamado "pioneiro". (p.10). No território de Rolim de Moura, especificamente não se tem relatos de embates entre migrantes e indígenas por se tratar de uma localidade ausente da presença indígena. É evidente que grupos indígenas passaram ou residiram no que hoje é Rolim de Moura haja vista, municípios vizinhos como Cacoal e Alta Floresta do Oeste ter presenças indígenas, contudo isto foi anterior a chegada dos migrantes vindos ao fim da década de 1970 e início da década 1980.

As narrativas demonstram que grande parte dos migrantes vindos a Amazônia na temporalidade estudada eram pobres, situação social que facilita a migração (MARTINS, 2009, p.116). Todavia a decisão de migrar não parte somente do indivíduo; Becker (1997, p.

44) coloca que “Embora a decisão de migrar seja individual, em conjunto ela e fortemente induzida por ação governamental, e não um fenômeno predominante espontâneo”. Nesta dinâmica, o estado desenvolve papel significativo de fomentar movimentos migratórios. No processo de ocupação da Amazônia o estado civil militar brasileiro foi crucial seja com incentivos fiscais a empresários nacionais e internacionais, seja com programas de distribuição de terras em locais estratégicos que atendeu interesses de todos os setores sociais, inclusive de trabalhadores rurais.

As propagandas governamentais da política *fronteira para oeste*, que propagandeava a Amazônia como o *El Dourado*, terras de riquezas fáceis, despertou o fascínio nos migrantes e deixou-os ávidos da esperança de em Rondônia (estado amazônico) conseguir o sonhado pedaço de chão ou uma propriedade maior a quem depositava como necessária para uma vida em família digna e de maior conforto.

Tocante às políticas de ocupação e propagandas para vir à Amazônia na época, Lopes (2016) relata:

> Em 1970 foi feito o censo, a cada 10 anos eles fazem o senso, então o presidente da república o General Emilio Garrastazu Médici mandou fazer o senso cada 4 famílias 1 tinha que responder 75 perguntas pra saber quantas famílias não tinham terras no Brasil, nesse momento eu estava no Paraná. Então o presidente fez o recenseamento, o presidente Emilio Garrastazu Médici que era presidente militar fez assim um projeto “Vamos integrar Rondônia para não entregar”, porque naquele tempo os estrangeiros queriam invadir a Amazônia, naquele senso deu total de família que não tinha terra e foi distribuído 100 hectares para cada família e eu vim nesse bolo pra cá, vim peguei meu lote trabalhei plantei, [...] e eu vim motivado pra pegar um terreno aqui, naquele projeto para “Integrar para não Entregar o Brasil”. (LOPES, 2016).

O projeto “Integrar para não Entregar” a que Lopes (2016) se refere remete as ordens internas e externas já discutidas anteriormente, a partir das observações[14] de Becker (1997). Como já observado, a terra assume papel de destaque na vinda dos migrantes de Rondônia. Corroborando a esta assertiva Selhorst (2016) quando interrogado sobre os fatores que motivaram a vinda para Rondônia afirma:

> Na época foram às informações que tinha daqui a propaganda do próprio governo, meu pai praticamente se criou dentro da agricultura então quando nós fomos pra Naviraí [MS] ele não se adaptou aquele novo sistema de trabalho, e como o governo estava distribuindo terra aqui em Rondônia ele se estimulou a vir pra Rondônia. [...] o estimulo maior foi à propaganda do governo que saiu e pelo fato de meu pai não ter se adaptado ao novo estilo de trabalho que era marcenaria, porque ele gostava do trabalho da terra. (SELHORST, 2016).

Selhorst (2016) ainda destaca que estas propagandas foram veiculadas no Paraná por meio do rádio; Já Silva (2016), também morador do Paraná antes de migrar a Rondônia,

[14] Verificar tais observações na página 28 e 29.

destaca que soube das distribuições de terra em Rondônia através da oralidade: “Primeiro a gente soube de pessoas que vieram aqui passear, conhecer e levar a fama para lá, foi no “boca-a-boca” mesmo com outras pessoas”. Marques (2016) assim como Silva (2016) relata a oralidade como fonte de conhecimento das distribuições de terras em Rondônia. Contudo, o mesmo menciona que antes de Rondônia, procurou por terras em Mato Grosso, não obtendo êxito migrou para Rondônia.

> Na verdade, antes de vir para cá eu fui no INCRA e havia distribuição de terras em Mundo Novo – MT, mas cheguei lá não consegui, mas chegando lá muitos amigos nossos que vieram para Mato Grosso falaram que em Rondônia o INCRA estava cortando terra, como eu não podia comprar em vim para Rondônia, na verdade eu comprei aqui, mas foi por um preço que eu podia pagar, lá no Paraná com 18 mil cruzeiros você não fazia nada, então aqui era lugar novo eu comprei aqui. (MARQUES, 2016).

Em consonância aos relatos acima, Gomes (2016), embora, adolescente na época que sua família veio para Rondônia apresenta maiores detalhes:

> Na época eu posso dizer não tinha acesso direto da informação porque eu ainda era pequeno, [12 anos] criança ainda, não tinha acesso direito da informação; mas foram meus irmãos que ficaram sabendo através do rádio e também teve conhecidos que já havia vindo aqui, olhou a região, gostou e voltou! Também tinha meu tio que já estava aqui há uns 7 a 8 anos antes e escreveu falando como era aqui, que aqui era bom! As vezes mandando até fotos, isto incentivou meu irmão a vir para cá. (GOMES, 2016).

E pertinente lembrarmos que os fatores que motivaram ou contribuíram a vinda para Rondônia vão além da terra, o entrevistado Adi Baldo que chegou a Rondônia em 1981 narra:

> O motivo à motivação para vir para Rondônia melhor dizendo era o mesmo de todos os migrantes que vinham na época, ou em busca de terra ou simplesmente a busca de um novo horizonte, quer seja um comércio, que seja o que o que motivou as pessoas vir. No caso eu que tinha recém-formado, vamos ver um lugar novo que de repente é mais fácil de começar a vida dentro da profissão evidentemente que foi isso a motivação. (BALDO, 2016).

Adi Baldo que recentemente havia se tornado advogado ainda no estado do Paraná, assim que chegou a Rondônia residiu por um ano em Cacoal e um ano depois (1982) migrou para Rolim de Moura onde através dos serviços de advocacia atendia as necessidades jurídicas de muitos dos migrantes. Na época Rolim de Moura era carente de quaisquer serviços que necessitava de profissional com nível ensino superior.

Nesta dinâmica que o recém-formado professor educação física Rodnei Paes deixou o estado de São Paulo e migrou para Rondônia:

> Foi através de um professor de educação física, o nome dele é o professor Godoy, veio aqui conheceu o estado, era um estado em formação, e chegou para nós, que chegando no estado já era contratado de imediato, e isto realmente aconteceu, eu cheguei dia 21/02/1984 e fui contratado dia 01/03/1984 e até hoje sou funcionário do estado; me formei em dezembro de 1983 e em 01/03/1984 já estava contratado. [...] principalmente na área da educação e saúde que era uma necessidade muito grande, todos que aqui chegaram com diploma de nível superior, eram aproveitados

> pelo estado, então o próprio estado de Rondônia foi o órgão que atraiu muitos profissionais. (PAES, 2016).

A fala de Paes vai ao encontro da afirmação de Becker (1997, p. 44) que narra que o ato de migrar não é espontaneamente individual, este é fortemente induzido por ação governamental. Tal afirmação é pertinente às narrativas em tela, pelo fato de o estado ter atraído e dado guarida, especialmente, a estes profissionais com nível de instrução escolar maior, bem como atendeu o grande público com os programas de distribuição de terras.

Neste processo migratório em tela, diversos são os fatores que "empurraram" migrantes a Rondônia, destaco, a concentração de terras e o processo de mecanização agrícola que vivenciava a região sul e sudeste do país, regiões de onde veio alto número de migrantes a Rondônia nas décadas de 1970 e 1980. A concentração de terras, a modernização e mecanização da produção agrícola a expansão da soja e da pecuária, na região sul e sudeste do país, principalmente, consolidou uma estrutura fundiária centralizadora, de forma a criar um excedente populacional que esta nova "empresa capitalista da terra" não absorvia e o repelia para Rondônia e a outros estados. (TEIXEIRA, 1999, p.193).

A mão de obra excedente gerada pela mecanização das terras no sul do país além repelir muitas pessoas a outros estados apresentou-se danosa a muitos pequenos proprietários que tentaram acompanhar a nova modalidade agropecuária implantada. Ana Cizmoski, capixaba de nascimento relata:

> Com três anos de idade, meus pais migraram para o Paraná em busca de melhores condições financeira para a família. [...] meu pai e meus irmão trabalhavam na monocultura de subsistência, para sustentar a família, quando toda região começou a mecanizar as terras e claro, meus pais também. Para isso fizeram grandes financiamentos no banco. Meu pai endividado, não sabendo lidar com a situação, e muito preocupado, sofreu derrame [avc], ficando paralisado dois anos na cama, vindo a falecer posteriormente. Passamos por um período negro, meu irmão vendeu nossos dez alqueires de terra, pagou o banco e viemos para Rondônia. Isso aconteceu também com todos os outros vizinhos daquela região, depois tornou-se área de grandes fazendas. (SILVA, 2003, p. 21).

A narrativa acima ilustra um processo de concentração de terras desencadeado pelo processo de mecanização agrícola que exigia um investimento que pequenos agricultores em geral não possuíam, assim precisavam recorrer a financiamentos bancários. A contração da dívida pela família de Ana Cizmoski teve efeitos negativos (período negro), a perda do pai, embora tal perda não possa ser plenamente condicionada ao pagamento do alto financiamento, é em parte atribuída à preocupação em que seu pai teve com a aquisição do empréstimo. Sem generalizações, mas quem conhece pequenos agricultores sabe dos medos que cerca estes seres quanto o cumprimento de seus compromissos, nestes tais preocupações e zelo pela honra e "nome" parece ser maior.

A concentração de terras e por consequência a destruição do pequeno produtor rural gerou um excedente populacional, que de certa forma rechaçou estes migrantes para espaços ainda não territorializados na chamada *expansão da fronteira oeste,* a qual já sofria ações do estado brasileiro com vistas a sua *ocupação* desde o governo de Getúlio Vargas. É nesta espacialidade que vão se dar novos arranjos sociais, espaço de heterogeneidade, da diferença cultural e por efeito, ambiente de conflitos entre os interesses diversos.

> [...] Mas a fronteira, aqui, antes de ser um espaço geográfico, será sobretudo um lugar simbólico para onde os homens se encaminham cheios de esperanças ou ávidos de cobiça; lugar onde se dão novas construções sociais, quando não se converte, em outras circunstâncias, em ambientes de conflagrações ou de tragédias. (TEIXEIRA, 1999, p. 5).

Segundo Becker (1997) a concentração de terras e elemento fundamental no processo de degradação ambiental, os "expulsos" por este processo se deslocam a outras territorialidades criando novos desmatamentos que são realizados manualmente, por tratores e madeireiros pagos pela extração de madeiras de leis, dentre elas mogno e cerejeira.

1.4. A Presença/Ausência do Estado

A partir das décadas de 1960, Rondônia inicia um rápido processo de territorialização, povoamento este marcado pela presença governamental através da abertura da BR 364, descoberta da cassiterita, sobretudo, através dos projetos de colonização que distribuía terras por meio do INCRA em uma extensão de 100 km de cada lado da rodovia federal. (BECKER, 1997).

Diante deste exposto Becker (1990) afirma:

> Embora as primeiras tentativas de ocupação de Rondônia datem do final do século XIX, só a partir da descoberta da cassiterita e da abertura da BR 364, nos anos 60, é que processo de ocupação nos anos 70 e seguintes, sob a égide da ação governamental, adquire uma dinâmica peculiar, cuja marca é a rapidez e a intensidade, evidenciadas no incremento populacional e nas transformações da base econômica regional. (BECKER, 1990 apud SILVA, 2015, p. 39).

A abertura da BR 364 é colocada pela historiografia local como uma obra que contribui para uma penetração sistemática de Rondônia, pois foi ao longo da rodovia surgiram os projetos de colonização dirigidos pelo INCRA e os primeiros municípios do centro-sul de Rondônia, dentre estes destaco: Vilhena, Pimenta Bueno, Cacoal, Ji-Paraná, Ouro Preto do Oeste, e Jarú que atualmente configuram entre os principais municípios rondonienses.

Amaral (2012) observa que a BR 364 foi elemento fundamental na estratégia de distribuição de terras, já que se constituía como única via de acesso para deslocamento de grandes massas. Visto isso, a mesma autora concluiu que o sucesso do sistema agropastoril na

região deveu-se à esta via.

> A importância da BR 364 pode ser constatada pela colonização de Rondônia, através do ciclo agrícola. A política de assentamento de colonos para fins de formação de uma base agropastoril pelo Regime Militar (que vigorou no Brasil entre os anos 1964 a 1985) veio definir entre os anos 1970 e 1990, a principal base de colonização perene do Estado de Rondônia. O fato concreto, portanto, é que o sucesso da colonização agropastoril (agricultura e pecuária) preconizada pelo Governo Federal só era possível porque a Rodovia BR 364 existia. (AMARAL, 2012, p. 100).

Com a distribuição de terras através dos projetos de colonização, o fluxo migratório atingiu níveis colossais. Pessoas das muitas regiões brasileiras para Rondônia se dirigiram objetivando realizar sonhos que foram alimentados pela propaganda governamental do novo Eldorado.

Dentre os principais projetos implantados pela colonização oficial em Rondônia nas décadas de 1970 e 1980 destaca-se o: PIC (Projetos Integrado de Colonização); PA(Projeto de Assentamento); PAR (Projeto de Assentamento Rápido); PAD(Projeto de Assentamento Dirigido).

O Projeto Integrado de Colonização (PIC) atuou em grande parte do território de Rondônia e subdividia em vários nomes na qual foram responsáveis pela distribuição de terras em determinadas regiões como ilustra o quadro abaixo:

Ouro Preto	Ji-Paraná	Adolfo Rohl	Paulo de A. Ribeiro	Sidney Girão
Ouro Preto do Oeste. Ji-Paraná	Cacoal. Presidente Médici, Rolim de Moura. Pimenta Bueno e Espigão D'Oeste	Jarú	Colorado D'Oeste	Guajará-Mirim

O quadro anterior reporta as subdivisões do Projeto Integrado de Colonização (PIC), sendo na primeira linha está o nome e na segunda linha a região (municípios) em que as terras foram distribuídas. Segundo Silva (2015), o objetivo do INCRA com o PIC era assentar migrantes de baixa renda e prestar-lhes assistência para melhor se acomodar terra.

As assistências prometidas pelo governo consistiam em créditos ao migrante para implantação de benfeitorias na terra, infraestruturas, serviços de saúde, educação, dentre outros. Entretanto, experiências relatadas pelos migrantes demonstra que estas assistências se

tornaram insuficientes frente ao alto número de migrantes que chegaram a Rondônia na época em tela.

Quanto à presença/ausência do estado com a implantação de benfeitorias em seu lote de terra (abertura), Nelson Marques narra:

> Olha o INCRA, me ajudar a entrar aqui no meu lote ele não ajudou em nada, o que ocorreu é que quando eu fui no INCRA para transferir para o meu nome este lote, eles não queriam transferir para mim eles fizeram foi me pressionar, - Se você não derrubar, - O que você vai plantar lá? - Vou plantar café! Eu tinha trazido um monte de nota do Paraná de algodão, de tudo; eu não sou gordo, mas eu era mais magrinho ainda, ele disse nossa você é trabalhador mesmo! Desfez da minha cara, perguntou se não estava pegando terra para vender. – Não, é para mim trabalhar; vai plantar café? Vou plantar café! - Olha eu vou mandar o fiscal lá, quando eles mandaram o fiscal tinha 6 mil pés de café catuái, tudo coviado na vanga, no sistema do Paraná, quando o fiscal veio o café estava com um ano, você olhava todo lado dava rua, porque plantei esquadrejado, alinhei tudo, ai quando eu fui lá no INCRA conseguir um documento para eu financiar um motosserra 0,8 ai ele foi na prateleira, achou meu nome, viu a foto que o fiscal tinha tirado do café, estavam admirados: Sr. Nelson aqui na região ainda não vimos um café assim, o senhor plantou no sistema do Paraná, o fiscal falou que todo lado da rua, é o café do senhor é formidável. Ele olhou a foto estava lá meu café meu barraquinho, eu dentro de um arrozal, mais para frente tinha um café conilon, o fiscal nem quis olhar porque você olhava de longe o café conilon estava ainda maior que o catuái. (MARQUES, 2016).

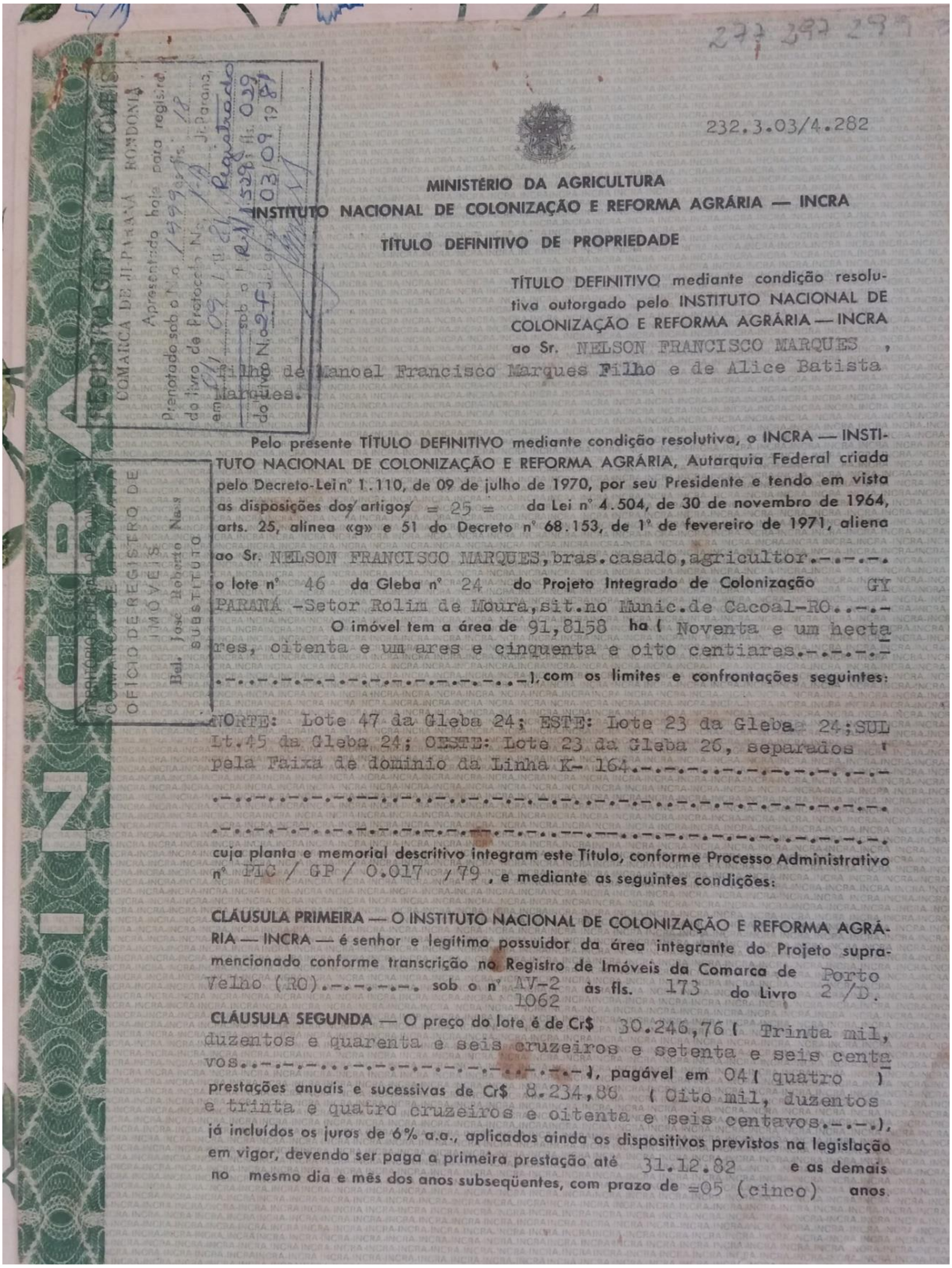
Para Marques (2016) o estado através do INCRA, não ajudou na abertura do seu lote, segundo o mesmo, alguns funcionários chegaram a duvidar da sua capacidade de trabalhar, perguntando ao mesmo se iria vender o lote posteriormente (prática muito recorrente entre colonos da época), como resposta, Nelson Marques apresentou diversas notas produtoras de cereais trazidas do Paraná, evidenciando seu vínculo com o cultivo da terra. De posse do título da terra, Nelson conseguiu financiar um motosserra[15] e realizar diversas benfeitorias[16], dentre elas o plantio de café, café este que ano mais tarde foi para si motivo de orgulho dentro do próprio INCRA.

---

[15] Equipamento essencial para derrubada de floresta, sem o uso desta tal prática era feita pelos pequenos proprietários através do machado, trazendo mais morosidade ao trabalho além de ser um trabalho exaustivamente árduo. Ao mesmo tempo que o motosserra era uma ferramenta que facilitou em muito os colonos nas aberturas de seus lotes, por outro lado, o mesmo motosserra os retirava a vida; uma "fábrica de viúvas" devido ao alto número de acidentes ocorridos. "Fábrica de viúvas" em alusão as esposas que perdiam seus maridos cortados pelo motosserra ou esmagados por uma árvore que o próprio com o motosserra acabava de cortar.

[16] As primeiras benfeitorias feitas pelos migrantes, excepcionalmente os agricultores, em geral constituía na abertura (derrubada e queimada) de parte da floresta, nesta área se fazia uma rustica residência, comumente chamada de barraco pelos migrantes, feito o barraco, ou concomitante com a construção da rustica residência iniciava a plantio de cereais como arroz, feijão, milho e café. O café por ser uma cultura perene geralmente era plantado após os demais cereais, pois o crescimento da lavoura de café limita o plantio de outros cereais na mesma área, havendo assim abertura de uma nova área.

Documento 1 - Título Definitivo de Propriedade


232.3.03/4.282

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA — INCRA

TÍTULO DEFINITIVO DE PROPRIEDADE

TÍTULO DEFINITIVO mediante condição resolutiva outorgado pelo INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA — INCRA ao Sr. NELSON FRANCISCO MARQUES, filho de Manoel Francisco Marques Filho e de Alice Batista Marques.

Pelo presente TÍTULO DEFINITIVO mediante condição resolutiva, o INCRA — INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, Autarquia Federal criada pelo Decreto-Lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970, por seu Presidente e tendo em vista as disposições dos artigos = 25 = da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, arts. 25, alínea «g» e 51 do Decreto nº 68.153, de 1º de fevereiro de 1971, aliena ao Sr. NELSON FRANCISCO MARQUES, bras. casado, agricultor.-.-.-. o lote nº 46 da Gleba nº 24 do Projeto Integrado de Colonização GY PARANÁ -Setor Rolim de Moura, sit. no Munic. de Cacoal-RO..-.-

O imóvel tem a área de 91,8158 ha (Noventa e um hectares, oitenta e um ares e cinquenta e oito centiares.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-), com os limites e confrontações seguintes:

NORTE: Lote 47 da Gleba 24; ESTE: Lote 23 da Gleba 24; SUL Lt. 45 da Gleba 24; OESTE: Lote 23 da Gleba 26, separados pela Faixa de domínio da Linha K- 164.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-

cuja planta e memorial descritivo integram este Título, conforme Processo Administrativo nº PIC / GP / 0.017 / 79, e mediante as seguintes condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA — O INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA — INCRA — é senhor e legítimo possuidor da área integrante do Projeto supramencionado conforme transcrição no Registro de Imóveis da Comarca de Porto Velho (RO).-.-.-.-. sob o nº AV-2 1062 às fls. 173 do Livro 2 /D.

CLÁUSULA SEGUNDA — O preço do lote é de Cr$ 30.246,76 (Trinta mil, duzentos e quarenta e seis cruzeiros e setenta e seis centavos.-.-.-.-.-.-.-.-.-), pagável em 04 (quatro) prestações anuais e sucessivas de Cr$ 8.234,86 (Oito mil, duzentos e trinta e quatro cruzeiros e oitenta e seis centavos.-.-.), já incluídos os juros de 6% a.a., aplicados ainda os dispositivos previstos na legislação em vigor, devendo ser paga a primeira prestação até 31.12.82 e as demais no mesmo dia e mês dos anos subseqüentes, com prazo de =05 (cinco) anos.

FONTE: Marques, Nelson Francisco. **Título definitivo de propriedade**. Ji-Paraná, 1981.

Quanto às presenças/ausências do Estado afirma Adi Baldo:

> Essa questão dos subsídios [...] havia sim uma promessa, eu lhe dou a terra, eu forneço a terra você faz uma benfeitoria e vai ter financiamento, vai ter isso; teve essas promessas, efetivamente cumpridas eu posso dizer que nada aconteceu, mas

> muitos vieram com esta expectativa de obter estes financiamentos para ser melhor sucedido; na falta total ou na ausência total do estado muitos que vieram com o sonho sucumbiram, voltaram, desistiram ou ficaram à míngua. (BALDO, 2016)

O entrevistado Adi Baldo acrescenta:

> [...] então dá para dizer que a ausência foi muito grande, mas agora houve um esforço, não quer dizer que houve um abandono, houve um esforço muito grande sim, por exemplo, em termos de história originalmente o que vou falar agora precisaria de uma pesquisa mais aprofundada para você ver se isso aqui é uma invenção ou é real, e fato ou é boato. Nós temos o SUS né! E nós temos aqui os chamados agentes comunitários de saúde, Naquele projeto do INCRA previa-se a cada tantos quilômetros nestas linhas a instalação de uma escola primária, multiseriada, que um único professor ensinaria do primeiro ao quarto ano e um posto de saúde para atender a demanda primária de todo aquele povo que se embrenhava na mata então em uma emergência ele chegaria ao posto de Saúde e teria uma vacina um remédio através de um atendimento primário; então eles fizeram sim um grande esforço em construção de escolas e postos de saúde; quanto aos postos de saúde um pouco foram construídos pelo INCRA mas depois passou a atribuição ao município, Rolim de Moura mesmo construiu dezenas de postos de saúde nas linhas, mas é um recurso de convênios, não sei se vinham do ministério da saúde, da onde que vinham, mas era o município que executava. Mas quando os municípios construíam estes postos, mas não tinha aquele atendimento, o cidadão chegava tinha ali o agente de saúde dizia você está com malária! Vai para frente porque aqui que aqui não tem nada. [...] O fato e que os agentes de saúde existem até hoje fazendo visitas periódicas nas casas, eles são muito útil, mas esta questão foi idealizada pelo INCRA e virou programa nacional de saúde por recomendação do Conselho Nacional de Saúde. Os “malaieros” faziam parte destes da FUNASA, estes em algum ponto da história não precisa ser nos manuais escolares não, tem que ser registrado o trabalho deste pessoal, dos “malaieiros” que eram aqueles que iam borrifando as casas, mas também havia aqueles que atendia os postos de saúde. (BALDO, 2016).

A fala de Baldo é muito importante, o mesmo apresenta deficiências do estado quanto a subsídios ao migrante e deficiências no setor da saúde e da educação, contudo, para Adi Baldo apesar das deficiências e ausências houve certo esforço por meio do estado em honrar mesmo que parcialmente os compromissos que ao estado competia. O mesmo cita a criação das escolas multiseriada em que um único professor (a) lecionava para um grande número de alunos desde a primeira a quarta série. (Ensino primário).

Convém ressaltar que as práticas citadas acima ainda persistem na educação atual, e comum existir professores lecionando diversas disciplinas que não é da sua formação, tal situação não ocorre somente nas regiões mais longínquas e isoladas do país, uma vez que tais situações e constante em médios e grandes centros do país, sobretudo, em suas periferias.

Neste contexto migratório o professor era outro profissional que o estado não dispunha, diante desta necessidade e da alta demanda de alunos (filhos de migrantes) que chegavam a Rondônia. O estado contratou para lecionar aos alunos, alguns próprios migrantes que possuíam um grau de escolaridade maior, exemplo: 8ª série, 6ª série, ou até mesmo a 4ª série, assim em diversas situações quando o aluno concluía o último ano do ensino primário,

este agora possuía o mesmo nível de escolaridade que seu professor. Posteriormente que estes profissionais foram se qualificando, passaram a obter o título de nível superior e atualmente grande parte deles são servidores federais aposentados.

Outro aspecto apresentado por Adi Baldo e os postos de saúde que foram criados em muitas comunidades, inclusive em comunidades rurais, estes postos tinham objetivo atender os primeiras necessidades do migrante, dentre os atendimentos constituía: aferir pressão arterial, doação de remédios, curativos e outros pequenos procedimentos médicos, os atendimentos restringiam basicamente a isto devido à falta de infraestrutura, materiais e falta do conhecimento técnico do agente de saúde, que geralmente, era um migrante da própria comunidade, desprovido de conhecimentos de medicina.

Neste cenário ocorria em muito a automedicação, pois pelo desconhecimento do agente de saúde, a título de exemplo, um remédio que combate uma dor específica era indicado a diversas outras dores ou febres ou outro mal estar que fosse. Baldo (2016) também expõe a malária, doença tropical, que acometeu muitos migrantes e que requisitava um atendimento mais especializado que o posto de saúde da comunidade local do migrante não possuía assim o paciente tinha que percorrer até a cidade, até ao hospital em busca de tratamento para a enfermidade que o acometia. Baldo destaca os "malaieiros", profissionais de saúde que saiam de casa em casa borrifando as casas com um produto de combate ao mosquito *anopheles*, mosquito transmissor da malária.

Ana Cizmoski, professora, contratada pelo estado por possuir um nível de instrução escolar um pouco maior que a maioria dos migrantes que chegaram a Rolim de Moura no período em tela, de forma sucinta relata a presença/ausência do estado na comunidade rural em que vivia:

> Abriram quatro escolas em uma extensão de 15 km para atender as crianças. Era fornecido material escolar e merenda, embora os professores tinham que ir buscar em Cacoal; a merenda industrializada não era muito aceita pelas crianças, oras já chegava vencendo, tendo que ser descartado. Neste período se construiu um posto de saúde, eram fornecidos vários tipos de medicamentos a população, inclusive vários antibióticos. Qualquer tipo de sintoma os mesmos remédios ("sobreviveram só os fortes "rsrs"). Hospital mais perto era em Cacoal (Fundação SESP). Os bebês nasciam na maioria com assistência de parteiras. (CISMOSKI, 2016).

Ana Cizmoski relata que no Paraná havia cursado apenas até 3ª série, após chegar a Rolim de Moura teve uma anemia profunda que foi diagnosticada como início de leucemia, depois de dias no hospital em tratamento se recuperou. (SILVA, 2003, p. 22). Sua vida como docente inicia após sua recuperação:

> Depois conclui a quarta série, e no ano seguinte, submeti com sucesso ao teste exigido pela Secretária Municipal de Educação – SEMEC para ingressar no serviço público e a convite da comunidade fui professora daquela comunidade por dezesseis

> anos. Foi muito gratificante apesar das dificuldades encontradas; a primeira delas foi o local para dar aulas: havia uma cobertura de pau a pique onde a comunidade católica celebrava o culto aos domingos e durante a semana eu dava aula para os alunos de primeira à quarta série. Certa tarde veio um temporal, o vento entrava de todos os lados, pois o local das aulas era só coberto não tinha paredes, reuni as crianças no centro e, abraçados, rezamos: de repente o vento arrancou as tábuas, ou seja, a cobertura e ficamos paralisados na chuva por alguns minutos, assim que o vento foi parando, chegaram algumas mães; e agradecíamos a Deus por estarmos todos bem, mas a partir daquele momento não tinha lugar par dar aulas, uma mãe então ofereceu sua casa onde tinha uma sala de três por cinco metros, com vinte e cinco alunos sentados em bancos de lasca de coqueiros concluímos o ano letivo de1982. No ano seguinte, a SEMEC construiu uma linda escolinha, a qual hoje encontra-se desativada por falta de alunos. Infelizmente vejo a mesma história do Paraná se repetindo, em que pequenos sítios e chácaras estão se tornando áreas de grandes fazendas. (SILVA, 2003, p. 22-23).

A fala de Cizmoski contribui em muitos aspectos para esta pesquisa, primeiro por apresentar a escolaridade e o ingresso no serviço público dos primeiros professores de Rolim de Moura; segundo, as instalações físicas da primeira igreja/escola em que lecionou. Em sua comunidade, o ambiente de culto entre os católicos e o ambiente escolar a princípio foram os mesmos até que uma intempérie do inverno amazônico o destruiu; em terceiro, Cizmoski relata a construção da escolinha em que lecionou com satisfação por diversos anos até que o processo de concentração de terras (o mesmo motivo que contribuiu para muitos migrarem para Rondônia) retirou os alunos. Segundo Martins (2009) este processo de concentração de terras em Rondônia ocorreu por conta que a, agropecuária, modalidade econômica escolhida pelos governos civis militares para ocupação de Rondônia é contraditória, pois exige pouca mão de obra, uma vez que poucos homens cuidam de centenas de cabeças gado.

Ainda nesta dinâmica sobre a educação Baldo (2016) em consonância ao relato apresentado por Ana Cizmoski relata:

> Então está registrado, tinha uma escola, mas vai ver que tipo de escola que era, vai ver a qualidade do professor, a minha esposa mesmo ela era para ter sido professora na linha ainda na região do município de Pimenta Bueno quando eles chegaram ali em 1978. A comunidade levantou a escolinha de pau-a-pique e precisava de um professor, aí o meu sogro sabia ler e escrever, perguntaram se ele queria ser professor, mas ele não tinha algo em mãos que o reconhecia que tinha digamos a 8ª série, um primário completo. Então a minha mulher com 16 anos tinha a 8ª série que era o chamado ginasial, ela era solteira, decidiram colocar ela como professora, mas daí ela tinha 16 anos e acharam que não podia, aí puseram a irmã dela que também tinha a 8ª série, porém era casada, com filhos já, era mais difícil para exercer esta função de professora, mas mesmo assim ela aceitou e hoje e aposentada como professora federal, ensinou vários anos na linha, depois eu mesmo aqui em Rolim de Moura mexi os pauzinhos e coisas e tals e consegui a transferência dela para a cidade, lecionou diversos anos aqui, depois concluiu a faculdade de pedagogia também, mas era assim que se apresentava o professor, ele era caçado a laço, quem estivesse na vez, neste caso específico se encontrou uma pessoa com 8ª serie mas em muitos lugares só tinha a quarta série e também era professor depois que veio aqueles programas de qualificação de professores, teve a capacitação para o segundo grau, que era o magistério, depois o PROHACAP para obtenção de nível superior. E com todo este apoio teve gente que se aposentou e não fez nenhum dos dois e ficou ali como professor (risos) e aquilo que eu te falo você crítica, mas você não estava lá

> quando foi feito né! De repente foi à única forma que se encontrou para se fazer. (BALDO, 2016).

Em consonância com a fala de Ana Cizmoski, Baldo (2016) através das pessoas, que hoje e sua esposa e sua cunhada detalha parte da trilha da educação em Rondônia. O mesmo menciona desde a infraestrutura da escola, a qualidade do professor e os artifícios pela qual se dava a contratação do mesmo. Adi Baldo faz referência ao PROHACAP, (Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos), instituído no ano de 1999; programa da Universidade Federal de Rondônia em convênio com a Secretária de Educação de Estado de Rondônia e Fundação RIOMAR, as quais foram responsáveis por levar o ensino superior a muitos dos primeiros profissionais em educação em Rondônia, deixando-os assim habilitados para atender as diretrizes da nova LDB Lei 9394/96 e da Lei 9224/96 FUNDEF e assim prosseguir em suas atividades educacionais por todo o estado de Rondônia. (BORGES, 2011).

Outro aspecto que pode ser colocado como ausência (negligência) do estado e quanto a falta de assistências técnicas aos migrantes que de início usaram de mesmas técnicas, hábitos e práticas de plantio e cultivo dos estados dos quais vieram, práticas por vezes incompatíveis ao clima amazônico.

> [...] a gente não conhecia café conilon, plantei mais catuái, se eu estivesse plantado mais conilon aí que eu tinha acertado, porque a região aqui não é de você plantar café de você ruar, que ele madura e cai, porque era difícil você varrer, nascia muito, eu levei prejuízo, mas a gente não conhecia fiz aqui da mesma forma que fazia no Paraná. (MARQUES, 2016).

Marques (2016) acrescenta que pelo desconhecimento do clima amazônico, o café plantado a princípio em Rolim de Moura e região, foi o café do tipo catuái, (café de bebida fina); entretanto, as práticas de cultivo que os migrantes utilizavam nos estados dos quais vieram surtiram pouco resultado em solos rondonienses, principalmente no tocante a colheita do café catuái, que consiste em derrubar os grãos ao chão realizando assim parte do processo de secagem, para posteriormente este café ser recolhido, peneirado as impurezas e levado a um espaço (terreirão), geralmente feito de concreto para conclusão do processo de secagem. Todavia, as grandes quantidades de chuvas do inverno amazônico fazem com que os grãos derrubados ao chão entrem em acelerado processo de germinação, acarretando percas ao agricultor. Diante desta constatação vivenciada na prática pelos migrantes, o café do tipo catuái foi sendo substituído pelo café tipo conilon, café em que a derrubada dos grãos (colheita) e feita sobre um pano que forra o chão e assim imediatamente este café é levado ao terreirão onde é feito todo processo de secagem evitando percas ao agricultor provocado pelas chuvas.

Ainda quanto à acomodação dos migrantes em Rondônia, o entrevistado Uberto Selhorst relata que o estado foi ausente.

> [...] a única intenção do estado tinha era que a população colonizasse era só ocupar pra dizer que o estado estava sendo ocupado, por que a ação do estado na sociedade era precário era decepcionante, e se analisarmos hoje, naquela época não pôr a gente não tinha visão de política e economia mais hoje quando vemos o que o estado tem que oferecer pro cidadão pra mim foi precário, também pelo fato de que o povo brasileiro em si já estava contaminado na época, então você via no INCRA coisas que acontecia que não cabia acontecer mais simplesmente pelo fato do toma lá dá cá, se você tivesse dinheiro e tivesse a capacidade, a visão e a coragem que teve certas pessoas, você tinha conseguido mais terra na época, por que vinha o governo e distribuía 1 lote por CPF, mais se você ajeitasse os cara lá do INCRA você, não na hora, mais com o passar do tempo você já conseguia outra propriedade, tanto que aconteceu na região de Rolim de moura, lotes foram distribuídos ai ficava um lote no meio na linha sem ninguém aí passava um tempo aparecia um dono pra aquilo, por que? Já era deixado de propósito para ser negociado aquela propriedade, então a má fé dentro da administração pública, não é de hoje é antiga, então é uma doença que a sociedade hoje vai ter que sentar e refletir que lá vai ter que assumir que precisar ser eliminado é uma doença crônica, num pais com tanta condição de fazer o cidadão viver uma vida melhor do que está vivendo hoje. (SELHORST, 2016).

Uberto Selhorst julga que o tempo o possibilitou adquirir uma consciência política e econômica que quando chegou a Rondônia não possuía, utilizando da consciência adquirida e sabedor dos deveres do estado para com o cidadão, Selhorst narra que o estado foi muito ausente para com os migrantes, a ele, o principal objetivo do estado era somente atrair migrantes para ocupar o estado. O entrevistado relata casos de corrupção na esfera pública, no caso, no INCRA, onde lotes eram distribuídos mediante a uma paga.

Ainda quanto ao INCRA, Rodrigues Barbosa (2017) interpreta que “o INCRA funcionava como um Estado dentro do Estado”. (p. 192).

> Uma instituição criada pelo Governo Militar e que tinha nos altos cargos homens que saíram das fileiras do Exército Brasileiro. Esses homens colocavam em prática seus projetos pessoais. Quando alguns colonos relatam as dificuldades para conseguir um lote, outros relatam as facilidades que tiveram; parece que o processo seletivo, a tal seleção do INCRA, era um tribunal de julgamento. As políticas de distribuições de terra idealizada para Estado de Rondônia beneficiavam os grandes grupos de capitais econômicos e médios empresários. Por outro lado, desconhecia tais políticas não consideravam as ocupações anteriores a colonização. Populações nativas, as populações ribeirinhas, o homem pobre. (RODRIGUES BARBOSA, 2017, p. 192).

Neste contexto, condizente as atuações do INCRA, Adi Baldo relata:

> Eu tenho informações que agentes do INCRA tinha uma ordem expressa para atender as pessoas e como servidor público a obrigação e está, mas daí tem histórias que eles pegavam assim uma linha, por exemplo, e o povo ia acompanhando e também não tinha muitas chances de eles fazer muita bandalheira não porque a fila estava junto ou quando não estava na frente né! Mas aqui acolá eles deixavam um lote, este aqui é do sicrano, colocava lá o nome do cara, mas este fulano não existia, depois aparecia alguém “ah eu vou ver se te arrumo” então ele assentava alguém que precisava mais aí já era mediante uma paga, uma propina, isto teve muito, quem eu não posso falar, eu não sei, mas a gente sabe que houve, mas isso dentro deste Brasil

> corrupto a gente dizer que não existiu é mentira. Então existia sim, mas não e por isso que deve ser julgada a atuação do INCRA. (BALDO, 2016).

As falas de Selhorst (2016) e Baldo (2016) revela uma situação de corrupção que ocorria no processo de distribuição de terras em Rondônia, evidenciando que a corrupção na esfera pública infelizmente ocorre há muitos anos atrás intensificando desigualdades sociais e prejuízos econômicos, sobretudo, aos brasileiros mais pobres. Baldo, entretanto, faz uma ressalva que embora tenham existido situações de corrupções dentro do INCRA no processo de distribuição de terras em Rondônia, as atuações positivas do INCRA com os migrantes foram muito maiores, assim não se deve julgar as ações do INCRA somente por atos ilícitos realizados por um ou outro dos seus servidores.

O estado foi presente ou ausente na colonização de Rondônia? Esta pergunta abre espaço para variadas abordagens e versões em qualquer pesquisa que possuir como objeto o processo migratório para a Amazônia. A presente pesquisa apesar de expor elementos pertinentes às ações ou não do estado, não tem como objetivo geral aprofundar sobre, sim interpretar a partir das memórias de migrantes os encontros e desencontros na luta pela terra, interpretar memórias a respeito das esperanças e sonhos que a nova espacialidade trazia.

As memórias aqui utilizadas não expressa na sua inteireza todo o processo migratório de Rondônia e de Rolim de Moura nas décadas de 1970 e 1980, mas possibilita a partir delas interpretar este que foi um “mundo do novo”, dos desafios e dos sonhos de um futuro melhor, “vendidos” pelo Estado brasileiro e “comprado”, consumido por pessoas de diversos lugares do país, que viram na migração para Rondônia, a oportunidade de construir o seu lugar, ter seu tão sonhado “quinhão de terra”.

CAPÍTULO II

2 RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES ENTRE MIGRANTES EM ROLIM DE MOURA- RO (1979-1989)

2.1 História oral: Migrantes de Rolim de Moura

Um dos conceitos-chave desta pesquisa é a memória, portanto, ao tratar de narrativas de migrantes (sujeitos da referida pesquisa) a História oral se constituirá em importante método de coleta e registro desses relatos, entendidos no presente trabalho como fontes orais.

Dessa maneira, cabe tecer nesta pesquisa algumas considerações a respeito do uso da oralidade como fonte ainda fomenta no meio acadêmico. Ainda nos dias atuais, segundo Sônia Freitas (2002), é comum a existência de pesquisadores em História que elegem como único registro válido para extrair informações, aquele que é dado como "documento escrito", relegando a história oral à categoria de "baixo valor histórico", ou sem valor algum.

Estes pesquisadores argumentam que os relatos colhidos por meio da história oral "representariam um testemunho subjetivo, falível e cuja fidedignidade estaria comprometida pelas notícias tendenciosas, mentiras e calúnias que poderiam apresentar" (FREITAS, 2002 p. 20). Esse modo de pensar deriva da tradição historiográfica que se estabeleceu a partir do século XIX, que pretendia usar como fonte apenas dados neutros, dotados de objetividade.

> Se pouca credibilidade era dada aos depoimentos escritos, os orais foram praticamente ignorados. Neles se acentuariam aqueles aspectos negativos atribuídos a esse tipo de fonte, acrescidos da parca confiabilidade que a palavra falada assumia, numa sociedade solidamente estabelecida sobre a escrita, e das dificuldades de preservação e divulgação, inerentes às fontes orais (FREITAS, 2002 p. 20).

Porém, ao longo do século XX esta concepção sofreu transformações e adquire um novo status. O modo de fazer pesquisa em História teve seu horizonte estendido, e as concepções dos historiógrafos do século XIX não possuem o peso de outrora, uma vez que, toda produção de conhecimento histórico e pautada na utilização e análise de fontes históricas em que fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis. (FREITAS, 2002, p. 25).

Para Edward Thompson a História Oral é tão antiga quanto a própria História, podendo ter sido a primeira forma de História. Sabe-se que os principais historiógrafos basearam suas obras em relatos que ouviram: "Heródoto ouviu testemunhos de seu tempo, Michelet colheu depoimentos dos que vivenciaram a Revolução Francesa, Oscar Lewis, sobre

a Revolução Mexicana, Ronald Fraser, sobre a guerra civil espanhola" (THOMPSON 1972 apud FREITAS, 2002, p. 12).

Objetivamente falando, o método da História Oral resume-se na realização de depoimentos orais norteados por entrevista registrada em gravador. O conteúdo gravado posteriormente poderá ser transcrito. Este método passou a ser utilizado como atividade organizada em 1948, nos EUA, sendo que seu *boom* se deu no final dos anos 60 e início dos 70. As primeiras experiências com História Oral no Brasil se deram por volta do início da década 70, mais especificamente no Museu da Imagem e do Som (FREITAS, 2002).

> A História Oral está hoje consolidada em diversos países além dos EUA: Grã Bretanha, Itália, Alemanha, Canadá, França, Espanha, entre outros. Faz parte do currículo escolar nos diferentes níveis de aprendizado. E cursos sobre o método e teoria são oferecidos regularmente até por universidades tidas por "conservadoras", como a Columbia e a Oxford (FREITAS, 2002, p. 13).

Depois de feitas as gravações, é comum que se transcreva o seu conteúdo. Desse modo, converte-se o discurso oral em discurso escrito. Para garantir a fidedignidade das informações, o pesquisador precisa ser fiel aos ditos, conservando frases e enunciados incompletos e também indicar os momentos em que houve silêncio. (MENEGOLO; CARDOSO; MENEGOLO, 2006, p. 6).

A entrevista é um dos meios de se ter acesso aos acontecimentos que compõem um contexto histórico perguntando diretamente aos seus protagonistas.

> Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes condições socioeconômicas e culturais, estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão. (FREITAS, 2002, p. 62).

A presente pesquisa utiliza de treze entrevistas, sendo quatro realizadas no ano de 2014, quando em um trabalho monográfico abordava temática semelhante e as demais nove entrevistas com elementos e questionamentos novos foram realizadas no ano de 2016. Todas as treze entrevistas estão gravadas e digitalizadas e dizem respeito a migrantes que chegaram a espacialidade Rolim de Moura ao fim da década de 1970 e início da década de 1980.

Estes migrantes atuaram e atuam em Rolim de Moura em áreas como: agricultura, educação, comércio, justiça e funcionalismo público em repartições administrativas. Três destes entraram ao quadro do funcionalismo público pouco meses após desembarcarem em Rolim de Moura, quando por tamanha necessidade de mão-de-obra para colocar a "missão" desenvolvimentista dos governos civis-militares não se exigia concurso público. Atualmente, alguns destes já se encontram aposentados e por consequência dispõe de um tempo maior, o

que me facilitou na pesquisa, uma vez que a entrevista se dá no tempo e disposição do entrevistado.

Se em alguns casos tive facilidade de realizar as entrevistas, em outros, encontrei algumas dificuldades, como por exemplo de não encontrar o entrevistado em casa ou então de encontrar, mas o mesmo estar ocupado, sendo necessário remarcar a entrevista até por mais de duas vezes. Houve casos em que o entrevistado não dispunha de tempo um tempo maior para a entrevista, assim respondendo com frases curtas e com menor riqueza de detalhes. Uma das entrevistas foi colhida no dia 30 de julho de 2016, dia em que teve um evento que contou com a participação de diversos cacaieiros de Rolim de Moura. Este é um evento promovido pela Secretária Municipal de Educação e Cultura de Rolim de Moura e que costumeiramente acontece próximo ao aniversário da cidade, 05 de agosto. O evento consiste na representação de cenas vivenciadas pelos cacaieiros, como muitos migrantes gostam de ser chamados. Dentre estas cenas destaca-se as longas caminhadas pelas "picadas" de mata fechada com cacaios nas costas.

As entrevistas foram norteadas por um questionário/roteiro, esta perspectiva semiestruturada não fecha totalmente a possibilidade de resposta e interação entre o entrevistador e o entrevistado e ao mesmo tempo, possibilita que o entrevistador tenha certa margem de manobra para direcionar os relatos ao foco da problemática que busca desenvolver.

O uso da História oral como metodologia de pesquisa foi importantíssimo para o alcance dos objetivos que a problemática buscou interpretar, as entrevistas deram um desafio especial as temáticas estudadas, deixando o texto com uma linguagem fluida e de fácil leitura. O único aspecto das entrevistas que não contemplou de forma satisfatória, foi a questão da identidade rolimourense discutida no terceiro capítulo, atribuo está dificuldade por parte dos migrantes de relatar quanto a identidade de Rolim de Moura por duas questões, a primeira, pela forma que o entrevistador interrogou e dirigiu o questionamento aos entrevistados, pois as questões podem não ter sido entendidas em sua inteireza pelos mesmos, a segunda, pela hipótese de Rolim de Moura ter sua identidade em formação ou até mesmo já pronta, no entanto fluida, mutável, assim difícil de atribuir um único significado.

As poucas menções extraídas nas entrevistas sobre a identidade rolimourense não ocorre pelo fato da pesquisa ter como método a História Oral, até porque em fontes escritas esta também ainda é um campo de estudo a escrever, são incipientes as pesquisas sobre, o que leva esta pesquisa a abrir portas para a temática em questão.

Apesar das dificuldades mencionadas na pesquisa julgamos que a mesma, tem sua relevância acadêmica por contribuir com os estudos sobre a migração interna no Brasil, enquanto que no campo social a mesma da visibilidade aos sujeitos e personagens da história local, alguns destes sujeitos o pesquisador como um filho de Rolim de Moura ainda criança já os ouvia narrar suas experiências enquanto migrante de Rolim de Moura.

2.2 Conceito e elementos de sociabilidades entre os migrantes em Rolim de Moura (1979-1989)

Um dos modos de procurar entender a complexidade imbuída na sociedade é observarmos as relações de sociabilidade que nela são ensejadas. Os meios de sociabilidades atuam construindo redes que conectam as pessoas de formas múltiplas e sutis, tendo a vida em sociedade, a construção de consensos e a resolução - ou não -, de determinados conflitos como parte desse processo. Contudo, as relações sociais não são meramente "tijolos" que compõem a sociedade; elas também contribuem para a construção de identidades tanto de indivíduos quanto de grupos que compõem o complexo tecido a que chamamos de sociedade; indivíduo e sociedade se afetam de variadas e não-óbvias formas. (CUNHA, 2014).

A malha tecida em sociedade de modo algum é imutável; ela metamorfoseia-se incessantemente, tal como as dunas das areias de um deserto. Sem exagero, poderíamos comparar a sociedade com um órgão e a sociabilidade com o modo como ele funciona; os papéis sociais e suas funções, as relações de poder e suas implicações, as práticas sociais e suas sutilezas, tudo parece ocorrer por meio de relações de dependência em uma sociedade em constante mutação (ELIAS, 1994).

> [...] seja lá qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com o de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda esta rede humana móvel. (ELIAS, 1994, p. 48).

Desse modo, fica claro também ser inadequada ou pouco produtiva a dicotomia ou separação entre o indivíduo e a sociedade. Nesse sentido, em acordo com Norbert Elias defendemos que indivíduos e sociedade estão irremediavelmente integrados constituindo o conceito de *configuração* elaborado por Elias.

Relações sociais e indivíduos são entendidos como estando dentro de uma *configuração* um todo que não pode ser apreendido pela separação de suas partes. A ideia de Configuração busca descrever a dinâmica do real sem segregações ou dicotomias. (ELIAS,

1994). Não se pode, segundo Elias, entender o todo ao segregá-lo em suas partes, pois sozinhos os indivíduos não constroem relações sociais; deve-se analisar a *configuração*, a relação estabelecida entre os indivíduos. (CUNHA, 2014).

O conceito de configuração de Elias aplica-se tanto a pequenos grupos como para a sociedade inteira. Na presente pesquisa contribui na análise das relações construídas entre os sujeitos que migraram para Rolim de Moura - RO, migrantes de diversas regiões do país que nesta espacialidade deram guarida a novas sociabilidades.

Nessa relação de recíproca dependência entre indivíduo e sociedade, os meios de sociabilidades firmam-se como elementos que nos permitem compreender o jogo de aproximação e distanciamentos entre um e outro, de forma a se perceber como os sujeitos constroem redes de pertencimento e identidade.

Assim como a memória, as redes de relações sociais não são eternas; elas duram enquanto durar determinadas condições. Existem, desse modo, condições mantenedoras das relações de sociabilidade. Se determinadas situações mudarem, várias relações de sociabilidade podem esvanecer e outras se formarem. Esse é um processo que está atrelado à dinâmica, as circunstâncias vivenciadas, construídas entre os grupos sociais diversos.

Esta aproximação entre a construção de relações de sociabilidades e a memória é possível na presente pesquisa, haja vista o fato de ambas expressarem a individualidade dos sujeitos envolvidos na trama, a partir das experiências construídas frente as coletividades. Qual seja, é por meio das memórias publicizadas por esses sujeitos que mapeamos sociabilidades construídas nesse processo.

Neste, cabe ponderar as concepções de memória e história oral delineadas, visto que não as entendemos como “resgates fiéis de fatos do passado”, mas sim enquanto uma interpretação ou (re) elaboração dos mesmos (FREITAS, 2002). Michael Pollak define a memória nos termos seguintes:

> A *priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201).

Contudo, seria precipitado afirmar categoricamente que a memória é um fenômeno essencialmente mutante. A narração, por mais que seja um processo de reconstrução de fatos, também apresenta elementos fixos, identificados ao longo de relatos (POLLAK, 1992). Conceber estes elementos invariantes é tão importante quanto entender “o processo mutável da memória”:

> Se destacarmos esta característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quando coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 201).

Estes marcos ou pontos invariantes destacados por Michael Pollack produz aquilo que denominamos de "enquadramento da memória" e possibilitam ao indivíduo a construção de referências, da chamada identidade social.

> O trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. Eu poderia dizer que, em certo sentido, uma história social da história seria a análise desse trabalho de enquadramento da memória. Tal análise pode ser feita em organizações políticas, sindicais, na Igreja, enfim, em tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social. (POLLAK, 1992, p. 206).

A presente pesquisa ao partir dos pontos fixos da memória dos migrantes de Rolim de Moura frente as relações de sociabilidades ensejadas pelos mesmos usa da memória coletiva, esta que para Halbwachs (2003) é como uma formula mágica de recompor e interpretar o passado.

Como ponderou Sônia Freitas (2002), a busca por elementos coletivos nessas narrativas tem especial importância, visto que deste modo seu valor como fonte histórica torna-se mais relevante. Portanto, para o específico objeto desta pesquisa, é sobre a memória coletiva que recai o interesse deste historiador/pesquisador entendendo que memória e História estão intrincadas uma na outra criando relações de apropriações entre uma e outra, visto que "História é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão. Elas não se distinguem. A história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras" (FREITAS, 2002 p. 35).

> Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso. (HALBWACHS, 2003, p.31).

Halbwachs (2003) acrescenta que:

> Para que nossa a memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2003, p .39).

Como percebido, a memória coletiva caracteriza-se pela repetição de certos fatos, fatos estes que Michael Pollak (1992) classifica de marcos ou pontos (referência) fixos de

memória. Neste interim, a memória coletiva é o resultado das experiências das pessoas que compõem determinado grupo, as quais, a partir destas experiências, constroem suas identidades. Portanto, “a história oral é sempre social. Social, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária”. (MEIHY, 2013, p. 27-28).

Maurice Halbwachs na obra *A memória coletiva* (1990) destaca um elemento significativo e inerente ao ato de memorar: a coletividade, a experiência e convivência em grupo. Assim, por mais individuais que sejam as memórias elas também são necessariamente coletivas, uma vez que expressam por meio dos indivíduos que memoram experiências vividas em grupos sociais nos quais estão inseridos (sindicatos, partidos, família, religião, escola, profissão, equipes esportivas, entre tantos outros), sendo, portanto, coletivas.

Esta relação de dependência e interação do indivíduo com a sociedade se adequa ao conceito de configuração proposto por Nobert Elias (1994) tratado anteriormente, conceito na quais indivíduos e sociedade estão irremediavelmente integrados e não se pode entender o todo ao segregá-lo em suas partes, pois sozinhos os indivíduos não constroem relações sociais; deve-se analisar a configuração, a relação estabelecida entre os indivíduos.

2.2 Ambientes de sociabilidades

Neste ínterim, entre o indivíduo e o coletivo, podemos observar a partir dos relatos colhidos no decorrer da pesquisa que os ambientes religiosos e os esportivos, sobretudo, o futebolístico aparecem em destaque quanto ao processo de socialização dos migrantes de Rolim de Moura nas décadas de 1970 e 1980.

Quanto aos ambientes de sociabilidades o entrevistado Uberto Selhorst relata que na localidade rural em que vive desde que chegou a Rolim de Moura, a comunidade católica surgiu antes mesmo que o próprio campo de futebol: “A princípio, os primeiros contatos eram diretos nas casas! Para se conhecer, era direto. Depois passou para a questão comunitária, que... aí começou a se construir igrejas e também junto veio justamente à questão do futebol”. (SELHORST, 2014).

Convém ressaltar que muitas destas sociabilidades vivenciadas em Rolim de Moura tenha ocorrido antes mesmo que nas próprias casas de migrantes e na comunidade religiosa, como observado em outros relatos muitos dos migrantes já se conheciam “conhecidos” antes de chegar a Rondônia o que facilita a convivência além que muitos se conheceram nas

“picadas” ou no pátio do INCRA na luta pelo mesmo sonho, um pedaço de terra.

Ana Cizmoski (2016) relata que os primeiros encontros das famílias na comunidade onde vivia se dava nas casas, “As famílias ali existentes começaram a rezar uma vez por semana o terço”. A mesma ainda afirma que na época não havia em Rondônia o alto número de evangélicos como atualmente, proporcionalmente configurando o estado como um dos com maiores números de evangélicos da federação “nessa época quase não tinha evangélico”. Diante disto e possível perceber que muitos dos eventos de sociabilidade dos migrantes de Rolim de Moura, no recorte temporal estudado, em geral, ocorreram nos meandros da Igreja Católica ou em volta da mesma, geograficamente falando.

> Foram bons tempos de socialização após as celebrações [culto dominical, característico da igreja católica], ficávamos conversando, dando boas gargalhadas, fazíamos bolos, tortas, doces para sorteios em bingos; quem ganhava normalmente já repartia entre os participantes. Os que gostavam de futebol ficavam brincando em um campinho do lado da igreja. (CIZMOSKI, 2016).

Embora Cizmoski (2016) relate que no período em tela na sua comunidade rural não havia tantos evangélicos como no presente, não se pode negar a existência destes não católicos em Rondônia, tanto que atualmente este estado amazônico e dentre os da federação, o com proporcionalmente ao número de habitantes o de maior população evangélica, assim convém pensarmos que elementos de sociabilidades como a reza (o terço) e os jogos possivelmente eram ocupados pelos cultos.

No mesmo sentido de Cizmoski, Nelson Marques (2016) em um relato um quanto nostálgico evoca as relações de sociabilidades, principalmente no tocante as festas em que ocorria na comunidade católica, em que ajudou a criar e é participe junto com sua família até os dias atuais.

> Na igreja quando começamos, havia festa, um doava criação, era feito leilão, eu gritei muito leilão naquela igreja graças a Deus, se eu estivesse gravado para mostrar para as pessoas acreditar; porque até na verdade eu fico assim, aborrecido, pensando o quanto mudou o sistema das pessoas aqui nesta comunidade, na época eu gritava leilão, você brincava. Teve uma festa ali levaram uma mandiocona assim deste tamanho [raiz de mandioca maior que 1 metro de cumprimento, segundo informa] aí um falava assim eu dou tanto para fulano levar mandioca, outro, eu dou tanto, ninguém achava ruim, no fim a mandioca deu foi muito dinheiro. Hoje se você sair com uma brincadeira desta os caras já escamam contigo, então as coisas mudaram muito. [...] A gente ajudou, naquele tempo rolava uma cerveja danada em festa de igreja, dificilmente saia alguma confusão. Hoje corre o risco de sair uma confusão mais perigosa que naquela época, mas no começo usava fazer festas na igreja com bebidas [bebidas alcoólicas], depois foram criadas outras formas de manter a igreja, como dízimo, aí parou com este tipo de festas. (MARQUES, 2016).

Como percebido, as lembranças dos tempos idos, relatadas pelos migrantes são boas, festivas, no que se refere às relações de sociabilidades. A fala de Marques elenca desde

doações para consolidação da comunidade católica local, bem certa inocência, desapego material e ausência de sentimentos de raiva, malícias ou ressentimentos frente a determinadas brincadeiras entre os migrantes que segundo ele, hoje seriam entendidas de outra maneira, seriam recebidas com outras chaves de leitura/escuta, com possivelmente potencial de ofender ou incomodar parte dos presentes. Ao menos é o que deseja fazer crer o relato sobre o pouco número de desentendimentos (confusões), ou até mesmo ausência destas nos eventos de sociabilidade, mesmo com alta presença de bebidas alcoólicas.

Ainda tocante à comunidade católica Baldo (2016) afirma que a Igreja Católica de Rolim de Moura frequentemente realizava festas com presença de grande público. "A igreja católica tinha suas festas religiosas que chamava o público em geral para participação, o famoso churrasco e cerveja e brindes, bolos e coisas e tal, [bingos] na igreja católica sempre ocorreu muito isso". Este ambiente festivo proporcionado pela comunidade católica de Rolim de Moura configurou-se, conforme se observa dessas e de outras falas, em elemento de sociabilidade entre os migrantes. As referidas festas promovidas pela igreja católica, a princípio, foram realizadas para arrecadar fundos monetários e utilizá-los nas ampliações de suas instalações físicas, manutenção de suas atividades religiosas na cidade e outros fins.

Ainda em relação aos contatos entre migrantes, a entrevistada Maria Aparecida Silva, afirma: "E tudo começou com a comunidade". "Os mesmos membros da comunidade, os fundadores, também sentiram a necessidade de criar algo que levasse os moradores que estavam chegando aqui a ter algum lazer". Seguindo neste contexto José Carlos Silva, atesta:

> Bem, como nós chegamos aqui em 79 [1979], vindos de diversas regiões, nós começamos a trabalhar em comunidade, né! Mas tarde viemos formar um campo de futebol, com a chegada de muita gente, formamos uma comunidade. [...] Primeiro, os moradores... nós conhecíamos na estrada, quando pegamos o cartão do INCRA, né! Então aí [se] formavam os grupos pra poder vim abrir o lote; E depois, na [ação] seguinte, mudamos pra cá, e aí começamos a se reunir nas casas, até vim formar uma igreja, uma comunidade! Então aí nós participávamos desse jeito. (SILVA B, 2014).

É constante nos relatos dos migrantes a menção as "poucas" opções de lazer, assim por eles caracterizados, restringindo-se assim os eventos de sociabilidade basicamente às idas as comunidades religiosas e as práticas esportivas, sobretudo, futebolística.

> Momentos de lazer quase não tinha que era só mato, picada, quando era derrubada, mais tinha assim quando surgiu as primeiras capelas, as igrejas tinham um bailinho, uma coisa, um campinho de futebol 30x30 pra jogar 22 pessoas ali dentro, então era essa a brincadeira, mais valia a pena. (LOPES, 2016).

Contribuindo com a fala acima Gomes (2016) complementa:

> Na época quando a gente chegou aqui não tinha muita diversão. A diversão que tinha era caçar, jogar futebol, ir à igreja aos domingos, era as coisas que tinha. Fim

> de semana um bailinho na casa de amigos, reunia um povinho lá, armava um barraquinho de lona lá. – ah! vai ter um forrózinho lá na casa de senhor fulano; tinha um colega da gente que tinha sanfona, outro que tinha pandeiro, um violãozinho, isto foi um pouco depois, mais logo no começo era a chamada "radiola" ou "toca discos": colocava o disco de forró, era na pilha ainda, fazia aquela vaquinha, todo mundo ajudava a comprar uma caixa de pilhas, se eu não me engano eram 24 pilhas, 6 na radiola, aí botava lá é o forró cortava a noite toda. (GOMES, 2016).

Em consonância a fala acima Silva (2016) atesta:

> O lazer que a gente tinha, era uma caçadinha [caça] assim que chegamos, depois tinha a comunidade, se reunia para rezar o culto, a noite saia para a casa de um vizinho, de outro, era este o lazer que tínhamos. Depois teve o futebol também. Começou [isto, na espacialidade da linha 164 sul (estrada rural do munícipio de Rolim de Moura)] em 1980, quando meu irmão veio de Campinas – SP, nós éramos acostumados a jogar bola e formamos um campinho na terra do Sr. João Selhorst [vizinho] ali começamos a brincar, fazia o time de lá, contra a turma aqui de baixo [início da linha] da turma dos paranaenses, depois se reunimos e formamos o time em que jogamos por mais de trinta anos, naquele lugar ali. No começo [quando iniciou o clube amador local] era difícil, não tinha carro nem estrada, nós íamos jogar de a pé, bicicleta, cavalo, era assim que nós se divertia (risos). (SILVA, 2016).

A atribuição feita pelos migrantes, sobretudo, ao futebol como uma das poucas práticas de lazer e diversão dos migrantes pode ser atribuída porque o futebol é um esporte universal e barato, não exige uma construção complexa para se jogar, este é pode ser praticado na rua, nos campos sem grama, de pés descalços, não necessariamente exigindo tanto dinheiro para sua manutenção.

Além dos ambientes naturais como a mata para caçar, Silva (2016) acrescenta outros ambientes de sociabilidade proporcionados pela vida em sociedade.

> Era igreja, o futebol, os encontros nas casas, muita amizade né! Todo mundo era na mesma situação só tinha aquilo lá mesmo, não tinha televisão, não tinha energia, não tinha nada a mais para distrair, era só aquilo mesmo. (SILVA, 2016).

Enquanto pesquisador convém ressaltar além das ocorrências das sociabilidades indicadas a realidade dos migrantes não era só este "mundo cor de rosa" apresentado nos relatos quanto às sociabilidades. Como já tratado no capítulo anterior, Rondônia e toda a Amazônia vivia uma situação de fronteira, disputas e desentendimentos, sobretudo, pela posse de terras com "gentes armadas até os dentes"; o medo/receio não era somente de cobras e onças. A lei do mais forte/valente ou mais violento (terra de ninguém) não era raridade até porque não havia por aqui ainda instituições que oferecesse amparo legal e eficaz a estas necessidades.

Esta ausência dos conflitos ocorridos é natural, pois processo de publicização de memórias é marcado também por não ditos, por esquecimentos e silenciamentos. Convém lembrar que o silêncio para Pollack (1992) se expressa em determinadas situações

(acontecimentos) nas quais o indivíduo por questões inerentes a sua trajetória pessoal ou por colocar em "risco" a coerência de determinadas representações construídas por seu grupo de referência, acabam silenciando a respeito de algumas experiências, vindo a revelá-las somente em uma possível crise, seja pessoal (emocional) social, política ou econômica.

Para Pollack [..] "Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos" [...]. Nos relatos apresentados pelos migrantes que entrevistamos, os conflitos, caso tenham ocorrido, parecem ter sido plasmados, silenciados ou esquecidos nesse processo, ao mesmo tempo que revelam o momento atual da comunidade, posto que essas memórias mais do que indicar ou localizar um passado, expressam vivências e experiências contemporâneas, é o olhar de hoje lançado sobre um tempo que a própria memória já não dá conta de expressá-la em sua inteireza. São memórias sobrepostas, somadas, misturadas entre várias temporalidades, sentimentos e experiências. Daí advém sua riqueza e complexidade.

Ainda no tocante as "poucas" opções de lazer e interação entre migrantes, Selhorst (2016) relata o cenário que vivenciou em sua comunidade rural em Rolim de Moura.

> A única atividade de lazer que nós tínhamos era ouvir o jogo do campeonato brasileiro pela rádio nacional de Brasília aos domingos, ou ir para campo do futebol quando começou a ter os campos que não foi logo no princípio, no princípio mesmo era visitas nas casas das famílias pra conversar, ou quando tinha terço, ou quando começou a ter as festas de casamento, aí quando começou a ter os bailinhos, uma coisa. (SELHORST, 2016).

Selhorst (2016) acrescenta:

> Os ambientes de lazer eram nas casas e na comunidade [católica] quando se criou a igreja, a primeira igreja foi feita aqui na frente do sítio que era tudo palmito na época, aí depois passou lá pro seu Narciso [vizinho] por volta de 1981/1982, então esses ambientes era o que nós tínhamos a igreja, ou casa da família pra rezar o terço, ou um casamento, aniversário aí chamava a gente lá pra tomar um suco, quente, porque naquela época ainda não tinha energia elétrica. (SELHORST, 2016).

Tanto Selhorst (2016) quanto Silva (2016) apresentam situações que ocorriam na zona rural de Rolim de Moura, atribuindo parte das "reduzidas" opções de lazer a falta de energia elétrica. Contudo, esta situação não era peculiaridade da zona rural. O professor Rodnei A. Paes, que chegou a Rolim de Moura em 1984 e sempre residiu no perímetro urbano rolimourense, afirma que mesmo na zona urbana eram restritas as opções de lazer, bem como eram constantes as quedas de energia elétrica, aliás, não se tinham energia elétrica integralmente durante o dia.

> [...] O grande o entretenimento que tinha aqui, era o futebol, o esporte, porque você não tinha muita opção, a televisão era da 6h da tarde [18:00h] a meia noite [00:00h] que tinha energia, porque você não tinha opção durante o dia porque não tinha

> energia, só quem tinha o motor estacionário, eram poucas pessoas que tinham condições de ter o motor estacionário na sua própria casa, a noite quando chegava a energia você ligava a televisão até meia noite [00:00h] tinha energia, quando tinha, as vezes o motor dava problema, cansei de assistir filme até a quinta parte, na sexta eu nunca ficava sabendo "quem matou quem",[fim do filme] porque não dava tempo. (PAES, 2016).

Percebe-se que neste momento a cidade de Rolim de Moura ainda não possuía uma rede de energia elétrica gerada pelas forças de turbinas de uma hidrelétrica, e sim através de motores estacionários movidos a óleo diesel, está ausência de eletricidade na época não era somente peculiaridade de Rolim de Moura, pois muitos destes migrantes já vivenciavam situação semelhante nas regiões que residiam antes de chegar a Rondônia.

A aquisição de um motor estacionário exigia deste migrante um poder aquisitivo maior, portanto, a escuridão na noite rolimourense predominava.

A aquisição de um motor estacionário por um migrante proporcionava melhor qualidade de vida e bem-estar não somente a sua família específica, como também criava redes de sociabilidade, interação e lazer entre os vizinhos mais próximos.

> Eu sempre fui um cara que gostei de diversão, em 1986 eu fiz esta casa aqui, comprei um motor estacionário 18 HP um girador 12 KWA aí eu tinha energia aqui, fazia um forrózinho dentro da minha casa, convidava os vizinhos, nós dançávamos aqui dentro desta sala, foram várias vezes, era na base da radiola, quando não era aqui, era na casa do compadre Paulo. (N)aquele tempo não era compadre, nós éramos vizinhos, nós gostávamos mesmo, era forró mesmo, xote aquelas músicas mais antigas, até porque a radiola era daquele disco grande [vinil] que tocava tanto a pilha quanto na energia. (MARQUES, 2016).

Os relatos, seja do Marques (2016), seja do Gomes (2016), este último citado na página anterior, apresentam o ritmo musical, forró, como predominante, seja através da radiola tocada à energia do motor estacionário, seja por meio de pilhas compradas pelos partícipes do baile, ou mesmo, pelo som de instrumentos musicais como sanfona, violão, pandeiros e outros tocados pelos próprios migrantes.

Dentre os ritmos musicais tocados nos bailes rolimourenses nos anos de 1970 e 1980 constatamos o forró, ritmo típico do nordeste brasileiro, seguido do xote, vanerão e a rancheira, ritmos desenvolvidos na região sul e trazidos a Rolim de Moura pelos migrantes sulistas, estes últimos que juntos dos migrantes vindos do sudeste, excepcionalmente capixabas, predominam a região da zona da mata de Rondônia.

> Na época no nosso setor mesmo, era mais o forró mesmo, era música nordestina, música de Luiz Gonzaga, outros artistas que eu não me recordo agora, mas eram músicas no estilo de forró. A música gauchesca apareceu já um pouquinho depois, quando apareceu outras pessoas que tinham aquele estilo de tocar lá do sul, aquela música tipo, vaneira, o xote, já passou a mudar o estilo de a gente dançar, porque antes a gente só sabia dançar o forró, depois passou a mudar o estilo para o xote, a

> vaneira, no estilo gaúcho, até porque na região mudaram lá um catarinense que viera do sul, comprou um terreno ali perto da gente, também gostava da festa, e sempre aos fins de semana a gente fazia as brincadeirinhas lá. Era muito legal, com isto a gente aprendia com eles, eles aprendiam com a gente, trocávamos uma experiência. (GOMES, 2016).

O relato de Gomes evidencia a troca de experiências culturais, modos de vida diferentes que se encontram e se complementam, formando novas relações de sociabilidades entre migrantes vindos das mais diversas regiões do país. Verifica-se que passados alguns poucos anos, estes migrantes se adaptaram a nova terra, já estabelecidos e com maior identificação com a espacialidade, criaram maior diversidade de opções de ambientes e de eventos nos quais ensejavam novas sociabilidades. Isto é perceptível através da fala de Paes (2016):

> Tinha as festas, aqui você tinha mis Rolim de Moura, tinha muitos bailes, interessante como tinha bailes praticamente todos os fins de semana, bailes com banda, muita música gaúcha, o CTG [Centro de Tradições Gaúchas] era muito forte, hoje tem um prédio bonito lá, mas não tem evento, não fazem nada, antes tinha bailes, tinha aquele cara, o "Ari Santos e os recampados" ele fazia baile aqui direto, como tinha muitos gaúchos. Eu mesmo quando cheguei aqui não conhecia nem o que era xote, rancheira e vanerão, e eu sempre gostei de dançar, na faculdade, na juventude era ligado a dança, eu tinha uma namorada nós fomos para o baile dançamos, dançamos, dançamos... teve o intervalo, aí quando começou a música de novo ela chegou e disse - Rodnei vamos dançar este xote? Mas espera aí, eu não sei o que é isto. Ela disse – Nós já dançamos antes. Aliás, eu não conhecia o ritmo! O que era o xote, o que era rancheira, o que era vanerão; entrei no ritmo porque eu sempre gostei de dançar, acho que levo jeito um pouquinho, mas quando ela falou vamos dançar este xote, eu disse o que é isto, ai que fui saber o que era xote, rancheira, vanerão, diferenciar os passes, conhecer a tradição gaúcha que era muito forte aqui, ela se perdeu muito com o tempo, aqui é uma região predominante de sulistas, principalmente de Vilhena até aqui, subindo [sentido Porto Velho] já muda bastante. (PAES, 2016).

Diante dos últimos relatos, verifica-se alguns ambientes e eventos que proporcionavam sociabilidades, interação e lazer entre os migrantes, uma troca cultural, hábitos, valores, costumes e comportamentos diferenciados que eram compartilhados entre migrantes, reapropriados por estes, abrindo uma via de dois sentidos à formação de projetos identitários para o rolimourense.

Ainda no tocante aos ritmos musicais presentes nas festividades rolimourenses, convém ressaltar que enquanto o vanerão é um ritmo musical propriamente sulista, o xote tanto se desenvolveu na região sul do país, quanto no nordeste, entretanto, em uma marcha mais rápida.

> O Vanerão é um tipo de dança típica do Rio Grande do Sul. Assim como a vanera e a vanerinha, tem origem alemã e se desenvolveu no Rio Grande do Sul. [...] De acordo com o andamento da música, têm-se as variantes vanerinha, para ritmo lento, vanera, para ritmo moderado, e vanerão, para ritmo mais rápido. Ao lado do xote, do bugio e do fandango, tornou-se uma das danças mais populares do Rio Grande do Sul e dos

> outros estados da região sul, Santa Catarina e Paraná, devido à migração de gaúchos para outras terras. Foi levada também a Mato Grosso do Sul pelos gaúchos que para lá partiram em busca de novas fronteiras agrícolas no século XX. Hoje podem-se encontrar grupos famosos responsáveis pelo ritmo na região centro-oeste. (ROGÉRIO, 2014).

Na dinâmica dos ritmos musicais ouvidos e dançados em Rolim de Moura nos anos de 1970 e 1980, observa-se que os hábitos culturais trazidos pelos migrantes sulistas exerciam forte influência local. Todavia, não se pode que afirmar de forma categórica que Rolim de Moura tenha sofrido plenamente forte influência sulista, sobretudo do Rio Grande do Sul, em seu cotidiano, pois "[...] aqui este tipo de coisa cultural gaúcha, ela aqui existe, aqui, Cacoal, Vilhena, Colorado [Colorado do Oeste], mas é fraca, não seja ser algo representativo na construção da sociedade, não dá para dizer que seja isto". (BALDO, 2016).

A presença do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) em Rolim de Moura, como descreveu PAES (2016), foi palco de diversos bailes, com estilos musicais predominantes do sul do país, sobretudo do Rio Grande do Sul. Paes se queixa que embora nos dias atuais o CTG de Rolim de Moura tenha uma boa estrutura física, estes bailes, com características gaúchas, já não ocorrem mais.

Fotografia 1 - CTG Sentinela da Fronteira de Rolim de Moura-RO

Fonte: Gente de opinião. **CTG Rolim de Moura.** Disponível em: <https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=613&tbm=isch&sa=1&q=fotos+do+ctg+de+Rolim+de+Moura+atual&oq=fotos+do+ctg+de+Rolim+de+Moura+atual&gs_l=psy-ab.3...67959.72338.0.74929.19.12.0.0.0.0.1147.3905.5-2j1j2.5.0....0...1.1.64.psy-ab..16.0.0....0.j9MzwRGskR8>. Acesso em: 22 set. 2017.

Rolim de Moura[17] viveu seu maior auge econômico na década de 1980, neste período, o munícipio segundo memória oficial gozava do título “a capital da madeira” tamanha era a quantidade de madeiras que passavam pelas centenas de serrarias estabelecidas em Rolim de Moura, estas madeiras eram destinadas tanto para o mercado interno nacional, quanto para exportação, ao mercado internacional somente era destinado madeiras nobres como o mogno e cerejeira.

Este “boom” econômico proporcionado pela extração de madeira fazia girar muito dinheiro na cidade fomentando através de festas, encontros nas casas dentre outros elementos muitas das relações de sociabilidades entre os migrantes de Rolim de Moura.

> Tinham festas, churrascos em tudo quanto é lugar, muita festa, corria muito dinheiro aqui, corria muito dinheiro, Rolim de Moura era a capital da madeira, nós tínhamos aqui o número 153 serrarias, nós tínhamos 9 serrarias da COMAEX [Consórcio Madeireiro e Exportação Ltda] que trabalhavam com exportação, só madeiras de lei, mogno, cerejeira, principalmente mogno, iam direto daqui para o Porto de Santos, então Rolim de Moura era uma cidade muito forte na época. As madeiras não vinham somente daqui, vinham de toda a região, mas por ser a cidade maior, as serrarias ficavam aqui, era uma cidade que corria muito dinheiro, madeira dava dinheiro, os madeireiros eram os magnatas da cidade. Então como eu tinha muita amizade, era professor do filho de um, filho do outro, então a gente era convidado para as festas, eu nunca participei de tantas festas no 0800 [grátis] (risos). (PAES, 2016).

Fotografia 2 - Confraternização entre amigos

Fonte: Arquivo fotográfico de Rolim de Moura. **Fotos históricas 1980 a 1989:** ano 1987. Disponível em: <http://www.afotorm.com.br/html/arquivo/Fotos%20antigas/1987.html#.WcWqKbKGPIU>. Acesso em: 22 de set. 2017.

[17] Como já adiantado no capítulo anterior, Rolim de Moura teve sua emancipação política em 5 de agosto de 1983, desmembrado do município de Cacoal.

O cenário relatado por Paes (2016) trata de relações de sociabilidades entre os migrantes na área urbana de Rolim de Moura a partir de 1984, período que muitos migrantes já apresentavam situações economicamente estáveis, condição gerada em especial pela economia madeireira provocada pelo estabelecimento das centenas serrarias na década de 1980.

Paes (2016) acrescenta que o fato de muitos migrantes terem vindo a Rolim de Moura sem a família deixou estes mais próximos.

> A grande maioria veio deixando a família para trás, eram migrantes, chegavam aqui não tinha família, eu mesmo vim sozinho, chegando aqui tinha o professor Bêne, que veio na mesma época, tinha o professor Nélio que foi eu que chamei, então nós viramos uma família, então a nossa amizade construída aqui neste momento de carência, todo mundo carente, deixou família para trás e veio, então isto deixou todos nós mais próximos. Eu lembro que você conhecia todo mundo, a cidade era menor, mas você conhecia, tinham várias amizades criadas, acho por todos estarem nas mesmas situações, todo mundo carente. (PAES, 2016).

Somada a esta carência familiar acrescenta-se outras situações que variam desde às dificuldades financeiras, o desconhecimento com a nova terra, falta de estradas, ausências de políticas públicas e demais dificuldades enfrentadas por qualquer migrante que chega uma cidade que estar a dar seus primeiros passos. Todavia, tais dificuldades regradas com a esperança de vencer na nova terra não só fomentaram o desenvolvimento da cidade, como também aproximou estes migrantes, criando uma rede de interação e solidariedade entre eles, além, de uma relação de pertencimento com Rolim de Moura.

A esperança de vencer na nova terra aproximou muito os migrantes gerando rede de solidariedades entre eles, essa solidariedade se dava não somente nas construções das capelas, campos de futebol e demais infraestruturas de interesse coletivo, bem como na realização de atividades laborais, empréstimos de mantimentos entre outros. A este respeito, Silva (2016) atesta: “Era desta forma [rede de solidariedades entre migrantes], dinheiro para pagar não tinha, a gente tinha que fazer o serviço, então se ajuntava no serviço de um hoje, na hora da precisão do outro, a gente voltava a pagar aquele dia, era serviço trocado, né”.

Neste sentido Marques (2016), que na época tinha seus dois filhos ainda crianças, ressalta que conforme a atividade laboral exercida pelo migrante, era o grupo de amigos que comumente se ajudava entre si, configurando assim uma rede de ajudas mútuas entre diversos setores.

> Os meninos [2 filhos] ainda não trabalhavam, mas aqui nós éramos muito unidos, os vizinhos me ajudavam, principalmente o compadre Narciso, compadre Mauro a comadre Maria, sua esposa. Aí vinha aqui sr. Zé Paraíba, compadre Zé Carlos, Compadre Paulo, então este grupo [vizinhos próximos] aqui era uma família para ajudar uns aos outros. O Uberto ali, o Sr. João era vizinho também, mas ele mexia mais com serraria [madeira], quem ajudava mais era os que mexiam com agricultura. (MARQUES, 2016).

Gomes (2016) é ainda mais enfático quanto as redes de solidariedades entre os migrantes em Rolim de Moura.

> Sim, sim! Esta solidariedade entre os vizinhos, amigos era constante, as vezes, por exemplo, faltava alguma coisa na casa da gente, você ia até o vizinho: ah! vizinho você tem tal coisa que pode me emprestar até que eu possa ir na rua [cidade], semana que vem, daqui quinze dias? - Tenho. Lá arrumava ali um sal, arrumava um querosene para colocar na lamparina. A gente também tinha um grupo de mutirão para ajudar a fazer as colheitas, por exemplo: se eu estivesse 40 sacos de arroz para colher, o tempo chuvoso, então tinha que aproveitar as horinhas [momentos] do sol, dava uma hora, duas de sol, saia ali na vizinhança, aí um vinha, o outro vinha, de repente tinha 10, 15 pessoas, aquele arroz que você ia gastar um par de dias, em uma hora, duas horas você já recolhia, jogava tudo na pia, tampava, para salvar aquele. O outro vizinho do mesmo jeito, dava em dia de domingo não tinha negócio de bater uma bolinha [futebol], olha o vizinho vai recolher o arrozal dele, levantar para pia a gente falava, dava 11 horas, todo mundo ia ajudava, a gente trabalhava muito assim em mutirão, um ajudando o outro, na hora de cortar arroz também fazia a mesma coisa, entrava na roça do cara que iria gastar 8 dias para cortar sozinho, nós entrávamos com aquele mutirão, dentro de duas 3 horas ou até a hora do almoço, já estava tudo cortado, era muita gente, um ajudando o outro, fazendo muita coisa unido, era muito bom, de certa forma era até divertido, a gente brincava muito, tirava sarro um do outro, a hora ia passando, o serviço ia rendendo, era bacana demais, era muito bom. (GOMES, 2016).

A fala de Belmiro Gomes apresenta elementos de solidariedade como a troca de mantimentos, bem como o cotidiano dos migrantes em tempos de colheita, principalmente do arroz, cereal produzido em larga escala na década de 1980 em Rolim de Moura; o uso do mutirão também e evidenciado por Lopes (2016), “Fazia mutirão, pra um ajudar o outro, o outro vinha cá e ajudava na colheita, nas derrubada [de mato] era feito mutirão[18], era muito melhor que hoje”.

Cabe salientar que expressões como “era muito melhor que hoje” de Lopes (2016) e outras semelhantes, no que se refere à solidariedade dos migrantes em Rolim de Moura não quer dizer que estas redes de solidariedades se extinguiram nos tempos atuais, estas acontecem em menores frequências e também de outras formas. Como sujeito desta pesquisa, a título de exemplo, observo principalmente no meio rural de Rolim de Moura, um vizinho abater um porco, um bovino e doar quilos de carne aos vizinhos mais próximos, em poucos meses os demais vizinhos fazem o mesmo, o excedente da horta, (um, dois pés de alface, folhas de couve, tomate...) da pequena roça e da avicultura (ovos) serem compartilhados.

2. 4 O futebol como construtor de identidade e sociabilidade

Referindo as atividades esportivas e propriamente ao futebol como elemento de relações de sociabilidade dos migrantes em Rolim de Moura no final da década de 1970 e

[18] Reunião de pessoas para realização de uma atividade trabalhista.

década de 1980, o entrevistado Paes (2016) categoricamente afirma que sua interação com os demais, bem como seus momentos de lazer ocorria através do esporte.

> Era o esporte, nós tínhamos futebol, vôlei, eu lembro muito bem, eu já jogava futebol em São Paulo, fiz amizade fácil, me relacionei com a cidade através do esporte, principalmente futebol. O que nós fazíamos sábado à noite aqui era jogar voleibol, nós íamos para escola Cândido [Cândido Portinari] eu morava próximo à escola, no sábado à noite, a tarde também, não tinha muita opção, ficávamos jogando voleibol, às vezes no domingo também, voleibol, basquete, futsal também, mais as modalidades que mais me chamavam atenção na época era - que gosto também - era o voleibol é o futebol de campo. (PAES, 2016).

O relato de Paes revela que as primeiras escolas de Rolim de Moura atuavam como ambientes de sociabilidade por reunir alunos, pais e professores, bem como funcionava como ambientes de interação e lazer para toda a comunidade rolimourense, pois aberta aos fins de semana, suas quadras poliesportivas, ainda sem teto, eram palco de muitas práticas esportivas, e com considerável público para assisti-las.

Fotografia 3 - Torneio de futsal na quadra da Escola Estadual Aluísio Pinheiro Ferreira- 1982

FONTE: Arquivo fotográfico de Rolim de Moura. **Fotos históricas 1980 a 1989:** ano 1987. Disponível em: <http://www.afotorm.com.br/html/arquivo/historicas/esporte-ANTIGAS-decada-80-pag1.html#.WcWw37KGPIU>. Acesso em: 22 set. 2017.

Grandão, ainda é mais incisivo, atestando que foi através do futebol que passou a se interagir e relacionar com os demais migrantes: “Foi o futebol, através do futebol, através do futebol que eu passei a conhecer os amigos aqui e [o] conhecimento, aí fiquei passando conhecimento de todo mundo aqui da linha através do futebol”. (GRANDÃO, 2014).

O ambiente futebolístico, como elemento e meio que propiciava a construção destas

relações de sociabilidades, nota-se um consenso entre todos os entrevistados, o que denota um lugar social ocupado pelo futebol como um elemento significativo da cultura brasileira contemporânea, em que grande parte da população dele se apropriou para firmar suas relações sociais, (GASTALDO, 2006). No espaço pesquisado não foi diferente, como afirma Uberto Selhorst (2014):

> Eu acredito que se a gente for pegar, [...] de uma maneira mais ampla, eu acho que o futebol ajudou muito. Ajudava, e às vezes até no mesmo tempo, pelo fato de sangue está quente na hora do jogo, às vezes né, você arrumava encrenca, mas no contexto todo, né! Da conjuntura, vamos dizer assim, eu acho que o futebol foi um grande aliado na questão das pessoas se interagirem, igual no princípio quando nós entramos aqui. A gente era pessoas de vários pontos do país, né! E a gente, eu pelo menos, eu dou meu depoimento como realmente quem, quem começou o primeiro campo de futebol aqui da linha foi eu. Nós começamos lá na frente de onde era a primeira igreja. E fizemos um "campinho" lá, e aí ficou um tempo lá e aí depois viemos pra aqui, [onde] também foi tudo feito na mão, pode-se dizer, aí até que no fim conseguimos um trator de esteira e quando foi fazer a primeira estrada aqui, aí o trator fez [o campo] pra gente. Mas, a princípio como eu disse, era pra lazer. Mas, tudo leva, quando você pega, por exemplo, juntar pessoas, você acaba interagindo na questão conhecimento, na questão de sociabilidade. Tanto que a gente saía para lugares longes, para jogar bola. Então além de você conhecer o povo da linha, você passava a conhecer pessoas de outras localidades. (SELHORST, 2014).

Convém lembrar que as estradas rurais de Rolim de Moura (característica não somente de Rolim de Moura, mas de muitos municípios rondonienses) são chamadas de "linhas", por isso, a constância desta nomenclatura neste trabalho, sobretudo, nos relatos dos migrantes. Selhorst (2014) na fala acima se refere à linha 164 sul, localidade onde reside desde que chegou a Rolim de Moura, onde ajudou a construir desde o primeiro campinho de futebol a outros (campos maiores) que vieram posteriormente. O entrevistando José Carlos da Silva, reafirmando a importância do futebol como elemento de sociabilidade da linha 164/Sul, ressalta:

> Foi muito importante, né! O futebol, o esporte aqui na linha.[...] na época era uma tocaiada danada, né! Pra fazer um campo, dava [muito trabalho], foi muito difícil. Mas começamos, aí era a única, assim, digamos, diversão do pessoal brincar, nós vínhamos jogar bola e a criançada ia mais as esposas, as mulheres também estavam sempre por ali, se encontrando. [...] A gente ia jogar na, nas outras linhas, na época era difícil o transporte, às vezes até a pé nós íamos, né! [...] Muitas vezes, nós saíamos de bicicleta, a cavalo para ir jogar nos outros campos. Então foi muito bom (SILVA B, 2014).

A fala de Silva B (2014) revela que eram os próprios migrantes amantes do futebol que construíam manualmente seus primeiros campos. Neste sentido Gomes (2016) ressalta:

> Futebol eu jogava também, era muito bom não, era meio ruinzinho, mas jogava, ajudei a arrancar muito toco [restos de troncos de árvores para fazer campo de futebol], só que eu lembro ajudei a arrancar toco de uns 3 campos de futebol, cortava aquelas árvores, queimava, arrancava os tocos no enxadão, aterrava aquele negócio, no começo era na poeira, depois que a gente arrumava uma graminha ia plantando ia formando, fazia aquelas travinhas de varote [troncos finos de madeira]. Era [a] diversão da gente no momento, era aquilo ali. Na maioria descalços ou com o

> chamado quixute, que hoje nem existe mais, quixute com umas travas altas assim, igual chuteira, era a diversão nossa naquela época (GOMES, 2016).

Rodnei A. Paes, que chegou a ser atleta de futebol profissional no estado de São Paulo, antes de migrar para Rolim de Moura, descreve as situações dos campos de futebol de Rolim de Moura na época.

> [...] o futebol nós tínhamos o "As de Ouro" [clube amador, pela qual jogou, quando chegou a Rolim de Moura] onde hoje é o estádio Cassolão [Estádio Municipal Ângelo Cassol José Cassol] era um campo de terra, todinho de terra, era uma novidade para mim chegar aqui e jogar em campos totalmente de terra, cascalho puro, goleiro ainda, mas era uma coisa que a gente gostava, os campos gramados eram no sítio, nas linhas [estradas rurais] eram os campos gramados. Aqui na cidade até o campo suíço que tinha lá no Caiabi [um antigo e extinto clube da cidade] recém-formado era cascalho puro, aqui na PM [campo existente dentro do quartel da Polícia Militar do Estado de Rondônia em Rolim de Moura] era cascalho puro, não tinha grama, parece que era uma dificuldade muito grande formar grama aqui (risos). (PAES, 2016).

Percebe que as condições físicas dos campos de futebol rolimourense (gramado ruim, ou ausência deste) jamais foram empecilho para tal prática esportiva e para os nuances, a exemplo de desencadeamentos, que o futebol envolvia. Em torno dos campos de futebol rolimourenses se reuniam de adultos a crianças, em rodas de conversa, fazendo torcida aos jogadores, flertes, brincadeiras e demais atividades lúdicas, configurando este ambiente futebolístico como elemento de destaque no que se refere às relações de sociabilidades entre migrantes em Rolim de Moura, no recorte temporal estudado.

> Era bom demais, juntava muita gente em volta do campo para gente divertir, bater papo, tinha muita torcida, as famílias iam tudo para beira do campo, ai quando o cara era meio ruim [pouca qualidade técnica para o futebol] era aquela brincadeira – ah! é o "perna de pau" o "cai cai", "não sei o quê", era bem legal, era bacana. (risos). (GOMES, 2016).

O futebol é o jogo em si não é somente uma atividade lúdica, existem circunstâncias que o mesmo ocorre em formas extraordinariamente sérias. (HUIZINGA, 2001). Nesta dinâmica, embora não relatado é sabido da existência de desentendimentos, confusões e brigas que ocorriam não só nos ambientes futebolísticos como em outros ambientes de sociabilidades.

Este cenário futebolístico narrado evidencia que uma vez estabelecidos, estes migrantes criaram clubes amadores de futebol, e não somente aqueles encontros entre os vizinhos "peladeiros"; embora girar sobre o futebol está construção como uma atividade lúdica, a criação dos clubes amadores deu uma conotação de maior comprometimento e pertencimento dos jogadores e dos torcedores com o clube da comunidade onde este migrante residia, seja ele no bairro (isto no perímetro urbano) seja nas linhas, onde há registros da existência de mais um time de futebol em determinadas linhas.

A existência destes clubes de futebol amador em Rolim de Moura ganha destaque na fala de Baldo (2016), quando o mesmo se refere a alguns dos ambientes de sociabilidade entre os migrantes de Rolim de Moura de 1979 a 1989.

> Foram as igrejas, a gente sabe que o futebol também agrega muito as pessoas, até onde eu sei duas pessoas que se propuseram a organizar um time de futebol foi o "negão", o José Ribamar e João Batista Lopes, que ele tinha o clubinho dele, o Mandaguari, em frente o Lions Clube lá. (BALDO, 2016).

O "negão" ao qual Baldo se refere e José Ribamar Monteiro Baima, maranhense que chegou a Rolim de Moura em 1978 e criou em 1980 o popular "Ás de Ouro" time de futebol amador, muito conhecido pelos amantes desta prática esportiva na comunidade rolimourense.

> Começamos time aqui, nós saiamos daqui para Cacoal disputar torneio intermunicipal, eu tinha caminhão, batia umas tábuas no estrado, amarava duas cordas, nós saíamos com chuva [para] disputar torneio em Cacoal, campeonato, um timão, um timão... foi em 1980 que formamos o "Ás de Ouro", era timão, que nós jogávamos com Cacoal, Ariquemes, Porto Velho, com tudo, [...] Porto Velho era freguês nosso, time valente no futebol era Espigão do Oeste, nem Pimenta Bueno ganhava de Espigão do Oeste. Formava time bom em Ouro Preto, Jarú, Ariquemes, Colorado, [Colorado do Oeste] tudo era freguês nosso, Vilhena, tudo vieram jogar aqui. (BAIMA, 2016).

Os jogos fora do solo rolimourense, como expresso por Baima (2016) apresenta outras nuances, o ato de sair do lugar, conhecer novas pessoas, novos lugares, somadas perspectiva de vencer e ser reconhecido apresenta não só sociabilidades, bem como, o orgulho de falar que era melhor que "a" que "b" ou "c" que era "timão" demonstrando através do futebol um autorreconhecimento, um sentimento de pertencimento e identidade com a espacialidade Rolim de Moura.

Fotografia 4 - Time de Futebol amador (Ás de Ouro)

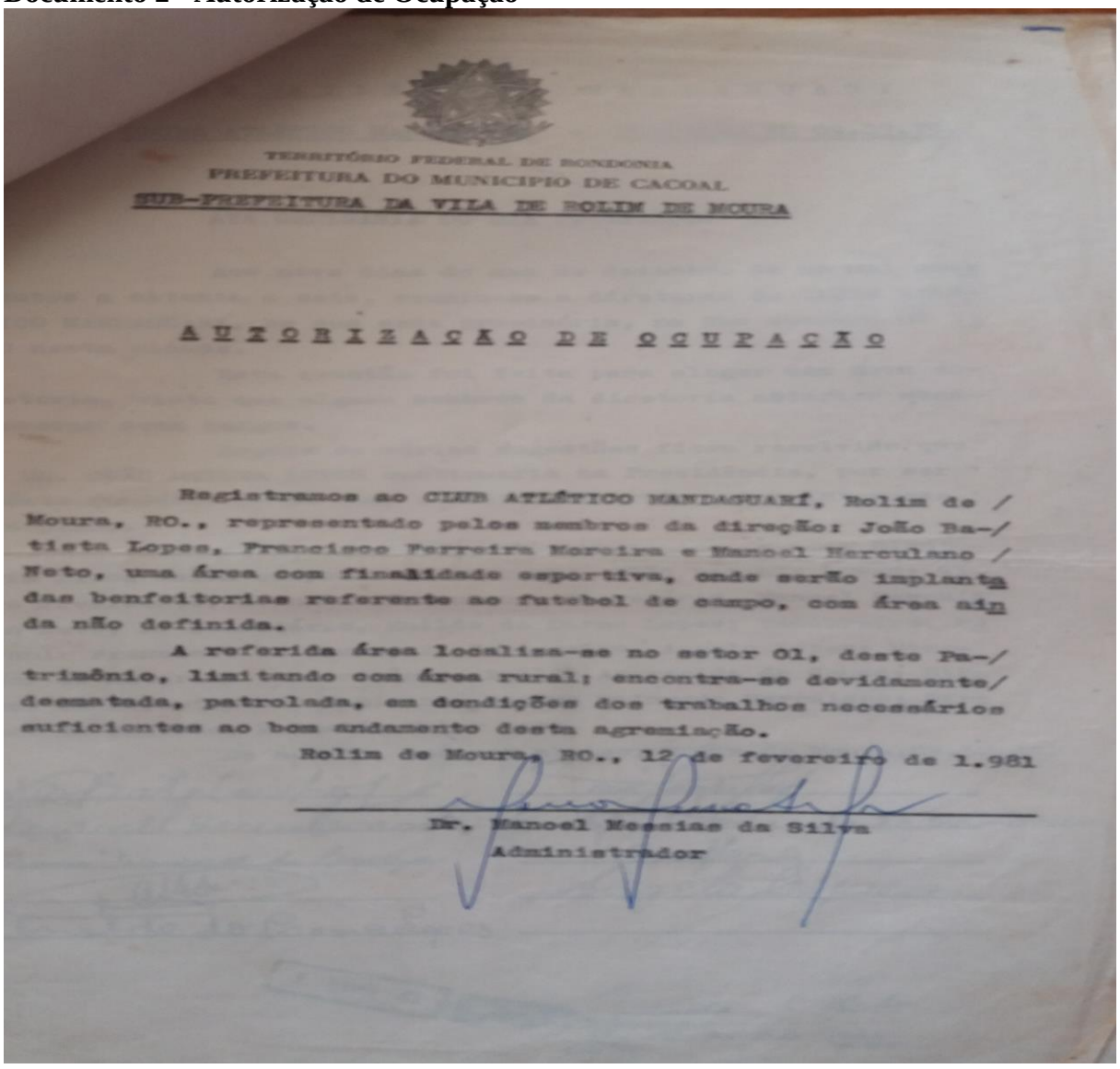
Fonte: Arquivo fotográfico de Rolim de Moura. **Fotos históricas 1980 a 1989:** ano 1987. Disponível em: <http://www.afotorm.com.br/html/arquivo/Fotos%20antigas/historicas-1980-1989.html#.WcXXLbKGPIX>. Acesso em: 22 set. 2017.

Quanto à formação do Mandaguari o próprio João Batista ressalta todo empolgado:

> E o primeiro clube aqui foi eu que fundei e tomei conta 20 anos. [...] fundei em 09 de setembro de 1979. Juntou a turma, vamos fazer um timinho de futebol. E a gente jogava ali na frente ali da igreja, o campinho era ali, em frente ali era o campinho nosso ali, depois o campo nosso foi ali na escola Candido Portinari, ali foi nosso campo um tempão, aí depois que o Teixeirão [Governador Jorge Teixeira de Oliveira] falou assim: vai fazer um time de futebol lá e deu aquela área pra nós ali. (LOPES, 2016).

A área doada pelo governador reporta ao espaço (mais afastado do centro da cidade), que se localiza de frente ao Lions Clube na qual Lopes (2016) exibe a carta que autoriza a ocupação do espaço para a construção de benfeitorias referente ao futebol, contudo, a mesma não aparece assinada pelo então governador Jorge Teixeira, e sim pelo administrador do distrito de Rolim de Moura Manoel Messias da Silva, haja vista que, Rolim de Moura somente foi elevado a município em 1983 quando se desmembrou do município de Cacoal.

Documento 2 - Autorização de Ocupação



TERRITÓRIO FEDERAL DE RONDÔNIA
PREFEITURA DO MUNICIPIO DE CACOAL
SUB-PREFEITURA DA VILA DE ROLIM DE MOURA

AUTORIZAÇÃO DE OCUPAÇÃO

Registramos ao CLUB ATLÉTICO MANDAGUARÍ, Rolim de / Moura, RO., representado pelos membros da direção: João Ba-/ tista Lopes, Francisco Ferreira Moreira e Manoel Herculano / Neto, uma área com finalidade esportiva, onde serão implanta das benfeitorias referente ao futebol de campo, com área ain da não definida.

A referida área localiza-se no setor 01, deste Pa-/ trimônio, limitando com área rural; encontra-se devidamente/ desmatada, patrolada, em condições dos trabalhos necessários suficientes ao bom andamento desta agremiação.

Rolim de Moura, RO., 12 de fevereiro de 1.981

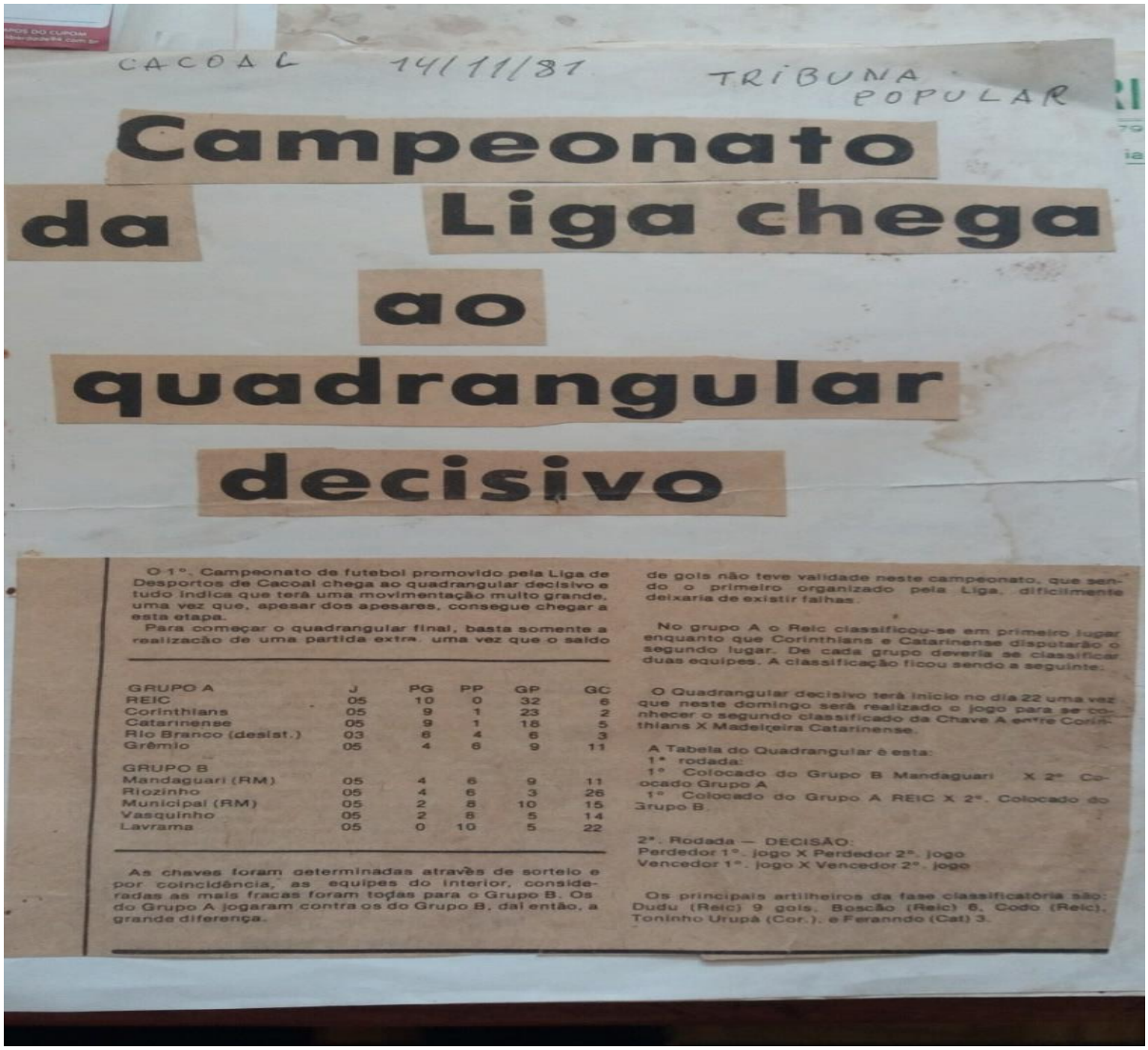
Dr. Manoel Messias da Silva
Administrador

Fonte: LOPES, João Batista. **Autorização de ocupação**. Rolim de Moura, 1981.

Lopes (2016) atesta que nestes 20 anos que esteve à frente da direção do Club Atlético Mandaguari, o clube visitava outros clubes de cidades vizinhas, portanto suas atividades não se restringiam somente a Rolim de Moura. E quando interrogado a este respeito, afirma: “Sim! a gente ia jogar na linha e depois a linha vinha jogar em casa, ia jogar em Cacoal, jogamos em Ouro Preto [Ouro Preto do Oeste] jogamos em todo lugar aí, aí a gente pegou aquela amizade e socializando com todo mundo”.

Lopes (2016) exibe um recorte do jornal Tribuna Popular de 1981 do munícipio de Cacoal que atesta as atividades do Mandaguari fora de Rolim de Moura.

Documento 3 - Recorte do Jornal Tribuna Popular de 14 de novembro de 1981



CACOAL 14/11/81 TRIBUNA POPULAR

Campeonato da Liga chega ao quadrangular decisivo

O 1º. Campeonato de futebol promovido pela Liga de Desportos de Cacoal chega ao quadrangular decisivo e tudo indica que terá uma movimentação muito grande, uma vez que, apesar dos apesares, consegue chegar a esta etapa.

Para começar o quadrangular final, basta somente a realização de uma partida extra, uma vez que o saldo de gols não teve validade neste campeonato, que sendo o primeiro organizado pela Liga, dificilmente deixaria de existir falhas.

	J	PG	PP	GP	GC
GRUPO A					
REIC	05	10	0	32	6
Corinthians	05	9	1	23	2
Catarinense	05	9	1	18	5
Rio Branco (desist.)	03	6	4	6	3
Grêmio	05	4	6	9	11
GRUPO B					
Mandaguari (RM)	05	4	6	9	11
Riozinho	05	4	6	3	26
Municipal (RM)	05	2	8	10	15
Vasquinho	05	2	8	5	14
Lavrama	05	0	10	5	22

As chaves foram determinadas através de sorteio e por coincidência, as equipes do interior, consideradas as mais fracas foram todas para o Grupo B. Os do Grupo A jogaram contra os do Grupo B, daí então, a grande diferença.

No grupo A o Reic classificou-se em primeiro lugar enquanto que Corinthians e Catarinense disputarão o segundo lugar. De cada grupo deveria se classificar duas equipes. A classificação ficou sendo a seguinte:

O Quadrangular decisivo terá início no dia 22 uma vez que neste domingo será realizado o jogo para se conhecer o segundo classificado da Chave A entre Corinthians X Madeireira Catarinense.

A Tabela do Quadrangular é esta:
1ª rodada:
1º Colocado do Grupo B Mandaguari X 2º Colocado Grupo A
1º Colocado do Grupo A REIC X 2º. Colocado do Grupo B.

2ª. Rodada — DECISÃO:
Perdedor 1º. jogo X Perdedor 2º. jogo
Vencedor 1º. jogo X Vencedor 2º. jogo

Os principais artilheiros da fase classificatória são: Dudu (Reic) 9 gols, Boscão (Reic) 6, Codo (Reic), Toninho Urupá (Cor.), e Feranndo (Cat) 3.

FONTE: LOPES, João Batista. Campeonato da liga chega ao quadrangular decisivo. **Jornal Tribuna Popular,** 14 nov. 1981. Cacoal, 1981.

A página acima recortada pelo próprio João Batista Lopes, datada em 14 de novembro de 1981 evidencia a participação do Club Atlético Mandaguari no primeiro campeonato de futebol promovido pela liga de desportos de Cacoal confirmando a veracidade do relato.

Entretanto mais que a notícia o que chama, grita a atenção aqui é o cuidado, o zelo, a prática de recortar, de guardar, como quem busca mostrar: viu, nós existimos, fomos notícia de jornal. Mais do que a própria notícia, chama a atenção o valor, a importância que ele deu a ela, a ponto de recortar, colar e guardar feito relíquia, até hoje.

Os jogos fora de Rolim de Moura, não era peculiaridade somente do Mandaguari e do Ás de Ouro, mas sim de muitos outros times de futebol criados na cidade; todavia, a maioria dos jogos eram realizados em solo rolimourense e consequentemente para a sociedade local.

Os times de futebol recebiam vários nomes, muitas vezes, inspirados em equipes já conhecidas nacionalmente, a exemplo do time da linha 164 Sul, que recebeu o nome de "Esporte Clube Guarani".

Fotografia 5 - Esporte Clube Guarani -164 Sul

Fonte: SILVA, Maria Aparecida da. **Esporte Clube Guarani – 164 Sul**. Rolim de Moura, [1980].

A imagem acima de 1985, retirada de arquivo pessoal, reporta-se ao time Esporte Clube Guarani, que recebeu este nome devido a um de seus integrantes, vindo da cidade de Campinas – SP, que trouxe consigo um velho uniforme do time do interior paulista. José Carlos da Silva, irmão deste migrante vindo de Campinas –SP afirma: "[...] em 1980 quando meu irmão veio de Campinas – SP, nós éramos acostumados a jogar bola e formamos um

campinho na terra do Sr. João Selhorst [vizinho], ali começamos a brincar". (SILVA, 2016). O ano de 1980 trata do surgimento do campinho, ponto de encontro e lazer dos amantes do futebol da linha 164 sul que anos mais tarde estabeleceriam o Esporte Clube Guarani.

Segundo Silva (2010) os jogos dos times de futebol de Rolim de Moura no período estudado geralmente aconteciam nas tardes de domingo, após os cultos dominicais. Configurando assim a associação da igreja católica com o futebol, como abordado anteriormente. A mesma autora afirma que as visitas entre os times eram muito frequentes, ocasionando grande popularidade ao futebol. Silva (2010) em consonância com alguns dos relatos colhidos, atribui parte da popularidade do futebol as poucas opções de lazer do momento.

> Como não havia energia elétrica para assistir ao jogo de futebol na televisão, a prática desta modalidade esportiva era tida como único momento de lazer para quem vivia nas comunidades rurais e na vila de Rolim de Moura. Em pleno século XXI, as 'peladas', os torneios e competições organizadas oficialmente ou não ainda são muito comuns não só na zona rural, mas também, no recinto urbano rolimourense (SILVA, 2010, p. 136).

Atribuir a opção pelo futebol pela "ausência" de opções de lazer coloca o futebol em um lugar comum que não reproduz o lugar que o futebol ocupa na sociedade brasileira, a exemplo da instituição religiosa, pois, por muitos séculos não existiu energia elétrica e a humanidade já construíam relações, socializavam e interagiam de outras formas. A modernidade e com a ela eletricidade, ao que parece, muitas vezes encarece o sujeito de um individualismo tolo, que é exatamente avesso as sociabilidades. Uma vez que ao pesquisador assistir um jogo pela televisão não suplanta o prazer de bater uma boa 'pelada'.

Ainda tocante ao futebol, Silva (2010) atesta que além dos jogos entre os times, geralmente nas tardes de domingos, quando estes não ocorriam, havia os treinos [peladas] entre os jogadores da mesma linha/bairro, enfim da mesma comunidade. Estes treinos ocorriam geralmente entre "aspirantes" (jogadores com menor qualidade técnica) contra os "titulares" (jogadores com maior qualidade técnica), solteiros contra casados ou mesmo a mescla de todos eles. Estes modos futebolísticos elencados por Silva (2010) não foram ou é exclusivo de Rolim de Moura tais comportamentos repetiram e se repetem em praticamente todo o país.

Seguindo neste cenário futebolístico, Uberto Selhorst (2014) ressalta: "Ah! o ambiente era sempre favorável, né! [...] Era uma coisa muito bonita, porque a gente via realmente que se juntava muita gente". O que se confirma na fala de Grandão (2014) se referindo a este ambiente: "Muito bom. Quando chegava era satisfação pra todo mundo, maior festa. Era um brincando com o outro".

A entrevistada Maria Aparecida, uma das presenças feminina nesta pesquisa, traz outras contribuições no que se refere às relações de sociabilidades construídas pelos migrantes de Rolim de Moura, afirmando que o futebol além de propiciar o lazer e entretenimento, servia de atividade física para os migrantes:

> Tinha, um momento de lazer que era se divertir com as pessoas que tinham, que jogavam bola, nesse, nesse campo, né! Que era assim, muito simples, mas para comunidade tinha grande valor, que era onde todos podiam se encontrar aos finais de semana, sábado e domingo, aonde que as pessoas estavam ali interagindo, conversando, colocando, né? As coisas, as conversas em dias, e aonde que os jogadores jogavam seus, seu futebolzinho, e estava pronto pra iniciar uma nova semana aí, até com exercício físico, né! (SILVA A, 2014).

Maria Aparecida afirma que o futebol não era somente praticado pelos homens, mas também por elas, mulheres. Além disto ressalta que em volta do campo, neste ambiente futebolístico, havia outras brincadeiras e atividades lúdicas, principalmente entre mulheres e crianças, além dos flertes entre os jovens:

> [...] olha, algumas vezes até nós mulheres encarava a bola também, viu! Era bem legal, assim, além de que a gente se encontrava ali com os amigos, né! A juventude estava ali, né! Se divertindo também... era aonde que os jovens se encontrava também, né! Até pra se conhecer, namorar, saía até namoro... namoro ali em volta do campo, mas a gente [mulheres] às vezes, é... às vezes a gente também entrava nesse campo e jogava uma bolinha também. (SILVA A, 2014).

Deste modo se percebe que embora o futebol seja um ambiente de predominância masculina, as mulheres também participavam propiciando um ambiente de possibilidades às demais atividades lúdicas, ou seja, tem em sua essência o lazer e o prazer provocado pela interação entre migrantes.

Maria Aparecida adensa essas percepções concernentes a outras relações de sociabilidades que se davam fora do ambiente futebolístico, ao mesmo tempo em que eram propiciadas por ele, reafirmando a forte presença dos migrantes na comunidade católica e nas próprias casas dos mesmos:

> [...] a comunidade foi aonde que contribuiu muito, né! Muito mesmo. [..] na época também havia muitas visitas entre as famílias. As famílias se visitavam muito e ali tinham os encontros, né! As vezes, é... tinha vez que a gente até saía um forrózinho, né! na época a gente falava radiola, né! e então saía até um, um forrózinho, o pessoal se encontrava ali, outros jogavam baralho, né! Então enquanto uns gostavam da dança, estavam dançando, os outros estavam jogando baralho, outros estava proseando, né! Então, sempre, sempre contribuiu. A comunidade foi assim um grande contribuidor na, nessas relações sociais aí. (SILVA A, 2014).

Desse modo, a exemplos do que problematiza Norbert Elias (1994), criou-se uma configuração em que processos de interação social se relacionavam entre si de muitas e dinâmicas formas, sendo a comunidade religiosa, as visitas às casas, a reunião para as atividades laborais, o futebol e outros elementos como fundamentais para a manutenção daquela rede social.

Os meios pelos quais a sociabilidade se constrói permitem que indivíduos troquem experiências e modifiquem a sequência futura das cadeias de relações sociais, transformando não apenas histórias de vida individuais, mas toda a história de uma sociedade. (ELIAS, 1994).

Assim como a memória, as redes de relações sociais não são eternas; elas duram enquanto durar determinadas condições. Existem, desse modo, condições mantenedoras das relações de sociabilidade. Se determinadas situações mudarem, várias relações de sociabilidade podem esvanecer e outras se formarem. Esse é um processo que está atrelado à dinâmica, as circunstâncias vivenciadas, construídas entre os grupos sociais diversos.

Esta aproximação entre a construção de relações de sociabilidades e a memória é possível na presente pesquisa, haja vista o fato de ambas expressarem a individualidade dos sujeitos envolvidos na trama, a partir das experiências construídas frente as coletividades. Qual seja, é por meio das memórias publicizadas por esses sujeitos que mapeamos sociabilidades construídas nesse processo. Neste, cabe ponderar as concepções de memória e história oral delineadas, visto que não as entendemos como "resgates fiéis de fatos do passado", mas sim enquanto uma interpretação ou (re) elaboração dos mesmos (FREITAS, 2002).

Trabalhar. Visitar. Jogar. Namorar. Rezar. Enriquecer. Sonhar. Eram muitos os verbos e ações que homens e mulheres, oriundos de vários lugares do país ensejaram na experiência de migrar para Rolim de Moura, nos anos de 1970 e 1980. A partir das memórias, as histórias que se contam hoje, numa espécie de saudosismo encantando pelos tempos idos, dão conta de sociabilidades construídas por meio do futebol jogado nos campinhos de terra batida, cercados de plateia atenciosa; das idas a igreja para professar a fé e na intenção de reduzir os fardos, o pesado das responsabilidades mundanas; dos jogos de baralho regados a contos de causos e nisso tudo, para além do esporte e das orações, se colocavam os olhares que iniciaram namoros, as brincadeiras que edificaram amizades, as relações que suplantaram em alguma medida o desafio de habitar um lugar até então desconhecido. Eram sociabilidades que buscavam em suas várias nuanças, vencer o medo do estranho, da solidão nas novas terras e construir o sentimento de comunidade.

CAPITULO III

3 MEMÓRIAS E IDENTIDADE EM ROLIM DE MOURA-RO

3.1 Memórias e Pertencimento

A este trabalho que estuda as relações de sociabilidades entre os migrantes em Rolim de Moura (1979-1989) são impreterivelmente necessárias reflexões sobre memória e identidade, dois conceitos que apresentam direta relação com a abordagem em pesquisa. Michael Pollack (1992) atesta que a memória é o elemento constituinte da identidade.

> [...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

A relação entre memória e identidade ocorre por a memória ser uma fonte de identidade. Ela quem agrega elementos, valores, concepções, ideias de mundo que são base sobre a qual cada sujeito constrói a imagem de si, e busca a partir dela, apresentar-se socialmente. Candau (2014) afirma que a memória "vem fortalecer a identidade tanto no individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade". (p.16). O mesmo Candau (2014) chama atenção para a dialética da memória e da identidade que se apoiam uma na outra para produzirem narrativas e determinado modo de vida. Destarte, "a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada". (p.16).

A memória é a faculdade de trazermos lembranças do enquadramento ao qual buscamos reportar; enquanto a identidade vai além de um estado adquirido. Silva (2014) em uma perspectiva dos Estudos Culturais em que a identidade e definida através da diferença coloca que "A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído. " (p.89).

Stuart Hall define três conceitos de identidade, sendo a primeira classificada como identidade do iluminismo, que entende o indivíduo como individualista na qual o indivíduo passa por toda a vida de forma continua e idêntica, a segunda como a identidade do sujeito sociológico, em que o tempo individual é o tempo social (cultural) é o mesmo, por último a identidade do sujeito pós-moderno marcada pela ausência de uma identidade fixa, portanto em constante transformação, portanto, abertas.

Entre migrantes de Rolim de Moura o segundo e terceiro conceito de identidade estabelecido por Hall (2006) apresenta-se mais apropriado, a interação deste indivíduo nesta nova terra transformou e criou novos hábitos e sentimentos neste migrante. A constatação mais presente de identidade relatada pelos migrantes é o sentimento de pertencimento à de espacialidade Rolim de Moura, apesar de relatarem muitas dificuldades ao chegarem a Rondônia a esperança de se obter uma vida melhor na nova terra predominou, tal observação é constatada, na praticamente, ausência do desejo de retornar aos seus estados de origem, somadas ao sentimento de prazer, satisfação e vitória ganhos nestas terras.

José Carlos Silva, paranaense que chegou a Rondônia em 1976 e a Rolim de Moura no ano de 1978 afirma:

> O sentimento é de agradecimento porque aqui fui acolhido, aqui construí minha vida, formei minha família, e não pensa em voltar não, quero dar um passeio lá, mas assim sem necessidade também. Me deu vontade de voltar nos três, quatros dias que cheguei, era tudo diferente, longe da família, a gente achava que era difícil, mas depois acostumei nunca mais tive vontade, porque a vontade de vencer era bastante. Hoje a gente não se sente realizado porque a gente sempre tem sonhos, mas eu sinto agradecido a Deus pela força que me deu, eu me sinto um vencedor, passei por várias barreiras difíceis e até aqui superei todas. (SILVA, 2016).

As maiores dificuldades encontradas pelos migrantes ao chegar em Rondônia, atualmente aparecem nas memórias dos mesmos já suplantadas pela satisfação das conquistas econômicas e pessoais que julgam ter obtido por estarem em Rondônia. O que faz por vezes se colocarem como vencedores em relação a outros que vieram a Rolim de Moura e não resistindo as dificuldades iniciais retornaram.

Nesta perspectiva o mineiro Belmiro Gomes relata:

> Não, não! A gente não teve vontade de voltar, a gente teve vontade de alcançar um jeito de ter uma vida melhor, lutava, buscava obter financiamento em banco para produzir mais, produzir melhor, produzir em uma condição de ter uma vida mais calma; mais voltar a gente não pensava, porque o que a gente queria era um local para produzir o nosso próprio alimento, sem estar dependendo, por exemplo, quem era meieiro tinha que dar metade da colheita para o dono da terra, a gente não, se produzir 5 sacos era da gente, se 10 sacos era também, este era o nosso pensamento, não pensava em voltar não. Mas muitos conhecidos da gente voltou, não aguentou sofrer e foi embora, dizia que não dava, mas só que hoje anos depois ele volta aqui e diz – Poxa! Se eu estivesse ficado aqui talvez hoje eu estava bem, talvez eu tinha isto, eu tinha aquilo, muitos que ficaram hoje estão ricos, têm muitas pessoas que ficaram aqui que eram pobrezinhos, situação sofrida, hoje tem muito gado tem mais terra, tem comércio, então se desenvolveu a situação através da insistência de ficar, então isto foi uma coisa importante também. Isto é muito bom a gente falar da história de Rondônia, então o sentimento é de prazer, de alegria, porque aqui eu posso dizer, eu sou de Minas Gerais, mudei para o Paraná e depois para Rondônia, e hoje eu com 48 anos, quase 49, eu posso dizer que sou filho de Rondônia, porque graças a Deus tudo o que eu consegui foi aqui, [...] então eu creio que é um legado que não tem preço. (GOMES, 2016).

Além da satisfação pessoal o relato do agricultor Belmiro Gomes expressa que

Rondônia e Rolim de Moura possibilitaram ao mesmo e à sua família sair de um modo de vida diferente do que viviam no Paraná, sobretudo, quanto a produção agrícola, antes não possuindo a propriedade da terra pagavam metade da produção ao dono da terra, em Rondônia com a posse de um lote de terra que conseguiram através dos projetos de colonização do INCRA esta prática já não ocorreu mais.

A máxima que Rondônia no processo migratório em tela era uma terra de oportunidades aparece com muito destaque no relato do professor e empresário de Rolim de Moura Rodnei Paes, assim, não despertando no mesmo em nenhum momento o desejo de sair das terras rondonienses.

> Não! Não tive. Sou muito grato a Rolim de Moura que foi a cidade que me abraçou me deu oportunidade de trabalho, isto é fantástico, a gente se adapta em qualquer lugar; [...] não adianta eu querer voltar para São Paulo, Rio de Janeiro ou outro local se não tiver oportunidade de trabalho, que não consiga dar qualidade de vida a minha família. Então Rolim de Moura foi a cidade que me deu oportunidade de trabalho o meu crescimento profissional foi aqui, eu me vejo assim se ficasse em São Paulo eu seria mais um, eu ia competir com o meu professor de faculdade que estava lá, iria competir com outras pessoas com mais experiências e as oportunidades seriam bem mínimas, aqui não, aqui eu tive oportunidade, com três meses eu fui vice-diretor de escola, com três meses de trabalho eu fui vice-diretor da escola Aluísio [Escola Estadual Aluísio Pinheiro Ferreira] sem ter noção direito de como funcionava, me deram lá porque eu participei de algumas festas e acharam eu meio dinâmico nas coisas; E me pegaram – ah o Rodnei serve. E a partir de lá eu sempre participei de alguns cargos, na prefeitura como secretário de esporte, como coordenador de Educação Física, na área da gestão a gente aprende muito. Tudo isto faz termos um crescimento profissional, se estivesse ficado lá em São Paulo, talvez não teria tido este crescimento, não teria oportunidades, aqui me deram oportunidades. Então não se pensa em ir embora, e valorizar a casa que eu tenho, a academia que tenho e acompanhar o crescimento e evolução da cidade. (PAES, 2016).

Paes (2016) no relato acima descreve as oportunidades que enquanto professor recebeu em Rolim de Moura desde os primeiros meses. Fazendo ter um sentimento de gratidão, pertencimento e valorização pela cidade de Rolim de Moura, sentimentos estes constantes nos relatos de migrantes.

Ana Cizmoski (2016) capixaba, que antes de migrar para Rolim de Moura em 1981 residiu no estado Paraná é enfática quanto a sua satisfação e a satisfação da família que construiu em Rolim de Moura. “Atualmente eu e minha família nos sentimos muito realizados, nossos objetivos foram alcançados, costumo dizer; se fosse preciso começaria tudo de novo”.

Neste sentido (Baima, 2016), maranhense que chegou a Rolim de Moura em 1978 é firme em sua afirmação:

> Tenho o prazer, não de carne, mas de honra de ser quase um fruto desta terra abençoada por Deus ter amor a esta cidade que é Rolim de Moura, eu tenho minhas

> filhas dizer que tem o maior prazer de estar pisada na terra natal, no torrão natal, eu só tenho a elogiar. Muita gente acha que está ruim, não vamos basear só está ruim, o negócio arruinou de um dia para cá em nível de Brasil. (BAIMA, 2016).

O relato demonstra o sentimento de pertencimento do entrevistado com a espacialidade, a ponto de se considerar como um quase rondoniense, de se orgulhar de ter suas filhas nascidas em Rolim de Moura. Ao mesmo tempo as experiências atuais que muitos julgam estar "ruim" não se restringem a Rolim de Moura e sim a todo país.

A memória como já abordado também é marcada por silêncios e esquecimentos, desta forma os relatos em sua maioria expressam o sucesso, os objetivos traçados e de certa forma alcançados por estes migrantes. Frustrações e desencantos comumente tendem a ser, não esquecidos, mas sim silenciados, neste ínterim é sabido que muitos migrantes tentaram e não conseguiram atingir seus objetivos e expectativas, por isso migraram a outras localidades ou em Rolim de Moura estão de certa forma frustrados pela não realização de suas expectativas.

Nesta perspectiva de satisfação Marques, que é paulista mas residiu no Paraná antes de migrar para Rondônia relata.

> Eu tenho um sentimento de satisfação com o que consegui aqui em Rondônia, posso louvar muito a Deus, agradecer muito a Deus como tenho agradecido, porque até eu acho que não tenho merecido o tanto que Deus me deu, porque é uma graça muito grande! Porque você estar igual eu ficava lá no Paraná com uma máquina nas costas, passei noites e noites inteirinhas passando veneno em pó, aquilo você enfia a mão no nariz estava tudo entupido de pó; Só morre quando chegar a hora de Deus chamar viu! Tem vezes que o cara fala: Ah fulano está acabado por causa de veneno. - Eu sei de cara que já morreu e nunca mexeu com veneno e eu estou aqui até hoje. (MARQUES, 2016).

Marques além de evidenciar e ser grato a Deus pelas conquistas que obteve em Rondônia destaca uma das condições em que vivia no Paraná, trabalhando em período noturno passando veneno (defensivos agrícolas) em plantações, tendo a sorte ou a "paciência" do (chamado de Deus como julgou) de não ser intoxicado com tamanho uso de agrotóxicos.

As atribuições que alguns entrevistados fazem a Deus por suas conquistas materiais é típico de algumas doutrinas religiosas que foram e continuam a ser importantes para o desenvolvimento do mundo capitalista. A estas Deus é inerente a dinheiro. A estes migrantes tal atribuição não acredito que expresse plenamente a intenção dos mesmos, pois elencam também conquistas pessoais/sentimentais e não só materiais.

Quando questionado se em algum momento teve vontade de retornar ao Paraná, ou se dirigir a outro local, Marques enumera não dificuldades como falta de infraestrutura, falta de estradas e outras comumente relatadas, e sim a falta de crédito vivenciada logo que chegou a

Rolim de Moura:

> Teve uma época que deu vontade de voltar [Paraná], naquela época que eu fui na cidade e o cara me disse que se vende no dinheiro estava perdendo e no fiado mais ainda, aí eu olhava para o matão não tinha um parente aqui, aí deu vontade de voltar, sabe porque, a gente no Paraná era fraco mas eu ia com um carrinho no mercado de um português de nome Dalvo, e se seu eu quisesse levar o carinho cheio de mercadoria fiado ele me vendia, comprei muito para pagar com 30 dias, 60 dias, na época não tinha infração, sabe! Aí eu aqui com um mundão [42 alqueires] de terra, mas não tinha crédito, eu cheguei a chorar sentado no baldrame do meu barraco, eu não nego não! Olhava para o mato é as lágrimas de os olhos correr, pensava meu Deus, lá no Paraná eu não tinha nada, mas tinha crédito. Mas graças a Deus, comecei a produzir, Rolim foi se desenvolvendo, as coisas foram clareando, colhi muito feijão, colhi mais de 40 sacos de feijão batido tudo no cambão, eu é esta mulher [sua esposa] sabe que puxou este feijão, foi compadre Valdir com uma picape, ele tinha recém chegado do Paraná, passava em pinguela, mas chegava com cada carga em Rolim o cara já te passava o dinheiro limpinho, já aproveitava a caminhonete e fazia compra para o ano todo, lá no Paraná era diferente lá comprava por semana, todo sábado ia na cidade comprava um pouquinho. (MARQUES, 2016).

Esta falta de crédito relatada por Nelson nos primeiros meses em Rondônia, bem como tal situação teve um revês a partir das primeiras colheitas de cereais quando já se tinha dinheiro para fazer a compra do ano, aliás esta prática pode ser adensada aos elementos de identidade incorporados pelos migrantes não só de Rolim de Moura, mas de muitos outros migrantes de Rondônia do processo migratório em tela, principalmente, aos que migraram para o campo.

O transporte da colheita quanto da compra, por vezes era feito por algum migrante, um vizinho de maior poder aquisitivo que possuía um veículo para transitar nas estradas geralmente precárias do período, no caso relatado acima por Marques, sua colheita foi transportado pelo compadre Valdir (migrante recém-chegado do Paraná), provavelmente, na época os dois não eram compadres vindo a ser anos mais tarde; entretanto, as dezenas de convivências permitem este “lapso” de memória do entrevistado.

A compra anual geralmente correspondia aos produtos: óleo de soja, sal, açúcar, trigo, papel higiênico, esponja de aço, sabão em barra, entre alguns outros produtos não perecíveis, tais produtos eram comprados em uma escala que geral duraria um ano, até a próxima colheita. Cereais como arroz, feijão e demais produtos como a carne, um legume, uma verdura ou outro mantimento, geralmente, era fruto da terra, seja pelo abate de um porco, um frango, no caso da carne, ou pelo cultivo de uma horta, uma roça, ou um pomar para demais verduras, frutas e legumes.

A corroborar com Marques (2016) Belmiro Gomes relata.

> [...] Quando as coisas melhoraram que a gente já teve um saldo mais estável, a gente fazia a compra de passar o ano, a gente já falava a “feira do ano”, quando falava a

> feira do ano você já estava incluindo uma caixa de óleo, um fardo de açúcar, um fardinho de sal, várias outras coisas, na época não tinha energia elétrica, então tinha que comprar o querosene, já comprava uma lata de 20 litros já deixava armazenado, esta era a forma que tínhamos de estocar a mercadoria, por quê? Para buscar alguma coisa na cidade, era 22, 23 quilômetros a pé, não tinha carro, não tinha condição de comprar é o cara do mercado levar como hoje leva, (GOMES, 2016).

O relato de Gomes evidencia o porquê de hábitos assim, motivos que vai desde a falta de energia elétrica (uso de querosene para utilizar na lamparina[19]) e a distância da cidade; implícito aos motivos citados é possível citar a ausência de renda em tempos fora da colheita. O próprio Gomes relata que sua família logo que chegou a Rondônia era muito pobre, portanto, utilizava de outros meios para trazer alimentos para casa, principalmente no período entre safras.

> Trabalhando uma diáriazinha para o outros que já tinha mais um recurso, trabalhava ali uma diária, ganhava um dinheirinho, comprava ali um sal, um açúcar, algo assim que a gente não produzia, [...] Para você ter ideia, teve vez de a gente trabalhar um dia ou dois da semana para comprar o sal, de tão fraco que era nossa situação. A gente procurava quem tinha condições de pagar uma diária, caminhava de 5 a 6 quilômetros para comprar um pacote de sal, um açúcar que as vezes não tinha, comprar uma outra coisa, um macarrão, uma coisa assim era mistura, era novidade quando acontecia. (GOMES, 2016).

Tais comportamentos e hábitos tomados pelos migrantes em Rondônia como os citados acima revela uma cultura diferente em relação a espacialidade que deixaram, neste sentido cabe a esta pesquisa pensar cultura como um modo de vida total concebendo o conceito de cultura as causas e consequências do comportamento humano; interpretando como cultura os comportamentos de um indivíduo ou de grupo em determinada espacialidade, aos hábitos, costumes, valores e tradições, ou seja, a vida em cotidiano destes seres territorializados a esta espacialidade.

Este olhar antropológico de enxergar cultura foi concebido pelo antropólogo E. B. Tylor, como “aquele todo complexo” um complexo de valores, costumes, crenças, conhecimentos, arte, moral, leis e quaisquer outras capacidades e hábitos que constituem todo um modo de vida de um determinado indivíduo ou grupo em sociedade. (EAGLETON, 2011, p.54-5).

Neste sentido o cultural é o social são efetivamente idênticos, bem como transmissíveis a partir das práticas vividas indo ao encontro do conceito de configuração já abordado nesta pesquisa.

Ainda tocante ao sentimento de pertencimento com Rolim de Moura, João Batista Lopes (2016) um escritor das narrativas regionais expressa este sentimento: “O meu

[19] Lâmpada a óleo/querosene.

sentimento é de vitória, eu não posso reclamar da minha estadia nesses 42 anos que eu estou aqui em Rondônia, eu não tenho estudo e cheguei onde eu cheguei, eu fui um dos primeiros escritores de Rondônia". Lopes (2016), que não possui ensino superior relata seu feito com entusiasmo e orgulho apresentando a este pesquisador suas contribuições para memória local.

Neste contexto, Lopes quando interrogado sobre se em algum momento teve desejo de retornar ao seu estado de origem ou sair de Rondônia expressa:

> Não, não! Eu fui abrindo a minha picada e tendo apoio, que se eu não tivesse apoio dos outros eu não tinha chegado com a 6 livros editados, se eu cheguei com 6 livros editados porque a turma me apoiou, porque quando eu fiz o primeiro .... Esse aqui foi feito em Goiânia, e eu não tinha dinheiro para fazer o livro, sabe o que eu fiz? – Eu vendia 3,4 exemplares para você e 5,6 pra outro pra entregar depois que eu voltasse o livro pronto, muita gente comprou 5 livros me pagou 5 livros, quando eu cheguei me pediam mais 5, então eu tive apoio total. (LOPES, 2016)

O apoio que Lopes descreve que recebeu dos demais migrantes pode ser associado ao conceito de configuração estabelecido por Nobert Elias, em que indivíduo e sociedade estão irremediavelmente ligados e que sozinhos os indivíduos não constroem relações sociais. Deste modo, migrantes das mais variadas regiões do país se colocam como parte importante para o desenvolvimento seja econômico e cultural de Rondônia/Rolim de Moura como destacou o entrevistado Belmiro Gomes.

> Eu acredito que todo o cacaieiro[20] que fez parte do desenvolvimento de Rondônia também faz parte do desenvolvimento da nossa cidade, ele também é responsável pelo desenvolvimento cultural de nossa cidade, a criação de uma cultura que veio várias regiões do país, e cada um trazendo uma cultura diferente, por exemplo, lá em Minas eu não posso contar a história porque eu era uma criança, lá no Paraná eu já era um garoto, já lembro de diversas coisas, mais o que eu era apto a fazer lá, já não é o mesmo que eu vou fazer aqui, porque aqui eu me acho sozinho para fazer o que acostumei fazer, mais eu já conheço a outra pessoa que faz algo diferente do que eu faço, então o que acontece no final, eu aprendo com ele, ele aprende comigo, e nós cria uma nova cultura de vida, um novo estilo de brincadeiras, um novo estilo do desenvolvimento de outras atividades né! Então acredito que todo o migrante faz parte do desenvolvimento do estado, da cidade, das novas criações de ideias, porque, creio que ninguém faz nada sozinho, sempre tem que estar agrupado com alguém, porque sozinho é difícil a gente andar. Junto vamos longe, creio que deste desenvolvimento fazemos parte, e esta cultura, tudo que envolve a cidade. (GOMES, 2016).

A fala de Gomes (2016) permite interpretarmos o conceito de cultura como um modo de vida total, assim, correlato com a vida cotidiana do indivíduo. Raymond Williams, considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais, junto de Richard Hoggart e E.P.Thompson ao estudarem tanto os fenômenos da cultura popular quanto da "alta" cultura marcaram a nova interpretação quanto conceito de cultura, inclusive, instituindo os Estudos Culturais como disciplina na Inglaterra em 1950. (CEVASCO, 2003).

---

[20] Denominação muito utilizada na região para os migrantes que carregavam nas costas o "cacaio" uma espécie de mochila feita, geralmente de peças de roupas usadas, na qual carregavam pequenas ferramentas e alimentos.

3.2 Cultura e Identidades rolimourenses em Memórias coletivas

Nesta pesquisa por tomarmos como referência os estudos culturais ingleses, utilizaremos da nomenclatura “Estudos Culturais”. Entretanto, convém lembrarmos que os estudos culturais têm diversas abordagens, conforme a especificidade de cada país. Esta abordagem cultural utilizada distancia-se do conceito tradicional de cultura vinculado as artes e a literatura, olhar cultural que associa cultura como sinônimo de civilização (estético). Para Sônia Cevasco (2003) “cultura é mais do que literatura e as outras artes, é, como queiram os de ímpetos mais democratizantes, não o apanágio de uns poucos homens cultos, mas de um todo modo de vida”. (p.19).

O olhar da tradição de cultura vinculado às artes e literatura, principalmente, além de reducionista, apresenta-se como discriminativo perante as inúmeras sociedades existentes. Eagleton (2011) citando Von Herder afirma: “O que certa nação julga indispensável para o círculo de seus pensamentos”, “nunca entrou na mente de uma outra, e por outra ainda foi julgado ultrajante”. (p.24).

Eagleton (2011) tece críticas a visão tradicional e estética de cultura por considerá-la como instrumento de rara transformação social perante as disparidades impostas pelo imperialismo interpretando-a como utópica. “Um futuro desejável deve ser também um futuro exequível”. (EAGLETON, 2011, p.37).

É este suposto poder de transformação dos novos conhecimentos surgidos no século XX que credencia os estudos culturais, pois o olho antropológico da cultura enxerga um reduto maior, assim como obtém maior reconhecimento da sociedade. No debate epistemológico, a ciência moderna propõe não apenas compreender e explicar o mundo, mas transformá-lo. (BOAVENTURA, 2004).

Os Estudos Culturais são concebidos dentro de um campo interdisciplinar em que ampliando o conceito de cultura, procuram analisar o relacionamento entre a economia, o estado, a sociedade e a vida diária. Seguindo esta premissa, o desenvolvimento cultural não é biológico, independe de uma transmissão genética.

Poeta modernista, dramaturgo e crítico literário, Thomas Stearns Eliot percorre sobre os supostos dois caminhos da ideia de cultura, acrescentando que “A cultura pode mesmo ser descrita simplesmente como aquilo que faz a vida valer a pena ser vivida” (ELIOT, 1948, p. 27 apud EAGLETON, 2011, p.160).

> O que ele entende por cultura, anuncia, é, "antes de tudo, o que os antropólogos entendem: o modo de vida de um determinado povo vivendo junto em um certo lugar" Em outras ocasiões, contudo, a cultura como um termo valorativo parece predominante na sua mente [...] ao passo, que flutuando entre os dois significados, está um sentido de cultura como todo complexo das artes, usos e costumes, religião e ideias de uma sociedade, o qual pode ser posto a serviço de qualquer umas das duas definições. (EAGLETON, 2011, p. 160).

Eliot segundo Eagleton (2011), defende que a elite detém cultura "mais consciente e refinada", e que esta é socialmente distribuída: "a cultura como corpo de obras artísticas e intelectuais é o domínio da elite, ao passo que a cultura no seu sentido antropológico pertence às pessoas comuns". (p.167)

A afirmação de Eliot quanto ao sentido antropológico de cultura ajusta aos migrantes de Rolim de Moura, por estes em geral serem pessoas simples ou populares, como já abordado nesta pesquisa. Ressalta-se que o uso do termo "simples ou populares" remetem ao alto número de migrantes que chegaram a esta espacialidade em geral com pouca instrução escolar.

O poder de transformação, incorporação e assimilação estabelecido pelos Estudos Culturais permite que um número maior de indivíduos se reconheçam enquanto protagonistas e responsáveis pelo desenvolvimento de sua comunidade, o entrevistado Rodnei Paes quando interrogado sobre sua contribuição para Rolim de Moura afirma:

> Eu acredito que contribui sim, contribui como professor na formação dos alunos que passaram por mim, na área do esporte por ser professor de educação física. [...] como professor dando aula, nos jogos, nas formações das equipes, nós montamos uma equipe de basquete aqui [basquetebol] campeã estadual, nunca teve equipe de basquete aqui, nós formamos uma equipe, participei como atleta e depois como empresário, eu tenho uma academia há 16 anos, como empresário acreditando na área da educação física, fui membro da associação comercial, fui diretor de escola, dei aula nas três faculdades, tanto na Farol [Faculdade Rolim de Moura], na UNIR [Universidade Federal de Rondônia] e Faculdade São Paulo, então a gente neste período de trinta e três anos que aqui estou dando minha contribuição. (PAES, 2016).

Nesta perspectiva de contribuição para o desenvolvimento da cidade, Selhorst (2016) que construiu sua família em Rolim de Moura – Rondônia, sente responsável pela construção da comunidade rolimourense. Todavia, estabelece uma crítica, sobretudo, ao poder público que segundo ele tem a possiblidade de ser mais atuante no desenvolvimento econômico e social da cidade, entretanto, não realiza em sua plenitude.

> Eu como cidadão eu me sinto responsável pela construção da sociedade não só de Rondônia porque eu formei uma família aqui, a gente não pode generalizar mais são poucos os cidadãos que se tem a responsabilidade de fazer com que o município cresça infelizmente o que deixa a desejar é a administração pública, o servidor público são poucos os que querem o trabalho, eles querem o emprego pra ter o

> salário no fim do mês, eles não tão nem aí se as coisas tá correndo bem ou correndo mal, se você for pegar creio que não de 50% na construção de um governo e realmente sadio. (SELHORST, 2016).

A insatisfação de Selhorst com o poder público mais uma vez se faz presente quando interrogado se Rolim de Moura atendeu seus anseios enquanto migrante, isto ainda na década de 1970, quando chegou a Rondônia.

> Eu particularmente me sinto realizado com aquilo que eu sonhei na minha vida, porque eu queria ter um pedaço de terra e sustentar minha família, [...] a única frustração que eu tenho é sobre o poder público, porque isso eu já questionei no gabinete do prefeito, porque Rolim de moura, tem potencial para ser uma cidade exemplo, uma cidade modelo pra Rondônia. Porque ela está centralizada num local onde as ramificações dela se espalha, para BR 364, Santa Luzia [Santa Luzia do Oeste], Alta floresta [Alta Floresta do Oeste], então a região toda cai tudo dentro dela e vemos que os políticos não tem projetos para Rolim de Moura, [...] essa é uma decepção minha eu vejo que os rolimourenses tem potencial mais não tem projeto, único projeto que tem e que a gente conhece é o projeto inicial, da formação das ruas essas coisas, mais não se tem um projeto pra se construir uma cidade modelo porque ela tem potencial pra isso. (SELHORST, 2016).

Acrescentando as cidades mencionadas por Selhorst, podemos citar Pimenta Bueno ao leste e Novo Horizonte do Oeste, ao oeste, no sentido desta última cidade mencionada existem outras como Nova Brasilândia do Oeste, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, São Francisco e até Costa Marques que constantemente tem seus moradores frequentando Rolim de Moura para situações diversas. O projeto inicial das ruas que Selhorst relata é o fato de Rolim de Mouras ter suas ruas planejadas, em linhas retas, facilitando a locomoção principalmente aos seus visitantes.

Esta ineficiência do poder público como julgou Selhorst (2016) no relato acima de alguma maneira perpassa sobre a transformação que o indivíduo/grupo pode realizar em sua territorialidade e assim obter o reconhecimento ou não dos membros de sua territorialidade. Em que sentidos as compreensões e transformações sobre esta comunidade altera ou não os comportamentos desta, e sobre implicações assim que recaem o olhar antropológico de cultura.

O entrevistado Adi Baldo, morador do centro da cidade de Rolim de Moura em sua fala não expressa críticas ao poder público local, relatando sua satisfação com a cidade faz uma outra análise sobre um suposto maior desenvolvimento da cidade.

> O sentimento de realização de ou de frustração, mas vamos ficar em cima da realização e pleno, e pleno, isto eu falo não só por mim, mas pela camada que não é flutuante que existe aqui em Rolim de Moura, porque todo local tem uma população fixa é uma flutuante, mas a nossa já parece ser fixa, não é mais flutuante não, aquela indecisa que não sabe para onde vai. “Eu estou aqui vou ficar por aqui, meus filhos ainda vão andar por aqui é ali”. Mas é plena é de todos que você ver aí de alguma forma estabilizado, porque, eu acho que os sonhos de alguma forma foram realizados, muitos vieram acreditando que iriam ficar ricos, esses com certeza foram

> embora, ganharam seu dinheiro, não pode dizer que foram embora frustrados ou não ou realizado, mas eles não estão mais aqui, estes que vieram com este intuito, talvez algum foi embora com dinheiro, mas a maioria frustrado. Mas os que ficaram insistiram em seus objetivos eles estão realizados materialmente, mas vamos dizer mais realizados familiarmente, porque se você olhar a quantidade de crianças que se tem em Rolim hoje, nós que acompanhamos estes mais de 30 anos, você percebe nós não tínhamos adolescentes e crianças muito pouco (risos). Hoje nós temos uma camada bem equilibrada de adolescentes, jovens adolescentes, os de 30 a 50 anos, os de 60 anos, os idosos. Então se você pegar estes de 40 anos para frente eles vão dizer, estou aqui, meu pai criou toda a família, a gente encontrou aqui o que precisava, e a cidade correspondeu de alguma forma, não é aquela metrópole que as vezes a gente sonha, depois a gente fala, que bom né! Hahahaha. Porque você sabe conforme a cidade cresce expulsa gente, porque se ele estivesse crescendo mesmo eu não estaria aqui, alguém teria vindo comprar isto aqui e faz um prédio de 20 andares. (BALDO, 2016).

O relato de Baldo é rico pois além de expressar sua realização com Rolim de Moura, o mesmo acrescenta que este sentimento de realização com as oportunidades colhidas na espacialidade não se restringe somente a ele, mas a um grande número de migrantes que como ele já estão por muitos anos em Rolim de Moura e não manifestam desejo de retornar aos seus estados de origem ou de migrarem para outras localidades, configurando assim o que ele denominou de população fixa. Estes criaram e constituíram famílias e hoje em geral se sentem realizados com as oportunidades que a nova terra os trouxe.

Como já apresentado o sentimento de pertencimento dos migrantes de Rolim de Moura com a espacialidade é nítida, uma afirmação categórica assim só é possível pelos mais de trinta anos que a convivência coletiva destes migrantes com a terra/cidade proporcionou. Diante disto, as sociabilidades ensejadas nestas terras junto da memória aparecem correlatas a este sentimento de pertencimento e identidade.

Pollak (1989) destaca que a função da memória é reforçar estas relações de pertencimento, bem como as redes de sociabilidades que integram as lembranças da memória coletiva, que tem como características a duração, continuidade e estabilidade.

> A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum. (POLLAK, 1989, p. 9).

Halbawachs (2003) refere à memória coletiva destacando que:

> Ele é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição não ultrapassa os limites desse grupo. Quando um período deixa de interessar o período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: na realidade, há dois grupos que se sucedem. (HALBAWACHS, 2003, p.102).

Uma das justificativas para a presente pesquisa tem como referência a fala acima de

Halbawachs, pontuando que a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo que a mantém, e que a memória coletiva interessa basicamente a este próprio grupo. O presente pesquisador, como filho de migrantes que chegaram a Rolim de Moura na temporalidade pesquisada atua incondicionalmente como sujeito desta pesquisa, tendo interesse pelo grupo e por suas narrativas ora apresentadas.

Obter interesse em escrever as narrativas do grupo à qual pertence é prática comum entre os pesquisadores, haja vista que o mesmo percebe que o tempo conduz a um esquecimento das lembranças. Deste suposto esquecimento parte interesse do pesquisador e membro desta sociedade.

> A memória de uma sociedade se estende até onde pode – quer dizer, até onde atinge as memórias dos grupos de que ela se compõe. Não é absolutamente por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de fatos e personalidades antigas, é porque os grupos que guardavam sua lembrança desapareceram. (HALBAWACHS, 2003, p.105).

Assim sendo a memória coletiva é medida no tempo a partir da longevidade da vida humana, ou seja, quanto maior a duração da vida humana, maior o campo da memória coletiva. Todavia Halbawachs (2003) considera que especialmente a memória coletiva não acaba com o desaparecimento dos mais velhos.

> Aliás, é difícil dizer em que momento desapareceu uma lembrança coletiva, e se ela saiu realmente da consciência do grupo, precisamente porque basta que se conserve em uma parte limitada do corpo social para que ali sempre se consiga reencontrá-la. (HALBAWACHS, 2003, p. 105).

Para Halbawachs (2003) “Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”. (p.79). Isso permite entender que ao vivermos com contemporâneos de certos fatos históricos ou com os vestígios e consequências destes estamos credenciados a ser também testemunha de tais fatos, algo somente possível pela memória coletiva.

Em sentido oposto a Halbwachs, Candau (2014) atesta que a memória coletiva é uma representação de memórias individuais, a mesma passa a ser coletiva quando membros de determinado grupo produzem narrativas supostamente comum a todos os membros deste grupo. Afirmação que também se aplicaria a identidade coletiva.

> Nenhuma sociedade come, dança ou caminha de uma maneira que lhe é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam maneiras de comer, dançar ou caminhar que, ao se tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão. (CANDAU, 2014, p.24)

Candau (2014) afirma que a memória coletiva tende a silenciar as singularidades, além de ser reducionista por deixar no silêncio aquilo que não é compartilhado; Candau

incisivamente admite que “a existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado”. (p.35).

Para Jacques Lee Goff (1990), a quem a memória coletiva é para os povos sem escrita. [...] “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais no poder. Tornaram-se senhores da memória e do esquecimento é uma das preocupações das classes e dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. (p. 427).

Todavia, conforme pondera Sônia Freitas (2002), a busca por elementos coletivos nessas narrativas tem especial importância, visto que deste modo seu valor como fonte histórica torna-se mais relevante. Portanto, é sobre a memória coletiva que recai o interesse deste pesquisador e para objeto desta pesquisa, uma vez que entendemos que Memória e História estão intrincadas uma na outra criando relações de apropriações uma a outra.

Como já abordado anteriormente quanto o conceito de configuração em que indivíduos só pode existir em sociedade, não havendo separação destes e que os mesmos estão irremediavelmente integrados e assim criam identidades. A identidade é resultante do processo socialização, em que o indivíduo se reconhece ou se diferencia por meio do outro; contudo, a socialização não permite a construção ou consolidação de apenas uma única identidade. Neste ínterim, a de se considerar que o outro não necessariamente ou diretamente influenciará nosso modo de viver através da socialização, pois, ao tratar de identidade, as individualidades não podem ser suprimidas. A identificação pode ser vinda do outro, mas aceitá-la ou recusá-la cabe ao indivíduo, e ao recusar cria-se outra. Assim, o processo de constituição identitária se dá entre a identificação identitária e a não identificação com as atribuições que são sempre do outro e esse processo só é possível devido á socialização.

Pôr a identidade ser fruto deste processo de socialização que depende do outro, Rolim de Moura por ser uma cidade ainda jovem e fruto de um processo migratório que recebeu migrantes das mais variadas regiões do país, sua identidade apresenta-se em formação, neste sentido o entrevistado Adi Baldo relata.

> Rondônia ainda está para nascer o nosso folclore, as nossas verdadeiras tradições, a nossa verdadeira identidade, ela vai se formar do amadurecimento, que vai demorar uns 30, 40 anos para que possamos dizer esta é a tradição de Rondônia. [...]não podemos dizer que isto é a nossa identidade, nós não construímos o cidadão rondoniense ainda, o adolescente rondoniense está aí, estamos vivendo uma fase de adolescência sem saber exatamente o que vai ser daqui 20, 30 anos e coisa e tal, porque a medida que o tempo passa as pessoas vai sedimentando mais e por razão disto criando suas próprias tradições. Você vê o que faz uma identidade? Quem faz

> uma nação é um povo, um território é uma língua, mas o que faz uma identidade mais local e diria que um traje, um jeito de se vestir, o jeito de comer, isto que vai formar uma identidade, dá para dizer assim de percepção de mundo, nós vamos ter que ter a nossa percepção de mundo. Esta identidade não sei se esteja demorando para acontecer, não sei se existe um ponto de maturação; por conta da diversidade e eu diria principalmente pelo número de crenças que nós temos, você ver que os católicos e assembleianos e a maioria, talvez, mas você vê que o número de participantes da congregação cristã é muito grande e de outras mais pequenas, triangulares não sei o que, você anda na rua vê uma série de igrejas, cultos e templos diferentes, então em razão de cada um ter seus cultos, cada um tem uma percepção de mundo diferente; e demora para formar uma identidade, algo que seja comum de todos. (BALDO, 2016).

Baldo (2016) com uma riqueza de detalhes aponta que diversidade cultural encontrada em Rondônia faz este estado não ter ainda uma identidade definida. O que é plausível para um estado de colonização recente. Esta definição ou maturação se existir irá durar ainda algumas décadas. Entretanto o mesmo não expressa que esta suposta demora seja positivo ou negativo, e sim, natural para um estado formado de migrantes e estes com modos de vida diferentes.

Neste ínterim de diversidades encontradas em Rondônia, Baldo (2016) em tom humorístico interpreta a identidade ainda em formação de Rondônia.

> Qual é o seu prato preferido, então todo mundo aqui gosta de peixe, todo mundo gosta de churrasco, gosta de feijoada, todo mundo gosta de tudo, você percebeu isto? (risos). Então se você perguntar qual é o prato típico de Rondônia? Ai você responde: o fundo. [risos]. O prato típico de Rondônia ainda é o fundo, aquele que cabe as coisas. (BALDO, 2016).

As contribuições de Baldo (2016) quando a identidade rondoniense, embora, seja afirmações genéricas expressam a identidade de Rondônia e por consequência de Rolim de Moura. Identidade em construção que somente é possível pelo processo de socialização, sempre tendo como referência o outro, e no caso de Rondônia os outros, tamanho número de migrantes, estando estes a definir novas identidades entre as igualdades e as diferenças.

> A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, que se faz por meio de negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas e não são fenômenos que devam sem compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 204).

Seguindo a assertiva anterior de Pollak (1992), a suposta ausência de uma identidade para Rondônia é Rolim de Moura pode ser atribuída a colonização ainda recente, como a identidade e definida pela diferença, estas terras e os que elas habitam podem não ser tão acolhedoras a todos, incompatibilizando a aceitação de um único significado para a identidade de Rondônia. Esta suposta não aceitação e admissibilidade é acentuada com os efeitos do mundo globalizado que vivemos, designando todas as identidades seja de qualquer espacialidade em fluída e mutável.

Pensarmos identidade forma mutável vem reforçar o conceito de cultura nesta pesquisa utilizado, pois assim como a identidade é passível de transformações e depende do outro, assim, e cultura enquanto modo de vida, conceito na qual a posse não se encontra estática, e sim em constantes mudanças e apropriações, pois a cultura pertence ao homem e este como agente social é passível às mudanças sociais que inevitavelmente trazem mudanças culturais. (CEVASCO, 2003).

Como ponderou Williams (2011) "A história da ideia de cultura é um registro de nossos significados e nossas definições, mas essas, por sua vez, só podem ser compreendidas no contexto de nossas ações"; destarte, cultura indica um processo, não uma conclusão. (p.321).

E no sentido de pensarmos a cultura e identidade como um processo e não uma conclusão que permite pensarmos estes migrantes enquanto sujeitos transformadores e criadores do espaço em que escolheram residir. O processo de migração interna brasileiro é muito condicionado as conquistas e perspectivas alcançadas por estes migrantes, como foi possível constatar em relatos que silenciam os insucessos de outros migrantes que já não territorializam em Rolim de Moura, dando assim sequência à migração interna brasileira.

Pollack (2002) ressaltou que ao utilizarmos como base os pontos fixos ou enquadramentos da memória concordamos que embora pese sobre a memória flutuações, a memória coletiva em relação a memória individual seria melhor organizada.

Em que peso a condição de ser falível e seletiva, a memória e concomitante a história oral, são problematizadas no meio acadêmico há bastante tempo. Assim, para uma temática como as relações de sociabilidades entre os migrantes em Rolim de Moura de 1977 a 1987, em que praticamente inexiste outras fontes sobre, a história oral apresenta-se como oportuna, haja vista que utilizando da memória, estabelece vínculos com a identidade do grupo rolimourense em questão, além, de preencher lacunas e complementar informações de outros documentos. (MEIHY, 2013).

Neste sentido a história oral segue uma tendência de se opor a "memória oficial" possibilitando e privilegiando a análise dos marginalizados, dos excluídos e das minorias, interpretação das "memórias subterrâneas" como ponderou Pollak (1989, p. 4). Esta interpretação da história oral, como a história "vista dos de baixo" cabe aos migrantes de Rolim de Moura, sujeitos desta pesquisa, por estes em sua maioria serem pessoas simples (desprovidas de recursos econômicos) e que em larga medida almejavam um pedaço de terra

ou um trabalho que os possibilitasse obter maior qualidade de vida para si e para sua família.

Esses migrantes, que também são familiares, amigos, colegas, conhecidos de trajetória de vida e que pude crescer a ouvi-los contar tais narrativas e mesmo ainda na inocência de criança, já percebia a centralidade, a importância que essas falas pareciam assumir como narrativa comum que construía laços, pertencimento, identidades entre aqueles que narravam as aventuras e desventuras presentes na experiência migratória e no estabelecimento e construção do *novo* lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar em conjunto temas como memória, migração, sociabilidade e identidade no contexto de um município amazônico formado ao fim da década de 1970 e década de 1980 foi uma tarefa desafiadora e de modo algum simples. A complexidade destas questões se deve às múltiplas maneiras pelas quais os eventos sociais podem ser contados, narrados, percebidos, produzindo sequências de relações sociais

Nas circunstâncias inerentes à Rolim de Moura as variáveis relevantes a compreensão e interpretação do processo de migratório, das relações de sociabilidade e identidade pautadas na memória de migrantes foi possível por meio da análise dos relatos colhidos e das leituras realizadas, contribuindo assim com os estudos da migração interna no Brasil, história agrária de Rondônia e história social de Rolim de Moura uma vez que dá visibilidade aos sujeitos que territorializaram está espacialidade.

Quanto ao processo de migração para Rolim de Moura observamos que a espacialidade é constituída de migrantes das mais variadas regiões do país, com uma predominância de pessoas vindas do sudeste e sul do pais, ou que por lá passaram antes de chegarem às terras rolimourenses, imbuídos de conseguir um pedaço de terra ou simplesmente obter uma melhor oportunidade de vida, uma vez que estas terras eram propagandeadas pelo governo civil militar da época como uma terra a ser ocupada e de oportunidades.

O estado brasileiro tem papel importante ou primordial para o processo de ocupação de Rondônia seja com as propagandas de incentivos as pessoas migrarem para Rondônia, seja com os projetos de assentamentos e distribuição de lotes de terras por meio do INCRA, a terra como um dos principais motivos de atração de migrantes gerou especulações financeiras e por consequência conflitos em torno da posse da mesma que o próprio estado gerou e não foi capaz de sanar em sua inteireza.

Sobre a atuação do Estado na acomodação destes migrantes esta é questionável, se em por um lado instalou muitos colonos por meio dos projetos de assentamentos de terra, por outro, estes assentamentos não atenderam a todos. Uma outra questão a ressaltar sobre as políticas de assentamento de colonos pelo INCRA, e que este não levou em conta os povos tradicionais que aqui habitavam, estes em sua maioria perderam suas terras ou foram empurrados para regiões mais longínquas, em diversos casos para terras onde não mais podiam exercerem as atividades de antes, exemplo um seringueiro que recebe um lote de terra onde não existe seringueira.

Quanto o fornecimento pelo Estado de serviços básicos como estradas, saúde e

educação aos migrantes, tais serviços de certa forma também é questionada, pois muitos só ocorreram anos depois quando alguns destes migrantes já se encontravam desencantados pela nova terra, apresentando assim uma ausência do Estado neste processo migratório. Vale ressaltar que historicamente no Brasil os serviços básicos não são oferecidos em inteireza, demanda e necessidade pelo Estado.

Entre os que ficaram e atualmente relatam suas experiências plasmados pelo tempo e pelas conquistas obtidas, seja espiritual, seja material, atestam jamais terem perdido as esperanças diante das dificuldades iniciais que a nova terra os colocou, aos mesmos o desejo de vencer, constituir suas famílias suplantou as adversidades encontradas.

Entre as relações de sociabilidades construídas por estes migrantes mapeamos que elementos como a comunidade religiosa é o futebol destacam quanto a interação dos mesmos, quanto as comunidades religiosas destacam a Igreja Católica, para onde migrantes dirigiam não só para rezarem, mas também aos encontros e festas que a mesma proporcionava. Em diversas localidades da cidade, em especial nas localidades rurais a capela é ao lado do campo de futebol, contribuindo assim para este papel de destaque da comunidade religiosa e do futebol como um dos principais elementos de sociabilidades entre migrantes.

O futebol enquanto elemento de sociabilidade entre migrantes não é peculiaridade de Rolim de Moura uma vez que tratamos de uma prática esportiva universal e de certa forma acessível. A presente reflexão e interpretação sobre o futebol é pautado nos relatos de migrantes, e para entendermos o lugar do futebol na cultura brasileira necessita de um embasamento teórico maior, uma carga de leituras maior que farei em trabalhos futuros.

Quanto a identidade rolimourense está como e característico dos tempos modernos não apresenta um significado único, a mesma tanto pode estar em formação como julgou alguns entrevistados, como pode ser o que se apresenta na atualidade, uma identidade mutável, fluída, logo, difícil de definir e relatar, como foi perceptível em relatos.

Entre os objetivos gerais desta dissertação que foram ampliar as contribuições sobre a migração interna no Brasil, interpretar a história agrária de Rondônia, identificar as sociabilidades entre migrantes de Rolim de Moura e a partir destas relações de sociabilidades perceber as relações de identidade e pertencimento com a espacialidade, em larga medida foram atendidas na presente pesquisa, o uso da História Oral enriqueceu as reflexões, como deu um colorido especial ao texto, deixando-o de fácil leitura.

Apesar do objetivo desta dissertação não ter sido o de abarcar todas as extensões das vivências dos migrantes de Rolim de Moura, algo que dificilmente seria possível, ficou implícito aqui o quão rica é a multiplicidade cultural engendrada por eles; suas dificuldades,

suas conquistas, coragem e costumes; alegria e desafios vivenciados ao longo dessa trajetória.

Aos poucos, essas gentes que vieram de tantas partes do Brasil e se defrontaram com o novo, com o estranhamento do lugar e algumas vezes do outro que lhes parecia diferente, deram origem a primeira geração de rolimourenses, geração essa, da qual faço parte e que com curiosidade e respeito, tenho tentado ouvir muitos dos relatos sobre os tempos em que esses migrantes estabeleceram domicílio por aqui. Assim, busquei dar conta de parte da história dessa localidade a partir das tantas histórias que me têm sido contadas.

BIBLIOGRAFIAS

AMARAL, Nair. Processos migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura**. Linha d'Água**, n. 25, n. 1, p. 87-107, 2012.

BAIMA, José Ribamar Monteiro. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**, Rolim de Moura. 2016.

BALDO, Adi. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática. 1997.

BOAVENTURA, de Souza Santos (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: 'um discurso sobre as ciências' revisitado. – São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, Célio José. **PROFESSORES LEIGOS EM RONDÔNIA**: Entre sonhos e oportunidades, a formação e profissionalização docente – um estudo de caso – O PROHACAP. 2011. 417 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)– Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101564/borges_cj_dr_arafcl.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os Estudos Culturais.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CIZMOSKI, Ana L.S. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

CUNHA, Elton Alves da **- As relações de sociabilidades entre migrantes em Rolim de Moura (1975-1985).** / Elton Alves da Cunha; orientação João Maurício Gomes Neto. – 2014. 57 f. ; il. Monografia (Graduação) – Fundação Universidade Federal de Rondônia. Campus de Rolim de Moura. Departamento de História, Rolim de Moura-RO, 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** Tradução Sandra Castelo Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS, Sônia. **História Oral:** procedimentos e possibilidades. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

FORONI, Paola Conceição. Governador Jorge Teixeira e a recepção de seus atos e discursos pela imprensa – jornais *Alto Madeira* e o *Guaporé* de 1981**. Revista Labirinto** – Ano XII, nº 17 – Dez. 2012. ISSN: 1519-6674.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e sociedade**, n. 3. p. 1-16, 2006.

GOMES, Belmiro. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

GRANDÃO. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

HAAG, Carlos. **As sementes da discórdia.** PESQUISA FAPESP. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, n,158, abr. 2009. Mensal. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/04/01/as-sementes-da-discordia/>. Acesso em: 19 set. 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

Lima, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. 2013. 158 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3723/1/Frederico%20Alexandre%20de%20Oliveira%20Lima.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

LOPES, João B. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

MARQUES, Nelson F. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENEGOLO, E; CARDOSO, C. J.; MENEGOLO, L. W. O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre o ensino da produção textual. **Ciências & Cognição**, texto *on line*, v. 09, p. 2-13, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/596/378>. Acesso em: 20 set. 2017.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

PAES, Rodnei A. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RODRIGUES BARBOSA, Adelto. **Histórias silenciadas, formas de resistência na ocupação do município de Urupá:** A cultura da colonização. 2017. f.224. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais)– Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho-RO, 2017.

SELHORST, João Uberto. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

SELHORST, João Uberto. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

SILVA, José Carlos da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014 B.

SILVA, José Carlos da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2016.

SILVA, Josué da Costa e Souza, Lucileyde Feitosa de. **Na trilha do cacaio:** Construindo a educação na Amazônia: Porto Velho – RO: EDUFRO, 2003.

SILVA, Maria Aparecida da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

SILVA, Maria. Migração em Rolim de Moura e os interesses do Estado. **Revista Multisaberes**, ano 1, n. 1, mar. 2011. ISSN: 2179-6661.

SILVA, Maria. **Os migrantes das décadas de 70 e 80 e sua História em Rolim de Moura** – Rondônia – Brasil. 2010. 221f. Dissertação (Mestrado em História) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodrard. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIQUEIRA, Agneia Luciana Lopes de. **A constituição da identidade dentro do fluxo migração**. Jundiai: Paco Editorial, 2013.

SOUZA, Irisneide. **A desordem da colonização em Rondônia**: PIC Sidney Girão. São Paulo. 1997. 126f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)– Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1997.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Visões da Natureza**: seringueiros e colonos em Rondônia. São Paulo, EDUC/FAPESP, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia**: Natureza e Tempo. Biblioteca do Exército/Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.

TOMAZI, Nelson. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell/ Raymond Williams; tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO (ROTEIRO DE ENTREVISTAS)

1. Nome:

2. Estado de origem; Estados por onde residiu antes de migrar para Rondônia?

3. E que ano para Rondônia e para a cidade de Rolim de Moura?

4. Quais atividades exerciam antes de migrar?

5. Fatores que influenciaram a vinda para Rondônia; (propagandas governamentais, concentração de terras, família, outros).

6. Como foram os primeiros anos em Rondônia? (papel do estado na "acomodação dos migrantes").

7. Em que se resumiam os momentos de lazer na nova terra? Interação entre migrantes.

8. Quais eram os ambientes e eventos em que ocorria a sociabilidade?

9. O modo de vida que se tinha antes de migrar se reproduz em Rondônia?

10. O (a) entrevistado (a) se identifica ou não como indivíduo rolimourense. Por quê?

11. O (a) entrevistado (a) sente realizado ou frustrado com o que conseguirá em Rolim de Moura, (desejou ou deseja retornar ou sair de Rolim de Moura)?

12. O que mais gostaria de relatar sobre sua experiência enquanto migrante?

OBRIGADO!

ANEXO B – ENTREVISTA 1: JOSÉ RIBAMAR MONTEIRO BAIMA DATA: 13/08/2016

José Ribamar Monteiro Baima, sou natural do Maranhão. Passei muito [estados] passei no Pará, passei no Amazonas, aí vim direto à Porto Velho quando estava transferindo de território de Guaporé para território de Rondônia, isto pela primeira vez; a segunda vez foi em 1971 ou 1972 com destino até Porto Velho, Pimenta Bueno, Vilhena, era só o que existia, aí paramos em Pimenta Bueno, que é a terra que o grande herói Marechal Rondon, que de todo o trabalho dele de desbravar uma selva brasileira, o lugar que ele mais admirava era Pimenta Bueno, por sinal eu conheço um afilhado dele, filho de conterrâneo meu que já morava lá naquela época, se não me engano tem até o nome de uma rua com o nome dele.

De lá nos lutamos, trabalhamos, logo surgiu Rolim de Moura, nós viemos em cinco amigos no comecinho de 1978 na picada, tinha a picadinha do INCRA, corta aqui amassa lá, o INCRA não faz estrada só faz picadinha, aí antes do final de 1978 eu mudei para cá, eu gostei, terra muito boa, eu vi que ia ter um grande progresso aí mudamos para cá, aí estou em cima desta data aqui. Eu já tinha uma filha, os outros três nasceram tudo aqui, tirava a mulher do hospital com três, cinco dias, foram criado tudo neste pedaço de chão aqui que é abençoado por Deus, isto em 1978. Por incrível que pareça, este meu salão que o povo fala prédio, eu falo salão é o primeiro construído no Rolim de Moura de material [alvenaria] eu cheguei com um dinheirinho bom que eu vendi umas propriedades em Pimenta, inclusive eu vendi um lote de 42 alqueires, cheguei aqui empatei o dinheiro quase todo neste salão, fui em umas olariazinhas [fábrica de tijolos] manual, pode ver que as paredes dele é tijolinho, comprei uma carga de tijolo fechada, do Antônio da Neuza, que falo, mas lá em Pimenta ele era conhecido por Antônio Paraibá, aí comprei cimento, comprei ferro, pouquinho ferro porque aquele tempo quase não tinha nada aqui, aí o pouquinho ferro que o povo trazia na picape, na estradinha ruim em comprei tudo, fui para Pimenta comprei o que necessitava, para Cacoal comprei, que já estava bastante comércio já, aí vim construí, está aí até hoje.

Eu não vim muito em busca de terra, mas vim para Porto Velho, não também em busca de garimpo, eu não sou garimpeiro, nada contra certo! Não tenho sangue de garimpeiro. Mas o que fez eu vir para Rondônia foi parentes que veio naquela época e disse: Ribamar lá é bom para ganhar dinheiro, porque nosso estado [Maranhão] é um estado bom, chove muito, mas tudo era ganhozinho carente, professor, funcionário público, tudo era aquele ganhozinho pequeno, tudo isto. Aí eles chegavam lá com aquele dinheirão, não de garimpo que ele também não era garimpeiro, trabalhava devoluto. Aí ele disse: lá Ribamar que é o lugar de o

cara aumentar o dinheiro e chegar aqui e comprar um pedacinho de terra, aumentar a fazenda, então foi isto que me incentivou a vir para cá, vim até Porto Velho, de Porto Velho para Pimenta Bueno, depois para cá e amo, adoro e estimo esta terra abençoada, isto em 1978. Levanto a mãos para o céu por nós ter uma cidade tão boa, bonita, pujante, de um povo bom, naquele tempo existia aqueles bravos, queria ser bágua, bravura, mas isto é besteira para o homem. O que manda no ser humano ou nos seres humanos é uma boa humildade e um bom coração com o nosso próximo, porque se nós não zelar do nosso próximo, nós não zelamos nossa família, se nós não temos amor a família nós vamos ter amor a quem? Se nós amamos a família tem amor a Deus, porque tudo é determinado por Deus;

Olha os primeiros anos para mim não foram sofridos, voltando a minha profissão, logo que passou a deslanchar em barraco, você sabe cada um tem um jeito de ganhar dinheiro. Rapaz dentre de poucos dias que eu fui para Pimenta vender umas casas, duas a três casas, não demorou nada, o povo dizia, quando você voltar lá, você já não conhece, com tanto barraco, comercinho, eu vim no intuito de ajudar um grande amigo, dois amigos, o saudoso Ataliba e o Durvalino, saudoso Durvalino. Aí quando eu vim pelas primeiras vezes o Ataliba disse: Ribamar eu ia lá para você vim; você vem para cá? Eu disse: venho Ataliba, tenho plano que aqui será uma grande cidade e para o meu ramo vai ser bom, aí ele disse e pelo seu ramo que eu queiro que se você vai para lá, vai logo para ensinar minha mulher e meus filhos a fazer picolé, sorvete e tal. Então meus primeiros passos aqui dentro foi comércio, lanchonete; recebia povo manso, amigo, povo bravo, o povo me assombrava: Ribamar isto tudo é cara bravo, eu dizia o que eu tenho a ver com isto, não quero saber da vida deles se são bravos, o meu lema era atender eles com muito amor com muito carinho, que o meu ideal como comerciante era mostrar minha educação para eles; chegou ao ponto, eu até cheguei a dizer a um deles – oh meu amigo este comércio aqui não e meu e seu, o dia que você estiver dinheiro você come, bebe, pinta, deita e rola, mas não inventa bravura aqui, eu te peço como amigo, porque fica feio né! Seu Ribamar o senhor é um cara dez, eu nunca invento isto, e este povo bravo que mais da lucro nas lanchonetes, porque bebe muito, compra muito. Eu disse o dia que você estiver dinheiro, sem dinheiro você compra aqui, chegaram ao ponto de eles serem meus melhores amigos, era os que o povo falavam que eram bravo, mas eu tenho nada haver com bravura de ninguém não; o meu ideal era pensar no meu trabalho e na minha família, que é o mais importante.

Quando eu cheguei em Pimenta Bueno, era o Coronel Guedes, ele passava muito para Vilhena com o exército, parava lá em casa, almoçava, jantava, tomava café porque a estrada era ruim né, atoleiro, era o Coronel Guedes, um nordestino, parece que ele era do Piauí, não me

recordo da onde ele era não, aí ele pegou aquele amor comigo, e o coronel Guedes começou abrir a porta do território do Guaporé. Aí como quem diz: Herói eu vou jogar a chave de um território para você desbravar em poucos dias, que aquele saudoso, que Deus o tenha, ponha em um bom lugar, você ter conhecido o nosso coronel Jorge Teixeira de Oliveira, conhecido como Teixeirão, homem valente, valente no trabalho, homem de garra, homem humilde, homem que trabalhou, trabalhava, homem sem medo, fez coisas aqui, que um outro não faria.

Foi impedir uma Droga para lá de Alta Floresta [Alta Floresta do Oeste] só ele é o piloto, deram conta de destruir, quer dizer se fosse outro coronel não iria. Aí o que aconteceu, Teixeirão foi tão herói que ele mora no meu coração, que ele teve a coragem de chamar pessoas, por a boca no trombone, chamar pessoas dos quatro recantos do nosso país brasileiro, pode vir que eu mando o INCRA dá 42 alqueires de terra para cada um pai de família, isto foi muito importante, digamos que a nação mais carente que eu vinha sabendo desde lá do meu estado é a raça capixaba, toda vida e agregada, coitadinho, mas é raça trabalhadora e foi mas quem entrou em Rondônia, eu agradeço os capixabas são meus amigos, íntimos amigos, eu ajudei o que pude com a lanchonete que eu tinha em Pimenta [Pimenta Bueno];

Nós não contavamos menos de trinta pau-de-arara [caminhão] por dia, parava em um posto e vinha lanchar, traziam as crianças para lanchar em nossa lanchonete, se você visse, da onde vem? Espirito Santo, Espirito Santo... Para onde vai? Cacoal, Cacoal, quando chegamos em Pimenta Bueno, não existia Presidente Médici, Ouro Preto [Ouro Preto do Oeste] só existia Jarú, o muito que eles iam era para Jarú, alguma mudança para Ji-Paraná ou para o final da estrada que era Ariquemes, a não ser a Capital, então aquele que não esta rico é porque não segurou, porque o INCRA doou lote para todo mundo, para todo os capixabas, aí o território se transformou assim rooommpe. E ele como Coronel foi o maior herói de ter passado de território para Estado de Rondônia. Ele tinha um secretário que era um menino, saudoso também, Chiquilito Erse, mas o menino era quase mais que todo mundo, era humilde trabalhador, você chegava assim, ele deslanchava assim na diplomacia, na educação dele; mas tem aquele ditado que diz assim: meu irmão “o que é bom dura pouco”, o Chiquilito quando começou trabalhando com o coronel Jorge Teixeira de Oliveira criança pode se dizer, mas era a criança da confiança dele e morreu novo e deixou a maior saudade para nós, Chiquilito Erse.

A união era tão grande, naquela época chovia muito, nós fazia barraco de palha de coqueiro, uns tinha um troquinho comprava lona para fazer o barraco de pau-a-pique. Para cortar o arroz, colocava o arroz no próprio toco do arroz, o feijão colocava em cima dos paus, mas naquela época se demora-se nascia tudo,...

Mas era muito gostoso, tempo muito bom, muita fartura, tinha muito porco galinha, mas para começar a gente nem ligava, porque uma paca era gostoso, um mateiro, um tatu, um peixe, um surubim, um pintado, uma Matrinchã nós se envolvia mais nisto. A mulher quase não matava frango caipira que eu gostava demais, tinha frango caipira, pato, ovos para jogar fora, mas gostava mais da caça...

Era gostoso demais porque, sou um católico tenho orgulho de dizer, de estimar a minha igreja e todas as igrejas...

A Igreja em primeiro lugar, nos construímos ali onde é aquele cruzeiro uma igrejinha da paxiubá [coqueiro] se contar hoje, o povo vai dizer assim este negro esta mentindo, nos cortamos paxiúba, bem ali onde hoje é o banco do Brasil, tinha uma moita de paxiubá, aí vim aqui em casa, cortei o cabo de uma foice, ficou meio cabo, vesti um calça e falei vocês vão cortando a paxiubá, corta as folhas dela e joga o tronco dela aqui na lama, [havia um pequeno igarapé a se atravessar] que eu coloco no ombro e vou arrastando, chegava em terra firme, outro já ia levando, levando a trena, outro com o cerrotão, foice, outros abrindo; por final veio [de Cacoal] o padre Zezinho montado em cavalo ou burro celebrar as primeiras missas aqui, fizemos um barracão grande servindo de escola e igreja para as crianças, ali depois apareceu o Batistão [ex prefeito da cidade], saudoso, o Assis nós ajudou muito, o Durvalino ajudava, o Ataliba ajudava, o Moacir ajudava, o Roque Mazzukele ajudava, vinha lá do lote dele ajudava a celebrar culto e por aí vai. Eu gamado em futebol, não nego, se eu pode-se eu comia a bola assim rasgando, não nego, eu tenho amor ao futebol mais volto a dizer tenho mais amor a minha igreja que o futebol mais tudo faz parte da cultura e do lazer.

Começamos time aqui, nós saiamos daqui para Cacoal disputar torneio intermunicipal, eu tinha caminhão batia umas tábuas no estrado amarava duas cordas, nós saia com chuva disputar torneio em Cacoal, campeonato, um timão, um timão... foi em 1980 que formamos o “As de Ouro” era timão, que nós jogava com Cacoal, Ariquemes, Porto Velho com tudo. Então chegou ao ponto de crescer mais times na cidade, eu pedia reunião com os outros times que não existir inveja, se você esta enriquecendo, vamos te parabenizar, se a maré não vem para mim, o Deus que esta te dando é o mesmo que vai dar para mim e para outro, porque, porque nós trabalha né!

Aí o futebol cresceu rapaz! Veio uma rivalidade para cima de mim, povo só falava do timão, aí eles começaram a inveja; Deus me livre, eu queria que você visse. Aí a mulher disse é melhor você parar, porque não só de pão vive o homem, aí eu disse: - ah você acha que eu vou ficar sem o futebol, e não nego, até hoje sou fanático por futebol, jogava com times de todo território, comecei o time ainda erra território e finalizei já estado de Rondônia; Porto

Velho era freguês nosso, time valente no futebol era Espigão do Oeste, nem Pimenta Bueno ganhava de Espigão do Oeste, formava time bom em Ouro Preto, Jarú, Ariquemes, Colorado, [Colorado do Oeste] tudo era freguês nosso, Vilhena, tudo vieram jogar aqui. Mas chega um tempo que você desgosta por uma coisa, vai deixando lá na frente desgosta por outra. Pedia tábua para serrarias, ajudei construir o campo, logo depois desisti apliquei o dinheiro em uma área de terra para cá do Alto Alegre.

Aí vem para lá vem para cá eu deixei, com meus filhos tudo pequeno, a mulher [esposa] trabalhava para igreja, porque eu não deixo de trabalhar, trabalho incansavelmente, fazendo leilão, fazendo tudo, ajudando a apontar espeto [espeto de madeira para asar carne], matando vaca, tudo era com nós. Esta aí a igreja mais linda do Estado de Rondônia.

Leilão que eu fiz para esta igreja, quero que tu veja, eu mandei a mulher do Zé Paraibá, dona Ana, rechear um peru, na época o saudoso Batistão [ex prefeito da cidade], estava em uma mesa com outros prefeitos, aí compadre Maurilio do posto de molas Maringá: - compadre atiça o prefeito! Eu disse calma aí. - Quem joga no peru? 100, 150, 180 senhor Ribamar, 180 e de fulano, 180, 180, quem da mais? – Compadre Maurilio 190 e meu, - cara, 200 e meu senhor Ribamar; - e estou gritando, e ele 300 e meu; - Eu disse prefeitão você ajuda nós, não estou menosprezando os maios pobres que ajuda do mesmo jeito, mas você sempre ajuda nós; - ele disse: - Quanto esta aí? – Eu disse 300, - ele disse 450 e meu. – compadre Maurilio já combinado disse 520, ele 600 e meu, ai foi, o povo ria hahahahaha, aí ele [Maurilio] - você não me deixa na fogueira, eu disse deixo não, aí compadre Maurilio 700 e meu, esse prefeito mas estes outros não come nem um pedacinho da asa dele. Eu disse o Batistão, e lamentável, mas ele disse que você pode vender suas fazendas, suas casas, mas você não come nem a metade da asa deste peru, aí ele 725, compadre Maurilio bateu assim, de 100 para cair para 25, 725 e do prefeitão! Quem dá mais, quem dá mais, do lhe e uma, do lhe duas, do lhe três. E do prefeito! Naquele tempo, nós comparávamos uma bezerra boa, um bezerro por 25, 30 reais, eu fiz o peru recheado dar 725 reais.

Fiz a escolha certa, 4 dos meus filhos estão formados com 2 faculdades, o mais novo não formou mais vai estudar, ele é novo ainda e graças a Deus para que riqueza melhor do que esta.

Havia baile, eu sou músico, não de instrumento de sopro ou acordeom, mas de percussão eu desafio, já toquei muito nesta vida.

Eu queria que os homens que exercesse poder dentro deste pedaço de chão, você sabe que Rolim de Moura uma época foi conhecida como a capital da madeira, por causa do mogno, nunca existiu uma cidade para crescer em tão pouco instante como a nossa cidade, eu nunca vi

uma cidade ser tão pujante nos quatro recantos do nosso país brasileiro, uma cidade para ter o planejamento [planejamento das ruas e avenidas] que tem nossa cidade, tudo via dupla né, uma desce outra sobe, esta e planejada como o herói Niemayer planejou Brasília, o maior arquiteto. O engenheiro que fez esta planta é muito homem, mas ela foi feita através daquele herói que falamos, que Deus levou, que Deus o tenha, o herói deste torrão, que o sonho dele era transformar Porto Velho para cá [transferência da capital do estado]. Então eu sinto uma dor no meu coração, eu falo batido mesmo, que se os governantes que passaram por esta cidade, tivesse mesmo para governar a cidade, eles poderiam ter um amor, um coração bom voltado tanto para a cidade, quanto para o povo. Os ICM [impostos] são grandes, que outros estados não teve, que nós aqui teve 135 fita [serrarias] que você não pode ter alcançado mais ouviu falar, cortava só a massa do mogno, cortava cerejeira, cortava alguma madeira branca [madeira de menor valor comercial], mas assim se pedisse para uma casa, alguma coisa.

Mas eles nunca pensaram isto, nós éramos para ter ela no estado de Rondônia dez vezes melhor que a capital Porto Velho, mas infelizmente não tivemos este privilegio; mas eu culpo o que, o cara não ter amor a terra que esta morando, aos filhos dele, os governantes que eu falei que passou por esta terra, que é bonito você chegar em alguma obra que seja, perguntar fulano você sabe que fez isto aqui? Não! Foi seu pai, seu avó, isto é importante e história.

Nós temos dois pratos certo aqui, fiz uma entrevista outra vez o povo riu, quais são os dois pratos certos? No verão você come o prato cheio de poeira, no inverno o prato cheio de lama, hahahaha.

Tenho o prazer, não de carne, mas de honra de ser quase um fruto desta terra abençoada por Deus ter amor a esta cidade que é Rolim de Moura, eu tenho minhas filhas dizer que tem o maior prazer de estar pisada na terra natal, no torrão natal, eu só tenho a elogiar. Muita gente acha que esta ruim, não vamos basear só esta ruim, o negócio arruinou de um dia para cá em nível de Brasil. Mas graças a Deus, ele dá o conforto, ele sabe quem é os humildes, sabe a pessoa que tem o coração humilde, sabe a pessoa que é honesta, o que manda no ser humano, esta ai, é a verdade, não é dinheiro, contínuo falando, eu não deixo minha vergonha negra pelo dinheiro do Brasil todo, quem me deu esta vergonha? Parece que estou vendo ele lá em cima e Deus, só ele leva.

A mulher do Valter Valtemberg, vinha me buscar aqui, dia de sábado que eles gostavam de uma canastra [jogo de baralho] não é truco é outro jogo, ele gostava não tinha diversão nenhuma, cidade só barraco, aí eu ia.

Eu só tenho que levantar as mãos para o céu e agradecer, o pouco que eu tenho é ganho da minha honestidade, e trabalhado, e suado; e a maior riqueza que Deus me deu para mim,

minha família e meus amigos, para muitos a maior riqueza é dinheiro né, para mim é a saúde, eu nunca pedi, - filho pega um dinheiro aí e vai comprar um remédio para o pai. Fiz este percurso de a pé no pique das minhas pernas para Brasília como você ficou sabendo, fui na resistência, porque Deus me deu saúde, para que uma coisa mais importante, uma riqueza maior do que esta, não há dinheiro que compre, dinheiro são as ilusões da vida, e a saúde só tem um que dar, e Deus né; o dinheiro você ganha um pouco aqui, outro acolá, você acha que te traz felicidade, pelo contrário, o que te traz felicidade, volto a dizer é a saúde que você tem coragem para trabalhar...

ANEXO C - ENTREVISTA 2 - ADI BALDO 30/05/2016

Nome:

Adi Baldo, natural do Rio Grande do Sul, antes de chegar a Rondônia residia no estado do Paraná, migrei para Rondônia no ano de 1981 para a cidade de Cacoal e para Rolim de Moura em 1982, um ano depois.

Era estudante até os 30 anos quando terminei a faculdade, mas eu tinha uma profissão, eu era alfaiate até que entrei na faculdade, eu vivia disso, cheguei a ir em oficina. Depois eu passei no vestibular, isso em Curitiba, mas por outro lado eu vim da zona rural, sai da zona rural fui para Curitiba e sabia fazer alguma coisa, mas na verdade eu sai da zona rural da região de Pato Branco.

O motivo à motivação para vir para Rondônia melhor dizendo era o mesmo de todos os migrantes que vinham na época, ou em busca de terra ou simplesmente a busca de um novo horizonte, quer seja um comércio ou que seja o que; o que motivou as pessoas vir. No caso eu que tinha recém-formado, vamos ver um lugar novo que de repente e mais fácil de começar a vida dentro da profissão evidentemente que foi isso a motivação; e acabei aportando ali em Cacoal fiquei um ano ali, mas na época mesmo a comarca de Cacoal era em Ji-Paraná, então o serviço que a gente angariava de advocacia ali em Cacoal era ajuizado lá na comarca em Ji-Paraná, um pouco mais de cem quilômetros daqui.

Quando eu mudei para Rolim de Moura em 1982 a mesma coisa, aqui pertencia ao município de Cacoal e não tendo comarca em Cacoal, da mesma forma as coisas deveriam ser encaminhas para Ji-Paraná, acontece que aqui era ainda mais difícil, embora hoje a distância de Rolim de Moura a Ji-Paraná e de Cacoal a Ji-Paraná seja praticamente a mesma, na época não era porque nos obrigatoriamente tinha que ir até Cacoal para depois ir a Ji-Paraná, não tinha essa estrada mais perto, então era uma situação, uma vida muito difícil, então a gente sobreviveu naquele momento, pode-se dizer sobreviveu fazendo pouca coisa e tal; participando daquele crescimento da cidade, conforme a possibilidade da gente fazendo um servicinho, prestação de serviços aqui que a gente fazia, um contrato, alguma coisa, enfim um atendimento aquele povo.

Em 1983 as coisas começaram a melhorar um pouquinho, facilitar porque foi criada a comarca de Cacoal, final de 1982 foi criada na verdade; e logo no ano seguinte foi criada a comarca de Rolim de Moura, acontece que a comarca de Rolim de Moura, muito embora tenha se criado nos finais de 1883 ela só, dizer, que funcionar mesmo só em 1985 por ocasião

da instalação do município. Então as coisas aqui passaram a ter mais vida de cidade, com os serviços próprios de uma cidade, serviços públicos, o judiciário, o administrativo, câmera de vereadores; as coisas começaram a ficar mais organizadas, tudo isso a partir de 1985 porque até lá era um arranjo daqui um arranjo da li, vinha Cacoal e dava alguma solução para a Administração local, era aquela situação difícil, normal de qualquer cidade que não seja emancipada, essa que foi a realidade dura de Rolim de Moura e Cacoal dá para dizer que foi a mesma história porque ela também pertenceu a Ji-Paraná;

Um tempo antes de 1980, desde Vilhena dependia de Porto Velho então era pior ainda, mas as coisas aconteceram muito rápido dos anos 1980 a 1985, nestes cinco anos, está meio década foi muito rápido para as cidades do interior de Rondônia, Ariquemes, Jaru, Ouro Preto enfim Vilhena; nesse período as cidades foram se emancipando e criando as comarcas e coisa e tal e virando o que é hoje, mas era tudo em condições precárias mas passou a ter um atendimento público a partir de 1980 porque antes era tudo território e tudo dependia de Porto Velho e não conseguia nada. Em 1980 Rolim de Moura existia praticamente como nome e vila, era de pouco reconhecimento.

Tem um ditado que diz você critica as coisas, mas você não estava aqui quando as coisas foram feitas, então se você estivesse como faria; no entanto olhando tudo o que aconteceu hoje e sabendo como que esta as coisas não é uma crítica mais é um reparo, uma observação que se faz que quando o governo federal resolveu ocupar a região norte, eles tinham uma ideia de perceber militarista.

Naquele tempo não se falava em meio ambiente como se fala hoje, então quando se decidiu se interiorizar, fazer a ocupação da Amazônia de fato e que se fez esses projetos de assentamentos agrários fez se de uma forma pragmática, talvez os técnicos, talvez não, com certeza, os técnicos sentados em seus laboratórios, em suas pranchas, em suas mesinhas e aquele tempo dele usava as fotografias da NASA, projeto RADAM, a NASA a partir de suas viagens espaciais etc. e tal passou a fotografar toda a superfície terrestre, então ela era detentora de todas as fotografias tiradas pelos satélites e o governo brasileiro fez um convênio para obter essas fotografias para obter uma noção do que era o Brasil e principalmente a Amazônia que era desconhecida. Então a partir destas fotos que precisava de um técnico para interpretar até porque você não via nada através daquelas fotografias, você via uma imensidão de quadriculados branco e preto e a partir destes sinais os técnicos iam interpretando e chegavam a conclusão onde que tinha os rios, mais ou menos o relevo e etc. e tal, dados aritméticos certamente eles tinham também.

Então eu digo que foi a partir destes mapas que o INCRA estabeleceu seus projetos de assentamentos, então eles teriam condições perfeitamente de dizer, de saber, por exemplo, o rio Ji-Paraná que desagua no Madeira ele nasce em Vilhena e percorre todo o interior do estado rondoniense, pelo lado oeste tem o rio Guaporé, isto eles já sabiam, são os limites do Brasil, e os outros rios menores são tributários desses rios maiores do estado de Rondônia. Então podia ter elaborado um projeto de assentamento de acordo com o fluxo das águas, dos rios, o que poderia ter causado menos impacto ambiental.

Mas não eles seguiram a linha que já estava aberta a BR 29 Cuiabá-Porto Velho e a partir desta, que já vinha seguindo outra linha (linha telegráfica de Rondon) eles traçaram este projeto e você ver que ele cruza rios, córregos e tudo como se nada estivesse acontecido e a partir dali foram distribuindo as propriedades, pouco importava se a cabeceira fosse dentro da água, esta é uma realidade. Então ainda bem que Rondônia não é uma região de alagadiços conforme é o mais interior da Amazônia, como a beira do rio Amazonas que temos planícies inteiras; Rondônia dá até para dizer que está em um altiplano da serra dos Parecis e no altiplano da serra dos pacaás novos e de outras regiões das cabeceiras.

Então foi favorável a partir do desenho pouco ecológico pode se dizer, pouco ecológico do INCRA, ainda isso favoreceu muito a integração dessas pessoas, desses migrantes na mata; porque o INCRA e si vinha com seu projeto seguindo as linhas e as pessoas interessadas em lotes atrás, e este e teu, este e teu, este teu, as chamadas demarcações na qual primeiro eles davam um papelzinho apenas, dizendo este aqui é o número do teu lote, você faça alguma benfeitoria depois vem alguma outra equipe para constatar que isto estava previsto, duas, três vezes, sei lá quanto; aí eles davam uma carta de ocupação que já era um começo de documento e depois para ser emitido o título definitivo ainda com clausula que se o beneficiário não implantasse benfeitorias estava sujeito a perder, ser revogado; Estas condições para alguns foi possível cumprir mas para uma grande parte não, porque ele entrava para dentro da propriedade, isto quando ele não tinha o interesse de passar aquela benfeitoria que ele fazia, enfim, ele entrava, fazia uma benfeitoria que chamava de marcação, ou seja, derrubava uma hectare de mata, queimava e dizia que tinha uma benfeitoria implantada e já repassava essa pose para outro e para outro; isto não quer dizer que era todo mundo né!

Uma grande parte aconteceu isto, se nós pegarmos a região de Nova Brasilândia teve uma forte migração de capixabas por volta dos anos 1983, 1984, 1985 sendo que as terras ali já estavam todas distribuídas e eles compravam as marcações, eu mesmo devo ter feito centenas de contratos de compra e venda de marcações, chegavam as pessoas no escritório,

preciso fazer um contrato e tal, o que eles tinham: a linha, a propriedade, o lote rural, que fica, por exemplo, na linha 25 km mais ou menos, entre os marcos x e x, isto quando sabia dos marcos, fulano passa a posse para o outro e coisa tal, depois vinha a carta de ocupação no nome daquele primeiro, enfim ainda tem grande trabalho a ser feito neste estado de Rondônia que é da regularização fundiária. Porque as pessoas estão em cima da terra, muitas a mais de vinte anos, trinta anos e o título ainda lá no INCRA está no nome do fulano que já morreu, ou que ninguém mesmo sabe onde está, eu mesmo estou encaminhando um inventário que faz 25 anos que o cidadão está em cima da terra que não sabe nem de quem ele comprou, daí eu estive no INCRA agora recentemente e identifiquei a quem foi dado estes títulos, aí o cidadão diz a realmente acho que eu comprei deste cara aqui (risos).

Mas cadê o contrato, não tem mais nada e esta a 25 anos, ali em cima desta terra foram criadas benfeitorias, casas, lavouras, criação de gado e coisas toda. E a questão da titulação e a que menos o preocupa, porque lá no fundo o que ainda impera, o que manda aqui e a "bocuda" traduzindo eu tenho uma cartucheira e ninguém põe o pé aqui dentro, apesar que isto hoje já não existe mais; mas aqueles negócios que se faziam e não eram cumpridos por quem comprou, normalmente resultava em homicídios, em desavenças, ah você não pagou, o "pagamento" está aqui "Booouuu" então tinha muito disto, são coisas que faz parte da história, são elementos da história.

Essa questão dos subsídios aí quem vai fazer um trabalho acadêmico eu recomendaria que pesquisasse na fonte, porque havia sim uma promessa, eu lhe dou a terra, eu forneço a terra você faz uma benfeitoria e vai ter financiamento, vai ter isso; teve essas promessas, efetivamente cumpridas eu posso dizer que nada aconteceu mas muitos vieram com esta expectativa de obter estes financiamentos para ser melhor sucedido; na falta total ou na ausência total do estado muitos que vieram com o sonho sucumbiram, voltaram, desistiram ou ficaram a míngua; você pode ver em muitas propriedades os titulares estão lá, mas em razão da sua pouca escolaridade, ah eu vou ficar por aqui, eu trabalhei, plantei café, tal, tal estou sobrevivendo e coisa e tal, mas você ver que ele não conhece o mundo dos negócios está lá dentro da terra, vendeu um pedaço talvez a um terceiro para poder sobreviver, mas isso e tudo por total ausência do estado, o pode ser confirmado isto em uma pesquisa mais aprofundada documentalmente; então dá para dizer que a ausência foi muito grande, mas agora houve um esforço não quer dizer que houve um abandono, houve um esforço muito grande sim, por exemplo, em termos de história originalmente o que vou falar agora precisaria de uma pesquisa mais aprofundada para você ver se isso aqui é uma invenção ou é real, e fato ou é boato.

Nós temos o SUS né! E nós temos aqui os chamados agentes comunitários de saúde, Naquele projeto do INCRA previa-se a cada tantos quilômetros nestas linhas a instalação de uma escola primária, multiseriada, que um único professor ensinaria do primeiro ao quarto ano e um posto de saúde para atender a demanda primária de todo aquele povo que se embrenhava na mata então em uma emergência ele chegaria ao posto de Saúde e teria uma vacina um remédio através de um atendimento primário; então eles fizeram sim um grande esforço em construção de escolas e postos de saúde; quanto aos postos de saúde um pouco foram construídos pelo INCRA mas depois passou a atribuição ao município, Rolim de Moura mesmo construí dezenas de postos de saúde nas linhas, más é um recurso de convênios, não sei se vinham do ministério da saúde, da onde que vinham mas era o município que executava. Mas quando os municípios construíam estes postos, mas não tinha aquele atendimento, o cidadão chegava tinha ali o agente de saúde dizia você está com malária vai para frente porque aqui que aqui não tem nada.

Então o projeto INCRA previa isto, escolas, postos de saúde, transporte, apoio financeiro, toda aquela estrutura toda bonita no papel. Bem o conselho Mundial de Saúde vendo este projeto achou muito interessante essa questão do agente de saúde avançado, aí a partir da instalação da constituição de 1988 foi institulacionado os agentes de saúde; houve uma divergência este é o programa novo, o velho então, tem se um agente de saúde, mas não se comunica, porque este é o agente da saúde do INCRA ou da FUNASA e este é do SUS quando na verdade deveria ter se juntado os dois né!

O fato e que os agentes de saúde existem até hoje fazendo visitas periódicas nas casas, eles são muito úteis, mas esta questão foi idealizada pelo INCRA e virou programa nacional de saúde por recomendação do Conselho Nacional de Saúde. Os “malaieros” faziam parte destes da FUNASA, estes em algum ponto da história, não precisa ser nos manuais escolares não, tem que ser registrado o trabalho deste pessoal, dos “malaieiros” que eram aqueles que iam borrifando as casas, mas também havia aqueles que atendia os postos de saúde.

Outro profissional que deveria ser investigado um pouco são os chamados “picadeiros” do INCRA são aqueles propriamente iam abrir a picada, a linha de frente do INCRA, esses fizeram muito a frente de abertura e marcação dos lotes, como que eles faziam, tinham o picadeiro que abria picada e já tinha os técnicos ou de apoio técnico, os agrimensores e coisa e tal e eles carregavam uma mula, ou burro ou no cacaio mesmo nas costas aqueles tubos de alumínios que faziam as marcações que ainda você encontra, ainda não, eles existem, eles traziam centenas destes tubos nas costas, mas diziam que vinha em

uma mula, mas para frente nas costas; você tem que lembrar que eles marcavam os quatro cantos do lote, então uma coisa é uma equipe está aqui e vai abrindo esta linha e a cada 500 m você vai pondo um marco aqui outro ali, esta parte era mais fácil, mas tinha os 2.000 m da fundiária, estes dois mil metros eu não sei se eles faziam a picada, ou como localizava para chegar lá, se você procurar o Jose Olinto (picadeiro do INCRA) ele vai te informar com mais detalhes porque eles vivenciaram esta saga.

Eu tenho informações que agentes do INCRA tinha uma ordem expressa para atender as pessoas e como servidor público a obrigação e esta, mas daí tem histórias que eles pegavam assim uma linha, por exemplo, e o povo ia acompanhando e também não tinha muitas chances de eles fazer muita bandalheira não porque a fila, estava junto ou quando não estava na frente né! Mas aqui acolá eles deixavam um lote, este aqui e do sicrano, colocava lá o nome do cara, mas este fulano não existia, depois aparecia alguém "ah eu vou ver se te arrumo" então ele assentava alguém que precisava mais aí já era mediante uma paga, uma propina, isto teve muito, quem eu não posso falar, eu não sei, mas a gente sabe que houve, mas isso dentro deste Brasil corrupto a gente dizer que não existiu é mentira. Então existia sim, mas não e por isso que deve ser julgada a atuação do INCRA, eu acho que deve ser julgado, fazer uma crítica em função de quando se idealizou ou se fez o chamado projeto básico e na hora de executar não havia as condições necessárias para isto, como, por exemplo, financiamentos, a própria escola e os postos de saúde.

As ditas escolas têm que registar, embora já esteja nos livros, mas nunca e demais referendar e ressaltar eram feitas de pau-a-pique, ou seja, de tapiri, ou enxumbá como muitos dizem, é uma espécie de palmito que por ser roliço e fino e até uma certa durabilidade eles simplesmente cortavam este tapiri, cercavam ali um quarto e já cobriam de folha de tapiri mesmo e quando não de tabuinha lascada de cacheta, cacheta é uma madeira branca que lasca facilmente, e fácil de tirar as tabuinhas; então cobria aquelas escolas com tabuinhas, o paulista ou baiano sei lá, que fala "tabinha" mas nós do sul falamos tabuinhas, tábua.

Então está registrado, tinha uma escola, mas vai ver que tipo de escola que era, vai ver a qualidade do professor, a minha esposa mesmo ela era para ter sido professora na linha ainda na região de Pimenta Bueno quando eles chegaram ali em 1978.

A comunidade levantou a escolinha de pau-a-pique e precisava de um professor, aí o meu sogro sabia ler e escrever, perguntaram se ele queria ser professor, mas ele não tinha algo em mãos que o reconhecia que tinha digamos a 8ª serie, um primário completo. Então a minha mulher com 16 anos tinha a 8ª serie que era o chamado ginasial, ela era solteira, decidiram

colocar ela como professora, mas daí ela tinha 16 anos e acharam que não podia, aí puseram a irmã dela que também tinha a 8ª serie, porém era casada, com filhos já, era mais difícil para exercer esta função de professora, mas mesmo assim ela aceitou e hoje e aposentada como professora federal, ensinou vários anos na linha, depois eu mesmo aqui em Rolim de Moura mexi os pauzinhos e coisas e tal e consegui a transferência dela para a cidade, lecionou diversos anos aqui, depois concluiu a faculdade de pedagogia também, mas era assim que se apresentava o professor, ele era caçado a laço, quem estivesse na vez, neste caso específico se encontrou uma pessoa com 8ª serie mas em muitos lugares só tinha a quarta série e também era professor depois que veio aqueles programas de qualificação de professores, teve a capacitação para o segundo grau, que era o magistério, depois o PROHACAP para obtenção de nível superior. E com todo este apoio teve gente que se aposentou e não fez nenhum dos dois e ficou ali como professor (risos) e aquilo que eu te falo você crítica, mas você não estava lá quando foi feito né! De repente foi a única forma que se encontrou para se fazer.

Então o projeto do INCRA em questão de saúde, escola, aberturas de estradas, apoio ao parceleiro e apoio financeiro tal falhou grandemente. O projeto só não foi a pique porque não havia como, o Sul do Brasil, na época São Paulo ainda era sul depois que passou a ser sudeste, mas Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, São Paulo que eram regiões agrícolas antigas do Brasil; a migração estava grande demais, os inchaços da cidade, todo mundo corria para a cidade porque o meio do campo já não permitia mais e logicamente os capitalistas comprando as terras dos outros, as causas são várias.

Então foi uma forma que o governo federal encontrou para evitar talvez uma guerra civil, uma guerra civil que nunca se cogitou abertamente, um complô, porque o regime militar estava sendo amplamente questionado e se deixa, permite que este povo mais e mais vai para a cidade sem as mínimas condições se é para morrer de fome na cidade sem perspectivas, que morra de fome no sertão mais sonhando.

Então isso tem que ser colocado, qual foi à estratégica deles, o cano de escape, dar uma saída para aquela tensão social que estava ocorrendo no sul. Os grandes centros já observando uma grande massa principalmente nordestinos por causa da seca, São Paulo sempre foi o grande receptor deste povo; ainda o governo segurou esta alta migração urbana com grandes obras como a hidrelétrica de Itaipu, ponte Rio-Niterói, grandes obras do governo federal, abertura da transamazônica, construção de Brasília, aquele região de Goiás etc... e tal, então isto segurou o povo ali; mas eles sabiam que não ia durar, então a saída foi fazer estas aberturas de ocupação do interior do Brasil, que Mato Grosso não foi o foco porque Mato Grosso era cerrado e o cerrado não servia para este tipo de projeto porque a terra tinha que ser

tratada; então o cerrado só se tornou viável a partir que entrou o grande produtor rural, que eles chamam agronegócio que este vem com tecnologia ou com dinheiro, para você fazer grandes pastagens para criação de gado.

Aqui não derrubava-se a mata e a terra respondia por anos e anos plantando milho, café, arroz, feijão, esta agricultura de subsistência que consegue manter o homem na terra; a medida que a terra vai perdendo seu potencial, o que acontece ele vai derrubar mais um pedaço, daí vem as leis ambientais segurando um pouco mais porque lá na entrega do INCRA você preserve 50%, esta é a mentira que o agropecuarista fala aí, não porque fui obrigado a derrubar, foi, ele tinha obrigação de fazer uma benfeitoria, mas estava implícito que precisava preservar as nascentes, o meio ambiente as encostas e tal, tinha as regras, tudo era regra que o INCRA dava, apesar que não tinha fiscalização; mas quando recebia sua carta de ocupação ele via o manual como ele deveria proceder, manual nós sabemos, primeira coisa que não se joga fora é manual; depois vem dizer "não que foi obrigado a derrubar" foi incentivado e tal, ele teve que vender a madeira a qualquer preço, os madeireiros exploraram o quanto pode, mas era forma que ele tinha para viver, você sabe que uma das regras do madeireiro; Vinha o INCRA abria picada assentava o cara, então está aqui, fazia aquela sua aberturinha, plantava um pouco de arroz, feijão e tal, fazia seu rancho e ficava ali dentro; mas é difícil sobreviver disto aí, primeiro como ele vai escoar o produto dele, se ele teve a sorte de ter excedente, não tem estrada, o INCRA não fez; aí vem o madeireiro e diz eu faço a estrada para você porque o madeireiro precisa da estrada para tirar a madeira, então ele fazia a "toureira" esta é o nome da estrada, que passava o caminhão de tora. Ora se passava um caminhão de tora passava um caminhão recolhendo cereais também já é um grande benefício, mas é o seguinte eu vou abro a estrada, te compro todo o mogno que estiver neste lote você tem que vender para mim mais a margem que está na linha que é via pública, a madeira que estiver ali ele tira tudo um compensação por estar abrindo a estrada, mas daí ele ia avançando já ia lá na fundiária por conta daquele suposto contrato e do coitado ele levava o que ele queria em troca de trazer um fardo de açúcar, "ah me traz um fardo de açúcar" ta certo eu levo aquela madeira em pagamento; foi assim, quem era mais negociante dizia não, eu tenho noção de preço vamos negociar eu te vendo outra madeira e tal. Mas o que ele não vendesse a qualquer preço iria ser queimado porque ele precisava derrubar para fazer roça.

Então o madeireiro só comprava aquela que ele interessava que era principalmente mogno e cerejeira, mas se comprava um pouco de angelim, essa garapeira que tem muito ninguém comprava não, porque diziam que estragava a cerra, madeiras para casa era geralmente cerradas por cerrarias de menor potencial e muitas vezes não tinha, você tinha que

ficar na espera, a madeira tinha que vir do mato, mas não tinha caminhões, aí as vezes você ia buscar mogno ou cerejeira me põe uma tora ou duas de outra madeira para eu cerrar aqui, o cara fazia este câmbio, vinha muita madeira ocada tinha que está negociando, aí já trazia outra madeira para completar a carga, o proprietário tinha uma mercadoria a mais ali a negociar, essa é a moeda.

Em 1981 foi instalada a primeira delegacia de polícia civil aqui em Rolim de Moura, antes vinha a equipe lá de Cacoal, passava por aqui dava uns tiros em um prendia outro, vale nem a pena está reportando hahahahaha; como fato em 1981 foi instalada a primeira delegacia, o primeiro delegado que teve uma passagem curta aqui foi o Dr. Walace, já deve ter aposentado, ele era novinho recém-formado também, ficou um tempo aqui depois foi para Porto Velho, mas ele tinha quem? Ele é uns dois ou três agentes de polícia que salvo engano eram contratados e coisa e tal, que não sabia a não ser colocar um revolver na cinta e atender uma certa diligência dar um apoio e tal; então um inquérito, uma investigação algo que tinha que ser colocado no papel dependia tudo dele depois que veio alguém, depois que veio alguém tinha uma moça que fazia as vezes de escrivã, aí essa já era funcionária da casa civil, secretária de administração do estado, secretária de segurança pública sei lá; mas não era escrivã fazia as vezes de escrivã por muito tempo, depois veio mais pessoas da identificação, então era funcionários desta área que faziam o que podiam.

Em 1984 não recordo bem o certo, que veio a primeira equipezinha da polícia militar, não lembro quem foi o primeiro comandante, mas este era o aparato de segurança pública.

A administração pública até 1985 quando ocorreu à instalação do município todo o atendimento era dado através do município de Cacoal e pouco dava fazer também do que era de competência maior que seria a cidade de Cacoal e sabendo que aqui iria se emancipar só fazia alguma coisa por determinação do governador do território. Agora o que se tinha muito presente era a presença do governador do território, o coronel Jorge Teixeira tinha uma mobilidade muito grande ele andava por tudo, não era só Rolim, igual Rolim tinha outros tantos pontos por aí que precisavam do mesmo atendimento, ele se fazia presente mesmo sempre que podiam aqui e acolá, pousava de helicóptero e dava ordens meio direto faça isso, faça aquilo, ele tinha o cofre meio aberto no Ministério do Interior em Brasília para se fazer as coisas. Então foi um grande homem, ele mesmo dizia “eu não sou político, sou um militar, então, estou cumprindo uma missão”, como tal, vou tentar fazer da melhor forma possível, tenho meus ajudantes, exijo deles; foi um grande homem é merecido as homenagens que se faz a ele aí? É! Agora a crítica que se faz a ele porque era um homem da ditadura, mas era o

que tinha, e ele foi bom, foi eficiente. Não estou aqui para elogiá-lo, até porque politicamente eu sempre trabalhei do outro lado, mas a gente tem que reconhecer estes méritos e ele fez muito melhor que governadores eleitos que deixaram a desejar.

Rolim de Moura como outras cidades de Rondônia são marcadas justamente pela solidariedade; a solidariedade a gente não pode esquecer como ponto de partida as igrejas, as igrejas hoje temos as vezes uma opinião universalista, que o estado e laico, que a religião não pode interferir, tudo bem, tudo isto e verdade. Mas não se pode esquecer que muitas coisas só ocorreram para o bem por conta das religiões né! Aqui especificamente em Rolim as que tem o maior número de adeptos e a igreja Católica e a Igreja Assembleia de Deus; aqui quando foi criado a paróquia acho que em 1982, nunca me ative a este detalhe. O fato e que ela esteve presente desde o primeiro momento desde que começou a aglomeração, os aglomerados já trataram de cuidar do espaço da igreja Católica neste mesmo espaço que até hoje, sempre teve um número grande de participantes e a gente sabe que ela desenvolve de alguma forma uma ação social.

Fora as igrejas a gente sabe que o futebol também agrega muito as pessoas até onde eu sei duas pessoas que se propuseram a organizar um time de futebol foi o “negão” o José Ribamar e João Batista Lopes que ele tinha o clubinho dele o Mandaguari que em frente o Lions Clube lá, teve outros clubes da linha, acho que ele teve até estatuto alguma coisa assim. Então o que a gente pode falar de organização social, o estado, a polícia, o judiciário, o INCRA, a prefeitura o poder público como um todo, o atendimento a saúde a educação o esporte;

Aí vem a criação de clubes de recreação, em 09/12/1981eu me recordo veio uma equipe do Lions Clube de Cacoal veio e fundou o Lions Clube de Rolim de Moura, sendo que seu presidente daqui foi Ivan Garcia Caramori, o Dr. Ivan, isto é histórico. Porque um Lions Clube você pode buscar informações, o lema deles e “nos servimos” ele existe para a prestação de serviços comunitários, então ele organiza uma parcela de voluntários da sociedade civil e ali não se fala de partido político nem religião nem raça nem crença né! Obedece estes princípios e procura prestar o bem-esta é a finalidade, através do Lions Clube nós fizemos campanhas para aquisição de cadeiras de rodas para as pessoas que precisavam, acudir alguma emergência de algum outro;

Em 1983 ou 1984, por exemplo, houve uma grande enchente em Santa Catarina nós arrecadamos, para você ver como é a bondade do povo, nós arrecadamos três ou quatro caminhões de arroz e feijão pelas linhas rurais que foram todos encaminhados a Santa

Catarina com frete pago e tudo. Foi inciativa do Lions, a gente passava nas linhas, “ah eu do um saco, e do outro”. Então o Lions Clube foi referência, além do qual ele foi o responsável o idealizador do primeiro clube social que foi o Tropical esporte clube e através dele se fez os primeiros bailes, bailes de carnaval e bailes da sociedade como um todo que até então aqui não tinha, foi iniciativa do Lions, os membros do Lions criaram um clube recreativo; o Lions mesmo não tem esta finalidade.

O primeiro baile mesmo a gente fez a base do toca disco, depois a gente já conseguia umas bandinhas, nem lembro onde a gente conseguia isso, já tinha ali por Cacoal, Vilhena, não sei se por Ji-Paraná a gente já contratava essas bandinhas mesmo, não era aquele estilo mais precário a base da sanfona e violão não, nas linhas por aí tinha muito desses bailes, a base de Sanfona, violão e pandeiro, agora o que a gente fazia aqui já era um conjunto musical mesmo, chegava a ter sopro, isso já em 1984 depois foi evoluindo mais porque já tinha uma noção “ ah vamos vender mesa, tem o ingresso e tal da de pagar a banda” “aí tinha aqueles mais animados que dizia se faltar eu pago o resto” hahahaha. Preocupa não.

A Igreja Católica tinha suas festas religiosas que chamava o público em geral para participação, o famoso churrasco e cerveja e brindes, bolos e coisas e tal, na igreja católica sempre ocorreu muito isso; essas festas populares mesmo não tinha, de fato não tem, a festa junina aqui nunca foi algo de iniciativa popular, você vai ver que este ano vai ter festa junina, acho que vai ter até duas, mas e promovido pelo CER (Centro Educacional de Rolim de Moura) com o intuito de arrecadar um fundo e a FSP (Faculdade São Paulo) para dar apoio a uma turma de formandos, então e com fins lucrativos e coisa e tal. O que em lugares pequenos ou grandes no Nordeste essas festas juninas, por exemplo, ou de carnaval elas ocorre mais ou menos com a iniciativa privada mesmo né! Grupos de pessoas “vamos que vamos” aqui não tem “se tiver que pagar eu pago, mas só não quero participar da organização” então alguém faz com fins lucrativos.

Nós temos, por exemplo, CTG (Centro de Tradições Gaúchas) ele foi criado também em 1983, grupo de pessoas “ah vamos criar o CTG porque ele existe lá no sul e tal” mas nunca conseguiu se ter uma diretoria como requer os estatutos, quem está de presidente, nós mesmos apoiamos a ideia, mas eu mesmo não vou participar da diretoria, o que é bem diferente dos CTGs que você vai encontrar aqui no norte do estado do Mato Grosso; os CTGs que não conheço mas sei por referência eles são luxuosos, mas com muito mais luxo e brilho que aqueles do Rio Grande do Sul e porque o CTG nasceu mesmo com esta ideia de elevar as tradições, o passado e coisa e tal, aquilo que se usava bota, chapéu, bombacha e fazia

churrasco e dançava, então é o que eles fazem; homens e moças se vestem a caráter, mas ainda, ainda não deveria ser evocando aquele sistema campeiro, “simplão”.

A construção deste aqui buscou isso aí, coisa simples e tal, mas ali (Mato Grosso) os caras põem e luxo mesmo, porque quem são os membros? São os grandes produtores de soja, agronegócio e coisa e tal; tem um documentário da RBS do RS que traz essa saga dos CTGs desde o Rio Grande do Sul até Roraima, entrevistando pessoas onde tem essas manifestações gaúchas, então entrevista um cidadão ali no Mato Grosso e pergunta: O que é para você o CTG? Ele com toda a simplicidade e sabedoria de caboclo diz “isto é a saudade daquilo que nunca aconteceu” hahahahaha, ou seja eles vieram para cá pobres, mas conhecias as tradições e coisa e tal e via os caras ir nos movimentos gaúchos bem trajados e tal, mas eles não podiam ir, mas na hora que que eles podiam “vamos fazer vamos fazer e vamos mostrar como se faz” e fazem com luxos, eles tem estilistas por conta deles, costureiras de primeira linha, eles não vai comprar as roupas lá, eles fazem com categoria.

Mas aqui este tipo de coisa cultural gaúcha, ela aqui existe, aqui, Cacoal, Vilhena, Colorado, mas é fraca, não seja ser algo representativo na construção da sociedade, não dá para dizer que seja isto. Os nordestinos, mineiros, baianos, paulistas, capixabas que são muitos muito menos, eles não construíram essas tradições, os nordestinos, por exemplo, que deveriam de fato estar alimentando essas tradições de São João, juninas e tal, embora tenha no Sul, São Paulo e mais regiões, mas o forte e deles, e eles deixaram; o carnaval nosso é uma “piada” hahahaha, nem pagando para colocar o cara para dentro, [participar] o cara não vai.

Rondônia ainda está para nascer o nosso folclore, as nossas verdadeiras tradições, a nossa verdadeira identidade, ela vai se formar do amadurecimento, que vai demorar uns 30, 40 anos para que possamos dizer esta é a tradição de Rondônia.

A gente se sente responsável pelo que está aí, mas não podemos dizer que isto é a nossa identidade, nós não construímos o cidadão rondoniense ainda, o adolescente rondoniense está aí, estamos vivendo uma fase de adolescência sem saber exatamente o que vai ser daqui 20, 30 anos e coisa e tal, porque a medida que o tempo passa as pessoas vai sedimentando mais e por razão disto criando suas próprias tradições. Você vê o que faz uma identidade? Quem faz uma nação é um povo, um território é uma língua, mas o que faz uma identidade mais local e diria que um traje, um jeito de se vestir, o jeito de comer, isto que vai formar uma identidade, dá para dizer assim de percepção de mundo, nós vamos ter que ter a nossa percepção de mundo.

Esta identidade não sei se esteja demorando para acontecer, não sei se existe um ponto

de maturação; por conta da diversidade e eu diria principalmente pelo número de crenças que nós temos, você ver que os católicos e assembleianos e a maioria, talvez, mas você vê que o número de participantes da congregação cristã e muito grande e de outras mais pequenas, triangulares não sei o que, você anda na rua vê uma serie de igrejas, cultos e templos diferentes, então em razão de cada um ter seus cultos, cada um tem uma percepção de mundo diferente; e demora para formar uma identidade, algo que seja comum de todos.

Então você pode ver só pelo trajar, você pode dizer estas moças são da Assembleia de Deus, são "crentes" como se diz, "ah esse aí não são de coisa alguma" hahahaha. Mas pelo comportamento pessoal se você parar para refletir, você diz este cara não tem religião, pode não ter, não tenho nada contra isso, mas pode não ter religião e ser um cara bem introspectivo, bem reflexivo e tal, ter um espirito bem liberal, ser culto, respeita as normas, respeita os anseios de todos, porque todos nós queremos bem, paz, amém. Mais aí o cara diz para viver bem, paz, amém tem que ir à missa todo domingo, tem que cantar o hino, não sei o que mais, o outro diz para viver bem, paz, amém basta olhar para as florestas, então nós temos uma percepção de mundo diferente, a diversidade.

Qual é o seu prato preferido, então todo mundo aqui gosta de peixe, todo mundo gosta de churrasco, gosta de feijoada, todo mundo gosta de tudo, você percebeu isto? (risos). Então se você perguntar qual é o prato típico de Rondônia? Aí você responde: o fundo. Hahahahaha. O prato típico de Rondônia ainda é o fundo, aquele que cabe as coisas.

O sentimento de realização de ou de frustração, mas vamos ficar em cima da realização e pleno, e pleno, isto eu falo não só por mim, mas pela camada que não é flutuante que existe aqui em Rolim de Moura, porque todo local tem uma população fixa é uma flutuante, mas a nossa já parece ser fixa, não é mais flutuante não, aquela indecisa que não sabe para onde vai. "Eu estou aqui vou ficar por aqui, meus filhos ainda vão andar por aqui é ali". Mas é plena é de todos que você ver aí de alguma forma estabilizado, porque, eu acho que os sonhos de alguma forma foram realizados, muitos vieram acreditando que iriam ficar ricos, esses com certeza foram embora, ganharam seu dinheiro, não pode dizer que foram embora frustrados ou não ou realizado, mas eles não estão mais aqui, estes que vieram com este intuito, talvez algum foi embora com dinheiro, mas a maioria frustrado.

Mas os que ficaram insistiram em seus objetivos eles estão realizados materialmente, mas vamos dizer mais realizados familiarmente, porque se você olhar a quantidade de crianças que se tem em Rolim hoje, nós que acompanhamos estes mais de 30 anos, você percebe nós não tínhamos adolescentes e crianças muito pouco (risos). Hoje nós temos uma

camada bem equilibrada de adolescentes, jovens adolescentes, os de 30 a 50 anos, os de 60 anos, os idosos. Então se você pegar estes de 40 anos para frente eles vão dizer, estou aqui, meu pai criou toda a família, a gente encontrou aqui o que precisava, e a cidade correspondeu de alguma forma, não é aquela metrópole que as vezes a gente sonha, depois a gente fala, que bom né! Hahahaha. Porque você sabe conforme a cidade cresce expulsa gente, porque se ele estivesse crescendo mesmo eu não estaria aqui, alguém teria vindo comprar isto aqui e faz um prédio de 20 andares, então este panorama que está aqui, vai ficar aí por no mínimo uns 10 anos, muda alguma coisinha ou outra, talvez daqui a 10 anos toma outro aspecto.

Nós temos muita periferia para crescer e coisa e tal. Mas o grau de satisfação é bom, acho que valeu a pena, não tem porque voltar atrás, isso não impede de dizer que todo mundo tenha coceira na sola do pé e na palma da mão, quando menos espera o cara da uma guinada, mas porque, não é porque Rolim e ruim, mas é porque o estado a região norte ainda oferece muitas oportunidades, aí quando você menos espera o cara foi embora, foi mais para frente, mas foi satisfeito com o que ele ganhou ele não foi frustrado daqui, poxa passei por lá me dei bem e tudo, não e porque o cara diz vou embora deste “inferno” porque aqui não tem mais futuro, não! Tem futuro sim!

Acho que os conflitos sociais; Rolim de Moura e Rondônia foi uma região que foi ocupada rapidamente nestes últimos 30, 40 anos, mas sem grandes conflitos sociais, temos um histórico aí que não vamos menosprezar que é o caso de Corumbiara, mas aquilo foi um acidente, um acidente por uma falta de comando da PM, não vamos discutir isso aí, mas não se trata de um conflito social não, disputas por terras e coisa e tal.

O que nós tivemos em um índice elevado sim foi à chamada violência, mas isso está dentro do normal de todos os lugares em desenvolvimento, assassinato por pouca coisa, por pouca coisa estou eliminando e pronto, a mínima coisa o cara dava um tiro e resolve assim na bala né. Talvez hoje esta situação de violência que vivemos hoje, dita violência urbana e muito maior hoje em função do uso das drogas e etc., porque aquele tempo ocorria pela desconfiança e pela ignorância, “aquele cara está olhando para mim, então em troca disto vou dar um tiro nele e pronto” em vez de procurar ver, conciliar, ver se tinha alguma coisa, mas também não tinha nada, só boatos, mas isso é fruto do mal entendimento. Mas conflito e quando todo mundo está socialmente querendo defender o mesmo pedação de osso, aqui não, aqui sempre teve abundância para todos, teve sim atritos, mas atritos não são conflitos.

Acho que todos os nossos governantes aqui, não teve ninguém excepcional, todos que participaram aqui, não teve nenhuma figura excepcional, todos que fizeram sua parte, seu

destaque por cinco minutos, vamos dizer assim, está dentro de um padrão que lhe cabia naquele momento e coisa e tal; ser prefeito, ser vereador, ser padre, ser comerciante e coisa e tal, acho que normal, mas dizer “ah se não fosse o cara o Brasil não teria sido descoberto” não teve! Porque acho que todos aqui vieram com a mesma intenção, fazer seu “pé de meia”, cada um com sua bula e cada um com suas limitações.

ANEXO D - ENTREVISTA 3 – ANA LUZIA S. CIZMOSKI DATA: 04/08/16

Nome

Cheguei em Rolim de Moura em 11 de fevereiro de 1981, tudo muito diferente do que até então tinha vivido, morar no distrito [Rolim de Moura, na época era distrito de Cacoal], perímetro urbano ou ir para a zona rural não fazia muita diferença; era tudo muita mata e poucas pessoas. Fui morar na zona rural, não tinha igreja, não tinha escola, poucas pessoas.

As famílias ali existentes começaram a rezar uma vez por semana o terço; cada semana em uma casa. Irene Cizmoski, que já tinha lecionado no Paraná reuniu as crianças em sua casa e começou a ensiná-las, "o quadro negro era o fundo de seu guarda-roupa". As famílias católicas, (nessa época quase não tinha evangélicos) construíram uma cobertura de tabuinha com bancos com troncos de coqueiros rachados ao meio, fincados no chão para sentar. Onde reunia-se aos domingos para rezar; meses depois recebeu o nome de comunidade "cristo rei".

Logo em seguida foram abertas as estradas, construídas as pontes e consequentemente chegaram muitas outras famílias, as quais estavam esperando por esse feito (estradas) para tomar posse definitiva de seus sítios [lotes].

Muita gente, muitos problemas; a cobertura de tabuinha já não mais cabia o povo para rezar, muitas crianças sem escola. Com doações de serviços logo construíram uma igreja maior (pois a madeira era de graça, pagava-se apenas para serrar).

Como encontrava-se ali migrantes de todo o Brasil as vezes demorava chegar num consenso em algumas coisas, como, por exemplo, o horário das celebrações do culto; o pessoal do Sul queria as 8h da manhã, os participantes da região Sudeste (principalmente do Espírito Santo) queriam as 12h, porque as 9h era horário de almoço para eles. Houve muitas intrigas (no bom sentido) e vários horários as 8h, 10h, 12h; por fim foi resolvido as celebrações as 14 horas.

Foram bons tempos de socialização após as celebrações, ficávamos conversando, dando boas gargalhadas, fazíamos, bolos, tortas, doces para sorteios em bingos; quem ganhava normalmente já repartia entre os participantes. Os que gostava de futebol ficavam brincando em um campinho do lado da igreja.

Todos se ajudavam mutuamente, era comum ir na casa do vizinho tomar um pouco de arroz, óleo, alho emprestado.

Abriram quatro escolas em uma extensão de 15 km para atender as crianças. Era fornecido material escolar e merenda, embora os professores tinham que ir buscar em Cacoal; a merenda industrializada não era muito aceita pelas crianças, oras já chegava vencendo, tendo que ser

descartado. Neste período se construiu um posto de saúde, eram fornecidos vários tipos de medicamentos a população, inclusive vários antibióticos. Qualquer tipo de sintoma os mesmos remédios (“sobreviveram só os fortes “rsrs”).

Hospital mais perto era em Cacoal (Fundação SESP). Os bebês nasciam na maioria com assistência de parteiras. Quanto a segurança nessa comunidade era tranquilo todos se respeitavam, mais em outras regiões era o calibre 38[arma]; ouvia dizer de mortes principalmente por conflitos agrários; cheguei a ver corpos já com mau cheiro, aguardando policiais virem de Cacoal, quando vinham, as vezes a estrada não davam condições de chegar.

Atualmente eu e minha família nos sentimos muito realizados, nossos objetivos foram alcançados, costumo dizer; se fosse preciso começaria tudo de novo.

ANEXO E - ENTREVISTA 4 - BELMIRO APARECIDO GOMES. DATA: 30/07/2016

Nome:

Belmiro Aparecido Gomes, nasci no estado de Minas [Minas Gerais] fui para o Paraná com dois anos de idade e do Paraná para Rondônia eu já vim com doze anos, chegando em 26/07/1980.

Na época a gente veio para Cacoal, ficamos uns 15 dias, de Cacoal a gente veio para Santa Luzia do Oeste [na época região pertencente a Rolim de Moura] direto, onde já morava um tio da gente que já tinha uma terra, ficamos ali por três anos, até que surgiu a oportunidade de um loteamento do INCRA que estava sendo aberto na linha P-50 na altura do KM 22 próximo ao Marcão, na linha 70; ai o meu irmão foi convidado por outros colegas para pegar um lote, ai a gente foi e graças a Deus tivemos sorte de pegar um terreninho [lote] desta loteação que foi feito na época. Isso em novembro de 1980 que a gente pegou terreno.

No Paraná meu pai era trabalhador da área rural, sempre trabalhou com roça, chegando à Rondônia o caminho foi o mesmo. O fator principal era a busca de um pedaço de terra, acredito que era o sonho de todo mundo de todo mundo que trabalhava lá no Paraná de arrendatário, outros trabalhavam cuidando de sítio, cuidando de alguma fazenda recebendo algum salário. O sonho era conseguir algum pedaço de terra, lá [Paraná] agente não tinha terra em Minas [Minas Gerais].

Na época eu posso dizer não tinha acesso direto da informação porque eu ainda era pequeno [12 anos] criança ainda, não tinha acesso direito da informação; mas foram meus irmãos que ficaram sabendo através do rádio e também teve conhecidos que já havia vindo aqui, olhou a região, gostou, e voltou, também tinha meu tio que já estava aqui há uns 7 a 8 anos antes e escreveu falando como era aqui, que aqui era bom, as vezes mandando até fotos, isto incentivou meu irmão a vir para cá.

Ah os primeiros anos em Rondônia era sofrido, a gente não tinha costume com o sistema daqui, porque aqui era o seguinte na época da seca [estiagem] era uma poeira terrível, era 5 a 6 meses só sol, depois de 5 as 6 meses chuva, chovendo, chovendo, chovendo, tinha dias que era chuva dia e noite, então, era um clima bem diferenciado do que a gente era acostumado lá no Paraná. Lá era assim não tinha muito tempo de seca nem muito tempo de chuva era variado, as vezes dava sol, as vezes chuva, aqui era 5 a 6 meses chovendo direto, depois sol, como agora que já vamos para uma temporada de bastante sol, período bem seco. Lá havia

duas estações mais variadas, não era tão seco, mas também não era muito chuvoso. Aqui só tinha duas formas de estações de tempo.

No nosso caso, por exemplo, a gente ganhava a terra e o que eles [Estado] pediam e para você desmatar e plantar, igual nós que na época era bem fraco de condições [recursos financeiros] o que a gente fazia, derrubava lá um ½ alqueire, o que a gente plantava primeiro? Era banana, mandioca, na época que chegava a o plantio, a gente plantava arroz, feijão, o milho, são as coisas principais, mais a gente mesmo tinha que fazer o recurso da gente, não tinha incentivo de ajuda do governo e de nenhum outro órgão que pudesse ajudar, era força do pulso mesmo.

Trabalhando uma diáriazinha para o outros que já tinha mais um recurso, trabalhava ali uma diária, ganhava um dinheirinho, comprava ali um sal, um açúcar, algo assim que a gente não produzia, quando a situação era bem apurada, foi em uma época que a gente tinha um canavial bom, a gente moía, meu irmão fez uma engenhoquinha de madeira, tirávamos a garapa [caldo de cana], fervia aquela garapa para adoçar café porque não tinha condições de comprar açúcar e teve fez que fez o mel de cana, o melado que a gente fala ele ficava apurado quase virando rapadura, ele ficava açucarado, também adoçávamos café com aquilo lá, também fazíamos rapadura quando a situação já era melhor, canavial maior e as condições já favorecia, podíamos comprar o açúcar. Para você ter ideia, teve vez de a gente trabalhar um dia ou dois da semana para comprar o sal, de tão fraco que era nossa situação.

A gente procurava quem tinha condições de pagar uma diária, caminhava de 5 a 6 quilômetros para comprar um pacote de sal, um açúcar que as vezes não tinha, comprar uma outra coisa, um macarrão, uma coisa assim era mistura, era novidade quando acontecia.

Sim! Isto era no começo que a gente fazia isto. Quando as coisas melhorou que a gente já teve um saldo mais estável, a gente fazia a compra de passar o ano, a gente já falava a “feira do ano”, quando falava a feira do ano você já estava incluindo uma caixa de óleo, um fardo de açúcar, um fardinho de sal, várias outras coisas, na época não tinha energia elétrica, então tinha que comprar o querosene, já comprava uma lata de 20 litros já deixava armazenado, esta era a forma que tínhamos de estocar a mercadoria, porque, para buscar alguma coisa na cidade, era 22, 23 quilômetros a pé, não tinha carro, não tinha condição de comprar é o cara do mercado levar como hoje leva, você comprava fazia um cacainho [cacaio] colocava nas costas e levava, erra assim você andando 22 quilômetros a pé com um saco nas costas para levar o alimento para casa, passava quase o dia inteiro andando, isto se não surgisse uma carona, se surgisse você chegava mais cedo, posava na cidade para fazer a compra cedo e ir embora cedo, passava o quase o dia todo andando, ia chegar em casa já escurecendo. Era bem sofrido a situação da gente na época.

Sim, sim! Esta solidariedade entre os vizinhos, amigos era constante, as vezes, por exemplo, faltava alguma coisa na casa da gente, você ia até o vizinho: ah vizinho você tem tal coisa que pode me emprestar até que eu possa ir na rua [cidade], semana que vem, daqui quinze dias, - tenho lá, arrumava ali um sal, arrumava um querosene para colocar na lamparina.

A gente também tinha um grupo de mutirão para ajudar a fazer as colheitas, por exemplo, se eu estivesse 40 sacos de arroz para colher, o tempo chuvoso, então tinha que aproveitas as horinhas [momentos] do sol, dava uma hora, duas de sol, saia ali na vizinhança, ai um vinha o outro vinha, de repente tinha 10, 15 pessoas, aquele arroz que você ia gastar um par de dias, em uma hora, duas você já recolhia, jogava tudo na pia, tampava, para salvar aquele.

O outro vizinho do mesmo jeito, dava em dia de domingo não tinha negócio de bater uma bolinha, olha o vizinho vai recolher o arrozal dele, levantar para pia a gente falava, dava 11 horas, todo mundo ia ajudava, a gente trabalhava muito assim em mutirão, um ajudando o outro, na hora cortar arroz também fazia a mesma coisa, entrava na roça do cara que iria gastar 8 dias para cortar sozinho, nós entravamos com aquele mutirão, dentro de duas 3 horas ou até a hora do almoço, já estava tudo cortado, era muita gente, um ajudando o outro, fazendo muita coisa unido, era muito bom, de certa forma era até divertido, a gente brincava muito, tirava saro um do outro, a hora ia passando, o serviço ia rendendo, era bacana demais, era muito bom.

Na época quando a gente chegou aqui não tinha muita diversão. A diversão que tinha era caçar, jogar futebol, ir a igreja ao domingo, era as coisas que tinha, fim de semana um bailinho na casa de amigos, reunia um povinho lá, armava um barraquinho de lona lá. – ah vai ter um forrózinho lá na casa de senhor fulano; tinha um colega da gente que tinha sanfona, outro que tinha pandeiro, um violãozinho, isto foi um pouco depois, mais logo no começo era a chamada “radiola” ou “toca discos”, colocava o disco de forró, era na pilha ainda, fazia aquela vaquinha, todo mundo ajudava a comprar uma caixa de pilhas, se eu não me engano era 24 pilhas, 6 na radiola, ai botava lá é o forró cortava a noite toda.

Na época no nosso setor mesmo, era mais o forró mesmo, era música nordestina, é música de Luiz Gonzaga, outros artistas que eu não me recordo agora, mas eram músicas no estilo de forró. A música gauchesca apareceu já um pouquinho depois, quando apareceu outras pessoas que tinham aquele estilo de tocar lá do sul, aquela música tipo, vaneira, o xote, já passou a mudar o estilo de a gente dançar, porque antes a gente só sabia dançar o forró, depois passou a mudar o estilo para o xote, a vaneira, no estilo gaúcho, até porque na região mudaram lá um catarinense que vieram do sul, compraram um terreno ali perto da gente, também gostava da

festa, e sempre aos fins de semana a gente fazia as brincadeirinha lá, era muito legal, com isto a gente aprendia com eles, eles aprendia com a gente, trocávamos uma experiência.

O campo, a igreja, a casa do vizinho. Hoje e diferente, as vezes você tem um vizinho ao seu lado, mas você quase não vê ele, você quase não conversa com ele, naquele tempo você não tinha o que fazer você ia no vizinho jogar truco, jogar dominó, jogar pife, passava até umas 21 horas 22 horas batendo papo com o vizinho, jogando um baralho, nem que não estava jogando nada, mas estava ali batendo um papo, contando histórias, saber o que ele fez durante a semana, planejando alguma coisa para fazer na próxima semana juntos, no mutirão, tudo na base da lanterninha, na hora de ir embora todos com a lanterninha na mão, era tudo muito gostoso; hoje não, você mora do lado de uma pessoa, mas raramente você vê ele, porque esta sempre na correria, quando um está chegando o outro esta saindo, você não tem muito tempo para tá conversando com o vizinho, ele também não tem muito tempo para você, e bem diferente hoje, principalmente agora que eu moro na cidade, no sitio ainda e mais diferente, nó sitio ainda se encontram no futebol, na igreja, as vezes um vizinho para na frente do carreador [entrada da casa] do outro, ficam ali batendo papo, falando das novidades, falando de alguma coisa que vai ali se desenvolver no sitio. – ah vou fazer um tanque de peixe – ah vou fazer mais um pedacinho de pasto, então tem as novidades das histórias ali do sitio.

Futebol eu jogava também, era muito bom não, era meio ruinzinho, mas jogava, ajudei a arrancar muito toco (restos de troncos de árvores para fazer campo de futebol, só que eu lembro ajudei a arrancar toco de uns 3 campos de futebol, cortava aquelas árvores, queimava, arrancava os tocos no enxadão, aterrava aquele negócio, no começo era na poeira, depois que a gente arrumava uma graminha ia plantando ia formando, fazia aquelas travinhas de varote [troncos finos de madeira] era diversão da gente no momento era aquilo ali, na maioria descalços ou com o chamado quixute, que hoje nem existe mais, quixute com umas travas altas assim, igual chuteira, era a diversão nossa naquela época. Era bom demais, juntava muita gente em voltado campo para gente divertir, bater papo, tinha muita torcida, as famílias iam tudo para beira do campo, ai quando o cara era meio ruim [pouca qualidade técnica para o futebol] era aquela brincadeira –ah é o “perna de pau” o “cai cai” não sei o que, era bem legal, era bacana. (risos).

Sim! A gente morou no sítio na época, a gente mudou para Rondônia, sempre morou na área rural mesma coisa. O que é diferente é a forma de trabalhar, lá no Paraná onde a gente morava, trabalhava com animal, era o burro, cavalo, o boi, arando terra, aqui não era tudo no braço, você derrubava, queimava, se não queimasse direito você ia lá com o motosserra ou com a foice, machado, descoivarar, fazia as caieiras queimavam, o resto era na enxada, tinha

que ir para a enxada, lá no Paraná usavam o animal, aqui não, usava a enxada para carpir, a foice para roçar uma juquirinha [vegetação de menor densidade], então o estilo de trabalhar era bem diferente, a gente que não era acostumado sofria um pouco para se adaptar.

Sim! Eu acredito que todo o cacaieiro que fez parte do desenvolvimento de Rondônia também faz parte do desenvolvimento da nossa cidade, ele também é responsável pelo desenvolvimento cultural de nossa cidade, a criação de uma cultura que veio varias regiões do país, e cada um trazendo uma cultura diferente, por exemplo, lá em Minas eu não posso contar a história porque eu era uma criança, lá no Paraná eu já era um garoto, já lembro de diversas coisas, mais o que eu era apto a fazer lá, já não é o mesmo que eu vou fazer aqui, porque aqui eu me acho sozinho para fazer o que acostumei fazer, mais eu já conheço a outra pessoa que faz algo diferente do que eu faço, então o que acontece no final, eu aprendo com ele, ele aprende comigo, e nós cria uma nova cultura de vida, um novo estilo de brincadeiras, um novo estilo do desenvolvimento de outras atividades né! Então acredito que todo o migrante faz parte do desenvolvimento do estado, da cidade, das novas criações de ideias, porque, creio que ninguém faz nada sozinho, sempre tem que estar agrupado com alguém, porque sozinho é difícil a gente andar.

Junto vamos longe, creio que deste desenvolvimento fazemos parte, e esta cultura, tudo que envolve a cidade. Hoje é carro e moto na cidade, antigamente você só via bicicleta, carrinho de animal, algo que hoje você não vê mais rodando na cidade, varias coisas chegaram cidade, e hospitais, farmácias, supermercados, então nós que fomos pioneiros fizemos parte deste desenvolvimento e ainda estamos a fazer parte.

Não, não! A gente não teve vontade de voltar, a gente teve vontade de alcançar um jeito de ter uma vida melhor, lutava, buscava obter financiamento em banco para produzir mais, produzir melhor, produzir em uma condição de ter uma vida mais calma; mais voltar a gente não pensava, porque o que a gente queria era um local para produzir o nosso próprio alimento, sem estar dependendo, por exemplo, quem era meieiro tinha que dar metade da colheita para o dono da terra, a gente não, se produzir 5 sacos era da gente, se 10 sacos era também, este era o nosso pensamento, não pensava em voltar não. Mas muitos conhecidos da gente voltou, não aguentou sofrer e foi embora, dizia que não dava, mas só que hoje anos depois ele volta aqui e diz – Poxa! se eu estivesse ficado aqui talvez hoje eu estava bem, talvez eu tinha isto, eu tinha aquilo, muitos que ficaram hoje estão ricos, tem muitas pessoas que ficaram aqui que eram pobrezinhos, situação sofrida, hoje tem muito gado tem mais terra, tem comércio, então se desenvolveu a situação através da insistência de ficar, então isto foi uma coisa importante também.

Isto é muito bom a gente falar da história de Rondônia, então o sentimento e de prazer, de alegria, porque aqui eu posso dizer, eu sou de Minas Gerais, mudei para o Paraná e depois para Rondônia, e hoje eu com 48 anos, quase 49, eu posso dizer que sou filho de Rondônia, porque graças a Deus tudo o que eu consegui foi aqui, aqui foi onde eu aprendi a viver de verdade, porque quando criança a gente não tem noção da situação, na juventude que você passa a ter um conhecimento maior, um aprendizado diferente, responsabilidade, compromisso com as situações das coisas, então eu creio que é um legado que não tem preço.

O que eu tenho que dizer e que o desenvolvimento da nossa cidade, do nosso estado em si, tem tudo a ver com a população que foi chegando de pouco a pouco e foi migrando, foram o desbravador, eu creio que tudo nós devemos a migração, que veio de norte a sul, de leste a oeste, se agrupou aqui dentro, a cidade cresceu, o povo que veio chegando os que chegaram primeiro, os que vieram depois, os que ainda estão vindo, está ajudando a desenvolver nosso estado, nosso município, isto é muito bom.

ANEXO F – ENTREVISTA 5 – GRANDÃO[21], Data: [2014]

Elton: Bem, estou com o senhor José Maria Grandão, ele que é imigrante da linha 164, e eu quero saber dele como é que quando ele aqui chegou, como que ele foi esse conhecimento, essa interação com os outros habitantes aqui da linha, é... e como que se deu, essas, essa relação, se foi em torno do futebol ou não, como é que ele passou a ter essa convivência, esse conhecimento com as pessoas.

Grandão: Ah, eu cheguei aqui através de colegas, que aparecia aqui na linha, cheguei numa dia de sábado a tarde, aí fui ao campinho, conhecer, passar conhecimento, passei a morar aqui, tinha que pegar uns amigo pra conhecer. Aí cheguei na beira do campo ali, fiquei ali, fui convidado pelo, por um colega pra treinar, brincar um pouquinho junto com eles, entrei, participei meio acanhadão meio sem conhecer ninguém, mas aí através dali eu passei conhecer os amigos, né? Aí nós passamos a conhecer um ao outro. Fiquemo amigo, aí dali pra cá eu fiquei sendo amigo deles jogando bola, junto. Aí todo lugar que eu tava eles passava e chamava "Grandão vem cá pra brinca", eu participava junto com eles. Aí fui pegando conhecimento e hoje, fiquemos aquele tempo todo brincado junto, aí passei a jogar no time grande, junto com eles aí entrei no time, passei muitos tempo jogando junto, e com isso fui embora daqui, tornei voltar de novo, continuei jogando de novo, aí foi aí que eu troquei de, de, achei que a bola pra já não dava mais, a idade foi chegando, troquei de religião, aí hoje... na chegada aqui da linha foi assim, meu conhecimento mais foi assim.

Elton: Então, digamos, que o futebol foi um dos elementos mais favorável para que você passasse a conhecer essa, essas pessoas que até então era desconhecida para você?

Grandão: Foi o futebol, através do futebol, através do futebol que eu passei a conhecer os amigo aqui e conhecimento, aí fiquei passando conhecimento de todo mundo aqui da linha através do futebol.

Elton: Bem, Grandão, eu vejo que hoje muitos jovens já não, não frequentam mais esse ambiente ali do campo de futebol, tão entertido assistindo tevê ou hoje mesmo com a chegada da internet, tudo, eles ficam lá se interagindo, digamos, de outras formas, é não, não está mais tão presente ali no campo de futebol, vocês nota que até o próprio campo se reduziu, né? Não só reduziu somente as pessoas, mas o campo em si se, o tamanho dele se reduziu. Você

[21] O entrevistado optou por não se identificar, por conta disto usamos um nome fictício.

acredita que, digamos, que a chegada da modernidade, da tv afetou essas relações, essa interação entre as pessoas?

Grandão: Com certeza! Foi o que mudou.

Elton: Também, não sei se você acredita nisso, muitas pessoas mudaram aqui da linha, foram para as cidades, foram para outros municípios, até mesmo para outros estados, é... você acredita que isso também tenha contribuído para, digamos, esse regresso do, que poucas pessoas estão presentes ali no campo?

Grandão: Com certeza. Fracassou muito, muitos mudaram, era muito habitante, Rolim de Moura, fracassou, né? Nessa parte, e hoje tão aí com esses pouquinho que tão aí, né? Muitos não procura mais, não, é igual cê falou, né? Negócio de televisão, essas coisas, num querem mais, né?

Elton: Só voltando, Baixinho, como que era em si ali o futebol, como vocês se... como que era, se era gostoso, como vocês, se era, se tinham muita satisfação em fazer e tá presente nessa atividade?

Grandão: Muito bom. Quando chegava era satisfação pra todo mundo, maior festa. Era um brincando com o outro.

Elton: Eu vejo que relatos de vocês, vocês saíam, jogar em outras linhas aí, ia caminhão cheio. Como que, como que era esse ambiente?

Grandão: Caminhão cheio, Quando passava na casa dos outros, pegar um outro chamar um outro pra ir. Se a gente não queria ir, eles passava. Fomos uma vez num par de jogo aí ó, Novo Horizonte, não tinha caminhão pra levar, tudo de bicicleta. Óia, amizade tanta que, a gente da linha era assim, e tudo animado, pra brincar, tudo brincava um com o outro. Caminhão saía cheio, hoje você não vê mais isso, né?

Elton: É, isso é praticamente não só aqui na 164, mas em várias linhas acontece isso, né?

Grandão: É.

Elton: Mas beleza, Grandão, é isso, muito obrigado por ter contribuído aí com a minha pesquisa. Eu agradeço.

ANEXO G – ENTREVISTA 6 – JOÃO BATISTA LOPES. Data: 09/06/2016.

Nome:

João Batista Lopes, sou natural de São Paulo, antes de chegar a Rondônia residi nos estados do Paraná e Mato Grosso, migrei para Rondônia em 1973, chegando na cidade de Cacoal, e três anos depois na cidade de Rolim de moura em 09/07/1976.

Picada só vinha na estrada até na 200 pra cá não tinha nem demarcado a cidade ainda.

Haja visto que o senhor passou por outros estados antes de chegar em Rondônia, quais atividades o senhor exercia antes de chegar a Rondônia?

Eu sempre fui roceiro, depois que eu cheguei a Rondônia, a gente mudou pra Rolim aí o prefeito de Cacoal me chamou pra trabalhar com ele, aquele tempo pouca gente sabia alguma coisa.

Esse alguma coisa era saber ler e escrever?

Era ler escrever e ter experiência de vida como eu trabalhei 10 anos em São Paulo a gente tinha mais experiência de comunicação, ele me convidou para trabalhar na prefeitura junto com ele em Cacoal, mais ele me contratou em Cacoal porém pra eu fundar a prefeitura de Rolim, prefeito Catarino Cardoso santos, aí depois passou a ser município eu continuei por aqui.

Quais fatores contribuíram ou motivaram o senhor para vir pra Rondônia?

Em 1970 foi feito o censo a cada 10 anos eles fazem o senso então o presidente da republica o General Emilio Garrastazu Médici mandou fazer o senso cada quatro famílias, uma tinha que responder setenta e cinco perguntas para saber quantas famílias não tinham terras no Brasil, nesse momento eu estava no Paraná. Então o presidente fez o recenseamento, o presidente Emilio Garrastazu Médici que era presidente militar fez assim um projeto “Vamos integrar Rondônia para não entregar”, porque naquele tempo os estrangeiros queriam invadir a Amazônia, naquele senso deu total de família que não tinha terra e foi distribuído 100 hectares para cada família e eu vim nesse bolo pra cá, vim peguei meu lote trabalhei plantei, em castanhal, [região de Cacoal] peguei meu terreno aqui na 200 [estrada rural de Rolim de Moura] e eu vim motivado pra pegar um terreno aqui, naquele projeto para “Integrar para não Entregar o Brasil”.

Então digamos que isso não foi uma propaganda, mais foi motivada pelo próprio governo?

O próprio governo que deu os terrenos né, hoje não, hoje é diferente, antes você pegava o terreno você tinha que abrir terreno, hoje não se você derrubar um pau eles te prende, te processa, você vê a diferença entre o governo militar e governo democrático.

Então a gente percebe que principalmente na região do Paraná, não só na região do Paraná, mais também na região do sul, sudeste a gente percebe então que não havia terra, o que a gente chama de processo de concentração de terra, porque muitos já não tinha terras então vinham em busca.

Que a maioria naquele tempo, era as fazendas cheias de famílias que não tinham terras e trabalhava pro patrão, no nordeste, então ele fez um projeto que cada família no Brasil tinha que ter um pedaço de terreno por isso saiu 42 alqueires ou 100 hectares cada família, que foi cortado aqui em Rondônia, no Acre, no Amazonas.

Como foram os primeiros anos aqui em Rondônia?

Foi bom sempre assumi a liderança, e a primeira reunião falando sobre agroecologia, de preservação do meio ambiente eu fiz na linha 200 em 1976.

E como foi a aceitação?

Muitos acharam ruim porque não podia derrubar mais, não podia derrubar arvores dentro dos igarapé, dentro dos rios mais eu fiz eles saber que tinha que preservar a nascente e passou tantos anos e agora estão correndo atrás daquilo que eu falei lá em 1976 na escola Vital Brasil.

Essas informações que o senhor tinha sobre agroecologia como o senhor adquiriu?

Leitura. Eu sempre li muito, eu trabalhei muito com isso, derrubei muito mato, plantei muita arvore plantei muito café então a gente já vem com aquela noção de ecologia.

E qual foi o papel do estado na acomodação desses migrantes aqui no estado de Rondônia, porque a gente ouve dizer principalmente relacionado ao INCRA, que eles iam dar subsidio a esses imigrantes muitas dessas promessas não se efetivaram, eu queria que o senhor me falasse o papel do estado como todo?

Naquele tempo o papel o papel do estado era zero porque montaram o primeiro projeto de colonização em ouro preto em 1970, nesse trabalho que o presidente o Emilio Garrastazu Médici fez, depois em 1971 criaram o projeto em ..... em Nova Mamoré e o terceiro projeto foi do projeto de Cacoal que é esse aqui, então colocaram a matriz da superintendência em Porto Velho e colocaram as diretorias em cada posto de localização em cada pic, em Cacoal que a gente participou junto tinha lá os funcionários mais não dava conta porque era tanta gente atrás de terreno que quando a picada chegava aqui pra entregar já tinha 2, 3 km na

frente então o papel do estado foi quase zero, não tinha estrada, não tinha escola, não tinha saúde, não tinha nada.

Ele falou que vocês tinham que ocupar mais não...

Mais não dava meios porque, era tanta gente, e era poucos funcionários que veio pra cá pra fazer isso aí, e a maioria dos funcionários que vieram trabalhar no INCRA vieram do nordeste porquê do sul não vieram não, vieram do nordeste. Hoje tem pessoas que trabalhou,…. Que foi executor do INCRA aí, depois foi prefeito, hoje é juiz lá em porto velho, mais ele vem da Paraíba, tem muita gente que veio do nordeste aí.

E quanto ao papel do estado quanto a policia a própria justiça, porque a gente houve dizer que toda cidade que esta se criando ha muita violência, um pouco por ignorância, como que era?

Naquele tempo era bom porque todo mundo confiava em todo mundo, hoje não hoje você não pode abrir o portão pra qualquer um, naquele tempo um respeitava o outro, e a policia só tinha polícia em Porto Velho, se era um banco era Porto Velho, escola era Porto Velho, não tinha nada pra cá, naquela época Rondônia tinha dois município, o de Porto Velho e Guajará Mirim, você imagina a turma de Colorado, Cerejeira ter que ir pra Porto Velho pra falar com um diretor de escola, pra cá não tinha, então a turma se respeitava muito, o que tem essa bagunceira de invasão hoje, é hoje em dia que o povo perdeu a vergonha na cara de ser preso, mais naquele tempo é dificilmente um vizinho brigava com o outro, dificilmente você chegar numa casa e não ter um prato de comida e ate uma cama pra dormir.

Então eu já ia emendar em outra questão, a questão da solidariedade, porque é comum a gente ouvir nos relatos de vocês migrantes que essa solidariedade era muito comum, até nas tarefas do sítio, ah hoje eu vou te ajudar amanhã você me ajuda.

Fazia mutirão, pra um ajudar o outro, o outro vinha cá e ajudava na colheita, nas derrubada era feito mutirão, era muito melhor que hoje.

Agora chegando ao tema da minha pesquisa em que se constituíam os momentos de lazer, de interação dos migrantes nessa nova terra?

Momentos de lazer quase não tinha que era só mato, picada, quando era derrubada, mais tinha assim quando surgiu as primeiras capelas, as igrejas tinha um bailinho uma coisa, um campinho de futebol 30x30 pra jogar 22 pessoas ali dentro, então era essa a brincadeira, mais valia a pena, por exemplo, hoje se eu to onde que eu to foi por causa do futebol, a gente promoveu o futebol, a escolhinha de futebol então ..... foi desenvolvendo o trabalho aqui e fazendo os encontro em porto velho, então valeu, valeu por causa do esporte, porque eu entrei no esporte fui fazendo amizade e criando gente de bem,das crianças que eu ensinei futebol não tem nenhum bandido, tem médico, tem advogado.

Pelos livros que eu já li do senhor..... senhor foi um dos fundadores do Mandaguari aqui em Rolim de moura, o senhor fundou o Mandaguari aqui quando.

É o primeiro clube aqui foi eu que fundei e tomei conta 20 anos

Quando senhor fundou o Mandaguari?

Fundei em 09/09/1979

E como foi?

Juntou a turma, vamos fazer um timinho de futebol. E a gente jogava ali na frente ali da igreja, o campinho era ali, enfrente ali era um campinho nosso ali.....depois foi o campo nosso ali na escola Candido Portinari, ali foi nosso campo um tempão, aí depois que o Teixeirão [Governador Jorge Teixeira de Oliveira] falou assim vai fazer um time de futebol lá e deu aquela área pra nos ali.

E como era esse ambiente, ... recebia a visita de outros clubes?

Sim, a gente ia jogar na linha e depois a linha vinha jogar em casa, ia jogar em Cacoal, jogamos em Ouro Preto [Ouro Preto do Oeste] jogamos em todo lugar aí, aí a gente pegou aquela amizade e socializando com todo mundo.

Além do futebol, a outros ambientes e outros eventos que ocorria a sociabilidade?

Tinha música, teatro, os primeiros teatros, os primeiros teatros nos fizemos aqui também, a primeira musica eu participei do primeiro festival de musica sertaneja de Cacoal, sabe de quem eu perdi? Duduca e Dalvan e ganhei na inauguração do 4 de julho de Cacoal.

O senhor falou de teatro como era?

Teatro circense, passava comedia, as peças de invasão tudo aqui.

O senhor também um é um dos fundadores do Lions Club, como que surgiu essa idéia?

O leonismo Agora dia 7 ontem, fez 99 anos que o Lions Clube se fundou no mundo, ta fazendo 99 anos que o Lions Clube foi fundado nos Estados Unidos, e aqui em Rolim nós fundamos dia 05/12/1981, ...de Cacoal veio aqui em Rolim fundar o Lions Clube e eu fui o primeiro secretário, e fui presidente... fui secretário 3, 4 vezes e fiz 35 anos de leonismo.

E como era as funções, as atividades que vocês faziam?

Lions é um clube, você paga mensalidade distrital, local, e paga a mensalidade internacional, você paga duas mensalidades, você paga pra promover as coisas, e doar tudo que você promover é pra dar pras pessoas carentes, é um clube de serviço, ajuda a pessoas carente, o Lions é a Maçonaria é o Rotary Clube é tudo nessa faixa só trabalha pros outros, e os ricos aquela medica, aquela professora não pode pagar pra fazer, elas tem que fazer, as pessoas tem que fazer. Por exemplo, tem uma promoção do Lions eu não posso pagar pra você fazer pra mim eu tenho que fazer, cada um tem que fazer sua parte.

Senhor João, o modo de vida, que o senhor tinha antes de migrar, ele se reproduz, ou se reproduziu aqui em Rondônia, ou é muito diferente como é?

Não o jeito que a gente vivia lá pro sul, era a mesma coisa aqui, mais as coisas aqui era mais apertado, porque, por exemplo, eu fui daqui pra Cacoal umas 20 vezes a pé, lá pro sul não tem isso, vai de ônibus, vai de trem e aqui não, tinha as estradas mais não tinha ponte, você tinha que ir a pé, ou então vim de avião, aviãozinho teco teco trazer galinha, porco, cabrito de Cacoal pra Rolim de Moura, tinha que trazer os animal de avião porque não tinha ponte.

E quanto a questão cultural, as questões das festividades, o modo de vida em sim, além dessa questão dos transportes, ele é diferente, se reproduz aqui em Rondônia?

Não, não! Agora tá bem mais adiantado né, mais naquele tempo tinha poucas máquinas em Rondônia aí depois que passou estado que melhorou, mais antes de passar estado que era território, tinha pouca gente que trabalhava pro estado, então não tinha como ir, você aí daqui cedo chegava em Ji-Paraná anoite, o cara do banco pra você receber seu pagamento lá, o cara do banco te recebia ate 8 horas da noite isso era mais fácil, hoje não chega 1 hora já fecha, cara sai de colorado pra receber o pagamento ficava 2 dias pra ir 2 pra voltar, então tinha que ter alguém no banco esperando pra quem chegasse, o guarda ficava lá perguntando de onde você veio, e já mandava você entrar, eu mesmo recebi dinheiro no banco em Ji-Paraná 8 da noite.

Voltando agora a questão da sociabilidade certamente o senhor participava desses eventos, eu falo porque eu sou um apaixonado por futebol acho que onde eu esteja eu ou estarei envolvido com isso, a própria comunidade católica, essas instituições eram diferentes de onde senhor estava pra esse início aqui?

Era diferente, porque lá o padre ficava na paróquia e ficava na casa dele, aqui o padre franco, Padre Zezinho, o padre Zezão vinha de Cacoal reza missa aqui em Rolim e posava no chão, dormia no rancho na casa da gente, colocava um pano l no chão e eles dormia. Carregava cacaio pra comunidade mais longe, dentro da picada, os padre e os crentes [evangélicos] também, o pastor Fidelis que e da assembleia [Assembleia de Deus] que foi a primeira que entrou aqui junto com a Católica, ele posava no chão, ... jantava, posava ali fazia seu trabalho e continuava na picada pra fazer outra comunidade lá pra frente, era os padre as irmãs era desse jeito.

La no Paraná, nos lugares que o senhor passou o senhor também mexia com futebol essas coisas?

A gente toda vida gostou de esporte, de musica toda vida, vivia assim com grupos.

Senhor João, qual o sentimento que o senhor tem com o que o senhor conseguiu aqui em Rolim de moura, porque sempre tem o sentimento de realização, ou de frustação?

O meu sentimento e de vitoria, eu não posso reclamar da minha estadia esses 42 anos que eu estou aqui em Rondônia, eu não tenho estudo e cheguei onde eu cheguei, eu fui um dos primeiro escritores de Rondônia, respeitado por todo mundo, quando eu chego na televisão eu posso ir arrumado que eu já vou na tela imediatamente, jornais todos jornais sempre me atenderam muito bem , as emissoras de radio a mesma coisa então o meu sentimento é de vitoria, se eu tivesse lá no sul eu não tinha chegado onde eu cheguei.

Então não tem ou já teve o desejo de voltar?

Não, não! Eu fui abrindo a minha picada e tendo apoio, que se eu não tivesse apoio dos outros eu não tinha chegado com a 6 livros editados, se eu cheguei com 6 livros editados porque a turma me apoiou, porque quando eu fiz o primeiro .... Esse aqui foi feito em Goiânia, e eu não tinha dinheiro pra fazer o livro, sabe o que eu fiz eu vendia 3, 4 exemplar pra você e 5,6 pra outro pra entregar depois que eu voltasse o livro pronto, muita gente comprou 5 livros me pagou cinco livros, quando eu cheguei me pediam mais 5, então eu tive apoio total..... você sabe que pra um velhinho de 82 anos entrar na televisão não é fácil ne, você sabe que a mídia não é fácil e eu consegui conquistar a mídia.

Tem algo mais senhor João que o senhor queira ressaltar?

Acho que está bom, se vocês que tá fazendo esse curso, quiser que a eu vou lá pessoalmente, expor mais alguma coisa pra você e pros outros alunos a gente vai.

Dizia Paulino Rolim de moura, é o 4 º Bisneto de Antônio Rolim de Moura, que foi o primeiro governador do Mato Grosso [1º Governador da província de Mato Grosso] ele dizia João quando você faz um livro que é acatado pela comunidade, você passa a ser uma pessoa da comunidade, você não pode falar não, você tem que enfrentar a comunidade e eu faço isso hoje.

ANEXO H - ENTREVISTA 7 - NELSON FRANCISCO MARQUES 01/06/2016

Nome:

Nelson Francisco Marques, nasci no estado de São Paulo, na região de São José do Rio Preto, na época a cidade era Borboleta, hoje é Bady Bassit; de lá eu fui com idade de 4 anos para o Paraná na região entre Paranavaí e São João do Cauá, lá moramos dezoito anos em uma casa só, primeiramente mesmo nós mudamos para Nova Esperança aí meu pai ia a cavalo abrir este lote entre Paranavaí e São João do Caua, depois saímos de lá viemos para a região de Umuarama, cidade que eu fiz minha habilitação (CNH) e identidade.

Viemos para Rondônia para Cacoal, linha 14, em 1978, morrei um ano na linha 14, aí eu doido para pegar um pedaço de terra, na época eu comprei uma marcação por 9 milhões, na época falava milhão, o cara me mostrou, tinha um lateralzão [abertura na mata que sinaliza a divisão lateral da propriedade] tirado eu já fiquei todo feliz, no caminho indo para lá você precisa de ver, mas tinha uns arroz! Você podia cortar uma touceira daquela marrar uma corda e malhar, na época era malhador. Rapaz fiquei louco por esta terra! Aí comprei esta marcação, aí rocei na beira de um córrego para fazer um barraco, levei tudo quanto e coisa, facão para tirar tabuinha, prego, levei dois companheiros, aí depois que eu fui olhar um lugar mais alto, porque no Paraná só plantava café no lugar mais alto por causa da geada, a gente não entendia do clima daqui.

Quando já bem de noitinha [anoitecer] eu cheguei no barraco de lona tinha 11 jagunços, aí o companheiro (cozinheiro) que havia ficado lá, disse: - o Sr. Nelson estes homens vieram aqui disseram que isto aqui é da fazenda; aí cheguei cumprimentei. - Boa Tarde a vocês! Era meu costume, os caras tudo barbudão, armado de espingarda, facão, revolver, tudo pendurado, aí só um falou comigo: - Você comprou isso aqui? Comprei. - Eu tenho dó, mas infelizmente o senhor perdeu porque aqui é a fazenda dos goianos a outra dos mineiros, aí nós vamos esperar o senhor até amanhã as 07:00 horas, se o senhor não sai. - Aí eu falei eu não sabia! - Pelo amor de Deus! Quando for amanhã cedinho eu vou embora, eu havia deixado um jipe 4 portas que eu trouxe do Paraná, até onde havia estrada, mas até chegar no jipe aquelas coisas que eu havia levado, comestível, prego essas coisas, eu fui tudo dando para aquelas pessoas que estavam por ali trabalhando, muito pesado para você carregar, sofrimento danado, você passando por dentro da água, aqueles córregos maior, eles derrubavam uma árvore (pinguela) para passar por cima, eu não tenho vergonha de dizer, eu não conseguia passar assim andando na pinguela, daí eu sentava em cima e saia arrastando

com o cacaio nas costas, não só eu, os que sabia andar que já era mais acostumado morria da dar risada, eu sei que perdi aquele lote.

Depois um cara me ofereceu 3 marcação no Marcão (hoje região da Alta Floresta do Oeste), aí vim no picadão da 184 lá da BR, sai na picada da 25 depois na da 160 passando por dentro de água, chegando lá, está lá aquele marcão de cimento, grande quadrado, acho que jogaram de avião, está lá até hoje para quem queira ver, chegando lá cozinhamos arroz, só arroz em umas forquilhas de pau, pousamos na rede dentro do mato, chovendo; rapaz um terrenão [terra fértil] fiquei doido, mogno topava o galho um no outro assim, mas porque eu havia levado o prejuízo da outra lá em Cacoal fiquei com medo. Eu sozinho nesse mundão, o menino que eu tinha era Agnaldo [filho] era pequeninho, eu deixei, fiquei quieto.

Depois um vizinho nosso de Cacoal, seu Agenor, que era vizinho nosso desde o Paraná, quando nós não podíamos ir para linha 14 por causa da chuvarada, nós parava na casa dele, se acredita que alagava tudo, até na BR, na época não era asfalto nem suspendido como é hoje, vinha do rio Machado aquela água, aí um dia eu estava lá, em uma reza; ele estava para a 168 sul [região de Rolim de Moura] em uma marcação que o INCRA tinha dado, eu pousei lá porque não dava para voltar para a linha 14 no mesmo dia, aí a Dona Chiquinha, esposa dele foi para um grupo de reflexão lá perto do rio Pirarara em Cacoal, um colonião [capim] em volta, aí ela subiu em uma escada, em casinha de toco que dava um 2 metros de altura por causa da água, aí tinha um homem lá dentro disse entra moço, ela havia falado que eu estava lá fora, aí subi aquelas escada, que entrei na salinha tinha um cara que eu tinha conhecido ele, quando eu vim conhecer a linha 14 mas meu pai, aí perguntei a ele você tem terra? Ele disse eu tenho lá na 164 sul, [região de Rolim de Moura] do lado esquerdo, como eu já tinha entrado na picada da 160 [4 Km de distância] eu já bolei, vai ser bom este lote. Aí perguntei você vai para lá? Ele disse vou para lá nada, vou colocar minha família no meio daquele mato, eu tenho profissão, sou carpinteiro [construtor de casas] eu vou e vender aquilo lá! Perguntei quanto você quer? Eu quero 18 mil, aí eu peguei fui para casa, na 14, aí estudei, falei com meus dois irmãos porque nós veio para Cacoal só eu é dois irmãos, lá na linha 14 as terras já eram mais caras eu não tinha como comprar, eu tinha que vender um Jipe que havia trazido, vender um café; peguei vim olhar este lote, que é este que estamos aqui até hoje, aí comprei o lote, vendi o Jipe para uns cara da linha 13 [Cacoal] por quinze mil, peguei 5 mil é uma promissória de 10 mil com o prazo de noventa dias, você acredita que até hoje os caras nunca me procuraram para me pagar, aí tinha um senhor com nome de Toti, onde tinha a igreja católica na linha 14 onde nós frequentava me disse: - O sr. Nelson que dó, o sr. vendeu o Jipe para os Campana fiado? - Eles te paga não! Se você cobrar eles põe de cano de

revolver na sua cara, eles são valente! Rapaz eu nunca fui cobrar aquele povo, também nunca me pagaram.

Aí o que aconteceu, para vir do Paraná para Rondônia eu tinha deixado um dinheiro com um tio meu, tio Laurindo, o caçula de meu pai, aí tive que escrever carta, não tinha telefone, escrever carta para o meu pai ver com meu tio para ver se ele conseguia aquele dinheiro para eu poder pagar este lote, meu pai coitado pegou este dinheiro com meu tio lá colocou dentro de uma pasta entrou em um avião veio parar em Vilhena, de Vilhena entrou em um ônibus e veio trazer este dinheiro para eu pagar este lote aqui, aí juntei este dinheiro, um cafezinho que colhi para poder pagar este lote aqui.

O fator, na verdade sabe o que era? Nós tinha um pedacinho de terra, mas a terra já estava velha, não tinha como todos os irmãos morar lá. A renda lá para você plantar algodão era muito alta, o veneno era demais da conta; aí a opção que eu achei foi vir para o sertão. Na verdade, antes de vir para cá eu fui no INCRA, e havia distribuição de terras em Mundo Novo - MT mas cheguei lá não consegui, mas chegando lá muitos amigos nossos que vieram para Mato Grosso falaram que em Rondônia o INCRA estava cortando terra, como eu não podia comprar em vim para Rondônia, na verdade eu comprei aqui, mas foi por um preço que eu podia pagar, lá no Paraná com 18 mil cruzeiro você não fazia nada, então aqui era lugar novo eu comprei aqui.

O governador Teixeirão [Jorge Teixeira] aqui foi um governo que deu muito apoio, uma vez nós vinha no rio capixaba, era água pura com cacaio nas costas, não só eu mais vários companheiros que a gente conheceu na picada, atolando na lama, não tinha estrada. Ele [Teixeirão] baixou com um helicóptero em uma derubadazinha, ele usava um kep na cabeça hoje, lembro como se fosse hoje, ele era coronel; da minha parte eu valorizo ele muito, sabe porquê. Ele dizia assim: Oh gente não desanima não, vocês levaram nove meses para nascer, não desanima, isto aqui ainda vai sair estrada, ainda vai sair asfalto, a gente nunca pensava, Rolim de Moura mesmo; isto aqui vai ser uma cidade, mais um banhadão [área alagadiça] daquele, era brejo puro, fizeram um pocinho que você pegava água de caneca no tempo das águas, era forado de lascas tiradas no facão para você pisar em cima para não afundar no barro. Para você ver foi verdade a gente encarrou com a graça de Deus, depois veio à estrada, hoje nós temos este asfalto, então ele incentivou, ele falava gente quem derruba o pau é o dono do toco, quem tem seu lote cuida dele, isso aqui vai sair estrada vai melhorar. (risos) Ah gente nem acreditava muito, mas tinha muita esperança, eu mesmo jamais desanimei.

Lá no Paraná era agricultura, meus pais quando vieram de São Paulo formaram café,

desde molequinho eu ia para roça limpar tronco de café chumato, porque lá ruava o café, chegava comer a orelha o pescoço de tá esfregando nos galhos, depois que me formei cuidava de café, a geada comeu o café era plantio de algodão, milho, amendoim, nós colhemos muito amendoim; mas a terra era do meu avô, ele tinha 40 alqueires, mas era 11 filhos, quando ele faleceu que repartiu não coube nada, não tinha como cortar, virava uma tirinha de nada, teve que vender e comprar em outro lugar, foi quando meu pai comprou um pedacinho na região de Umuarama e de lá foi que eu vim para Rondônia.

Aqui na verdade no início foi muito sofrido, mas a gente com aquele entusiasmo nem parecia sofrimento, porque quando comprei este lote era picada, fiz aquela derrubada da frente, plantei ali 6,000 mil pés de café; aí surgiu o sr. João Selhorst [vizinho] que estava em um sitio mais para frente, mas eu não conhecia, eles também era de Cacoal, você acredita eu ia em oficina deles em Cacoal mas não sabia que era eles, quando entro aqui era eles, aí ficou decidido que cada um tinha que fazer a frente do seu lote, a estradinha para passar com carro, o sr. João era o cabeça, teve lugares que ele até fez, porque teve muitos que ganharam o lote mas não vieram morar aqui, eu paguei para o compadre Vandir fazer a frente do meu lote, aquele tempo não era compadre, “seu Vandir”, era feito de foice, machado, enxadão... para o sr. João passar com a caminhonete, picape, era ele que fazia a linha quando isso aqui era novo. Então a dificuldade era bastante, teve vez de eu sair daqui para Rolim para comprar um açúcar, era um comercinho do Artur da Guairá feito de tábua coberto de Eternit, o outro que era a casinha Paraná era feito de lasca de palmito, cheguei no Artur falei para vender fiado, ele disse que vendendo a dinheiro já estava perdendo fiado mais ainda, se você pensar que era difícil trazer mercadoria, tinha que trazer de picape, atolava, difícil trazer, então eles tinha que pegar o dinheiro mesmo. Mas um pouco era o jeito mesmo do homem, eu fui na casa Paraná ele me vendeu até eu conseguir o dinheiro para pagar.

Olha o INCRA, me ajudar a entrar aqui no meu lote ele não ajudou em nada, o que ocorreu é que quando eu fui no INCRA para transferir para o meu nome este lote, eles não queria transferir para mim eles fizeram foi me pressionar, - Se você não derrubar, - O que você vai plantar lá? - Vou plantar café! Eu tinha trazido um monte de nota do Paraná de algodão, de tudo. Eu não sou gordo, mas eu era mais magrinho ainda, ele disse nossa você é trabalhador mesmo! Desfez da minha cara, perguntou se não estava pegando terra para vender. – Não, é para mim trabalhar. Vai plantar café? Vou plantar café! Olha eu vou mandar o fiscal lá, quando eles mandaram o fiscal tinha 6 mil pés de café catuái, tudo coviado na vanga, no sistema do Paraná, quando o fiscal veio o café estava com um ano, você olhava todo lado dava rua, porque plantei esquadrejado, alinhei tudo, aí quando eu fui lá no INCRA

conseguir um documento para eu financiar um motosserra 0,8 aí ele foi na prateleira, achou meu nome, viu a foto que o fiscal tinha tirado do café, estavam admirados: Sr. Nelson aqui na região ainda não vimos um café assim, o senhor plantou no sistema do Paraná, o fiscal falou que todo lado da rua, é o café do senhor é formidável. Ele olhou a foto estava lá meu café meu barraquinho, eu dentro de um arrozal, mais para frente tinha um café conilon, o fiscal nem quis olhar porque você olhava de longe o café conilon estava ainda maior que o catuái, a gente não conhecia café conilon, plantei mais catuái, se eu estivesse plantado mais conilon aí que eu tinha acertado, porque a região aqui não é de você plantar café de você ruar, que ele madura e cai, porque era difícil você varrer, nascia muito, eu levei prejuízo mas a gente não conhecia fiz aqui da mesma forma que fazia no Paraná, o INCRA mesmo dar ajuda não deu.

Consegui o financiamento do motosserra, antes disto eu sofria tinha que pagar, gasolina era caro trazia só de Cacoal, então era muito dificultoso, a diária de motosserra era caro porque ninguém tinha; quando eu vendia o arroz não sobrava era nada, foi quando eu parti para ver se eles me davam algum documento, aí me deram, com o documento eu fui no banco, comprei o motosserra, com aquele motosserra eu fui descoivarando fui plantando café, fiz financiamento para plantar arroz daí fui comprando ferramentas que eu tenho até hoje, o arroz rendia pouco mas eu plantava muito, devo ter nota guardada de 210 sacas de arroz.

Os meninos [2 filhos] ainda não trabalhavam, mas aqui nós éramos muito unido os vizinhos me ajudavam, principalmente o compadre Narciso, compadre Mauro a comadre Maria sua esposa, aí vinha aqui sr. Zé Paraibá, compadre Zé Carlos, Compadre Paulo, então este grupo [vizinhos próximos] aqui era uma família para ajudar uns aos outros. O Uberto ali o Sr. João era vizinho também, mas ele mexia mais com serraria [madeira], quem ajudava mais era os que mexia com agricultura.

Quando começou Rolim de Moura não tinha quartel de polícia, quando tinha um problema maior vinha de Cacoal, mas eu aqui na linha graças a Deus não assisti muita violência, nesta região de Rolim não, mas quando eu morei na região de Cacoal na linha 14 eu vi muita violência, vi os policiais passarem em um Jipinho curto com defunto com parte pelo lado de fora, agora aqui eu ouvia falar, mas assistir mesmo não. Eu sempre fui um cara que gostei de diversão, em 1986 eu fiz esta casa aqui, comprei um motor estacionário 18 HP um girador 12 KWA aí eu tinha energia aqui, fazia um forrozinho dentro da minha casa, convidava os vizinhos, nós dançávamos aqui dentro desta sala, foram várias vezes, era na base da radiola, quando não era aqui era na casa do compadre Paulo, aquele tempo não era compadre, nós éramos vizinhos, nós gostava mesmo, era forro mesmo, xote aquelas músicas

mais antigas, até porque a radiola era daquele disco grande [vinil] que tocava tanto a pilha quanto na energia. Depois de um tempo eu parei porque apareceram mais gente vindas de fora, a gente não é contra bebidas, mas tem gente que bebe altera um pouco, nós com medo de dar algum problema paramos.

Na igreja quando começamos, havia festa, um doava criação, era feito leilão, eu gritei muito leilão naquela igreja graças a Deus, se eu estivesse gravado para mostrar para as pessoas acreditar; porque até na verdade eu fico assim, aborrecido, pensando o quanto mudou o sistema das pessoas aqui nesta comunidade, na época eu gritava leilão, você brincava. Teve uma festa ali levaram uma mandiocona assim deste tamanho [raiz de mandioca maior de 1 metro] aí um falava assim eu dou tanto para fulano levar mandioca, outro, eu dou tanto, ninguém achava ruim, no fim a mandioca deu foi muito dinheiro. Hoje se você sair com uma brincadeira desta os caras já escama contigo, então as coisas mudaram muito.

A gente ajudou, naquele tempo rolava uma cerveja danada em festa de igreja dificilmente saia alguma confusão, hoje corre o risco de sair uma confusão mais perigosa que naquela época, mas no começo usava fazer festas na igreja com bebidas [bebidas alcolicas], depois foram criadas outras formas de manter a igreja como dizimo aí parou com este tipo de festas.

Nós fizemos um campinho na entrada do carreador do Uberto Selhorst, você sabe todo lugar novo tem pau, eu quando era solteiro, moleque, meus pais nunca me deixaram jogar bola, quando era dia de domingo era buscar mandioca, abóbora que dava muito para cozinhar para porco. Quando eu vinha para cá, já casado, ainda tinha vontade de brincar com uma bola, reunimos lá, arrancamos toco, cavamos, cortamos de machado, outros cavavam um buraco maior e cortava de traçador, fizemos lá um campinho bacana. Eu mesmo foi assim comecei a brincar, depois pessoa ganhando começava a ratiar e pensei comigo de hoje em diante nunca mais coloco um pé na bola aí eu nunca mais brinquei, porque eu não gosto de confusão.

Mas a gente fez o campo, começou a brincar outros ficaram brincando. Depois disto aí a gente mexer com associação, o primeiro que ouvi falar que associação era bom foi o compadre Zé Carlos mais o Sergio [atual vereador na cidade] aí formamos a associação no intuito de ajudar os agricultores, o Sr. João doou a terra para fazer o barraco da associação, bem na esquina do carreador, onde tinha um bolichão grande, parecia um mercado, porque o sr. João quando veio para cá ele vem bem de situação, trouxe gado, ele o Zé Paraibá; já fez casa de tabúa coberta de eternit, ele tinha serraria em Cacoal, eu não, eu tirei lasca de facão no mato, tabuinha no mato, fiz aquele barraco que você olhava cheio de frestas, até plantando

café, colhendo café que Deus me abençoou e fiz esta casa aqui. Aí o Sr. João deu o lugar para fazer a associação aí começamos a fincar os pau, aí antes de fazer o Sr. João já não quis arrancou aquilo tudo, aí o Reiro tinha um lote que tinha um barraquinho já pronto aí fomos para lá, fazia reuniões tudo e vai e vai foi quando ah mas aqui tá fora de mão, não sei o que, foi quando eu dei aquele terreno que é a sede até hoje, aí fizemos aquele barracão, eu era o presidente, era gostoso na época, o povo doava gados, várias pessoas doaram, alugávamos pasto para este gado, aí o gado de todo mundo foi aumentando, pouco pasto, foi quando resolvemos vender o gado, compramos aquela máquina de limpar arroz, na época eu fui achar aquela máquina de arroz para comprar lá em São Felipe, aí falei com Uberto, ele gostou, eu tinha uma caminhonete F.4.000, buscamos a máquina, como está luz que está iluminando, se for mentira Deus vai me castigar, mas eu nunca cobrei um centavo, colocamos ali, passamos a trabalhar, serviu muito tempo, porque para você levar arroz na rua era difícil é lá eles tirava muita porcentagem, aqui já era menos, só tinha um porém que as primeiras pessoas que passaram a trabalhar com a máquina não tinha prática, então ficava muita escolha, mas o arroz rendia bem mais, aqui na época o maior plantio era de arroz.

Na época era lugar novo, era bom, todas as linhas, era jogo de futebol, eu tinha um caminhão, puxava jogos, pessoal da linha gostava de jogar bola, eles iam para vários lugares. Primeiro o campo aqui era na terra do Uberto, ele sempre batia para tirar até que ele conseguiu tirar aquele campo dali, o compadre Zé Carlos doou depois um terreno para o campo, trouxemos uma máquina limpamos a área, mudamos a cerca, então ficou bacana aquele campo.

Eu sinto um cara feliz, ali nós chamávamos os caras para plantar grama, quase todo mundo ajudava, o Uberto foi buscar com a caminhonete a grama para nós plantar, o pessoal jogava, meus meninos mesmo, vinha povo de fora jogar, eu gostava, ficava fazendo torcida na beira do campo, eu não jogava mas acompanhava, era muito bom, todas as linhas era animado no começo, festa de igreja era animado, eu mesmo participei muito de festa de igreja, uma comunidade visitava a outra. Eu fui muitos eventos, eventos políticos, eu perdia não.

Quando eu comprei este lote, já tinha marcação, mas o INCRA trazia os marcos de burro, outros lugares nas costas, tinha lugar que era atoleiro, eu já conversei com pessoas que carregaram e foram longe com marcos nas costas, por conta dos atoleiros.

Vou te falar a gente quando não tem noção da coisa, eu não vendi madeira para madeireiro, porque na verdade eu fui plantando muito café, então o que acontecia eu fui derrubando era tudo, cada garapeirão [garapeira] ia apodrecendo tudo na roça, meio do pasto.

Eu quando fui vender madeira, vendi para o Uberto [madeireiro local] já foi bem depois, pode dizer que com o dinheiro desta madeira eu comprei um fogão a gás, na época os primeiros fogões a gás era caro, mas vendi nem fui lá olhar, ele tirava, media, nem tinha noção de preço. Tem vezes que ele [Uberto] comenta sobre derrubada, não sei o que, eu falo, mas beleza! Você também viveu da própria natureza, ele vivia de madeira, mas é uma corrente ele vivia de madeira mas me ajudou porque aquela tulha [paiol] que eu tenho ali, eu comprei aquela madeira toda dele, então se eu fosse buscar aquela madeira em Rolim de Moura não tinha estrada direito, frete era caro porque tinha pouco caminhão na época; essa madeira que eu tenho em cima desta casa eu comprei tudo dele, o madeirama que eu tenho aqui em cima e tudo peroba rosa, então é aquilo que eu falo tudo é uma corrente, um depende do outro.

A madeira era uma fonte de alternativa, mas eu mesmo tinha pouca madeira deste lote aqui, madeira de vender mesmo era bem poquita. Os madeireiros compravam mais era mogno, imburana, e aqui não deu, aqui deu mais foi garapeira, taubá mesmo que eu tirei neste lote, foi uma só, aqui é um mato tipo cerrado, deu pouca madeira, agora aqui para lado da serra [próximo a região de Alta Floresta do Oeste] aqui sim deu madeira, mas coitados não tinha noção de preço, o que os cara falava eles vendia. Você via era de admirar o tanto de caminhão de mogno que passava desta serra nesta estrada. Na verdade, as primeiras derrubadas aqui eles [madeireiros] nem procurava porque tinha madeira perto de Rolim de Moura sobrando, eles nem vinha aqui atrás de madeira, então você derrubava apodrecia.

A estrada como disse eu fiz minha parte, o resto sr. João mais alguns foram fazendo, sr. tinha a picape fazia a linha, a estrada no início foi feito de mão, eu paguei para fazer porque eu ainda morava lá na linha 14 em Cacoal, o Vandir que fez para mim de machado, como é 500 metros, 250 metros para mim e 250 para o compadre Zé Carlos.

A estrada mesmo feito pelas maquinas tem 36 anos que foi feito, foi quando nasceu Ronaldo [filho caçula], ele já nasceu aqui, nasceu mesmo em Cacoal, mas nós já morávamos aqui, foi o Finado Sr. João Selhorst [já citado anteriormente] que levou minha mulher, nós saímos daqui 9h da manhã nós veio chegar lá em Cacoal umas 16h da tarde, ela já sentindo dor, quando nós ia passando ali onde o lote do Zé Brito, tinha colocado fogo em uma derrubada, nós teve que esperar o fogo abaixar, porque a picada era assim bem pertinho, aí esperamos o fogo dar uma baixada para passar, mesmo assim com medo de o fogo incendiar a caminhonete, na 25 barro, buraco, buraqueira, buraqueira... aí ele veio embora, eu fiquei, aí Ronaldo nasceu, eu deixei a mulher lá e vim embora trabalhar, aí quando eu fui buscar com Ronaldo, a máquina já tinha passado na estrada, nós ficamos todo feliz! Passaram a esteira e

patrolaram, ficou um estradão! Foram fazendo as pontes. Ali na frente onde plantei café tinha muito pau, você plantava as covas de café assim no meio dos paus. Eles [as maquinas] empurraram ainda bastante pau em cima de pé café, quebraram bastante pé de café, más só que eu vou te falar quando nós chegamos que vimos aquela estrada aí aliviou sabe, sabe o que é aliviar você! [risos] Você parece que nem estava neste mundo aqui estava em um paraíso, ficou um lugar tão diferente, rapaz do céu!

Eu domei uns boizinhos tinha um carroção, puxei cereais para uma imensidade de gente, primeiro curral que o compadre Zé dos Anjos fez foi eu que puxei a madeira, passando por dentro de água com aqueles bois, palanque de ipê, várias pessoas eu puxei cereais, compadre Mauro, tenho ali fotos, quando eu não podia ir, mandava meu menino, Agnaldo, deste tamaninho. Tem lá Agnaldo junto das filhas do compadre Mauro descarregando milho. [nostalgia].

O modo de vida daqui [Rondônia] em relação ao Paraná para mim é muito melhor, porque lá nós tínhamos 5 alqueires de terra, a geada queimou o café, nós era uma família grande para viver de 5 alqueire, os filhos casando, era difícil; aí nós veio para cá, hoje tenho meu pedaço de terra, meus filhos também tem, temos criação, este carro, não tirei daqui [lote] foi herança que minha mãe me deu, mas foi fruto do que conseguimos tirar aqui no estado de Rondônia. Até meus pais, porque lá 5 alqueire com uma filharada daquela, porque ali na 14 ele comprou 42 alqueires, depois conseguiu mais 42 alqueires, meus irmãos plantando e colhendo café todos eles tem terra.

Eu tenho um sentimento de satisfação com o que consegui aqui em Rondônia, posso louvar muito a Deus, agradecer muito a Deus como tenho agradecido, porque até eu acho que não tenho merecido o tanto que Deus me deu, porque é uma graça muito grande! Porque você está igual eu ficava lá no Paraná com uma máquina nas costas, passei noites e noites inteirinhas passando veneno em pó, aquilo você enfia a mão no nariz estava tudo entupido de pó; só morre quando chegar a hora de Deus chamar viu! Tem vezes que o cara fala ah fulano está acabado por causa de veneno, eu sei de cara que já morreu e nunca mexeu com veneno e eu estou aqui até hoje.

Teve uma época que deu vontade de voltar [Paraná], naquela época que eu fui na cidade é o cara me disse que se vende no dinheiro estava perdendo e no fiado mais ainda, aí eu olhava para o matão não tinha um parente aqui, aí deu vontade de voltar, sabe porque, a gente no Paraná era fraco mas eu ia com um carrinho no mercado de um português de nome Dalvo e se seu eu quisesse levar o carinho cheio de mercadoria fiado ele me vendia, comprei

muito para pagar com 30 dias, 60 dias, ná época não tinha infração, sabe! Aí eu aqui com um mundão [42 alqueires] de terra mas não tinha crédito, eu cheguei chorar sentado no baldrame do meu barraco, eu não nego não! Olhava para o mato é as lagrimas do olhos correr, pensava meu Deus, lá no Paraná eu não tinha nada, mas tinha crédito.

Mas graças a Deus, comecei a produzir Rolim foi se desenvolvendo, as coisas foram clareando, colhi muito feijão, colhi mais de 40 sacos de feijão batido tudo no cambão, eu é esta mulher [sua esposa] sabe que puxou este feijão, foi compadre Valdir com uma picape, ele tinha recém chegado do Paraná, passava em pinguela, mas chegava com cada carga em Rolim o cara já te passava o dinheiro limpinho, já aproveitava a caminhonete e fazia compra para o ano todo, lá no Paraná era diferente lá comprava por semana, todo sábado ia na cidade comprava um pouquinho.

O lazer de lá [Paraná] e diferente daqui, para nós lá festa era difícil, não é porque não tinha festa, o problema e que naquele tempo era igual quando começou aqui, festa de igreja tudo era no dinheiro, se você fosse em uma festa e tivesse dinheiro você comia, se não passava vontade, aqui no começo mesmo quando a igreja era de lascas não tinha festas, depois que a gente já começou a colher os cereais passou a ter, mas mesmo assim tinha coitado que não tinha, você via crianças passar vontade, depois melhorou porque as condições de vida aqui melhorou bem mais, igual eu falei lá a propriedade era pequena, família grande e terra velha também.

O povo reuniu e fez a escola, eu não ajudei a pregar tábuas, o meu serviço na primeira escola foi cavar terra e fincar lasca, ajudei a fazer o aterro, quem sabia mexer mais com carpintaria que fizeram a parte de cima, pregar as madeiras essas coisas, lecionaram muitos anos nesta escola, depois que a prefeitura fez outra escola com duas sala de aula, banheiros, cozinha, eu fui presidente daquela escola, ajudei a cercar a área da escola, doei a madeira junto com o compadre José Alexandre para cercar, levei no carroção de boi, quem me ajudou a cercar foi o Antônio, filho do compadre José Alexandre, quem doou o arame foi a secretaria de saúde de Rolim de Moura, no pátio da escola tinha umas pedras grandes, quando entrou maquina, eu como presidente da escola, pedi para tirar aquelas pedras maiores; limpar aquele pátio de escola, limpei muitas vezes, naquele tempo não usava veneno, era na base da enxada, mas como a gente tinha saúde, eu na enxada naquela época trabalhava tranquilão, trabalhava na minha roça, trabalhava em qualquer canto.

Aqui era tão bom no começo, eu lembro este linhão de energia [rede de energia], tem lugar que era mato, então precisava limpar de foice embaixo, todo mundo ia ajudar, quem não

podia ir pagava para o outro ir, eu tinha caminhão passava levava todo mundo, nós limpávamos sem dificuldade alguma.

Graças a Deus a gente entrou aqui em Rondônia, construiu a vida da gente, criar a família, estamos aqui até hoje, estou muito feliz junto da minha família, meus amigos, temos muitos né! Graças a Deus! É uma família! Eu sei de muitos lugares que não é uma família como nós somos aqui, porque, na verdade, se você for olhar bem nós não somos vizinhos, somos uma família, todo mundo se reunia para ir ajudar na igreja, na escola, campo de futebol, eu não jogava mas gostava de ver uma criança, um jovem brincando, meus filhos quando mais novo eu não dava muita chance porque nós trabalhava até sábado a tarde, então os outros estavam brincando eles trabalhando. Mas a diversão é muito importante em nossa sociedade, a criança, o jovem, o adulto, e o idoso divertir é importante para a convivência e para a saúde da gente!

Quando tinha esta rede de energia, que começou a entrar mais gente, ela ficou fraca, então precisava fortalecer, eu estive em Porto Velho no palácio do governo, era o Valdir Raupp, o governador, pedindo. Foi a primeira vez que eu andei de elevador, estive lá, deve ter documentos escritos com minha assinatura lá reivindicando isto, na época, de imediato assim não veio, porque as coisas e assim, não vem no começo, demora um tempo. Eram coisas que a gente lutava e corria atrás para o bem da comunidade.

ANEXO I - ENTREVISTA 8 - RODNEI ANTÔNIO PAES. Data: 01/07/2016

Nome:

Rodnei Antônio Paes, sou natural do estado de São Paulo, cheguei a Rolim de Moura em 21/02/1984.

Fui estudante, eu fiz o curso de Educação física, e trabalhei por três anos antes de vir para cá no departamento nacional de estradas e rodagem do estado de São Paulo, o DER. Para questão de informação eu joguei [futebol] como profissional por três ano e meio em São Paulo, antigamente serie B, porque eram três categorias, série A, B e C, hoje segunda divisão, isto foi durante a faculdade.

Foi através de um professor de educação física, o nome dele é o professor Godoy, veio aqui conheceu o estado, era um estado em formação, e chegou para nós, que chegando no estado já era contratado de imediato, e isto realmente aconteceu, eu cheguei dia 21/02/1984 e fui contratado dia 01/03/1984 e até hoje sou funcionário do estado; me formei em dezembro de 1983 e em 01/03/1984 já estava contratado.

Os primeiros anos aqui foram de adaptação, um estado, uma cidade nova, falta de infraestrutura, bem diferente da realidade que a gente vivia, mas tinha o principal, o mercado de trabalho, a oportunidade de trabalho; porque lá em São Paulo a gente sentia que iria ter dificuldades, aqui não, tudo novidade, e passamos a fazer parte do contexto da cidade; lá não seriamos coadjuvante aqui a gente veio para ser protagonista.

Principalmente na área da educação e saúde que era uma necessidade muito grande, todos que aqui chegaram com diploma de nível superior, eram aproveitados pelo estado, então o próprio estado de Rondônia foi o órgão que atraiu muitos profissionais.

Era o esporte, nós tínhamos futebol, vôlei, eu lembro muito bem, eu já jogava futebol em São Paulo, fiz amizade fácil, me relacionei com a cidade através do esporte, principalmente futebol. O que nós fazíamos sábado a noite aqui era jogar voleibol, nós íamos para escola Cândido [Cândido Portinari] eu morava próximo à escola, no sábado à noite, a tarde também, não tinha muita opção, ficávamos jogando voleibol, às vezes no domingo também, voleibol, basquete, futsal também, mais as modalidades que mais me chamava atenção na época era, que gosto também era o voleibol é o futebol de campo.

O voleibol, estas coisas era nas quadras das escolas, o futebol nós tínhamos o “As de Ouro” onde hoje é o estádio Cassolão [Estádio Municipal Ângelo Cassol José Cassol] era um

campo de terra, todinho de terra, era uma novidade para mim chegar aqui e jogar em campos totalmente de terra, cascalho puro, goleiro ainda, mas era uma coisa que a gente gostava, os campos gramados era no sitio, nas linhas [estradas rurais] era os campos gramados. Aqui na cidade até o campo suíço que tinha lá no Caiabi [um antigo e extinto clube da cidade] recém formado era cascalho puro, aqui na PM [campo existente dentro do quartel da Polícia Militar do Estado de Rondônia em Rolim de Moura] era cascalho puro, não tinha grama, parece que era uma dificuldade muito grande formar grama aqui (risos).

Era o grande o entretenimento que tinha aqui, era o futebol, o esporte, porque você não tinha muita opção, a televisão era da 6h da tarde [18:00h] a meia noite [00:00h] que tinha energia, porque você não tinha opção durante o dia porque não tinha energia, só quem tinha o motor estacionário, eram poucas pessoas que tinham condições de ter o motor estacionário na sua própria casa, a noite quando chegava a energia você ligava a televisão até meia noite [00:00h] tinha energia, quando tinha, as vezes o motor dava problema, cansei de assistir filme até a quinta parte, na sexta eu nunca ficava sabendo "quem matou quem",[fim do filme] porque não dava tempo.

Em 1987 ou 1988 o time do Pinheiros [antigo time da cidade] foi campeão do Copão da Amazônia. Te contar a história. Tinha um time de futebol aqui que predominou por 7 a 8 anos ganhando tudo, primeiro era o time do "As de Ouro" que eu acabei de falar, que era onde hoje é o estádio Cassolão, era um time muito bom, ganhou um ano, dois, todos os campeonatos que tinham, depois criaram o Matecon, Matecon era uma loja de materiais de construção que tinha, era os mesmo jogadores, só quem cuidava era o Matecon, da Matecon criaram o Juventus, nós ficamos oito anos ganhando tudo, todos os campeonatos, era campeonatos municipais, regional, realmente era um time muito bom, formado com jogadores aqui da cidade, interessante foi quando nós perdemos uma final para Pinheiros, nós havíamos ganhado tudo nos anos anteriores, e justamente naquele ano o campeão iria representar Rolim de Moura no Copão da Amazônia, então quem iria representar era o Pinheiros, não o Juventus, que antes ganhava tudo; só que o Pinheiros fez uma seleção da cidade, de 15 jogadores do Juventus 8 foram para o Pinheiros, a partir daquela data deixou de existir o Juventus. E logo no primeiro campeonato o Copão da Amazônia nós fomos campeão, nós ganhamos do Ji-Paraná de 2x0 em Ji-Paraná na semifinal e empatamos com o Operário de Colorado do Oeste, lá em Colorado do Oeste, empatamos 1x1 e fomos campeão do estado, isto nos deu o direito de representar Rondônia no Copão da Amazônia, o campeonato foi no Amapá, na cidade Macapá, então isto foi um feito para o futebol amador daqui.

A partir daí o Pinheiros sobressaiu por muitos anos e se eu não me engano foi em 1991 que o Pinheiros disputou o primeiro campeonato rondoniense de futebol profissional com 90% de jogadores aqui da cidade [pratas da casa] era um time que a gente chama de futebol marrom, não tinha salários, jogava por gostar mesmo, jogamos por diversos campeonatos estaduais, depois criaram o Rolim de Moura.

A grande maioria veio deixando a família para trás, eram migrantes, chegavam aqui não tinha família, eu mesmo vim sozinho, chegando aqui tinha o professor Benê, que veio na mesma época, tinha o professor Nélio que foi eu que chamei, então nós viramos uma família, então a nossa amizade construída aqui neste momento de carência, todo mundo carente, deixou família para trás e veio, então isto deixou todos nós mais próximos, eu lembro que você conhecia todo mundo, a cidade era menor, mas você conhecia, tinham várias amizades criadas, acho por todos estarem nas mesma situações, todo mundo carente.

Tinham festas, churrascos em tudo quanto é lugar, muita festa, corria muito dinheiro aqui, corria muito dinheiro, Rolim de Moura era a capital da madeira, nós tínhamos aqui o número 153 serrarias, nós tínhamos 9 serrarias da COMAEX que trabalhava com exportação, só madeiras de lei, mogno, cerejeira, principalmente mogno, iam direto daqui para o Porto de Santos, então Rolim de Moura era uma cidade muito forte na época, as madeiras não vinha somente daqui, vinha de toda a região, mas por ser a cidade maior, as serrarias ficavam aqui, era uma cidade que corria muito dinheiro, madeira dava dinheiro, os madeireiros eram os magnatas da cidade; Então como eu tinha muita amizade, era professor do filho de um, filho do outro, então a gente era convidado para as festas, eu nunca participei de tantas festas no 0800 [grátis] (risos).

As pessoas se aproximavam por conta desta carência todo mundo longe da família, e criaram amizades pode dizer familiar, você estar na casa das pessoas, elas te recebendo com muito carinho e alegria porque elas também estavam nesta carência, aqueles com poder aquisitivo maior recebiam mais que a gente, eu cheguei a morar em república; as igrejas sempre foram fortes aqui, a questão religiosa, principalmente a parte evangélica, a católica também, mas as evangélicas sempre tiveram muitas igrejas aqui, isto acabou aproximando também as pessoas.

Tinha as festas, aqui você tinha mis Rolim de Moura, tinha muitos bailes, interessante como tinha bailes praticamente todos os fins de semana, bailes com banda, muita música gaúcha, o CTG [Centro de Tradições Gaúchas] era muito forte, hoje tem um prédio bonito lá, mas não tem evento, não fazem nada, antes tinha bailes, tinha aquele cara, o “Ari Santos e os

recampados” ele fazia baile aqui direto, como tinha muitos gaúchos. Eu mesmo quando cheguei aqui não conhecia nem o que era xote, rancheira e vanerão, e eu sempre gostei de dança, na faculdade, na juventude era ligado a dança, eu tinha uma namorada nós fomos para o baile dançamos, dançamos, dançamos... teve o intervalo, aí quando começou a música de novo ela chegou e disse - Rodnei vamos dançar este xote? Mas esperai aí, eu não sei o que é isto. Ela disse – Nós já dançamos antes. Aliás eu não conhecia o ritmo! O que era o xote, o que era rancheira, o que era vanerão; entrei no ritmo porque eu sempre gostei de dançar, acho que levo jeito um pouquinho, mas quando ela falou vamos dançar este xote, eu disse o que é isto, aí que fui saber o que era xote, rancheira, vanerão, diferenciar os passes, conhecer a tradição gaúcha que era muito forte aqui, ela se perdeu muito com o tempo, aqui é uma região predominante de sulistas, principalmente de Vilhena até aqui, subindo já muda bastante.

Teve há muitos anos atrás 2 cinemas, o filmes que predominava era de “bang bang” (filmes de mocinho) de sexo explícito, tinham histórias de Mazaropi também; mas tinha 2 cinemas de madeira bem precários mesmo, mas vivia lotado, era muito frequentado. Nós tínhamos um comércio forte, o posto petromoura, chegou a ser o posto que mais vendeu óleo diesel no país! Se nós tínhamos 153 serrarias, os motores de energia da cidade era movidos a óleo diesel, então o posto iria vender óleo diesel para eles, a CERON [Centrais Elétricas de Rondônia] e muitas carretas transportando toras e depois saiam carregados de madeiras e todos eles abasteciam aqui, correu muito dinheiro aqui naquela época. Pessoal fala que ficava ali na 25 [25 de agosto, avenida principal da cidade] sentado diz que perdia a conta dos caminhões que passavam ali transportando tora, muita tora mesmo.

Eu acredito que contribui sim, contribui como professor na formação dos alunos que passaram por mim, na área do esporte por ser professor de educação física. Nós tínhamos uns jogos aqui que foi criado por nós com o nome de “rolímpiadas”, o JOER [jogos escolares de Rondônia] ficou sem acontecer aqui em Rondônia por mais 10 anos, e nós criamos a “rolímpiadas” que tinha o mesmo modelo do JOER, tínhamos onze (11) municípios participando da rolímpiadas, pegamos aqui, Santa Luzia [Santa Luzia do OESTE], Alta Floresta [Alta Floresta do Oeste], Brasilândia [Nova Brasilândia do Oeste], São Miguel [São Miguel do Guaporé], Costa Marques, São Francisco [São Francisco do Guaporé], Castanheiras, Novo Horizonte [Novo Horizonte do Oeste] todos eles vinham para Rolim de Moura participar das “rolímpiadas” aí Cacoal queria vir, Pimenta [Pimenta Bueno] queria vir, mas não tínhamos estrutura para isto, que é o caso do JOER, enquanto o JOER não aconteceu nós mantivemos estes jogos, naquela época nós conseguimos fomentar o esporte mesmo não tendo apoio do governo do estado e nós criamos os jogos, foi até uma criatividade interessante

o nome: “rolímpiadas” que liga com Olimpíadas, então foi muito legal.

Os jogos têm uma força muito grande, o que a Olímpiada traz hoje de positivo e você pegar 180, 200 países que vai para um local só, e a união dos povos, culturas diferentes, onde terão a oportunidade de se relacionarem, de se respeitarem, transportar mais um pouco de amor de carinho; nós sabemos que o esporte já paralisou guerra, já mudou muitos comportamentos.

Então você resgatar jogos como estes da “rolímpiadas” e você trazer para dentro da escola uma nova solução, onde você consegue mostrar para a criança o quanto é salutar, você cuidar da saúde, você não beber, não fumar, não usar droga, porque uma das maiores mensagens do esporte e está. E nós tivemos a “rolímpiadas” com este objetivo, e foi muito bom, um sucesso. Então eu acredito que eu contribui como professor dando aula, nos jogos, nas formações das equipes, nós montamos uma equipe de basquete aqui [basquetebol] campeã estadual, nunca teve equipe de basquete aqui, nós formamos uma equipe, participei como atleta e depois como empresário, eu tenho uma academia há 16 anos, como empresário acreditando na área da educação física, fui membro da associação comercial, fui diretor de escola, dei aula nas três faculdades, tanto na Farol [Faculdade Rolim de Moura], na UNIR [Universidade Federal de Rondônia] e Faculdade São Paulo então a gente neste período de trinta e três anos que aqui estou dando minha contribuição.

Não! Não tive. Sou muito grato a Rolim de Moura que foi a cidade que me abraçou me deu oportunidade de trabalho, isto é fantástico, a gente se adapta em qualquer lugar; eu tive agora ½ (um ano e meio) em Porto Velho, e todo mundo reclama de Porto Velho – “a cidade violenta e tudo”. Me senti bem, trabalhei bem, acho que a cidade que te dar oportunidade de trabalhar, de constituir sua família e dar sequência em sua vida é o melhor lugar do mundo. Não adianta eu querer voltar para São Paulo, Rio de Janeiro ou outro local se não tiver oportunidade de trabalho, que não consiga dar qualidade de vida a minha família.

Então Rolim de Moura foi a cidade que me deu oportunidade de trabalho o meu crescimento profissional foi aqui, eu me vejo assim se ficasse em São Paulo eu seria mais um, eu ia competir com o meu professor de faculdade que estava lá, iria competir com outras pessoas com mais experiências e as oportunidades seriam bem mínimas, aqui não, aqui eu tive oportunidade, com três meses eu fui vice-diretor de escola, com três meses de trabalho eu fui vice-diretor da escola Aluísio [Escola Estadual Aluísio Pinheiro Ferreira] sem ter noção direito de como funcionava, me deram lá porque eu participei de algumas festas e acharam eu meio dinâmico nas coisas; E me pegaram – ah o Rodnei serve. E a partir de lá eu sempre

participei de alguns cargos, na prefeitura como secretário de esporte, como coordenador de Educação Física, na área da gestão a gente aprende muito. Tudo isto faz termos um crescimento profissional, se estivesse ficado lá em São Paulo, talvez não teria tido este crescimento, não teria oportunidades, aqui me deram oportunidades. Então não se pensa em ir embora, e valorizar a casa que eu tenho, a academia que tenho e acompanhar o crescimento e evolução da cidade.

Hoje de manhã eu estive na escola Aluísio, apresentando a tocha olímpica [o entrevistado foi um dos condutores da tocha olímpica em sua passagem por Rondônia] que eu trouxe a tocha, tinha a professora Mariazinha, a professora Cristina que são colegas minhas da época que eu cheguei, mas 80% são professores novos que foram meus alunos, na verdade são meus colegas de trabalho.

Dizer assim o mais importante da vida não é salário que você ganha não são as conquistas materiais, acho, que isto aí é uma conquista do que você fez, do que você produziu. Importante e você ter uma história, você olhar para traz e dizer, poxa vida, eu deixei um legado, eu contribui, você poder fazer isto é uma diferença muito grande, porque eu não ficaria feliz se eu estivesse um salário 4 a 5 vezes maior do que ganha um professor, mas olha-se para traz e pensa-se poxa vida, o que eu contribui para a sociedade? E hoje você encontrar um aluno juiz como eu encontrei lá em Guajará-Mirim, um aluno promotor em Porto Velho, um aluno médico, ontem a noite um aluno médico filho do Dr. Toschio me complementando, você pensa, eu ajudei, ajudei a formar cidadãos, isto é o grande legado da nossa vida. Estar em Rolim de Moura a trinta e três anos e conviver com isto é realização pessoal é uma satisfação pessoal para o nosso ego que todos nós temos. Poxa, eu contribui, as conquistas, as coisas materiais e importantes, traz conforto, traz qualidade de vida, mas não satisfaz como você ter consciência na contribuição da formação da cidade e poder dizer que, por exemplo, o primeiro desfile [desfile de 7 de setembro] da cidade foi eu que coordenei, a primeira fanfara da cidade foi eu que ensaiei, você começa a lembrar de certas coisas e credencia a dizer que eu fui um dos primeiros a estar contribuindo, então é legal fazer parte desta história.

ANEXO J – ENTREVISTA 9 – UBERTO JOÃO SELHORST Data: [2014]

Elton: Estou aqui entrevistando Uberto João Selhorst, e a primeira pergunta que tenho a ele é: como que eles, imigrantes da década de 80, se interagiam, como construíam essas relações de sociabilidades, na década de 80, haja vista que eles eram imigrantes vindos de diversas regiões do país?

Uberto: A princípio, né! os primeiros contatos eram diretos nas casas, né? Para se conhecer, era direto. Depois passou para a questão comunitária, que... aí começou a se construir igrejas e... e também junto veio justamente a questão do futebol, né? Às vezes nem com intenção tanto de sociabilidade, como você está perguntando aí, mais de lazer, mas aí juntando essa... esse fator todo, acaba que realmente, o próprio futebol traz a questão social, de se conhecer, de interagir, conhecimentos, né? De vários, várias questões que envolve a sociedade como um todo. Eu acredito que se a gente for pegar, é... assim... de um lado, duma maneira mais ampla, eu acho que o futebol ajudou muito. Ajudava, e às vezes até no mesmo tempo, pelo fato de sangue ta quente na hora do jogo, às vezes né, você arrumava encrenca, mas no contexto todo da, né? Da conjuntura, vamos dizer assim, eu acho que o futebol foi um grande aliado na questão das pessoas se interagirem, igual no princípio quando nós entramos aqui. A gente era pessoas de vários pontos do país, né! E a gente, eu pelo menos, eu como, eu dou meu depoimento como realmente quem, quem começou o primeiro campo de futebol aqui da linha foi eu. Nóis começamos lá na frente de onde era a primeira igreja, né? E fizemos um campinho lá, e aí ficou um tempo lá e aí depois vinhemos pra aqui também foi tudo feito na mão, pode-se dizer, aí até que no fim conseguimos um trator de esteira e quando foi fazer a primeira estrada aqui aí o trator fez pra gente. Mas, a princípio como eu disse, era pra lazer, né? Mas, tudo leva, quando você pega, por exemplo, juntar pessoas, você acaba interagindo na questão conhecimento, na questão de sociabilidade. Tanto que a gente saía para lugares longe, né? Pra jogar bola. Então além de você conhecer o povo da linha, você passava a conhecer pessoas de outras localidades.

Elton: É frequente a gente ouvir relatos, de pessoas assim como você, que entorno do campo não havia só ali só quem estava jogando, havia, digamos, umas pessoas ao redor do campo, tanto torcendo para o time, e há relatos que se havia muitas relações, inclusive, é... muitas pessoas, digamos, iniciaram certo namoro ali, se conheciam entre si. É... eu pergunto a você como é que se dava esse ambiente em volta do campo, ou até mesmo da torcida, ali vendo vocês jogarem, como que era esse ambiente?

Uberto: Ah, o ambiente era sempre favorável, né? Porque, é... quando a pessoa já tem o dom de sociabilidade, é uma coisa mais fácil, né? Sempre existia, várias, existia e vai existir a questão das pessoas mais arredias, mas eu acho que na época pra, pra época, realmente a questão em volta do campo, né? Era uma coisa muito bonita, porque a gente via realmente que se juntava muita gente, hoje já não tem tanto, você vê esses futebol, pelo menos aqui na nossa linha, ficou muito fraco. Primeiro pelo fato de ter saído muito, né? Pessoas da linha. Mas naquela época, era interessante se vê o comportamento das pessoas em volta de campo. É... uns era a favor do time, outros era a favor de outro, mas como você via no geral, saía todo mundo satisfeito, né! Havia interação entre as duas torcidas, na realidade, eu... assim, que eu posso, assim... é... testemunhar aqui houve até namoro... num posso, porque às vezes passou despercebido. Mas eu acredito que realmente se você for buscar na memória, vai haver fatos que houve mesmo esse tipo de coisa. Porque a gente percebia o relacionamento, que nunca houve, de dizer assim, que um jogo de futebol, pelo menos aqui na nossa linha, ou em outras linhas, às vezes surgia algum problema, né! Mas normalmente todo mundo saía de bem, né!

Elton: Até porque, digamos, além do futebol, havia outras brincadeiras ali entre mulheres...

Uberto: Exatamente!

Elton: ... as crianças, entre...

Uberto: havia, né! As brincadeira, interação até entre as mulheres, conhecimento entre as mulheres, pelo fato também de ter já havido a iniciação das primeiras comunidades, tanto as comunidades nossa, católica, também como as outras comunidades que começou surgir de outras religião, apesar que nas outras religião muitos não participam do futebol, mas sempre havia uma oportunidade ou outra de se encontrar no campo de futebol.

Elton: Então, no caso, digamos a comunidade católica aqui também era um desses ambientes assim como o futebol que ajudava, né? Essa construção de relações de sociabilidade...

Uberto: exatamente! Ajudou muito a nossa, a nossa comunidade principalmente, que é a gente no decorrer de todos os princípios dos primeiros anos, a gente viu que a nossa comunidade teve sim uma influência muito grande na questão sociabilidade, pelo fato de interagir com outras comunidades, né!

Elton: Sim. É... Você disse agora pouco no seu relato, digamos, que hoje já não se tem muito essa, digamos, essa torcida, esse envolvimento com o futebol, com o campo de futebol em si. E você acha que isso se deve, digamos, a chegada da modernidade, da luz elétrica, ou da TV,

que fez com que jovens, ou até mesmo essas pessoas que participavam, que antes participavam, deixasse de, deixasse ou diminuísse de estar à beira do campo ou construindo, ou estando nesses ambientes onde se construía essas relações de sociabilidades antes existentes?

Uberto: É... eu, na minha opinião particular, eu acredito assim: tudo influencia. Tudo as questões que de modernidade acaba influenciando em... determinado ponto da questão de sociabilidade. Daí eu não acredito que a luz elétrica, televisão tenha influenciado negativamente nesse, pra essas relações. Eu acredito que o próprio sistema. Quando eu digo sistema, eu pego o país como um todo, né! O próprio sistema. E Principalmente o sistema econômico. Quando você pega o sistema econômico... nois estamos dentro de um sistema econômico, que na realidade... é, se você for vê, ele tá tirando pessoas do, de locais, transferindo pra outros justamente pelo fato de interesses econômicos. Então nós vemos que hoje, se nós temos menos gente hoje, talvez, na beira dum campo, e menos gente até jogando bola, é pelo fato que eles saíram da propriedade rural, às vezes desiludido com a propriedade, e às vezes, é... iludidos por uma melhora num local que talvez não vão conseguir uma melhora. Né? Que é sair da roça e ir pra cidade. Mas, existe sim, isso vai depender muito da pessoa, né? Pessoa por pessoa. Que às vezes ele possa até conseguir uma melhora, mas a influência na questão energia, televisão, isso vai depender de pessoa pra pessoa. Eu não acredito que ela influenciou assim pra dizer "ah, já tem oitenta por cento de responsabilidade", não acredito, não. Eu não acredito. Pessoalmente, não acredito.

Elton: Até porque, digamos, essa chegada da modernidade, ela construiu novos, novas relações...

Uberto: É...

Elton: Novos mecanismos de construir essas...

Uberto: Exatamente, né? Eu, eu hoje, eu digo assim: Hoje talvez computador, sim. Computador, talvez, ele prenda mais a pessoa na casa, e aí ele vai ter que, vai ter uma interação diferente, né? Via internet. E talvez não seja a melhor interação para o convívio do ser humano, né? De, dizer assim, de sociabilidade. Mas, também não deixa de, de, num ser um meio de, de interagir. Mas eu acredito que a interação corpo a corpo ainda é a melhor via do ser humano se comunicar.

Elton: É isso. Muito obrigado, Uberto!

ANEXO K - ENTREVISTA 10 - UBERTO JOÃO SELHORST 04/06/2016

Nome? Uberto João Selhorst

Estado de nascimento? Paraná

Antes de chegar em Rondônia passou por outros estados? Mato Grosso do Sul, Naviraí.

Em que ano o senhor chegou a Rondônia e depois em Rolim de Moura? Em 1976 em Cacoal, Rolim de Moura 1980.

Quais atividades exercia antes de chegar em Rondônia?

La era agricultura e marcenaria, no Paraná era agricultura e Mato grosso [Mato Grosso do Sul] marcenaria, porque os meus avós por parte da minha mãe exerciam essa atividade, então fizemos a mesma coisa.

Quais foram os fatores que motivaram a vinda para Rondônia?

Na época foram as informações que tinha daqui a propaganda do próprio governo, meu pai praticamente se criou dentro da agricultura então quando nós fomos pra Naviraí ele não se adaptou aquele novo sistema de trabalho, e como o governo estava distribuindo terra aqui em Rondônia ele se estimulou a vir pra Rondônia.

Ele soube dessa distribuição de terra, por propagandas governamentais, parentes que avisaram?

Não, parentes na realidade nenhum, não foi, porque por exemplo, os parentes da família nossa nós fomos os primeiros que viemos, depois que começou a vir os outros parentes nosso, tanto que por parte da minha mãe só veio a minha tia que ele era casada com o irmão do meu pai também, a irmã da minha mãe, então quem incentivou os outros vir foi nós, minha família, meu pai. Mais eu acho que o estimulo maior foi a propaganda do governo que saiu e pelo fato de meu pai não ter se adaptado ao novo estilo de trabalho que era marcenaria, porque ele gostava do trabalho da terra.

Essas propagandas eram veiculadas como?

Lá era por rádio. Algumas leituras que temos feito que motivaram essa leva de migrantes a Rondônia principalmente na região sul, porque aqui em Rondônia é mais predominante de migrantes sulistas, é algo que chamamos de concentração de terras lá na região sul que é as apropriações do pequeno produtor que ele não tem mais terras e vai a procura de novas terras, e também da mecanização agrícola que passou as máquinas a fazer o trabalho do homem, isso também é um fator preponderante.

Pelo fato de que a agricultura na época, que nos saímos do Paraná, a nossa terra lá já era pouca também, apenas de que se você tiver uma terra produtiva encima de pouco você

consegue produzir e subsistir encima daquilo ali, as nossas terras já eram fraca naquela região que a gente tava ali, então como era pouca meu pai teve a tendência de mudar de atividade, e pelo fato de já está havendo aquele período na década de 70 que saímos pra Naviraí, já havia início da concentração de terra as pessoas que tinha um pouco mais de terras foram comprando dos que tinha menos terra, então é o que influencia talvez até pelo próprio sentimento do humano de possuir mais.

Pelo fato de que aqui em Rondônia está dando 42 alqueires de terra, a gente sair de 5 no Paraná, pra 42 que era aqui em Rondônia isso estimula, porque a família lá era grande 10 irmãos então vamos pra Rondônia lá vamos conseguir mais terras lugar novo e aí consegue a ter uma vida mais esperançosa.

Eu pego a sociedade hoje porque existe o fato do paternalismo dentro da sociedade, algumas pessoas pregam ter, eu sou contra, eu acho que ajudar pessoas é sério, tem horas que é necessário você tem que ajudar o que falta na sociedade é realmente ensinar as pessoas, porque quando você sai de um local que você tem uma atividade que você vai pra outro local que você não conhece que você não tem noção do que você vai fazer ai você tem a dificuldade. Agora eu sai de agricultura, passei pela cidade atividade marcenaria, se eu saísse hoje pra ir pra cidade apesar da minha idade, eu posso trabalha numa mecânica, em uma marcenaria, construção civil, que eu sou carpinteiro trabalho com carpintaria, instalação elétrica eu não vou dizer que sou expert mais eu entendo um tanto, então o que precisa pro ser humano em si é diversificar o seu conhecimento em relação ao trabalho, quando você sai de uma atividade e você tem um leque de possibilidades você tem mais possibilidades de não passar necessidade, agora você sai da atividade rural, não conhece nenhuma outra atividade da cidade, chegando lá você vai ser servente de pedreiro, servente seja de pedreiro ou carpinteiro, a sua limitação de ganho vai ser pouca daí, então quando você tem um conhecimento maior você abre um leque maior de possibilidades.

E como foram os primeiros anos em Rondônia?

Eu acho que por ser um lugar novo, nos encaramos como normal, você tem que ta abrindo tem que ta fazendo, e outra você saiu de uma comunidade que você conhecia pessoas pra onde você não conhece pessoas você tem que passar a conhecer e como Rondônia -é uma região que migrou de todos os cantos do Brasil, então juntou cultura de todos os estados aí você passa a ter a formação de uma nova cultura. Aí tem muitos hábitos que você permanece outros você até agrega atos de outros e vai se formando.

E como foi o papel do estado na acomodação desses migrantes, porque a gente ouve dizer que era ao menos promessas que pra esses migrante que receberiam esses lotes de terras teria o

subsidio não sei se isso confirmou, até quanto a presença dessas instituições o próprio INCRA?

Na época a gente não via muito isso, porque se a gente for pegar o que eu entendo da sociedade e da época, então na época a gente achava até normal. Mais hoje analisando o fator hoje que estamos convivendo o fator político, econômico do país, as tendências da política e da economia a gente vê que o estado na realidade na época foi precária, a única intenção do estado tinha era que a população colonizasse era só ocupar pra dizer que o estado estava sendo ocupado, porque a ação do estado na sociedade era precário era decepcionante, e se analisarmos hoje, naquela época não pôr a gente não tinha visão de política e economia mais hoje quando vemos o que o estado tem que oferecer pro cidadão pra mim foi precário, também pelo fato de que o povo brasileiro em si já tava contaminado na época, então você via no INCRA coisas que acontecia que não cabia acontecer mais simplesmente pelo fato do toma lá dá cá, se você tivesse dinheiro e tivesse a capacidade, a visão e a coragem que teve certas pessoas, você tinha conseguido mais terra na época, porque vinha o governo e distribuía 1 lote por CPF, mais se você ajeitasse os cara lá do INCRA você, não na hora, mais com o passar do tempo você já conseguia outra propriedade, tanto que aconteceu na região de Rolim de moura, lotes foram distribuídos aí ficava um lote no meio na linha sem ninguém aí passava um tempo aparecia um dono pra aquilo, porque, já era deixado de propósito pra ser negociado aquela propriedade, então a má fé dentro da administração pública, não é de hoje é antiga, então é uma doença que a sociedade hoje vai ter que sentar e refletir que lá vai ter que assumir que precisar ser eliminado é uma doença crônica, num pais com tanta condição de fazer o cidadão viver uma vida melhor do que ta vivendo hoje, a distribuição de renda em si do pais, a diferença do rico para o pobre houve uma diminuída na passagem desses governos que passaram, mesmo ainda tendo muita coisa errada, eles não querem que se iguale o poder aquisitivo do cidadão.

É comum a gente ouvir que municípios que estão se criando que havia violência por pouca coisa, e por uma certa ignorância, já estavam as vias de fatos, mais também havia o que foi mais preponderante que era solidariedade entre as pessoas.

A solidariedade entre as pessoas principalmente em uma comunidade é normal, eu acho que o povo brasileiro em si quando se fala vamos ajudar a pessoa que esta precisado eu acho que é pronto não tem que ficar pensando muito, a questão violência na época realmente era o fato da pessoa ter acesso a terra, voltando na pergunta anterior o próprio estado tem responsabilidade nas violências que acontecia, se prometeu uma coisa pro cidadão que vinha mais não deram condições, estruturas pra receber essas pessoas aqui, pra você ter uma ideia a nossa linha

estava no papel mais não tava aberta na pratica, então quando o meu pai recebeu olha seu lote vai ser na linha 164 km 10 sul aqui é sua propriedade aí o que o ... falou você vai ter que convocar todas as pessoas dali aí deu toda relação de nomes, você vai ter que chama esse grupo de pessoas e abrir lá, fazer a picada e abrir e assentar, e foi o que aconteceu o meu pai procurou conhecer as pessoas porque através dos papel do INCRA, tinha o nome e o endereço que morava tanto que ele teve que ir a Ji-Paraná, mandar carta, ou mandar emissário, Pimenta Bueno, pra reunir e falar tal dia vamos reunir e ir para linha abrir lá, e assim foi aberto, pra você ter uma ideia o governo já tinha culpa nisso aí, porque como você vai dar uma terra num local onde não ta aberto, então ele foi omisso, tanto que a partir da 160 aqui também tinha no papel mais não era aberto, e agora acho que ta com quase 2 anos isso se tiver 2 anos o INCRA passou pra demarcar a área, então olha o tanto de ano que o INCRA ficou ausente, foi tudo distribuído mais isso foi tudo o povo que foi fazendo, não tinha nenhum marco do INCRA nessas terras aqui pra baixo, agora que foi feito a chamada terra legal.

Então o que acontecia determinado cidadão aquele lote era de determinado cidadão não podia entrar, aí passava aí vinha outro e entrava, porque aquilo ali se chamava terra devoluta, aí quando o cara vinha tinha outro dentro da propriedade que o INCRA tinha dado pra ele, e isso gerava conflito muitas vezes saia na paz outras vezes dava até morte. Imagina agora alta floresta que foi feito meio na doida, eles iam no INCRA pegava mais ou menos o que tinha no papel e foi se tomando porque aqui tem muitas áreas de terra invadiram e foi cortando do jeito dele e ainda foi vendendo terra devoluta do estado vendendo pra outros que aconteceu que na região da floresta [Alta Floresta do Oeste] tinha muito, isso era uma violência contra o próprio estado, e que o próprio estado gerou, fez a propaganda o povo veio em massa e não tinha estrutura, o que gera a violência e tem muitos fatos de morte pessoas que morreram por essas situações.

A solidariedade sobre entre comunidades é normal não tem muito o que falarem que se constituiu os momentos de lazer nessa nova terra entre migrantes

A única atividade de lazer que nós tínhamos era ouvir o jogo do campeonato brasileiro pela rádio nacional de Brasília aos domingos, ou ir pro campo do futebol quando começou a ter os campos que não foi logo no princípio, no princípio mesmo era visitas nas casa das famílias pra conversar, ou quando tinha terço, ou quando começou a ter as festas de casamento aí quando começou a ter os bailinhos uma coisa.

Os ambientes de lazer eram nas casas e na comunidade quando se criou a igreja, a primeira igreja foi feita aqui na frente do sitio que era tudo palmito na época aí depois passou lá pro seu Narciso por volta de 1981/1982, então esses ambientes era o que nós tínhamos a igreja, ou

casa da família pra rezar o terço, ou um casamento, aniversario aí chamava a gente lá pra tomar um suco, quente porque naquela época ainda não tinha energia elétrica.

E depois que já se tinha os campos como era o ambiente?

O campo já começou a trazer outras pessoas de outras linhas, e primeiro era de dentro da linha, depois que começou vir de outras linhas até da cidade veio, então era normal praticamente o que acontece hoje, só que como já se passou muitos anos naquela época como tinha mais gente no setor rural a concentração de gente era maior, o nosso campo aqui mesmo só está pela metade porque só cabe um futebol suíço, era prazeroso, sempre dava uma confusão pelo fato de que o sangue esquentava na hora do jogo, mais você conhecia outras pessoas, se inteirava.

O modo de vida que se tinha antes de migrar ele se reproduz ou se reproduziu aqui em Rondônia?

Olha na nossa família tanto no habito alimentar ou questão social não mudou praticamente nada, acabou se incorporando a outros ne, porque como tem pessoas de outros estados então tem uns que tem hábitos diferentes tanto alimentação ou de falar, então você acaba se interagindo e criando uma mentalidade um pouquinho diferente mais é coisa mínima, as atividades econômicas pra aquela que a gente exercia no Paraná que lá era s agricultura e algumas vacas leiteiras, no Mato Grosso do Sul foi atividade de marcenaria em Cacoal ainda trabalhamos 4 anos com marcenaria, aí depois o pai veio pra Rolim e eu ainda fiquei trabalhando em Cacoal com meus irmãos e viemos pra cá em 80 [1980], mais permanece o sentido econômico das coisas.

Quando abriu a picada, parece que o INCRA não estava junto, porque se colocava os marcos a cada 500 metros que era um lote e esses 2000 como era já fazia a picada?

Era tudo feito pelo próprio colono juntava os vizinhos pagava o agrimensor e fazia a picada, o que aconteceu aqui foi feito a linha tanto que ele pendeu saiu da linha, tanto que a justificativa que saiu é que começou torta no início da linha, então essas linhas tem 15km em linha reta, então o que ocasionou em uma altura aqui diz que teve um enxame de abelha em uma tarde e o aparelho acabou caindo e aí foi onde ficou mais torto ainda a linha, então quando fez o fechamento da linha tava tudo marcado, porque eles vinha fazendo e marcando, porque depois que o INCRA veio e colocou o marco, acho que uns 2 anos depois eles fizeram a fundiária e marcou, tanto que muita derrubada que foi feita mais pra dentro da propriedade, algumas deixou outras invadiram.

Eu como cidadão eu me sinto responsável pela construção da sociedade, não só de Rondônia porque eu formei uma família aqui, a gente não pode generalizar mais são poucos os cidadãos

que se tem a responsabilidade de fazer com que o município cresça infelizmente o que deixa a desejar é a administração pública, o servidor público são poucos os que querem o trabalho, eles querem o emprego pra ter o salário no fim do mês, eles não tão nem aí se as coisas ta correndo bem ou correndo mal, se você for pegar creio que não de 50% na construção de um governo e realmente sadio.

Eu particularmente me sinto realizado com aquilo que eu sonhei na minha vida, porque eu queria ter um pedaço de terra e sustentar minha família, agora em relação a voltar já passou pela minha cabeça. porque primeiro pelo clima, o clima no Paraná é diferente, as vezes talvez também pelo saudosismo, eu sai do Paraná com 14 anos numa fase que você ta descobrindo a vida, descobrindo as coisas do mundo, você se apega mundo ao lugar que você ta, logo quando eu cheguei em Rondônia o sentimento que parecia que eu tinha era que eu tava em outro planeta, não tava no planeta terra, então é uma vida totalmente diferente, só começou a mudar um pouco quando eu comecei a namorar aí você começa a ter outro sentimento a de formação de família, aí você vai deixando aquela fase do adolescente do jovem pra fase adulta, e você vai assumindo outras responsabilidades.

Igual aquela pergunta que você fez sobre frustração, a única frustração que eu tenho é sobre o poder público, porque isso eu já questionei no gabinete do prefeito, porque Rolim de moura, tem potencial para ser uma cidade exemplo, uma cidade modelo pra Rondônia. Porque ela está centralizada num local onde as ramificações dela se espalha, para BR 364, Santa Luzia [Santa Luzia do Oeste], Alta floresta [Alta Floresta do Oeste], então a região toda cai tudo dentro dela e vemos que os políticos não tem projetos para Rolim de Moura, eles parece que só querem sugar o que aqui se produz e ficar rico, porque o que vemos é que políticos que entram ali saem com fazenda, com casa boa, palacete e pra cidade em si não se interessa então essa é uma decepção minha eu vejo que os rolimourenses tem potencial mais não tem projeto, único projeto que tem e que a gente conhece é o projeto inicial, da formação das ruas essas coisas, mais não se tem um projeto pra se construir uma cidade modelo porque ela tem potencial pra isso.

ANEXO L – ENTREVISTA 11. JOSÉ CARLOS DA SILVA. Data: [2014]

Elton: Estou aqui com o senhor José Carlos da Silva, ele que é um dos meus entrevistados que irá contribuir para a realização do meu trabalho, TCC. Bem, seu José, gostaria de saber do senhor como é que se dava, como é que se construía essa essas relações de interações de entretenimento entre vocês imigrantes aqui da linha, como que se construiu essas relações?

José: Bem, como a, nós chegamos aqui em 79, de vizinho vindos de diversas região, nós começamos a trabalhar em comunidade, né? Mas tarde vinhemos formar um campo de futebol, com a chegada de muita gente formamos uma comunidade.

Elton: No caso, quais era, digamos, o que mais ocorria aqui em volta do campo, em volta da comunidade, qual era essas, as brincadeiras existentes, como que, como é que os mecanismos que se juntava as pessoas, é... nesses ambientes, e se conheciam, se divertiam, como se acontecia isso?

José: Primeiro, os, os morador nós conhecia na estrada, quando pegamos o cartão do INCRA, né! Então aí formava os grupo pra poder vim abrir o lote, né? E depois, na seguinte, mudamos pra cá, e aí começamos a se reunir nas casas, até vim formar uma igreja, uma comunidade, né! Então aí nós participava desse jeito.

Elton: Então a comunidade, no caso mais específico, a comunidade católica, era um ambiente em que favoreceu essa interação, esse conhecimento entre as pessoas.

José: Exato.

Elton: Sr. José, além da comunidade católica, o campo de futebol em si, não só vocês, jogadores, mas as mulheres, as crianças que também aqui estava em volta, contribuíam para essas relações de conhecimento, de interação entre vocês?

José: Foi muito importante, né? O, do, futebol, a, o esporte aqui na linha. Por quê? Porque ela já chegou um pouquinho depois da comunidade, porque na época era uma tocaiada danada, né? Pra fazer um campo, dava, foi muito difícil. Mas começamos, aí era a única, assim, digamos, diversão do pessoal brincar, nós vinha jogar bola e criançada e a, mais as esposas mulher também estava sempre por ali. Se encontrando.

Elton: Outro fato que eu percebo é que vocês não, com o futebol, não só se interagiam, isso anos mais depois, né? Não só se interagiam entre vocês aqui da própria linha, mas com comunidades, com linhas vizinhas, né? De outras, até mesmo de outros municípios.

José: Positivo, né? A gente ia jogar na, nas outra linha, no, no, na época era difícil o transporte, às vezes até a pé nóis ia, neh!

Elton: Anham.

José: Muitas vezes, nóis saía de bicicleta, a cavalo aí, para ir jogar nos outros campo. Então foi muito bom. E... digamos, também que, depois veio as escola, né? E começou a reunir mais entre grupos de outras religião também, né! Aí passou a conviver todo um, no mesmo ambiente.

Elton: É... o que te faz assim, a gente, vê alguns de vocês contando, alguns relatos que se tem de vocês imigrantes, um certo saudosismo, uma certa lembrança muito boa, né? Em relação ao campo de futebol, a, as relações com a própria comunidade. O que, digamos, o senhor tem mais saudade desses ambientes que aconteciam na década de 80.

José: Da bastante saudade da, da reunião grande que a gente fazia, né! Era vizinho visitando vizinho, e né! Tinha reza no meio de semana. Então era todo mundo sempre se comunicando através dos terços, de reunião assim, né! Era, era muito bom. Um visitava o outro, e hoje não, hoje já é diferente, né!

Elton: É... hoje eu percebo que tanto a comunidade quanto o espaço em si do campo de futebol não mais atrai muitas pessoas como vocês relatam que atraíam na década de 80. Esse, digamos, esse desinteresse, por que acontece esse desinteresse, digamos, ou, não sei se é bem a palavra desinteresse, mas eu, eu tenho como hipótese que a chegada da modernidade, principalmente da luz elétrica e da TV, ela alterou um pouco esses fatos que ocorriam. É... o senhor acredita que a chegada, digamos, da tal modernidade contribuiu para que houvesse esse desinteresse, ou até mesmo, porque as pessoas passa a se interagir-se, comunicar com as pessoas também de outras formas.

José: É, exato, né! Porque chegou a energia elétrica chegou a televisão junto, né? E chegando a televisão chegou os programa de, de passatempo, que são as novelas, os jornais. Então aí desinterou aquela comunicação que a gente tinha de casa em casa, de amigo pra amigo. Cada um ficou na sua casa, né? Na sua. E pouco se reúne mais. Quase ninguém tem tempo mais.

Elton: Um certo fator, digamos, do êxodo rural, muitas pessoas saíram aqui da linha, foram pra cidade ou até mesmo para outros municípios daqui de Rondônia ou de outros estados, também contribuiu para que se perdesse um pouco esse entretenimento, essa interação que tinha com os moradores da linha.

José: Exato, né? O que causou mais, essa, essa evasão é o desvalorização da agricultura, né? A pessoa trabalha, trabalha e não chega, não tinha resultado, cada um vai à busca dum benefício melhor, de um salário melhor, né?

Elton: Sr. José, era só isso. Muito obrigado por contribuir com minha entrevista.

José: Eu que agradeço, né? Pela oportunidade, precisando nós estamos disposto a ajudar.

Elton: Obrigado. O que o senhor tem a mais a falar sobre o esporte?

José: Eu quero dizer que o esporte é uma grande, uma, uma, digamos assim, uma grande evolução que prepara as crianças para o futuro. A criança que pratica esporte e tudo, ele é um jovem promissor do amanhã. Por quê? Porque ele se enterte, ele forma fisicamente, mentalmente, eu tenho prova disso, porque muitos dos menino que cresceram junto comigo aqui jogando bola, hoje são homem, são professores, são pessoas que tem um rumo a seguir. E outra: pessoas que não acompanhou a gente tomou outros caminhos escuros, né?

Elton: Sim.

José: Então eu acho que é em primeiro lugar as escolas devem investir em esporte, educação e esporte. Porque o esporte forma homens para o futuro. Só é isso, é.

Elton: Algo mais?

José: não, eu acho que tá mais ou menos isso aí, né?

Elton: Muito obrigado!

José: Eu que agradeço!

ANEXO M – ENTREVISTA 12 - JOSÉ CARLOS DA SILVA. Data: 14/07/2016

Nome:

José Carlos da Silva. Nasci no estado do Paraná, vim direto para Rondônia em maio de 1976, no que hoje é Rolim de Moura em 1978, em 1978 comecei a abrir o lote na picada e mudamos para Rolim em agosto de 1979.

Agricultura. A vontade de possuir terra, lá a gente não tinha.

Primeiro a gente soube de pessoas que vieram aqui passear, conhecer e levar a fama para lá, foi no "boca- boca" mesmo" com outras pessoas.

A gente tinha um pedacinho de terra, 4 alqueires de terra, em uma pedreira danada, serra, era muito sofrido, a família era grande, muitos irmãos, então a gente casou e veio em busca de um lugar novo, mais terra para a gente trabalhar.

Na época que a gente saiu de lá, ainda não acontecia isto [processo de concentração de terra e mecanização agrícola] alguém vendia uma terrinha para poder sair, no meu caso, era que a terra era pouco para bastante gente trabalhar e o anúncio de que o governo cedia terras aqui através do INCRA e era uma quantia que dava para a gente criar a família os filhos.

Foi muito difícil naquela época, a gente veio sem dinheiro, só com a cara e a coragem, eu só tinha a mulher [esposa] não tinha nenhum filho na época, sem dinheiro, cheguei em Cacoal, não tinha serviço, depois de uns trinta dias, que achei umas diárias, foi meu primeiro serviço na linha 9, fazer roçada e derrubada de mato, depois da 9 apareceu um serviço na 7, trabalhando ali derrubamos 3 alqueires de mato, aí o dono da terra viu o meu serviço e me deu a roça de café por 3 anos, foi de lá que tirei o começo para mudar para o lote, fiz colheita ali, e quando mudei para o lote, já tinha de tudo dentro do lote, isso foi em 1979, em 1978 comecei a abrir o lote, em 1979 mudei e já tinha o básico, tudo dentro do lote ali.

No meu caso o INCRA deu o cartão branco, para a gente vir conhecer a terra, deu na época para a linha 172 [estrada rural] não gostamos da terra, era cerrado, nós que queria produzir, achamos que ali não tinha produção, aí voltamos lá e deu o cartão para a 164 mas sem picada sem nada, dali a dois anos se nós queremos colocar serviço tivemos que pagar um agrimensor para fazer a picada, aí começamos a colocar serviço, a picada foi feita da entrada da linha até o km 15, as picadas laterais e da fundiária só tinha no papel, depois de já um tempo lá e com o papel que ajustamos um engenheiro [topógrafo] para fazer as laterais dos lotes.

Essa parte [conflitos agrários, pistolagem e outros tipos de violência] eu sei muito pouco, porque a gente vivia só mais lá no sítio, vinha pouco na cidade, fazia compras para passar o ano. Nesta parte não tenho história para contar não.

Era desta forma [rede de solidariedades entre migrantes] dinheiro para pagar não tinha, a gente tinha que fazer o serviço então se ajuntava no serviço de um hoje, na hora da precisão do outro a gente voltava a pagar aquele dia, era serviço trocado né!

O lazer que a gente tinha, era uma caçadinha [caça] assim que chegamos, depois tinha a comunidade, se reunia para rezar o culto, à noite, saia para a casa de um vizinho, de outro, era este o lazer que tínhamos. Depois teve o futebol também. Começou [isto, na espacialidade da linha 164 sul (estrada rural do munícipio de Rolim de Moura)] em 1980 quando meu irmão veio de Campinas – SP, nós éramos acostumados a jogar bola e formamos um campinho na terra do Sr. João Selhorst [vizinho] ali começamos a brincar, fazia o time de lá, contra a turma aqui de baixo [início da linha] a turma dos paranaenses, depois se reunimos e formamos o time em que jogamos por mais de trinta anos, naquele lugar ali. No começo [quando iniciou o clube amador local] era difícil, não tinha carro nem estrada, nós íamos jogar de a pé, bicicleta, cavalo, era assim que nos se divertia (risos).

Era igreja, o futebol, os encontros nas casas, muita amizade né! Todo mundo era na mesma situação só tinha aquilo lá mesmo, não tinha televisão, não tinha energia, não tinha nada a mais para distrair, era só aquilo mesmo. Depois de uns anos, de 1984 a gente vinha jogar aqui na cidade também.

Era um tanto diferente daqui o tempo mudou também, como as coisas mudam o modo de viver também mudam, mas era diferente sim. E diferente, na época quando chegamos fazia o mesmo modo de lá, [referindo ao modo de colher o café] aqui não colhe com o pano, hoje já esta mudando até o jeito de colher também, a secagem hoje é feita em secador.

A gente responsável, desde que chegou aqui, vamos dizer assim, ajudou a abrir o lugar, então tudo o que tem aqui a gente acompanhou, votando, participando de igreja, tudo isto faz parte da identidade de Rolim.

O sentimento e de agradecimento porque aqui foi acolhido, aqui construí minha vida, formei minha família, e não pensa em voltar não, quero dar um passeio lá, mas assim sem necessidade também. Me deu vontade de voltar nos três, quatros dias que cheguei, era tudo

diferente, longe da família, a gente achava que era difícil, mas depois acostumei nunca mais tive vontade, porque a vontade de vencer era bastante.

Hoje a gente não se sente realizado porque a gente sempre tem sonhos, mas eu sinto agradecido a Deus pela força que me deu, eu me sinto um vencedor, passei por várias barreiras difíceis e até aqui superei todas.

ANEXO N – ENTREVISTA 13 – MARIA APARECIDA DA SILVA [2014]

Elton: Bem, estou aqui com a senhora Maria Aparecida da Silva, e ela vai contribuir nessas entrevistas para a realização do meu TCC. Bem, Maria, eu gostaria de saber de você como se construía as relações de sociabilidade, eu digo sociabilidade referindo-se a interação, entretenimento, ao lazer dos, entre os imigrantes da, daqui da linha na década de 80, haja vista que vocês eram imigrantes vindos de diversas regiões do país e, e antes disso se desconheciam. Então eu gostaria de saber de ti como é que se dava, se construía essas relações de entretenimento, de interação, entre vocês imigrantes.

Maria: Então, Elton, é... é um prazer estar participando, né! De tá colaborando, aí, com o seu trabalho, mas é... foi assim muito importante pra nós, né! Que estávamos chegando aqui, e assim... tudo começando. E tudo começou com a comunidade. Os mesmos membros da comunidade, os fundadores, também sentiram a necessidade de criar algo que levasse, né! Os moradores que estavam chegando aqui a ter um lazer. E Esse lazer, tudo veio, né! Uma construção de um campo, né! Que as pessoas trabalharam manualmente, é... construindo esse campo, né? Os fundadores aqui, da, da linha, da comunidade, e foi aonde que todos, né? Tinha, um momento de lazer que era se divertir como, com as pessoas que tinha, que jogava bola, nesse, nesse campo, né! Que era assim, muito simples, mas era, era, pra, pra comunidade, era, tinha grande valor que era onde todos podia se encontrar aos finais de semana, sábado e domingo, aonde que as pessoas tava ali se interagindo, conversando, colocando, né? A, as coisas, as conversas em dias, e aonde que os, os, os jogadores, né? Jogavam seus, seu futebolzinho, e tava pronto pra iniciar uma nova semana aí, até com exercício físico, né! Então, foi muito bom essa...

Elton: Então, além do, digamos, do futebol em si, que era mais pra, mais praticado pelos, pelos adultos, ali a... aos redores do campo, em torno do campo havia vocês, mulheres, que realizavam outras brincadeiras, outras atividades lúdicas, aconteciam isso nesse, em volta do campo, aos redores nesse ambiente futebolístico, digamos, havia outras brincadeiras, outras diversões além de, dos em si os praticantes da pratica do futebol?

Maria: Elton, olha, algumas vezes até nós mulheres encarava a bola também, viu? Era bem legal, assim, além de que a gente se encontrava ali com os amigos, né? A juventude estava ali, né! Se divertindo também... era aonde que os jovens, nóis se encontrava também, né? Até pra se conhecer, namorar, saía até namora... namoro ali, em volta do campo, mas a gente às vezes, é... às vezes a gente também entrava nesse campo e jogava uma bolinha também.

Elton: Aham. Gostei da parte que você falou do namoro, porque coloquei como uma hipótese que também haviam essas... heheheh, digamos, esses encontros, né?

Maria: Isso.

Elton: Você falando isso eu só veio a consolidar e reafirmar o que eu já dizia, né?

Maria: hehehe. Isso, era porque era onde que a juventude realmente se encontrava, né? Era tudo assim muito simples, pessoal vinha de longe, via de a pé, mas, assim, era o ponto de encontro, a gente sabia que ali, é... o jovem ia tá se encontrando mesmo, se conhecendo e é realmente dali saiam alguns namoros também.

Elton: Maria, é... além do campo de futebol, é... haviam outros ambientes que contribuiu para essas relações de sociabilidade, de interação entre os imigrantes? Por exemplo, a comunidade católica...

Maria: Olha, a comunidade, a com... a comunidade foi aonde que contribuiu muito, né! Muito mesmo. É... mas, assim, na época também havia muitas visitas nas... entre as famílias. As famílias se visitavam muito, e a... ali tinham os encontros, né? É... às vezes, é... tinha vez que a gente até... saía um forrozim, né! Com a... na época a gente falava radiola, né! Que a radiola da época, e então saía até um, um forrozinho, o pessoal se encontrava ali, a outros jogava baralho, né! Então enquanto uns gostava da dança, tava dançando os outros tava jogando baralho, outro tava prosiando, né! Então, sempre, sempre contribuiu. A comunidade foi assim um grande contribuidor, nessas relações social aí.

Elton: Esses primeiros encontros, então, se dava nas casas, né?

Maria: Os primeiros encontros com certeza. Foi nas casas.

Elton: Maria, hoje é... eu vejo assim como, chamar até um certo pessimismo, um pouco dessas relações se diminuíram, né? É... isso se dá talvez pela chegada da modernidade, da suposta modernidade, com a luz elétrica, a TV, ou é porque houve outros fatores como a própria migração, muitas pessoas saíram da linha, ou é só essa chegada da, digamos, modernidade que contribuiu para que se diminuísse essas relações antes existentes? Até porque, hoje também há outras, outros mecanismos, outros meios de a sociabilidade se acontecer, dos indivíduos interagirem.

Maria: Elton, eu, no meu ponto de vista, o que mais contribuiu mesmo foi a modernidade. A chegada da energia... aí o pessoa já começou ter suas televisão em casa, e cada um já, né?

Queria ta em volta da televisão, isso foi diminuindo um pouco a, é, os encontro das pessoas, das famílias.

Elton: Maria, em tese, é só isso. Muito obrigado. Agradeço pela contribuição ao meu trabalho, e é isso.

Maria: Ah, eu que agradeço, Elton. Sucesso pra você no seu trabalho, né? Que Deus te ilumine, que dê tudo certo.

Elton: Obrigado!

ANEXO O - Fotografia 1 - Jovens e crianças em momento de sociabilidades

Fonte: SILVA, Maria Aparecida de. **Jovens e crianças e momento de sociabilidades.** Rolim de Moura, [1980].

ANEXO P - Fotografia 2 - Jovens a frente da capela da Igreja Católica da linha 164 Sul

Fonte: SILVA, Maria Aparecida da. **Jovens a frente da capela da Igreja Católica da linha 164 Sul.** Rolim de Moura, [1980].